



CADERNO  
TEMÁTICO

# O Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito



realização, organização e edição

 **INSTITUTO  
akatu**

Pelo consumo consciente

[www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br)

## O Instituto Akatu agradece

### parceiros pioneiros



### parceiros estratégicos



### fundações apoiadoras



### parceiros mantenedores



### parceiros institucionais



Booz | Allen | Hamilton



### apoiadores institucionais



Aguilla Produção e Comunicação Ltda. | BDO Trevisan | Fábrica Digital | FIESP | Microsoft | Rubens Naves Advogados |  
Jornal Valor Econômico | Tozzini, Freire, Teixeira & Silva Advogados

### associados categoria beneméritos

Amex | Ampla Energia e Serviços | Coca-Cola | CPFL Energia | Faber-Castell | Grupo VR | Kraft Foods | Natura Cosméticos |  
Sadia | Santista Têxtil



CADERNO TEMÁTICO

# O Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito

realização, organização e edição



patrocínio



A sua empresa de benefícios.

---

Instituto Akatu

**Caderno Temático – O Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito** / Textos de Barcat, George;  
Belinky, Aron; Mattar, Helio.

São Paulo: Instituto Akatu, 2006.

144 p.: color

1ª edição

ISBN 85-89827-02-X

1. Dinheiro – 2. Crédito – 3. Consumo Consciente – 4. Planejamento Financeiro – 5. Finanças

Esta publicação é parte integrante da Série Temática o Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito, do Instituto Akatu. As quatro publicações da série foram patrocinadas pelo Banco Real, Banco ibi e Grupo VR.

Índices para catálogo sistemático:

1. O Dinheiro, o crédito e o consumo consciente
  2. Consumo Consciente: Dinheiro e Crédito
-



# ÍNDICE

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>A perspectiva do Akatu</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>9</b>
<b>Praticando o consumo consciente do dinheiro e do crédito</b>	
Um conjunto de 31 situações do cotidiano, com dados, exemplos e reflexões sobre a prática real do consumo consciente.	
<b>Capítulo 2</b>	<b>87</b>
<b>Temas Fundamentais</b>	
São 8 textos, formando um panorama de questões conceituais essenciais para compreender as bases do consumo consciente do dinheiro e do crédito.	
<b>Capítulo 3</b>	<b>109</b>
<b>Educação Financeira e Sustentabilidade</b>	
Uma visão ampla e aprofundada sobre a convergência entre educação financeira e a necessidade de estabelecermos uma sociedade mais harmônica e em equilíbrio com as possibilidades do meio ambiente e do ser humano.	
<b>Capítulo 4</b>	<b>117</b>
<b>Casos Reais</b>	
Exemplos rápidos de 11 experiências reais, mostrando o que pessoas e empresas já fazem pelo consumo consciente do dinheiro e do crédito.	
<b>Capítulo 5</b>	<b>129</b>
<b>Ferramentas</b>	
Um impulso para a ação, representado por 4 instrumentos para auxiliar quem deseja pôr em prática suas idéias.	
<b>Saiba Mais</b>	<b>142</b>
<b>Índice Remissivo</b>	<b>144</b>



Para o Banco Real é uma grande satisfação ser um dos parceiros do projeto *Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito*, do Instituto Akatu, juntamente com o Banco ibi e o Grupo VR. Acreditamos que o nosso papel vai além da prestação de serviços de pagamentos e recebimentos, financiamento ao consumo ou gerenciamento de investimentos. Oferecer o crédito certo, orientando o cliente de acordo com sua necessidade, é uma das formas de contribuir para o desenvolvimento da sociedade de maneira sustentável.

**Renato Pasqualin**

Diretor Executivo  
Diretoria Executiva de Gerenciamento de Risco  
Banco ABN AMRO Real S/A



Gostaria de agradecer ao Instituto Akatu a oportunidade de participar como patrocinador deste projeto e dizer o quanto estamos orgulhosos desta iniciativa que está totalmente alinhada aos nossos valores e à nossa missão.

Buscamos relacionamentos duradouros e saudáveis com parceiros e clientes, e acreditamos fortemente em nosso papel na sociedade. Portanto, este projeto realmente nos entusiasmou, pois acreditamos que este trabalho ajudará o consumidor a planejar sua vida pessoal e financeira, usando o crédito dentro das suas possibilidades. Desta forma não só promovemos o crescimento sustentável da sociedade como também do nosso negócio.

**Luiz Fernando Vendramini Fleury**

Diretor Presidente  
Banco ibi



A sua empresa de benefícios.

O Grupo VR, empresa especializada em benefícios, acredita na importância da educação corporativa e tem como meta contribuir para a evolução de seus colaboradores e dos funcionários de seus clientes. Por esses motivos, a VR desenvolve, em parceria com o Instituto Akatu, o programa "O Dinheiro, o Crédito e o Consumo Consciente", que deve alcançar os 20 mil clientes da companhia e 2,5 milhões de colaboradores. O programa visa ajudar as pessoas a perceber que o planejamento também pode ser aplicado nas questões financeiras cotidianas e em outras áreas da vida.

**Cláudio Szajman**

Presidente  
Grupo VR

---

## Agradecimentos

**A**gradecemos a todos que de alguma forma colaboraram para a realização desta Série Temática, e especialmente aos participantes do Grupo de Trabalho e do evento Diálogos Akatu 5, bem como dos projetos de mobilização, que forneceram as bases para o desenvolvimento do tema, a saber:

**Pelo Banco Real ABN AMRO:** Carlos Nomoto; Andréa Fumo; Otávio Lourenção

**Pelo Banco ibi:** Ralf Mordhorst; Malena Sabado; Vera Nazareth Figueiredo.

**Pelo Grupo VR:** Márcio Ronconi; Maria Elizabeth Rodrigues; Camila Friedman; Dirlei Bravin.

**Palestrantes no Diálogos Akatu 5:** Álvaro Musa; Eduardo Giannetti; Fátima Milnitzky; Helio Mattar; Louis Frankenberg; Luiz Lara; Paulo Levi.

**Pelos patrocinadores, no Diálogos Akatu 5:** Renato Pasqualin Sobrinho (Banco Real ABN AMRO); Luiz Fernando Fleury (Banco ibi) e Cláudio Szajman (Grupo VR).

**Nos projetos de mobilização comunitária:** Adriana Fernandes; Adriana Quedas; Andréia Galo; Igor Sciallis; Janaina Silva; Maluh Barciotte; Ricardo Oliani.



## O **Akatu** e o Consumo Consciente

**O** Instituto Akatu é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, criada em 15 de março (Dia Mundial do Consumidor) de 2001 com a missão de educar, sensibilizar e mobilizar para o Consumo Consciente. Akatu vem da união de duas palavras do tupi antigo: A, que significa “semente”, e também “mundo” e Katu, que significa “bom”, e também “melhor”. Então, Akatu quer dizer, ao mesmo tempo, “semente boa” e “mundo melhor”. A essência individual da semente associada ao mundo permite traduzir a palavra Akatu como “semente boa para um mundo melhor” ou “indivíduo bom para um coletivo melhor”. Assim, engloba em uma única identidade o indivíduo e o próprio mundo. Mundo esse que é o reflexo de todos os que nele vivem.

Esse conceito está na base das ações e princípios que o Instituto Akatu se propõem a disseminar. Isso porque entendemos que o consumo consciente tem início na percepção de cada indivíduo dos impactos que suas ações cotidianas (compra, utilização e descarte de produtos e serviços) têm sobre ele mesmo, e também sobre a sociedade e o meio ambiente.

O instituto quer mostrar a possibilidade de transformar o coletivo por meio de comportamentos e atitudes que expressem o conceito e a prática do consumo consciente. O Akatu quer ajudar no processo de transformação do “cidadão consumidor” em “consumidor cidadão”, contribuindo, desta maneira, para formar uma sociedade economicamente próspera, socialmente justa e ambientalmente sustentável.

O Akatu propõem às pessoas que façam com que suas ações de consumo agreguem valor às suas vidas, e sejam ao mesmo tempo oportunidades de melhora para a sociedade e para o meio ambiente. Essa é a única via que leva à transformação, pois gestos individuais refletem no coletivo e atitudes boas tornam o mundo melhor.

**A**o focar o dinheiro e o crédito, além de organizar conhecimentos sobre o uso sustentável desses “recursos”, tínhamos em vista sua dupla transversalidade, que propicia riquíssimas oportunidades para disseminação do conceito e da prática do consumo consciente. Isso porque dinheiro e crédito, por um lado, estão presentes em praticamente todas as dimensões onde ocorrem as decisões cotidianas dos cidadãos, como a casa, o trabalho ou a escola. Pelo outro lado, dinheiro e crédito são também associados a temas tratados pelo consumo consciente, como o uso de recursos (água, energia, alimentos...), a geração de resíduos (poluição, lixo...) e as questões pessoais e sociais (responsabilidade social, pobreza, realização pessoal...).

Dinheiro e crédito, por sua própria natureza, despertam atenção imediata de cidadãos das mais diversas categorias e interesses. Ao refletimos sobre seu uso consciente, despertamos para a importância de nossas decisões cotidianas, tanto para nosso próprio futuro e atual bem-estar, quanto para a sustentabilidade de nossa sociedade e do meio ambiente, de que dependemos.

Na Série Temática da qual esta publicação faz parte, buscamos tratar o tema por variadas formas e graus de aprofundamento, combinando dicas práticas e informações mobilizadoras com a troca de experiências e as abordagens de maior reflexão técnica ou conceitual. Resultou deste trabalho um conjunto articulado de ações e produtos, planejados de modo a se beneficiarem mutuamente, a se complementarem e se adequarem às diferentes expectativas e necessidades do público. Ao utilizar esta publicação, desejamos que o leitor encontre apoio tanto para seu crescimento pessoal, quanto para melhor exercer seu papel na construção cotidiana de um mundo melhor, praticando e disseminando o consumo consciente.

Tendo consciência dos impactos de nossas decisões de consumo, façamos de cada uma de nossas escolhas cotidianas, um gesto de cidadania!

Helio Mattar  
Diretor-Presidente do Akatu

**A Série  
Temática  
Akatu** sobre  
dinheiro, crédito  
e consumo  
consciente



## O Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito e a sustentabilidade planetária

**A** oferta de crédito no Brasil está em expansão nos últimos anos e a perspectiva é de que este processo cresça ainda mais no futuro. Todos os dados mostram a grande disposição dos brasileiros em usar o crédito para antecipar suas compras e satisfação dos desejos. E este não é apenas um fenômeno nacional: em quase todos os países revelam-se situações semelhantes.

Este crescimento na oferta de crédito tem aspectos positivos: o crédito viabiliza a geração de riqueza e alavanca a economia. Além disso, também pode apoiar a inclusão social de populações de baixa renda e, não podemos deixar de citar, contribui muito para a realização dos sonhos.

O crédito é um elemento essencial à vida em sociedade e em qualquer relação – seja financeira ou não. Ter crédito significa que cada uma das partes acredita que a outra fará o que se espera dela, sem precisar ser forçada a isso. Com a sofisticação da sociedade e a despersonalização das relações, em muitos casos o crédito deixa de ser uma decisão pessoal, e passa a ser uma questão contratual, institucional ou mesmo social.

Mas assim como possui aspectos positivos, o crédito também tem aspectos negativos, quando usado de maneira incorreta. A falta de limites para o consumo e o constante estímulo para compra de bens e serviços, combinados à ampla oferta de crédito, têm levado muitas pessoas a um endividamento improdutivo e involuntário.

Os indicadores de inadimplência preocupam a todos, pois a má utilização do dinheiro e do crédito – em compras a prazo ou na tomada de dinheiro sem planejamento – afeta o bem-estar do indivíduo, seu poder aquisitivo e auto-estima, além das pessoas que o cercam, seu desempenho no trabalho e, em nível macro, toda economia.

Outro aspecto importante é a questão psicológica relacionada ao consumo, que pode ser mais grave do que parece. Já existe até uma “doença do consumo compulsivo”: chama-se aneomania, e aflige 3% dos brasileiros. O compulsivo usufrui apenas do prazer da compra, mal usa o produto, e gasta sempre mais do que pode. Suas dívidas em geral são de cinco a dez vezes maiores que sua renda mensal.

O consumo consciente busca equilibrar a satisfação das necessidades pessoais com o impacto que estas podem ter na sociedade e no meio ambiente. O ato de consumo feito conscientemente permite ao consumidor promover seu próprio bem-estar, e ao mesmo tempo contribuir para a preservação do meio ambiente e a melhoria da sociedade. Mostrar como isto pode ocorrer na prática e mobilizar pessoas para mudarem seu comportamento é o objetivo do Akatu.

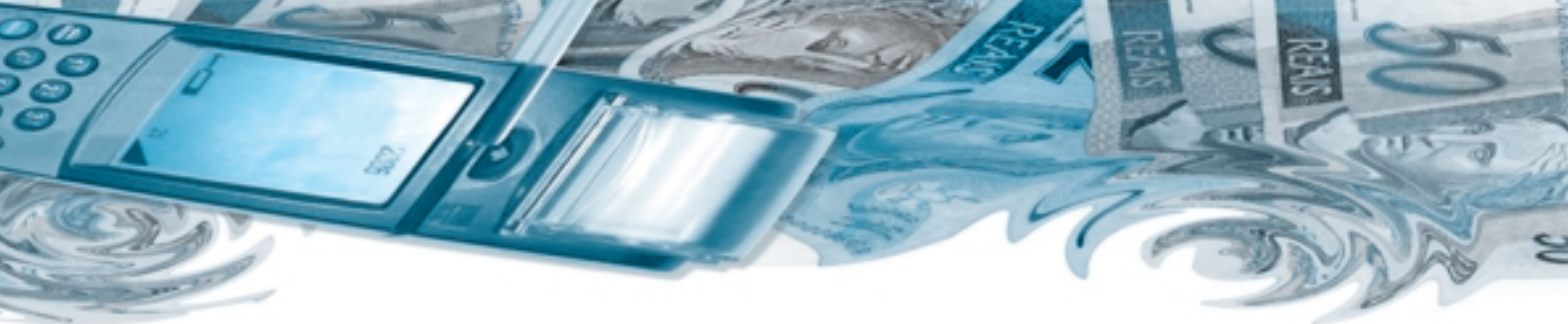
“O consumo consciente busca o equilíbrio entre nossas necessidades e o que sacrificamos para satisfazê-las” Em um aspecto global, a necessidade de se adotar uma nova postura em relação ao consumo está diretamente ligada à sustentabilidade do planeta. O atual modelo de consumo e produção é insustentável, pois já consumimos 20% a mais do que a Terra consegue nos oferecer.

Analisando o crédito por este aspecto, temos que pensar no futuro: ele viabiliza uma geração de riqueza (atividade econômica real) hoje, com base numa expectativa de riqueza futura, e deste modo gera um compromisso de uso de recursos (naturais, humanos, econômicos...) no futuro. Então, antes de usar o crédito, o consumidor precisa refletir se os recursos estarão disponíveis no futuro, e a que custo.

E qual a relação das questões econômicas pessoais com a sustentabilidade planetária? Existem várias respostas a esta pergunta. A primeira delas parte da percepção de que tanto as pessoas como o planeta possuem recursos limitados, sejam individuais (tempo, dinheiro e crédito), sejam coletivos (água, energia, terra). Outro caminho, é o da interdependência...

Essas e outras reflexões sobre a relação das questões econômicas com a sustentabilidade planetária você encontrará ao longo desta publicação.





## Você ganha dinheiro? A visão do Akatu sobre sensibilização, conscientização e mudança de comportamento.

**R**aramente alguém responde “não” à pergunta do título, pois a idéia de que dinheiro é algo que ganhamos e gastamos está tão arraigada, que nem sequer pensamos no que significam as palavras. Mas a verdade é que só em ocasiões muito especiais alguém “ganha” dinheiro, assim, de presente... Em geral as pessoas trocam o dinheiro pelo seu trabalho, pelo seu talento, pelo seu tempo ou por alguma coisa que possuem (e que em geral também obtiveram através do trabalho, próprio ou de outra pessoa...).

O mesmo ocorre com o “gasto”: diferentemente da sola de um sapato, que vai se gastando à medida que caminhamos, o dinheiro apenas muda de lugar, mas em geral se mantém íntegro e plenamente utilizável pelo seu novo dono. O fato é que não “gastamos” dinheiro, e sim o utilizamos para determinados fins.

O primeiro passo para um consumo consciente do dinheiro e do crédito (e de qualquer outro recurso) é o REPENSAR. Significa “desligar o piloto-automático” e refletir sobre os reais significados das palavras, gestos e outros elementos que formam nosso cotidiano. A partir daí, abrimos as possibilidades de percepção, sensibilização e mudança de comportamentos.

No caso do dinheiro, podemos descobrir neste primeiro passo que nosso dinheiro é utilizado para três finalidades:

1. compra de produtos e serviços para nosso uso diário (alimento, habitação, transporte, vestuário...)
2. poupança e investimento (formas de guardar ou aplicar dinheiro para nosso futuro ou para imprevistos)
3. pagamento de dívidas (devolução do dinheiro que outros guardaram e que no passado tomamos emprestado para nosso uso)

Com esta perspectiva, podemos rever o modo como utilizamos nosso dinheiro, e adquirir desde já maior capacidade de decisão e controle sobre nosso orçamento. Dar elementos para que estas decisões sejam as de um consumidor consciente é o objetivo do Akatu. Sabemos que mudanças de comportamento não ocorrem facilmente, e que repensar é apenas uma parte do processo.

Para estruturar seu trabalho de promover mudanças de comportamento, o Akatu desenvolveu suas Pedagogias: a da Sensibilização e a da Exemplaridade. Apoiados nelas é que produzimos e organizamos grande parte dos conteúdos desta série temática.

**É**a forma de analisar e apresentar questões sobre as quais se deseja promover uma mudança de comportamento de consumo, e onde se busca superar os seguintes obstáculos, que bloqueiam a mudança desejada:

1. As pessoas não conhecem/reconhecem a existência dos problemas.
2. Mesmo reconhecendo os problemas, as pessoas não percebem que serão diretamente afetadas.
3. Mesmo percebendo que serão diretamente afetadas pelos problemas, as pessoas consideram que o impacto de seus comportamentos individuais são muito pequenos, e não farão diferença na resolução dos problemas.
4. Mesmo se dando conta do importante impacto de seus comportamentos individuais, as pessoas acreditam que outros não mudarão seus comportamentos, e assim não se animam a mudar, nem se preocupam em mobilizar outros para isso.

Ao aplicar a Pedagogia da Sensibilização, o Akatu procura superar estes obstáculos, apresentando 4 categorias de informação mobilizadora. Elas respondem diretamente

Pedagogias da  
Sensibilização e  
da Exemplaridade



aos 4 obstáculos acima, através de mensagens claras, diretas, e fortemente apoiadas em exemplos, fatos, dados concretos, raciocínios lógicos e modos de apresentação impactantes:

**Relevância:** “Existe um problema”

*Por exemplo:* Em maio de 2006, no Brasil, 11,3 % do valor total emprestado pelos bancos e financeiras para compras de bens de consumo (exceto veículos) estava com atraso superior a 90 dias, causando problemas sociais e pessoais para esta parte da população.

**Interdependência:** “O que eu faço afeta a todos e retorna a mim mesmo”

*Por exemplo:* Quando uma pessoa não paga seu empréstimo ao banco, quem paga a conta não são os donos do banco e sim todos os demais tomadores de crédito. Para quem não pagou sua dívida, o problema retorna não apenas na forma de taxa mais alta de juros, mas também sob a forma de crédito mais difícil.

**Cotidiano:** “Pequenas atitudes, repetidas ao longo de muito tempo, fazem muita diferença”

*Por exemplo:* Aplicando em caderneta de poupança R\$ 2,00 por dia desde o nascimento de um bebê, ao completar 30 anos de idade, ele terá uma reserva de R\$ 58.700,00. Já para pagar um empréstimo desse mesmo valor, no mesmo prazo e taxa de juros, a prestação mensal é de R\$ 346,00!

**Cidadania:** “Todos juntos, mesmo em pouco tempo, fazem muita diferença”

*Por exemplo:* Considerando os juros do crédito pessoal (65% ao ano, em abril/2006) uma oferta “em 10 parcelas iguais” deve ter desconto de pelo menos 20% se for paga no ato. Se muitos consumidores pressionarem o comércio por descontos justos para pagamento à vista, aumentará a possibilidade de mudar esta situação.

A forma de apresentação acima, baseia-se também na Pedagogia da Exemplaridade: apoiar em exemplos concretos os argumentos e as propostas de ação. É trazer para o cotidiano de cada consumidor a certeza de que existe uma possibilidade real - concreta e imediata - de mudar seu comportamento, e assim os impactos de seu consumo no mundo e em sua própria vida.

*Série Temática  
O Consumo  
Consciente do  
Dinheiro e  
do Crédito*

**P**ara aplicar o conjunto destas pedagogias, dando ao tema do dinheiro e do crédito sua devida importância, e ao mesmo tempo criando materiais úteis para os diferentes públicos e finalidades que visamos, decidimos produzir não apenas uma publicação, mas um conjunto delas. Assim surgiu o conceito da *Série Temática - O Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito*, cujos componentes apresentamos a seguir.

Abrindo a série, a publicação “Diálogos Akatu Nº 5” cumpre o papel de trazer uma visão mais conceitual e filosófica do assunto, delineando as bases para desenvolvimento de um trabalho consistente de disseminação do consumo consciente associado à educação financeira. Esta visão, juntamente com outras pesquisas e contribuições, formam a base do presente “Caderno Temático”. Combinam-se aqui o aprendizado dos “Diálogos” juntamente com os resultados de experiências de campo e de outras pesquisas do Akatu sobre o tema, resultando em indicações sobre possibilidades concretas de ação. Surgem assim propostas práticas, fundadas em uma base conceitual e empírica sólida, que lhes dá maiores chances de aplicabilidade e sucesso. Completando o conjunto, incluímos alguns projetos de mobilização comunitária e disseminação do consumo consciente promovidos pelos próprios patrocinadores da Série Temática, entre outros. A série tem ainda um material voltado aos multiplicadores - o “Guia do multiplicador” - e ao público final: o “ABC do Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito”.

Esse conjunto de publicações, composto pelo Caderno, Guia e o ABC, foi concebido com o propósito de apoiar aqueles que desejam disseminar o consumo consciente pela sociedade. Neste sentido, cada peça tem sua função: o Caderno - mais volumoso, conceitual, e com maior quantidade de informações - funciona como uma obra de referência, à disposição dos que desejam dominar o tema dinheiro e crédito, aprofundando-se na sua relação com o consumo consciente. Já o Guia, mais leve e contendo apenas as informações essenciais, destina-se a prover de forma rápida e prática os conhecimentos básicos de que necessitam as pessoas que pretendem conhecer o tema e colaborar diretamente na disseminação do consumo consciente. Finalmente, o ABC - pequena publicação de abordagem direta, com dicas práticas, rápidas e objetivas - foi concebido para apoiar a ação desses disseminadores. São pequenos “drops” de informação, destinados à sensibilização do público em geral, num primeiro contato com o tema.

Esperamos que os leitores façam bom proveito deste material e que o usem para si e para ajudar na formação de mais consumidores conscientes, que contribuam todo dia para um mundo melhor!

Boa leitura!

## Praticando o consumo consciente do dinheiro e do crédito

Neste capítulo você encontra 31 fichas, cada uma refletindo sobre uma situação do cotidiano onde podemos aplicar o consumo consciente do dinheiro e do crédito. Em cada ficha, além do texto explicativo, oferecemos informações úteis ou mobilizadoras, em gráficos, dados, tabelas, citações e muito mais.

Além disso, mostramos o “iceberg da percepção”: um exercício de comparação entre o que cada situação costuma parecer à primeira vista, e o muito de certo e de errado que pode haver por trás da visão inicial.

As fichas podem ser trabalhadas de forma flexível (não precisam ser lidas todas de uma vez ou em sequência. Por isso, algumas informações aparecem em mais de uma ficha.

- 01 - Planejando o Orçamento Doméstico **10**
  - 02 - Formando um patrimônio **14**
  - 03 - Planejando uma poupança **16**
  - 04 - Guardar dinheiro é sempre bom? **18**
  - 05 - Pensando na aposentadoria **20**
  - 06 - Fazendo pequenas despesas **24**
  - 07 - Usando o crédito no dia-a-dia **26**
  - 08 - Comprando em 10 vezes sem juros **28**
  - 09 - Lidando com um imprevisto financeiro **32**
  - 10 - “Reclamando dos juros altos” **34**
  - 11 - Decidindo tomar dinheiro emprestado **36**
  - 12 - Selecionando uma fonte de crédito **40**
  - 13 - Tendo um crédito recusado **42**
  - 14 - Protegendo o sistema de crédito **44**
  - 15 - “Saindo do buraco” **46**
  - 16 - Satisfazendo necessidades básicas **48**
  - 17 - Invejando os ricos **50**
  - 18 - Aprendendo a precisar de menos **52**
  - 19 - O que o dinheiro não deveria poder comprar **54**
  - 20 - Comparando as formas do dinheiro **56**
  - 21 - O mundo ficou pequeno... **58**
  - 22 - “Dinheiro que vai, dinheiro que vem...” **60**
  - 23 - Tempo é dinheiro? **62**
  - 24 - Resolvendo o que fazer nos feriados **64**
  - 25 - Almejando a compra do sítio, barco,... **66**
  - 26 - A vida é cada vez mais longa **68**
  - 27 - Tomando decisões **70**
  - 28 - “Consumistas são os outros” **72**
  - 29 - Cortando o orçamento doméstico **76**
  - 30 - Usar tudo no máximo é coisa de pão-duro? **78**
  - 31 - O que é “ser rico”? **80**
- Apêndice **82**

## 01- Planejando o Orçamento Doméstico

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Fundamentos, importância e porquê ter um orçamento doméstico.
- Dificuldades ao planejar o orçamento.
- Providências para planejar o orçamento da casa.
- Distribuição dos gastos das famílias brasileiras.

Na base de um bom planejamento está a arte de fazer as escolhas que criam as condições - atuais e futuras - para que se realize bem um projeto. Escolhas pessoais acontecem todo o tempo: ao definir objetivos, traçar metas, selecionar informações, avaliar situações e programar nossas ações, estamos, em essência, fazendo escolhas. Tenha isto em mente ao começar ou rever seu planejamento financeiro, e lembre que na base de tudo estão as suas próprias escolhas. Mas para que um planejamento seja eficaz, também é preciso tomar providências.

Sabendo disso, vamos rever alguns fundamentos do orçamento doméstico.

### O planejamento do orçamento doméstico tem duas funções:

- Formação de um patrimônio (bens e valores). O objetivo deste patrimônio é permitir que uma pessoa ou família tenha os recursos financeiros necessários para ter, da melhor forma possível, o estilo de vida que deseja.
- Orientar o fluxo de caixa. É por meio dele que se pode planejar, gerenciar e controlar a movimentação financeira (receitas e despesas) em um período determinado.

Embora reconhecidamente necessária, a orçamentação doméstica é muito pouco praticada.

O **primeiro** motivo para isso tem a ver com a dinâmica das sociedades contemporâneas. A economia está baseada no consumo e o ritmo da vida diária nos enche de ansiedade e pressa; isso gera a falsa percepção de que não seremos felizes se não fizermos e experimentarmos tudo agora. Resultado: o imediatismo se tornou a forma dominante de tomarmos decisões. Esta atitude é, evidentemente, inimiga daquela que nos predispõe ao planejamento.

O **segundo** motivo é que sabemos muito pouco sobre como fazer uma boa gestão financeira. Felizmente, além de cursos e livros, podemos recorrer a muitas fontes de informação e orientação. Devemos sanar essa lacuna em nossa educação e impedir que o mesmo aconteça com nossos filhos.

Um **terceiro** motivo tem a ver com o desconforto que sentimos quando encaramos a realidade. Para evitar aborrecimentos, surge a tentação de fugir da “vida como ela é”. É comum não admitirmos muitas coisas sobre nós mesmos e acabamos por não assumir integralmente a condução de nossas vidas. Tal comportamento nos induz a mascarar os planos – financeiros e outros – que tecemos.

Com isso em mente, reflita sobre as seguintes providências que podem lhe ajudar no desenho e realização de seu orçamento doméstico:

### Providência Número 1

**Saber onde se quer chegar.** A maioria de nós não quer apenas acumular patrimônio ou existir para ter conforto material. Queremos usar o dinheiro, sobretudo, para nos ajudar a acumular experiências íntimas e sociais de satisfação e crescimento. Este uso pleno do dinheiro não vem de graça: resulta do modo como encaramos o mundo e aproveitamos o tempo. Por isso, o passo nº 1 da orçamentação doméstica não tem a ver com matemática, mas com psicologia: precisamos criar clareza sobre o estilo de vida que queremos levar.

### Providência Número 2

**Definir o tamanho do patrimônio** necessário para realizar o estilo de vida pretendido e as estratégias de sua formação. É a hora de encarar a vida como ela é. Não se auto-engane e avalie meticulosamente suas condições financeiras reais. Planeje o médio e o longo prazo (períodos de 3 e 5 anos) e não esqueça de incluir os planos de previdência: você envelhecerá.

### Providência Número 3

**Efetivar o planejamento financeiro anual e o fluxo de caixa mensal.** São coisas diferentes e complementares: o planejamento cuida do desenho de um futuro ao mesmo tempo desejável e possível; já o fluxo de caixa é uma atividade que controla de forma regular e permanente o que estamos fazendo com o dinheiro que ganhamos. Mas não esqueça: a meta de ambos é nos ajudar a obter o patrimônio pretendido para que concretizemos o nosso estilo de vida.

Existem várias formas de montar um orçamento doméstico. Você pode usar ou adaptar o modelo que oferecemos neste caderno, ou então escolher um dos vários outros modelos disponíveis em livros e na internet para criar o sistema de planejamento e controle financeiro mais adequado para você. Veja no rodapé desta ficha algumas indicações sobre onde obter mais orientações.

### Providência Número 4

**Realizar as providências anteriores.** Esta providência não é tão simples de ser cumprida quanto pode parecer. É nesta etapa que os três motivos que dificultam a prática do planejamento devem ser supervisionados e abrandados. Por isso, é preciso atenção e disciplina redobradas, até que manter o orçamento sempre sob controle vire um hábito e você sinta seus benefícios.

Se você tem uma renda familiar alta ou uma grande variedade de fontes de receita e despesa, pode ser que tenha dificuldades para realizar as providências acima. Neste caso, não tenha medo de procurar ajuda:

- Contrate um contador para ajudá-lo na tarefa de estruturar a contabilidade, (criar um plano de contas e desenhar os relatórios de controle - balancetes e balanços). Eles costumam cobrar, mensalmente, entre meio e um salário mínimo.
- Nomeie um “auditor” para verificar o andamento da providência número 4. O “auditor” pode ser qualquer pessoa de sua confiança que, de tempos em tempos, avalie o seu grau de comprometimento com o planejamento financeiro.

## Iceberg da Percepção

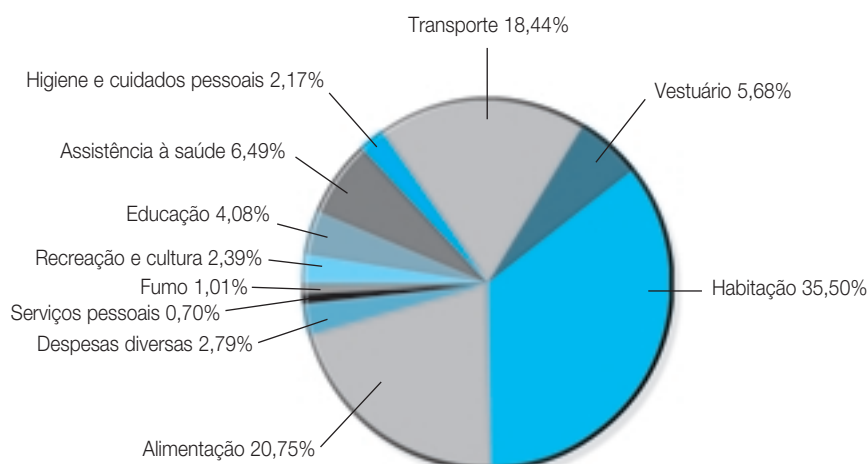
“Eu preciso equilibrar as contas do mês.”

- “Quais são meus valores pessoais?”
- É uma oportunidade para refletir sobre projetos de vida.
- A família compartilha dos mesmos projetos e objetivos?
- “Como anda minha capacidade de espera?”
- “Sou mesmo capaz de escolher?”



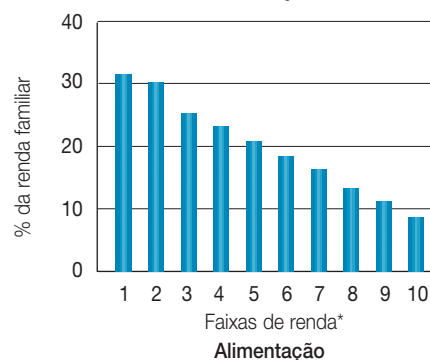
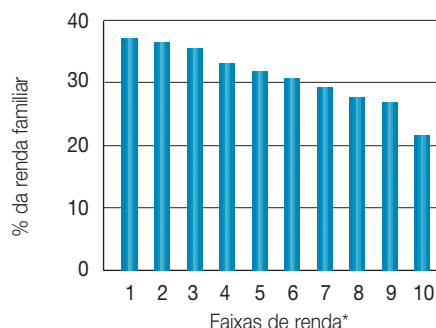
## O que é um orçamento “normal”?

Não existe uma fórmula fixa para o orçamento familiar, pois cada família tem seu próprio modo de vida, valores, prioridades e outras características. Só você poderá encontrar o seu estilo ideal, após uma boa dose de reflexão, auto-observação e acompanhamento sistemático dos seus gastos. Mas como todo mundo gosta de ter uma referência, você pode comparar o seu orçamento com os de outras famílias brasileiras. Veja no quadro abaixo como se distribuem os gastos médios no Brasil, segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do IBGE:



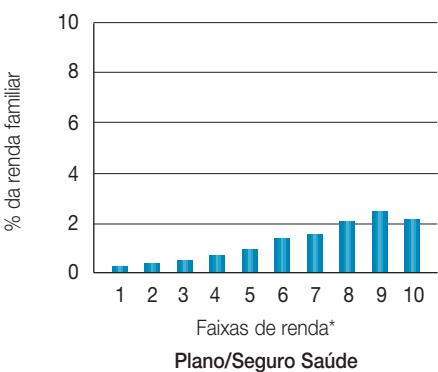
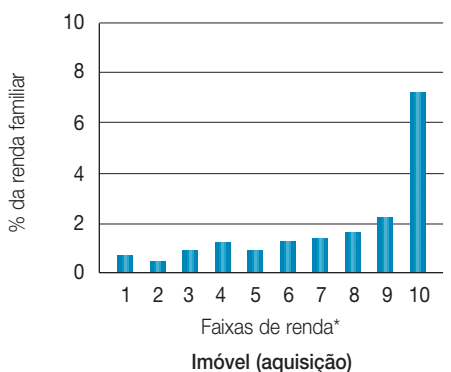
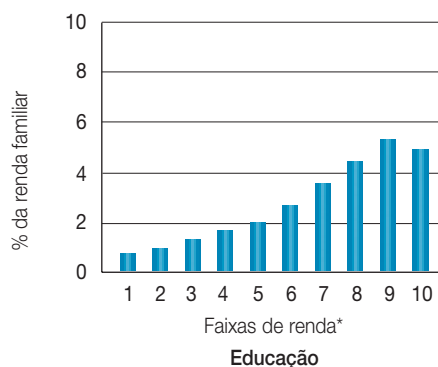
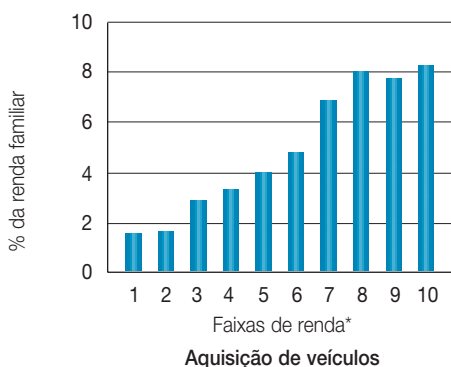
Mas o peso de cada item no orçamento varia muito conforme a faixa de renda de cada família. Conforme aumenta a disponibilidade de recursos, itens considerados “essenciais” passam a tomar uma parte menor do orçamento, permitindo maiores opções de consumo ou investimento. Veja abaixo:

*Faixas de renda	Renda familiar mensal (média mensal)
1	até R\$ 400
2	mais de R\$ 400 a R\$ 600
3	mais de R\$ 600 a R\$ 1000
4	mais de R\$ 1000 a R\$ 1200
5	mais de R\$ 1200 a R\$ 1600
6	mais de R\$ 1600 a R\$ 2000
7	mais de R\$ 2000 a R\$ 3000
8	mais de R\$ 3000 a R\$ 4000
9	mais de R\$ 4000 a R\$ 6000
10	mais de R\$ 6000



Note que o peso de alguns gastos no orçamento familiar diminui conforme aumenta a renda mensal. Por exemplo, para as famílias que ganham até R\$ 1.000,00 os itens “habitação” e “alimentação” consomem pelo menos 60% de seu orçamento. Já para as famílias com renda mensal superior a R\$ 6.000, este percentual é de apenas 32%.

Em outros itens, como “educação”, a situação é inversa: enquanto os mais ricos destinam a isso quase 5% de seu orçamento, os mais pobres investem apenas 0,9%.



Isto confirma a noção de que para as famílias que ganham menos existem dificuldades reais para remanejar o orçamento, mas mostra também a importância de que - em todas as faixas de renda - as escolhas para uso do dinheiro sejam feitas com consciência, evitando desperdícios e melhorando a qualidade de vida atual e futura.

### Você sabia?

1 em cada 2 brasileiros que tomou crédito declarou ter tido dificuldades para pagar suas prestações, e temos altos percentuais de atraso e inadimplência nas compras a prazo. Mas 82% dos brasileiros dizem “manter controle de suas contas mensais”. Pelo jeito, o cuidado com orçamento fica só no “controle” (manter registros), mas não chega ao “gerenciamento” (tomar providências para atingir os resultados desejados). (Pesquisa: Cardiff/2005 - Comportamento do Consumidor)

### Dicas

- Aproveite a oportunidade de planejar o orçamento para fortalecer a construção de uma visão de mundo compartilhada por você e sua família, fortalecendo laços e realizando projetos em comum.
- Nunca deixe de estabelecer metas e planos realistas para atingir seus objetivos financeiros e melhorar sua qualidade de vida, mas enquanto este futuro não acontece, gaste apenas o que cabe no seu bolso.
- Inclua em suas escolhas a responsabilidade social:
  - evite os desperdícios (água, energia, alimentos);
  - recicle (vidro, papel, madeira, entre outros);
  - respeite os direitos dos que trabalham com você (empregados domésticos e outros);
  - valorize os fornecedores idôneos e desconfie dos inescrupulosos.
- Não esqueça: para acompanhar seu orçamento, disciplina é fundamental!

## 02- Formando um patrimônio

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- *Dicas de questões a serem levadas em conta na formação de um patrimônio.*
- *Bens materiais que não ajudam a aumentar o patrimônio.*
- *Importância de avaliar os gastos de manutenção dos bens.*

O patrimônio - imóveis, móveis, objetos, jóias, valores, direitos etc. - resolve muitas de nossas necessidades: abrigo, sustento, segurança financeira e psicológica e realização pessoal. Além disso, se bem construído e administrado, incrementa o crescimento econômico pessoal e de toda a sociedade.

Mas quanto maior e diversificado o patrimônio, mais atenção ele requer e mais detalhes surgem para ser administrados. Por isso, o patrimônio acumulado, tem um enorme potencial para criar uma vasta gama de problemas: despesas de manutenção, impostos e taxas, gastos com segurança e seguros, disputas familiares, distúrbios de comportamento (avareza, ganância...), além dos conseqüentes distúrbios de saúde, relacionamento familiar e social.

Nada é só benefício, nada é só custo. O importante é estar alerta e tomar as decisões com todos os dados possíveis e na hora certa.

### Vejam algumas questões importantes para a formação de um patrimônio sólido:

- Pergunte-se sempre: Como quero viver? O que tenho de fazer para viver assim?
- Mantenha diálogo com todos os membros de sua família sobre os assuntos financeiros.
- Faça seus planos sempre a partir da sua renda líquida (o dinheiro que efetivamente é depositado em sua conta corrente).
- Nunca gaste mais do 95% de sua renda líquida.
- Poupe entre 5% e 15% de sua renda líquida mensal.
- Evite ao máximo comprar por impulso.
- Evite ao máximo recorrer a fontes de crédito. Reforce a convicção de que quase sempre é melhor juntar o dinheiro para realizar uma compra à vista do que recorrer a fontes de crédito. Além de não pagar juros, é possível que você consiga um desconto.
- Se tiver dificuldades ou dúvidas, peça ajuda. Mas atenção: o cuidado com seu dinheiro é algo que você não pode ignorar. Mesmo tendo alguém que ajude, jamais vire as costas para seu patrimônio e suas contas. Acompanhe e procure sempre entender as razões dos conselhos ou explicações que lhe dão.
- Se você desconfia que não vai ter a disciplina e o autocontrole necessários para administrar pessoalmente poupanças de longo prazo, um bom caminho é criar formas de “se obrigar a poupar”, assumindo compromissos fixos, com o um plano de previdência, ou mesmo consórcios e financiamentos imobiliários (mas atenção aos juros e taxas de administração!!).
- Procure desenvolver um perfil equilibrado na hora de investir ou comprar ativos: nem arrojado demais (arrisca muito) nem conservador demais (perde oportunidades).
- Na dúvida, não arrisque.
- Pesquise sempre mais de uma alternativa. Use o telefone e a Internet.
- Não se esqueça de calcular o custo-benefício de um bem patrimonial (ou seja, comparar as vantagens reais com os custos e compromissos que a posse desse bem exige).
- Não esqueça de avaliar periodicamente se não está na hora de fazer modificações em seu patrimônio: bens e valores também estão sujeitos às variações de mercado;
- Consulte regularmente o mercado para atualizar o valor de seu patrimônio.
- Para evitar surpresas e imprevistos no seu fluxo de caixa, superestime os custos de manutenção de seus bens: imóveis, veículos, custos e taxas de administração, impostos etc.
- Aprenda um pouco de contabilidade e gestão financeira. Mantenha-se informado sobre as oscilações dos mercados financeiro, imobiliários etc.
- Faça auditorias de seus planejamentos e ações ou analise e discuta os números e a situação com alguém não envolvido em seu cotidiano. É muito bom ter alguém que nos alerte sobre auto-enganos, desvios, riscos etc.



- Nunca minta para você mesmo e não arranje “desculpas” para comprar algo que não precisa.
- Aprenda a ter paciência e a trabalhar com prazos longos. Comece sua poupança agora.

### Você sabia?

Se você acha que comprar um carro é aumentar seu patrimônio, pense nisso:

- um automóvel “zero quilômetro” desvaloriza em média 20% após 1º ano de uso. Depois disso, perde mais cerca de 10% a 15% do valor a cada ano adicional. Além disso a manutenção do veículo custa aproximadamente, por ano, 1/5 do valor de um carro novo. Fazendo as contas, o valor investido em um carro é totalmente consumido em menos de 4 anos de uso.
- Antes de comprar um carro, pense se você não poderia resolver sua necessidade de transporte usando metrô, ônibus ou táxi, gastando por ano menos do que gastaria para manter o automóvel. Caminhar também é uma opção. Você faz um bem a seu bolso, ao meio ambiente e – muitas vezes – até ao seu tempo e à sua saúde.

Muitas pessoas têm dificuldades em poupar e manter reservas de dinheiro. Por isso, muito cuidado para evitar as tentações. Pesquisas recentes nos Estados Unidos mostram que 76% das famílias americanas acreditam que deveriam poupar mais, mas apenas 6% destas estão de fato fazendo algo neste sentido.

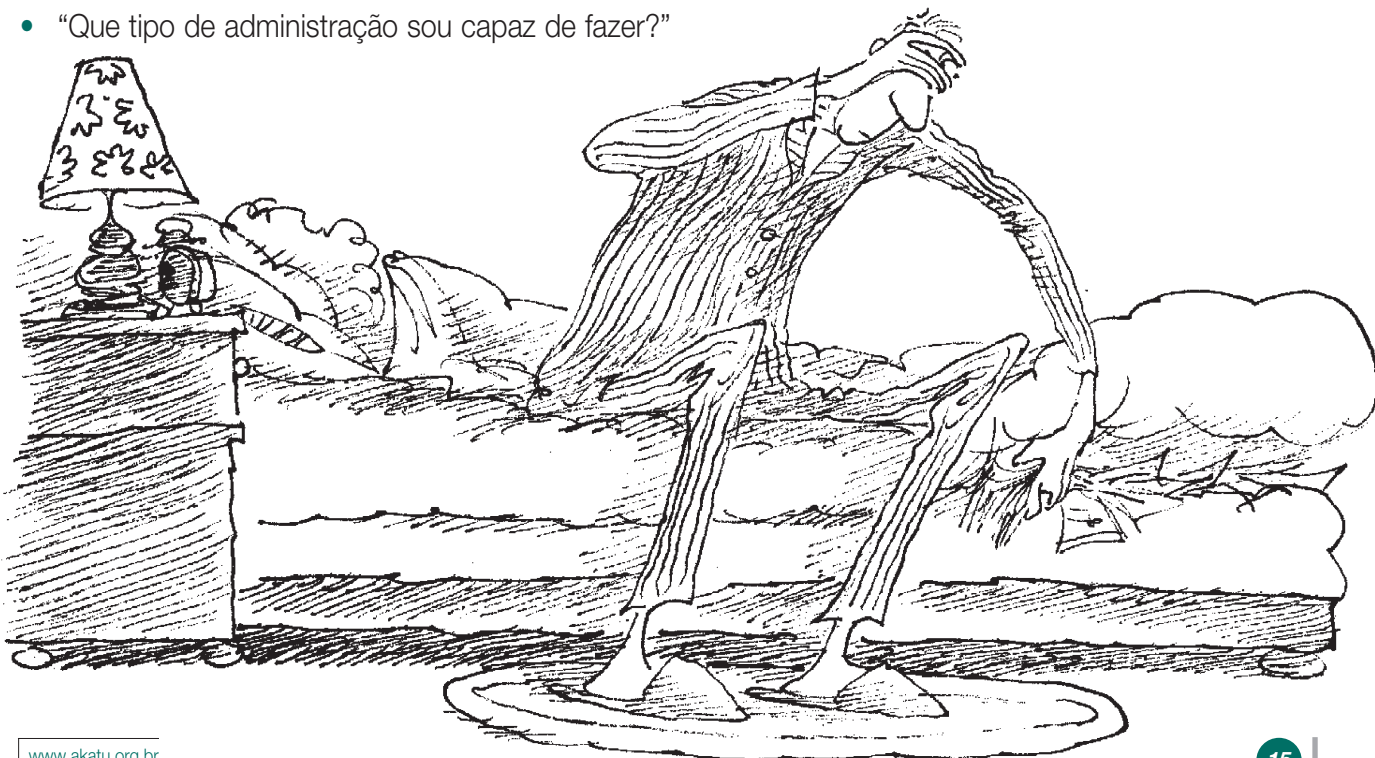
Outro sinal dessa dificuldade: 60% acham que seria melhor ter leis restringindo a possibilidade de mexerem nos recursos colocados por eles mesmos em seus planos de aposentadoria

(DAVID LAIBSON, de Harvard, e ANDREA REPETTO “Autocontrole e a Poupança para Aposentados”)

## Iceberg da Percepção

“Como faço para ter alguma coisa na vida?”

- “Que tipo de investimento combina comigo?”
- “Tenho disciplina suficiente para guardar dinheiro, ou preciso ‘escondê-lo de mim mesmo’?”
- “Estou disposto a correr riscos ou ‘não troco o certo pelo duvidoso’?”
- “Que tipo de administração sou capaz de fazer?”



## 03- Planejando uma poupança

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- A importância de poupar.
- A relação da maturidade com a capacidade de poupar.
- Quanto e como poupar.
- Como age um bom poupador.

Devemos poupar sempre, e quanto pudermos, desde que de forma diversificada e socialmente responsável. Agindo assim, usamos a poupança para criar oportunidades para nós e para os demais.

A poupança faz parte do patrimônio e, portanto, também deve ter em vista o estilo de vida e objetivos que estabelecemos para nós e nossa família. Ela é um dos meios que devemos usar para atingirmos nossos propósitos. Merece ter um lugar de destaque no planejamento do orçamento doméstico. Bem utilizada, ela protege nosso bolso de nós mesmos, evitando os gastos que fazemos por impulso ou porque está “sobrando dinheiro”.

É importante poupar não apenas para ter mais segurança e podermos enfrentar imprevistos financeiros ou realizar uma viagem não planejada. Poupar, sobretudo para formar patrimônio, gerar renda e, de quebra, participar da construção de uma sociedade melhor.

Um bom poupador poupa de forma programada e não apenas eventualmente, quando sobra algum dinheiro. Ele orienta sua vida por objetivos e sabe trabalhar com base em planejamentos. Transforma em hábito o gesto temporão de guardar dinheiro.

Um bom poupador não guarda dinheiro: administra a sua circulação. Não se limita à idéia de juntar e aprende a multiplicar oportunidades. Uma oportunidade é um acontecimento apropriado, alinhado com o que vem sendo feito. Quem sabe para onde ir, tem muito mais chance de perceber e aproveitar as oportunidades, do que aquele que fica simplesmente esperando uma boa ocasião.

Os oportunistas confundem a idéia de oportunidade com a simples idéia de sorte ou esperteza. Por isso, costumam sacrificar o planejamento; cedem muito facilmente às circunstâncias. Via de regra, acabam se transformando em “acomodados” ou “gastadores”. Dançam conforme a música e, “cheios de razão”, estão sempre a mudar de rumo. Deixam a vida os levar e se confortam com pequenos prazeres.

O bom poupador não é um oportunista, mas um estrategista: não perde o foco com facilidade e mantém a percepção sempre aberta para não desperdiçar as “sobras” orçamentárias. Mas cuidado: ele não é um avarento que se furta o prazer da convivência e da diversão com vistas ao simples acúmulo.

Os oportunistas pedem a conta na empresa para usar o FGTS a fim de pagar dívidas; os gestores de oportunidades transformam esse recurso em patrimônio ou renda.

O mesmo raciocínio vale para o uso do 13º salário, o abono de férias, a devolução do imposto de renda recolhido na fonte etc. É claro que, se ainda não somos bons poupadores, devemos usar tais recursos para saldarmos dívidas ou fazermos frente a imprevistos financeiros.

É sempre válido lembrar: paga menos juros quem usa seu próprio dinheiro.

Enfim: acima de qualquer coisa, o bom poupador é um craque na arte de fazer o dinheiro trabalhar, simultaneamente, para o seu próprio bem-estar e para a melhoria do bem comum.

### Você sabia?

- Pesquisas americanas compararam a capacidade de crianças de 4 a 12 anos de renunciar a uma gratificação imediata menor (um confeito) para obter mais tarde uma gratificação maior (dois confeitos). As crianças mais velhas foram aquelas que mais se dispuseram a esperar para receber uma maior recompensa, revelando que a capacidade de espera está fortemente relacionada à maturidade. Entre todas as crianças, aquelas que demonstraram maior capacidade de espera obtiveram ao longo de suas vidas melhores resultados escolares, acadêmicos e profissionais, apresentando também menores incidências de tabagismo, abuso de drogas, delinquência e conflitos familiares sérios.

FONTE: Pesquisas sobre “gratificação postergada”, Walter Mitchel e cols, citados por Giannetti, E., em “O valor do amanhã”, SP, Cia das Letras, 2005, p. (89).

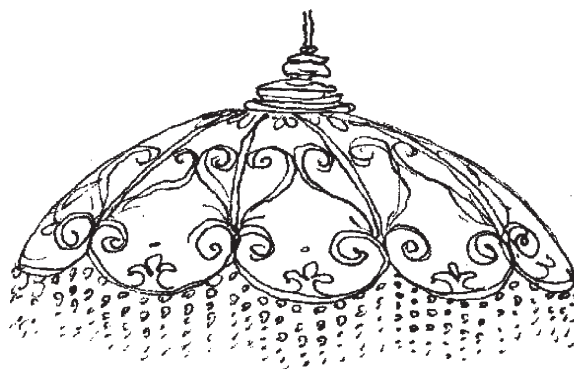
## Dicas

- O valor da CPMF que incide sobre os saques realizados da poupança pessoa física pode ser creditado na conta, desde que o depósito tenha permanecido por prazo igual ou superior a 90 dias. (Lei 9.311, de 24 de outubro de 1996 - Lei da CPMF)
- Seja você casado ou solteiro; com ou sem filhos: procure poupar algo entre 5% e 15% de sua renda líquida mensal. Deposite imediatamente após receber.
- Seja cuidadoso: escolha instituições sólidas, com tradição no mercado.
- Não tome sua decisão baseada na publicidade. Pesquise e informe-se sobre a empresa ou instituição que oferece o plano de poupança ou investimento.
- Tenha cuidado com ofertas “excessivamente boas”: podem significar um grande risco.
- Diversifique a sua carteira de poupança e investimento. “Não coloque todos os ovos numa única cesta”.
- É um equívoco imaginar que apenas as aplicações em renda variável oferecem riscos. Investimentos de renda fixa também podem ser arriscados. Mudanças nas condições de mercado podem causar ganhos ou perdas de capital, alterando a rentabilidade do patrimônio investido.
- O aspecto mais importante ao se lidar com o risco, sob a ótica do investidor, é a diversificação, isto é, não colocar tudo em um só tipo de investimento, por mais rentável ou seguro que ele pareça. A seguir, vem a informação, isto é, conhecer as características dos investimentos.

## Iceberg da Percepção

É preciso fazer um “pé de meia”, ter alguma reserva.

- “Como vejo o futuro?”
- Ele “é incerto e ameaçador” ou acredito que “Deus dá o frio conforme o cobertor”?
- E se o futuro não chegar? Vale a pena deixar de aproveitar hoje?
- “Poupança não adianta... para se dar bem é melhor perseguir ‘uma bolada’”. Será?



## 04- Guardar dinheiro é sempre bom?

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Quando não é bom guardar dinheiro.
- Tipos de investimento e produtos financeiros.
- O que é preciso levar em conta antes de investir.
- Como o dinheiro poupado interfere na sociedade.

A resposta é SIM se estivermos agindo para melhorar, não apenas o nosso futuro, mas também o futuro da sociedade e do planeta ao qual pertencemos.

Isto quer dizer que o dinheiro que temos não é apenas nosso, pois o uso que dele fazemos interfere nas condições de vida de muita gente. Quando bem aplicado, o dinheiro retro-alimenta os círculos virtuosos da economia, gerando uma dinâmica social integradora, ecológica, inclusiva e justa. É evidente que isto também depende da qualidade das instituições políticas e sociais, mas não podemos nos eximir de responsabilidades se estas instituições não são o que deveriam.

Esses investimentos e poupanças são ótimos na medida em que permitem que seja possível usufruir e compartilhar o que temos com o restante da sociedade. Pois o dinheiro aplicado, além de nos render benefícios, volta a circular por meio do sistema financeiro.

Os planos de previdência privada constituem um bom exemplo deste tipo de investimento. Enquanto nosso dinheiro vai crescendo, ele contribui com outras agendas do país: o dinheiro desses fundos deve ser reaplicado nos círculos virtuosos da economia, alimentando o crescimento, preferencialmente em empreendimentos comprometidos com responsabilidade social ou outras de grande alcance coletivo.

A resposta é NÃO quando o investimento ou a poupança seguir de perto a lógica da rápida acumulação ou da especulação, que, indiferente à saúde dos ciclos econômicos e à aplicação produtiva do capital, acaba por provocar malefícios generalizados.

Estas aplicações são nocivas porque ao invés de serem a representação de um capital bem utilizado, que se multiplica e gera “filhos”, elas apenas se beneficiam da especulação financeira e engordam sugando recursos alheios. É o caso, por exemplo, de investimentos oportunistas e especulativos, que chegam a provocar graves crises em vários países, sem trazer benefícios para a sociedade.

O NÃO se mantém quando, poupando como avarentos, a acumulação de dinheiro é vista como o único objetivo e nos privamos da convivência familiar, social e do desfrute tranquilo que um plano orçamentário equilibrado pode trazer. Essa postura do “avarento” prejudica a economia, pois “esconde” grandes volumes de recursos que deveriam estar circulando pelo sistema produtivo.

Em suma, nem tudo o que ganhamos deve ser utilizado apenas com a finalidade de acumular riquezas. O dinheiro não foi feito para mofar em cofres. O mero entesouramento é fruto de uma postura que prefere garantir um certo padrão de vida individual ao invés de buscar melhorá-lo, tanto para o poupador quanto para a sociedade.

Investimento e poupança bons são aqueles que reentram no sistema financeiro, mantendo o processo de circulação do dinheiro, ou seja, gerando ativos que estimulam o sistema produtivo e a inclusão de pessoas na vida econômica e social.

### Você sabia?

- “Poupança” ou “Investimento”?  
Nos dois casos, estamos falando de dinheiro aplicado, gerando rendimento para seu dono. Mas quando se fala em “poupança”, nos referimos a um tipo especial de investimento, onde o objetivo é garantir segurança futura, pois o prazo é longo e o risco deve ser o mais baixo possível. Porém, o rendimento também é relativamente baixo. Já no “investimento” o objetivo é a renda do capital: o investidor prioriza o ganho, mas para isso está disposto a correr mais riscos e administra com mais agilidade seu dinheiro.
- O melhor investimento é a decisão de poupar!

### Os tipos básicos de produtos financeiros

#### Poupança

- Caderneta de poupança
- Certificados de depósitos
- Fundos de renda fixa

#### Investimentos

- Ações
- Debêntures
- Fundos de investimentos
- Fundos imobiliários
- Certificados de investimento em áudio visual
- Mercadoria (ouro, soja etc)

FONTE: Guia de orientação e defesa do investidor  
 • Em <http://www.cvm.gov.br/port/protinv/PRODIN.asp>

### Perguntas importantes que o investidor deve se fazer

- Qual é o meu objetivo ao fazer este investimento?
- Qual é a minha expectativa de rentabilidade?
- Quanto tenho disponível para investir?
- Quando vou precisar desse dinheiro?
- Tenho todas as informações sobre este tipo de investimento?
- A diversificação da minha carteira é consistente com meu perfil de risco?

#### Recomendações

- Acompanhe o desempenho de seus investimentos
- Mantenha-se informado sobre o mercado
- Reavalie os riscos e as estratégias periodicamente
- Não perca de vista os objetivos de seus investimentos.
- Use a razão, segure a emoção

FONTE: <http://financenter.terra.com.br>

### Dicas

- Dê preferência a fundos que investem em empresas socialmente responsáveis ou comprometidas com a melhoria da sociedade e do meio ambiente.
- Conheça o ISE-BOVESPA: índice da bolsa de valores do Estado de São Paulo, que seleciona empresas que se destacam por seu compromisso com a sustentabilidade, e acompanha seu desempenho no mercado de ações. Acesse [www.bovespa.com.br/ise](http://www.bovespa.com.br/ise) ou <http://www.bovespa.com.br/Mercado/RendaVariavel/Indices/FormConsultaApresentacaoP.asp?Indice=ISE>

## Iceberg da Percepção

**“Ter dinheiro disponível é sempre bom: precisamos poupar ao máximo!”**

- Mesmo para a poupança existem limites: “nem só cigarra, nem só formiga”.
- É preciso equilíbrio.
- Dinheiro parado é estéril: mesmo poupado, ele precisa fluir.
- “Não dá para guardar nada! Tudo que ganho ainda é pouco para minhas despesas.”



## 05- Pensando na aposentadoria

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Como escolher o plano de previdência.
- Qual é a melhor idade para começar a pagar um plano de previdência.
- Será viável substituir a aposentadoria por uma poupança ou bens materiais?

Tolstói (um famoso escritor russo) percebeu com lucidez que “a velhice é o acontecimento mais inesperado na vida de uma pessoa”.

Por mais que nos sintamos preparados, ela sempre entra pela porta da cozinha e antes da hora, nos pegando desprevenidos.

Mesmo que quase todos reconheçam a importância de se preparar, financeira e psicologicamente, para a velhice, infelizmente, são poucos os que se conscientizam disto.

Em outros termos, poucos transformam previdência (previsão conjectural do futuro) em providências (ações que realizam planos). O mesmo acontece com o planejamento financeiro.

Essa situação vai ficando mais bizarra na medida em que sabemos que o desequilíbrio da previdência pública, ou de alguns dos fundos de previdência complementar custeados por grandes organizações, é um dos grandes problemas sociais do momento.

Nem os países mais ricos e as maiores empresas sabem como manter os benefícios nos padrões atuais. Para se ter uma idéia do tamanho do problema basta um exemplo: por conta dos custos com a previdência de seus funcionários, os automóveis da GM custam cerca de US\$ 1.400,00 a mais do que os da concorrente Toyota.\*

Portanto, nada de fazer ouvidos moucos para a voz da própria consciência. Tome cuidado com a história da “melhor idade” e mãos à obra.

Inclua no seu planejamento financeiro um plano de previdência privada e, na sua rotina diária, práticas que garantam a sua saúde (corpo e mente) hoje e na velhice. Não deixe essa decisão entregue ao piloto automático.

Pesquise e estude bem e cuidadosamente. Há mais de 60 fundos de previdência complementar aberta no mercado e as variáveis são muitas. Não fique com preguiça e, se possível, procure ajuda de um corretor bem qualificado, mas tome cuidado na escolha.

Uma opção a esses planos seria você mesmo administrar as aplicações destinadas à sua aposentadoria. Porém, pergunte-se antes e seja sincero: você é realmente determinado e tem um bom autocontrole? Você tem os conhecimentos necessários para realizar uma gestão como essa?

Outra opção, muito usual tempos atrás, era a formação de um patrimônio baseado em imóveis, que representam um capital menos líquido (mais difícil de ser transformado em dinheiro, e assim menos sujeito a “mordidas” eventuais), e que pode gerar renda, através de aluguéis ou mesmo de sua valorização. Não esquecer, neste caso, dos problemas relativos ao aluguel de imóveis ou da desvalorização de casas, terrenos ou apartamentos em função de obras urbanas, favelas, mudanças de zoneamento e outros imprevistos.

Milagres, nestes assuntos, não existem, e qualquer formação de patrimônio exige determinação, informações sempre atualizadas, cuidados com fraudes e gestão de riscos.

No lugar de acreditar em milagres, pratique uma “técnica” ao mesmo tempo útil para a saúde e para as finanças. Ela consiste no desenvolvimento da paciência. Esta habilidade é vital quando temos que lidar com planos que deverão ser realizados durante décadas.

A paciência é uma virtude. A meditação e a observação de si mesmo são os caminhos que podemos utilizar para aprimorá-la. Comece agora.

### Você sabia?

- No início do século XX nos Estados Unidos 4% da população atingia os 65 anos de vida. Em 1980, 12% atingiam essa idade. Atualmente, cerca de 20% da população norte-americana tem idade superior a 65 anos. (<http://www.saudevidaonline.com.br/artigo94.htm>)

\*FONTE: revista “*Estadão investimentos*”, outubro/2005, p. 18

- Desde 1940, a expectativa de vida dos brasileiros aumentou mais de 50%. Em 1940, era de 45,5 anos. Em 1980, passou para 62,6 anos e em 2004 já era de 71,7 anos!  
(FONTE: IBGE, citado na revista *Época* de 13/03/2006, p. 53)
- Se com 20 anos de idade você começar a poupar cerca de R\$ 360 todos os meses, com juros de 0,5% ao mês, conseguirá acumular R\$ 1 milhão aos 65 anos. Porém, se esperar até os 30 anos para começar esta poupança, terá que poupar mensalmente praticamente o dobro R\$ 700,00 – para atingir o mesmo valor.

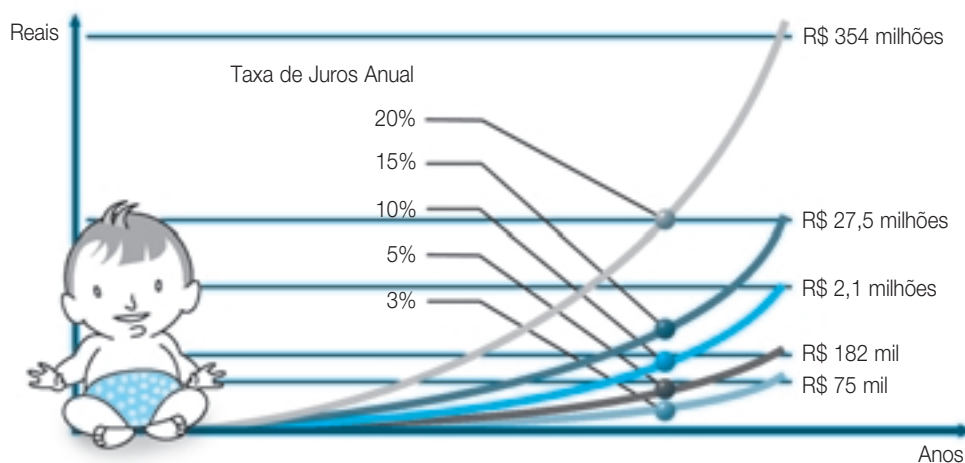
## Iceberg da Percepção

### “Vai demorar para eu me aposentar”.

- “Prefiro não pensar nisso” (causa medo, preocupação...)
- “Não consigo lidar com o presente, que dirá com o futuro...”
- “É mais confortável o imediatismo.”
- “Alguém vai cuidar de mim” (família, governo, sociedade...)



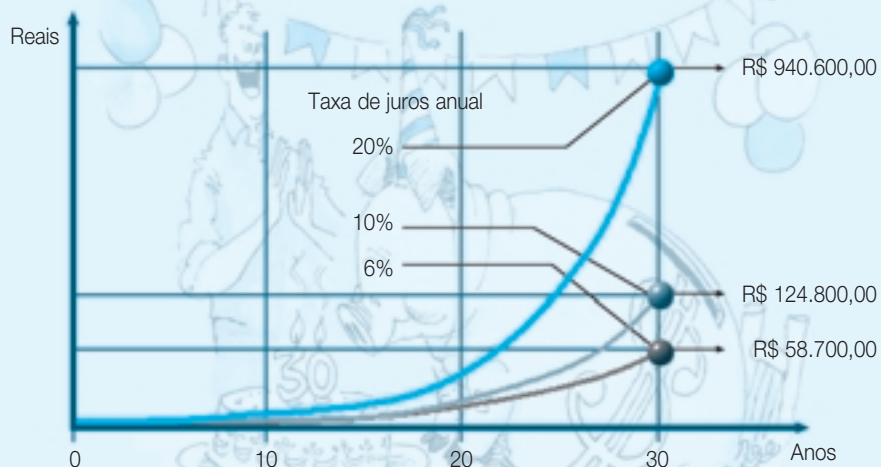
**Aplicando R\$ 1,00 por dia desde o dia do nascimento de um bebê até os 66 anos de idade, com diferentes taxas de juros anuais, resulta:**



Aplicando R\$ 1,00 por dia desde o dia do nascimento de um bebê até os 66 anos de idade, com diferentes taxas de juros, resulta:

com 3% ao ano:	73.590,07
com 6% ao ano:	283.612,30
com 10% ao ano:	2.041.729,04
com 15% ao ano:	26.269.682,77
com 20% ao ano:	334.748.916,18

Aplicando R\$ 2,00 por dia desde o dia do nascimento de um bebê até os 30 anos de idade, com diferentes taxas de juros, resulta:



Mas... e para pagar em 30 anos um empréstimo de R\$ 58.700,00?

Com juros anuais de:	a prestação mensal é:
6%	R\$ 345,96
10%	R\$ 496,54
20%	R\$ 902,47



## Você sabia?

- Em 2005, existiam no Brasil 17 milhões de pessoas acima dos 60 anos, representando 9% da população. Em 2020, prevê-se que serão 30,6 milhões, ou 14,2% dos brasileiros.\* Este é um desafio para a previdência social, pois pelo sistema brasileiro, boa parte das aposentadorias é paga com os recolhimentos dos trabalhadores que ainda estão na ativa.

\*FONTE: IBGE, citado na revista Época de 13/03/2006, p. 66

- Autores comentam que a crença em “limites iminentes” para a expectativa de vida tende a distorcer as decisões sobre seguros sociais em nível público e privado.  
(<http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env16.htm>)
- Este mesmo tipo de previsão também está presente nos planos que cada pessoa faz para seu próprio futuro, não apenas material, mas também afetivo e social. Pense que você poderá viver bem mais do que imagina.

## Dicas

- Crie o hábito da poupança: mesmo com um pouquinho por mês, o importante é começar e se acostumar.
- Lembre que quanto mais cedo você começar com planos de aposentadoria e previdência privada, menor será o peso das contribuições em sua renda mensal.
- Aposentadoria não significa inércia ou inutilidade: encontre e cultive atividades e habilidades que possam tornar útil e interessante seu tempo, mesmo quando você já tiver saído do mercado de trabalho formal.
- Considere a possibilidade de praticar trabalho voluntário, e lembre que será melhor fazer isto não apenas depois que tiver se aposentado.
- Não seja pego de surpresa: comece a construir as bases para sua atividade "pós-aposentadoria" ainda enquanto estiver trabalhando regularmente.



## 06- Fazendo pequenas despesas

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Quando é essencial comprar.
- O peso das pequenas despesas no orçamento.
- Medidas para evitar gastos desnecessários.
- O maior inimigo de um orçamento.

Grande e pequeno são palavras perigosas porque são facilmente intercambiáveis.

Algo considerado grande pode passar a ser visto como pequeno e vice-versa, basta mudarmos os elementos de comparação. Exemplo: podemos reclamar da mensalidade escolar de nossos filhos e gastar, ao longo do mês, praticamente o mesmo valor com despesinhas que fazemos por impulso ou falta de planejamento: bebidas, queijos e frios comprados na padaria; revistas e jornais que apenas folheamos; CDs que não vamos ouvir; uso de táxis quando o Metrô ou ônibus estão logo ali etc. Lembranças que compramos para os filhos durante viagens a trabalho e que eles, no fundo, não curtem. Qual o valor do que é essencial? Qual o valor das muitas “pequenas despesas”?

Portanto, faça as contas antes de dizer que uma despesa é pequena. Habitue-se a somar este tipo de gasto ao longo de um mês e a comparar o total com as contas de água, luz, gás e telefone. Compare a soma de um ano com o valor de seu salário.

Compare sempre e de muitos modos; quando o assunto é dinheiro, comparar é preciso. Feitas as contas é bem provável que você volte a prestigiar um esquecido ditado popular: “de grão em grão a galinha enche o papo”. Ele define um jeito de lidar com o dinheiro sempre pelo prisma da poupança.

O ditado caiu em desuso por vários motivos, mas o principal é que ele foi substituído por um outro: “só se vive uma vez”. Trata-se de um novo prisma que foca o prazer e, conseqüentemente, estabelece o hábito de gastarmos o que temos e o que não temos para atender os desejos do momento.

Aqui surge um outro tema importante: o hábito. O hábito é um comportamento que se repete. Como o colesterol, existem hábitos bons: escovar bem os dentes, se alimentar corretamente, caminhar, poupar. E existem hábitos maus: andar com mais dinheiro do que o necessário na carteira; passear nos shoppings com os cartões de crédito ou ir ao supermercado sem uma lista bem definida das compras.

Um hábito é benévolo quando nos torna pessoas mais determinadas, e é nocivo quando nos torna compulsivos e imediatistas.

O imediatismo é o maior inimigo de um orçamento justamente porque ao defender os interesses da hora ele nos desvia dos planos e nos torna inquietos gastadores. O imediatismo nos torna pessoas mimadas e cheias de boas razões para gastar compulsivamente.

A determinação faz o movimento contrário e desenvolve as habilidades necessárias para a gestão de si mesmo: autocontrole, paciência e clareza de propósitos.

### Você sabia?

- Em 2003, as famílias brasileiras gastaram R\$ 495 milhões no item “fumo”, segundo a pesquisa de orçamento familiar do IBGE. Já em “periódicos, livros e revistas” o valor foi de apenas R\$ 282 milhões.
- Gastos aparentemente insignificantes podem fazer muita diferença ao longo do tempo: uma pessoa que fuma três maços de cigarros por semana (R\$ 2,50 cada) além de prejudicar sua saúde e a das pessoas que convivem com ela, gasta por semana R\$ 7,50. Se ao invés de queimar este dinheiro ela o aplicasse na poupança, teria R\$ 446,00 ao final de um ano, o suficiente para comprar, por exemplo, 20 CDs (originais) ou um eletrodoméstico como TV, geladeira ou fogão.
- Que pequenos gastos você costuma fazer sem pensar, e que usos melhores você teria para esse dinheiro?
- Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo citada no site da “Você S/A”, 16% dos entrevistados ficaram inadimplentes por “se descontrolar nos gastos”. As outras duas causas mais importantes foram a “perda do emprego” (46%) e “ter sido fiador ou avalista” (18%).

- E é nas compras que reside o maior índice de inadimplência: entre os entrevistados, 63% dos inadimplentes devem a alguma loja, 13% devem a bancos e 12% a emissores de cartão de crédito.

FONTE: pesquisa realizada em setembro de 2005 pelo Instituto de Economia Gastão Vidigal citada em (<http://vocesa.abril.uol.com.br/edi5/dinheiro.html>)

- 10,6% dos brasileiros se tornam inadimplentes simplesmente porque gastam mais do que podem. 30% da população fica endividada com supérfluos.

FONTE: Andif - Associação Nacional dos Devedores de Instituições Financeiras.

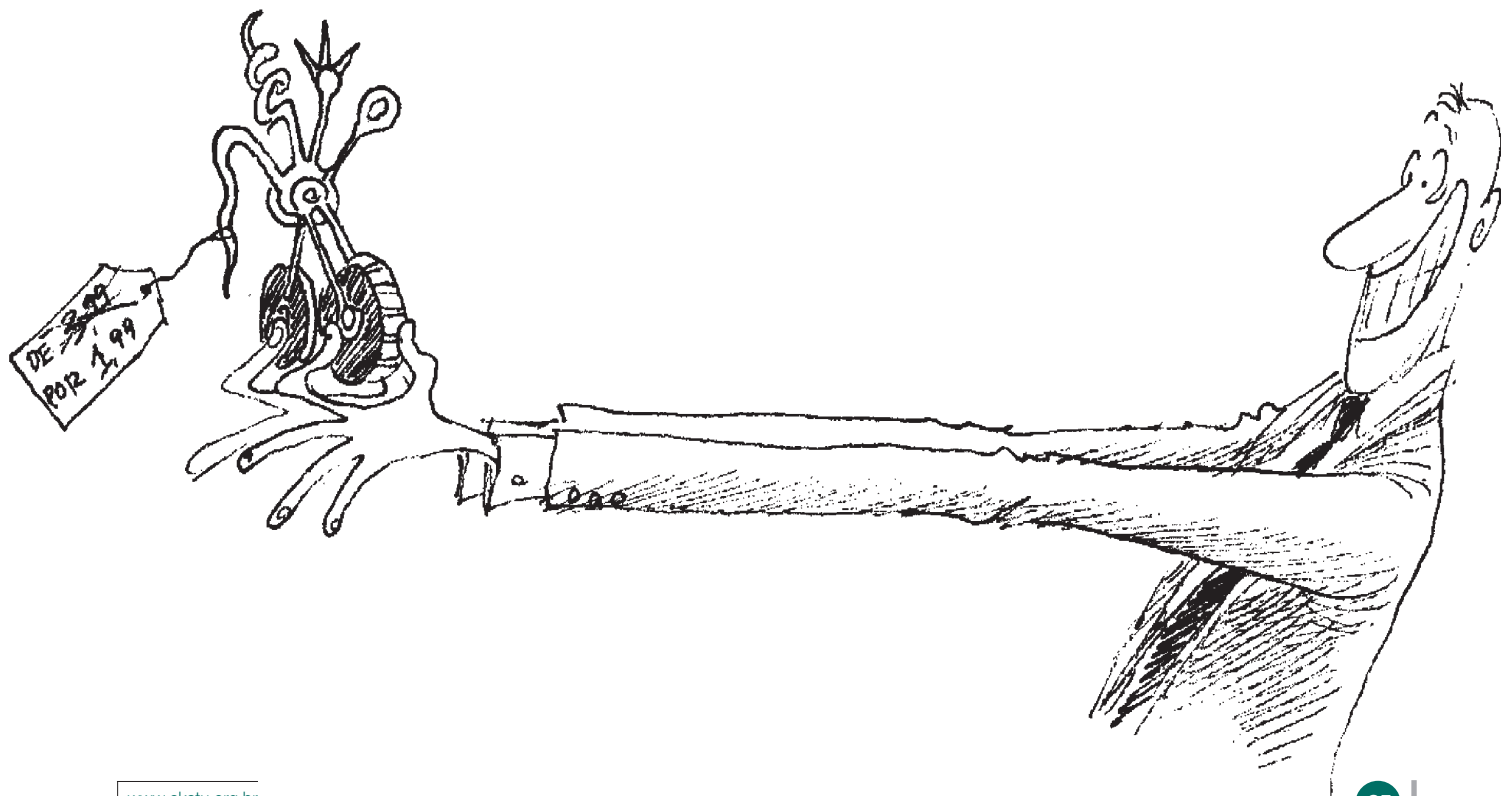
## Dicas

- Cuidado com as oportunidades e “promoções” que fazem você gastar o que não planejava (ou precisava) comprando algo só porque está barato ou na liquidação
- Cuidado com coisas que custam barato, mas não duram nada: produtos com prazo de validade “quase vencido”, roupas que vão sair de moda ou de má qualidade, móveis de 2ª linha etc.
- Para tentar controlar seus gastos deixe os cartões de crédito, talões de cheque e leve pouco dinheiro ao sair de casa.
- Pondere se o produto que quer adquirir está dentro de seu orçamento e se realmente precisa dele.
- Antes de realizar uma compra, pensar dois ou três dias e evitar ao máximo decidir por impulso. (<http://www.idec.org.br/noticia.asp?id=516>)

## Iceberg da Percepção

### “Isto custa pouco, ou quase nada”.

- “Que sentido faz comprar uma coisa de que não preciso?”
- Comprar algo “porque é baratinho” só piora sua vida: além de perder dinheiro, você produz mais lixo! (ou engorda à toa, se for comida...)
- Comprar por impulso pode ser sintoma de ansiedade excessiva: como anda sua vida?



## 07- Usando o crédito no dia-a-dia

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Quando é negativo tomar crédito.
- Cuidados ao usar o crédito
- Limites de cheque especial e cartões de crédito podem ser considerados renda?
- Crédito pode viabilizar negócios de oportunidade ou resolver imprevistos.

Diz a sabedoria popular que é bom colocar um pé atrás quando a esmola é muita, ou seja, quando tudo parece muito fácil. É o caso do crédito hoje: o estoque de dinheiro disponível para empréstimos e financiamentos está bem alto.

Essa facilidade de conseguirmos um “dinheiro extra” não é, por si mesma, ruim.

Os problemas começam quando ela se junta aos estímulos para que pratiquemos o consumismo. E o consumista come de barriga cheia.

Além do perigo de provocar indigestões no seu planejamento financeiro, o consumismo agrava a desigualdade social: o nosso jeito de consumir (gastar e usar bens e serviços) afeta a sociedade e o meio ambiente e, conseqüentemente, nos afeta sob várias outras formas.

Assim, nenhum cuidado é demais quando se trata de distinguir entre desejos e necessidades. Habitue-se a desconfiar do seu autocontrole na hora de enfrentar vitrines, apelos e publicidades.

A primeira providência é não incorporar ao fluxo de caixa os limites de crédito, financiamentos e empréstimos que agentes financeiros estão oferecendo.

Talvez você possa registrá-los no orçamento e na contabilidade, apenas para não perdê-los de vista. Porém, jamais some esses valores à sua renda. Nunca inclua os limites que você tem no cheque especial, cartões de crédito etc, no grupo de contas chamadas de “disponível”.

Não corra o risco de confundir dinheiro disponível (dinheiro que é seu) com dinheiro que estão querendo lhe alugar.

Essas ofertas de crédito (na verdade, ofertas para que você alugue dinheiro) só devem ser realizadas para viabilizar negócios de oportunidade. Um exemplo: eu realmente preciso de uma geladeira – a que tenho não pode ser consertada, ou estou montando uma casa – encontrei uma que está com ótima promoção, e não há tempo para eu juntar o dinheiro e comprá-la à vista pagando um preço menor. Ou quando esses empréstimos, de fato, puderem nos ajudar a resolver imprevistos financeiros.

Entretanto, nunca é demais lembrar que o significado que damos às palavras passa pelos desejos que temos. Oportunidade e imprevistos são palavras que não deveriam ser usadas como pretexto para justificar gastos que, no fundo, são desnecessários e injustificáveis porque frutos da mania de “comer com os olhos” que caracteriza os consumistas.

É verdade: resistir aos apelos e às seduções que hoje nos cercam é tarefa difícil, mas necessária.

### Você sabia?

- A oferta de crédito pessoal cresceu 42% em 2005, impulsionada principalmente pelo crédito consignado com desconto em folha de pagamento. Em janeiro/2006, o volume total deste tipo de crédito alcançou R\$ 33,159 bilhões, o que representa um avanço de 75% frente ao mesmo período do ano anterior. Com isso, a participação do crédito consignado no total de crédito pessoal subiu de 37,2% para 45,8% no período.  
[http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/\\_HOME\\_OUTRAS\\_456984.shtml](http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/_HOME_OUTRAS_456984.shtml)
- O volume total de crédito ao consumidor no Brasil tem crescido rapidamente: em 1995 representava 2% do PIB. Já em 2005, atingiu 8%, apesar dos juros elevados, e sem contar o crédito informal ou concedido pelo comércio por meio de cheques pré-datados e outras modalidades. Isto mostra a grande disposição dos brasileiros em usar o crédito para antecipar suas compras.
- Este ainda é um valor baixo se comparando com os Estados Unidos - país onde o crédito ao consumidor tem maior peso, chegando a 17,4% do PIB – ou mesmo com países próximos, como o Chile, onde esta proporção é de 9,5%. Muitos acreditam que isto indica haver ainda uma grande margem para crescimento do crédito. Mas também há quem ache esta situação perigosa para a sustentabilidade dos credores, dos devedores, e da própria sociedade e seu meio ambiente.

FONTE: [www.partnerconsult.com.br/partnerreport/v2/](http://www.partnerconsult.com.br/partnerreport/v2/)

- Mas a consciência ainda precisa melhorar bastante: um em cada dois brasileiros que tomaram crédito declaram ter tido dificuldades para pagar suas prestações.  
FONTE: pesquisa Cardif/2005, em [www.cardif.com.br/new/Website%20Cardif/Brasil/pt/pg\\_not\\_05.html](http://www.cardif.com.br/new/Website%20Cardif/Brasil/pt/pg_not_05.html)
- Em 2005, a inadimplência\* do crédito ao consumidor no Brasil esteve entre 6% e 7%, enquanto nos Estados Unidos, foi de apenas 4%. A grande expansão do crédito para uma parte da população que não tinha acesso ao sistema, causa apreensão quanto ao aumento desses índices. \*débitos vencidos a mais de 90 dias.  
FONTE: [www.partnerconsult.com.br/partnerreport/v2/](http://www.partnerconsult.com.br/partnerreport/v2/)

## Dicas

- Cuidado para não ficar endividado “sem querer”. Pagar com um cheque pré-datado ou cartão de crédito é prático, mas faz as pessoas perderem a noção da sua capacidade de endividamento e acabarem gastando mais do que podem, ao invés de administrar seus desejos e controlar suas “urgências”.
- Quando usar o cartão de crédito pague à vista e na data do vencimento.
- **“A ocasião faz o ladrão”** (ditado popular). Evite as tentações: recuse aumentos desnecessários nos seus limites de cartão de crédito e cheque especial.
- Sempre negocie taxas e anuidades dos cartões de crédito, dos serviços bancários etc.
- Compare as taxas e as condições das várias fontes antes de usar o crédito: cheque especial, cartão de crédito, empréstimos pré-aprovados etc.
- Não use o crédito fácil para “não perder oportunidades” e, assim, justificar uma compra por impulso, prematura ou desnecessária.
- Pratique, desenvolva e amplie as sugestões das fichas: “11-Decidindo como tomar dinheiro emprestado” página 36 e “12-Selecionando uma fonte de crédito” na página 40.

## Iceberg da Percepção

**“Sempre vale a pena aproveitar agora e pagar depois”.**

- É mais fácil pagar a prazo do que resistir à tentação e respeitar o orçamento.
- “Não consigo conter minhas vontades.”
- “Faço de conta que não estou me endividando, pois fico dentro dos limites de cheque especial e cartão.”
- “Uso o crédito para ‘não ficar pra trás dos colegas’ e ganhar status.”



## 08 - Comprando em 10 vezes sem juros

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Existem compras parceladas sem juros?
- Quando vale a pena pagar juros.
- Como as lojas lucram com os juros.
- Poupar para alcançar o sonho é o melhor negócio.
- A importância de refletir antes de comprar a prazo.

Depois que, na segunda metade dos anos 90, a inflação caiu e não subiu mais, essa moda começou e só fez crescer. No início, as lojas facilitavam o pagamento em 2 ou 3 vezes, com cheques pré-datados. Depois, o parcelamento passou a ser também no cartão de crédito. Alguns setores, como os de viagens e material de construção, começaram mais cedo e foram ampliando os prazos e o número de parcelas. É a moda do “pagamento parcelado sem juros”.

Como já sabemos, toda troca de dinheiro ao longo do tempo implica em juros\*. Assim, quando alguém diz “sem juros”, o certo seria dizer que o custo do parcelamento fica por conta do vendedor. Mas será isso mesmo? Ou será que o custo financeiro foi “embutido” no preço da oferta parcelada?

Em pouco tempo, essa moda passou das viagens para os eletrodomésticos, eletrônicos, veículos e outros bens industriais de valor elevado. Os prazos também aumentaram, e hoje é quase impossível achar uma televisão ou armário que não seja para “pagamento em 10 vezes sem juros”. E a situação se coloca de um modo tal, que complica até mesmo a vida dos mais atentos.

### Veja só:

- Todos sabem que se alguém tiver um dinheiro (digamos R\$ 1.000) e o colocar numa aplicação, ele irá render juros. Digamos que a uma taxa de 2,0% ao mês, ao fim de 10 meses o saldo será de **R\$ 1.219**
- Se este alguém for um lojista, e receber os mesmos R\$ 1.000 pela venda de uma TV - só que em 10 parcelas de R\$ 100 (a primeira 30 dias após a venda) - e todo mês aplicar também à taxa de 2% mensais cada parcela que receber, a quantia que ele terá ao fim dos 10 meses será de apenas **R\$ 1.095**
- A perda decorrente do pagamento parcelado é óbvia: são R\$ 124 a menos (1.219 (-) 1.095). Em termos percentuais, ao aceitar um pagamento em 10 vezes, o lojista baixou seu ganho em 10,2%!! (R\$ 124 sobre R\$ 1.219).
- Se ao parcelar o pagamento o lojista está abrindo mão de 10,2% da sua receita, porquê não fazer a mesma coisa na venda à vista, e receber pela TV um pagamento único de **R\$ 898** (R\$ 1.000 (-) 10,2%)?
- A verdade é que raramente um lojista dá este desconto todo, apesar de – como sabemos – as taxas de aplicação no Brasil poderem ser até maiores que 2% ao mês (o que permitiria descontos ainda maiores).

### Por que é assim? Existem várias explicações, dependendo da situação.

Vejamos as mais comuns:

“É o fabricante que facilita”: ou seja, o lojista também compra parcelado, e a conta dos juros fica para o fabricante (ou será que para os fornecedores do fabricante?)

“Quem faz o parcelamento é uma financeira” (ou a administradora do cartão de crédito): neste caso trata-se, sem dúvida, de uma operação de crédito e seus custos devem – obrigatoriamente – ser abertos para o consumidor e deduzidos, caso ele deseje pagar à vista ou antecipar parcelas.

“A loja banca o parcelamento, pois, se não fizer assim, não vende”. Essa é a explicação mais comum só que, neste caso, como vimos na contas acima, o desconto à vista teria que ser – no mínimo – proporcional à renda das aplicações financeiras que o lojista (ou o comprador) pudesse fazer.

Existe ainda uma quarta explicação, que raramente aparece, mas é muito mais convincente:

“Vendemos assim, porque é assim que ganhamos mais”.

\* ler texto “Os juros e as trocas no tempo” p. 92

Muitas vezes a loja ganha mais emprestando dinheiro a juros (disfarçados nas prestações) do que no comércio propriamente dito. Mas para que este ganho maior aconteça, o consumismo é essencial: enquanto houver gente que, no afã de “ter tudo logo”, só olhar o valor da prestação, será melhor negócio para as lojas ganhar com o financiamento do que com o comércio.

Um rápido exemplo (com números e condições simplificados, para facilitar as contas):  
Imagine que você é um lojista e tem R\$ 1.000 para investir.

- **Opção 1**, aplicar no banco à taxa de 2% ao mês, que resulta em R\$ 1.219 ao fim de 10 meses, como vimos acima.
- **Opção 2**, comprar duas TVs por R\$ 500 cada uma, revendê-las à vista por R\$ 750 cada, e aplicar o dinheiro (também a 2% ao mês). Resulta em R\$ 1.829 ao fim dos mesmos 10 meses.
- **Opção 3**, comprar as mesmas TVs, mas ao invés de vendê-las à vista, encontrar dois consumistas aflitos e vender cada uma por 10 parcelas de R\$ 100, “iguais e sem juros”. O resultado ao final de 10 meses será de R\$ 2.190 (R\$ 1.095 para cada venda, como vimos na segunda conta mostrada logo no início desta ficha.)

### Ou seja:

**Vendendo parcelado, o lojista fatura bem mais do que vendendo à vista: R\$ 2.190 ao invés de R\$ 1.829.**

Na verdade, é como se, além do lucro da venda e das aplicações, ele ganhasse também “emprestando” R\$ 750 a cada um de seus clientes (preço da TV à vista), a serem devolvidos em 10 parcelas de R\$ 100 (a primeira paga 30 dias após a compra). Fazendo as contas, neste exemplo, **a taxa de juros paga pelo cliente chega a 5,6% ao mês!!** (Se você tomasse emprestados R\$ 1.000 a esta taxa de juros, ao final de um ano estaria devendo R\$ 1.924!!).

### Concluindo:

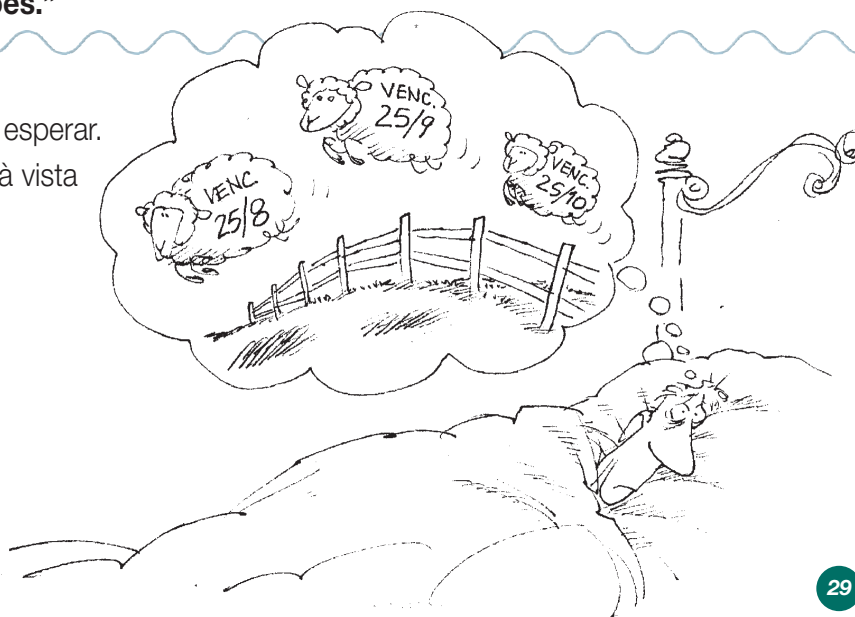
É natural que um negociante busque o maior ganho possível. Enquanto existirem pessoas dispostas a pagar juros exorbitantes para “ter as coisas agora”, alguém cobrará estes juros, e fará isto sempre que puder. A dinâmica do mercado é muito complexa para que apenas a legislação resolva tudo. Além de fazer valer as leis que coíbem abusos, o consumidor consciente deve – sempre – estar atento aos juros, recusar ofertas que não estejam totalmente claras, controlar sua ansiedade e buscar alternativas. Que tal, por exemplo, montar um grupo de compras e, com a ajuda de um banco ou financeira, você e seus amigos comprarem suas próximas TVs diretamente do fabricante, distribuidor ou de um importador? Pode sair bem mais barato.

No mercado, o consumidor é Rei. Mas se ele não souber governar, pagará um alto preço.

## Iceberg da Percepção

### “Dá para eu pagar as prestações.”

- “Me engana que eu gosto.”
- É uma boa desculpa para não esperar.
- “O desconto para pagamento à vista é irrisório, e tenho vergonha (ou preguiça) de negociar.”
- “Esta loja não vende de outro jeito, e vai dar trabalho procurar outra.”
- “Nem sei quanto custa se for para pagar de outro jeito.”



## Descontando os juros embutidos

É muito difícil saber quanto de juros está embutido numa oferta parcelada, e isto dificulta muito a negociação do desconto para pagamento à vista.

O jeito é imaginar a taxa de juros que o vendedor poderia estar considerando, e negociar o desconto correspondente. As tabelas abaixo indicam este desconto.

### Três passos para usar as tabelas:

1. Calcule o valor total da sua compra (soma das parcelas, inclusive a entrada, se houver)
2. Veja a linha que corresponde ao número de parcelas da oferta
3. Localize nesta linha o percentual de desconto na coluna que corresponde aos juros embutidos\*

\*Para “adivinhar” estes juros, analise algumas taxas do mercado, como a do cheque especial, do cartão de crédito ou dos financiamentos para consumo ou empréstimo. Quanto maior a taxa, maior o desconto. (Veja na p. 86 desse Caderno, no item 5 do “ABC”, um exemplo que considera juros de 4,3% ao mês, ou 65% ao ano)

Taxa de desconto para pagamento à vista (se a 1ª parcela vencer 30 dias após a compra)												
Nº de parcelas	Taxa de juros (juros mensais que você ou lojista esperariam ganhar caso aplicassem o dinheiro)											
	0,5%	1,0%	1,5%	2,0%	2,5%	3,0%	3,5%	4,0%	4,5%	5,0%	5,5%	6,0%
1	0,5%	1,0%	1,5%	2,0%	2,4%	2,9%	3,4%	3,8%	4,3%	4,8%	5,2%	5,7%
2	0,7%	1,5%	2,2%	2,9%	3,6%	4,3%	5,0%	5,7%	6,4%	7,0%	7,7%	8,3%
3	1,0%	2,0%	2,9%	3,9%	4,8%	5,7%	6,6%	7,5%	8,4%	9,2%	10,1%	10,9%
4	1,2%	2,5%	3,6%	4,8%	6,0%	7,1%	8,2%	9,3%	10,3%	11,4%	12,4%	13,4%
5	1,5%	2,9%	4,3%	5,7%	7,1%	8,4%	9,7%	11,0%	12,2%	13,4%	14,5%	15,8%
6	1,7%	3,4%	5,0%	6,6%	8,2%	9,7%	11,2%	12,6%	14,0%	15,4%	16,7%	18,0%
7	2,0%	3,9%	5,7%	7,5%	9,3%	11,0%	12,6%	14,3%	15,8%	17,3%	18,8%	20,3%
8	2,2%	4,4%	6,4%	8,4%	10,4%	12,3%	14,1%	15,8%	17,6%	19,2%	20,8%	22,4%
9	2,5%	4,8%	7,1%	9,3%	11,4%	13,5%	15,5%	17,4%	19,2%	21,0%	22,8%	24,4%
10	2,7%	5,3%	7,8%	10,2%	12,5%	14,7%	16,8%	18,9%	20,9%	22,8%	24,6%	26,4%
11	2,9%	5,7%	8,4%	11,0%	13,5%	15,9%	18,2%	20,4%	22,5%	24,5%	26,4%	28,3%
12	3,2%	6,2%	9,1%	11,9%	14,5%	17,0%	19,5%	21,8%	24,0%	26,1%	28,2%	30,1%

Taxa de desconto para pagamento à vista (se a 1ª parcela vencer no ato da compra)												
Nº de parcelas	Taxa de juros (juros mensais que você ou lojista esperariam ganhar caso aplicassem o dinheiro)											
	0,5%	1,0%	1,5%	2,0%	2,5%	3,0%	3,5%	4,0%	4,5%	5,0%	5,5%	6,0%
1	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2	0,2%	0,5%	0,7%	1,0%	1,2%	1,5%	1,7%	1,9%	2,2%	2,4%	2,6%	2,8%
3	0,5%	1,0%	1,5%	1,9%	2,4%	2,9%	3,3%	3,8%	4,2%	4,7%	5,1%	5,6%
4	0,7%	1,5%	2,2%	2,9%	3,6%	4,3%	5,0%	5,6%	6,3%	6,9%	7,6%	8,2%
5	1,0%	2,0%	2,9%	3,8%	4,8%	5,7%	6,5%	7,4%	8,2%	9,1%	9,9%	10,7%
6	1,2%	2,4%	3,6%	4,8%	5,9%	7,0%	8,1%	9,1%	10,2%	11,2%	12,2%	13,1%
7	1,5%	2,9%	4,3%	5,7%	7,0%	8,3%	9,6%	10,8%	12,0%	13,2%	14,3%	15,5%
8	1,7%	3,4%	5,0%	6,6%	8,1%	9,6%	11,1%	12,5%	13,8%	15,2%	16,5%	17,7%
9	2,0%	3,9%	5,7%	7,5%	9,2%	10,9%	12,5%	14,1%	15,6%	17,1%	18,5%	19,9%
10	2,2%	4,3%	6,4%	8,4%	10,3%	12,1%	13,9%	15,6%	17,3%	18,9%	20,5%	22,0%
11	2,5%	4,8%	7,1%	9,2%	11,3%	13,4%	15,3%	17,2%	19,0%	20,7%	22,4%	24,0%
12	2,7%	5,3%	7,7%	10,1%	12,4%	14,6%	16,7%	18,7%	20,6%	22,4%	24,2%	25,9%



## Você sabia?

- Que se ao invés de entrar numa compra de R\$ 1.000,00 em “10 vezes sem juros” você aplicar R\$ 100,00 por mês, (a um taxa mensal de 2 %), em 9 meses você terá R\$ 995,00 ? E que se você negociar com a loja um desconto para pagamento à vista (digamos 10%), poderá comprá-la por apenas R\$ 900,00? Seu ganho terá sido de R\$ 195,00 (resultado do desconto, mais os juros da aplicação e mais a 10ª, prestação, que você nem precisou pagar...)
- 69% dos brasileiros pensam que é conveniente pagar em prestações e usufruir a compra imediatamente. (média 61%).

FONTE: pesquisa Cardif/2005, em [www.cardif.com.br/new/Website%20Cardif/Brasil/pt/pg\\_not\\_05.html](http://www.cardif.com.br/new/Website%20Cardif/Brasil/pt/pg_not_05.html)

- Os menores níveis de inadimplência\* estão nas compras de veículos: por volta de 2%, em 2005. Os maiores, na compra de “outros bens”: entre 9% e 10%. O baixo índice no primeiro caso possivelmente se relaciona à prioridade dada à compra do carro e ao risco de retomada do veículo pelo financiador. Já no segundo caso, o alto índice nos leva a perguntar se não faltou aos compradores planejar melhor suas compras a prazo, muitas vezes, de itens supérfluos ou apenas para reposição.

FONTE: Banco Central do Brasil/ INEPAD – Revista Financeiro/ACREFI – março/2006

\*(pagamentos com atraso superior a 90 dias)

## Dicas

- **“Não existe almoço grátis”** – Frase popular entre economistas, resumindo a ideia de que tudo tem um custo, e alguém paga por ele.
- Procure não misturar “compras” com “tomada de crédito”: os pagamentos parcelados misturam a vontade de comprar com a oferta de crédito, e você acaba “alugando dinheiro” sem perceber.
- Antes de comprar, pergunte a você mesmo: dá para viver mais alguns meses sem isso? Na maioria dos casos, a resposta é SIM, e aí faça seu exercício de poupança.
- “Faça de conta” que comprou o bem que desejava, mas ao invés de pagar as prestações, deposite ou aplique o valor numa poupança só para isso. Quando tiver o dinheiro suficiente, compre à vista.
- Especialmente em bens duráveis (como eletroeletrônicos, móveis etc.) considere que o preço tende a cair conforme o tempo passa e novos modelos são lançados.
- Negocie SEMPRE descontos para pagamento à vista. Use as tabelas na página anterior para se orientar. Se não conseguir um preço justo, mude de loja, ou procure/crie alternativas (grupos de compra, contato direto com a fábrica etc).

## 09- Lidando com um imprevisto financeiro

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Tipos de imprevistos.
- Como evitar que um imprevisto se torne dívida.
- Medidas que ajudam a sanar dívidas geradas por imprevistos.
- Importância dos seguros.

O que caracteriza um acontecimento como imprevisto é o fato dele não ter sido previsto ou desejado, ou ele ter sido considerado improvável.

Nossa vida está repleta deles. Derrubar molho de macarrão na camisa branca. Receber uma multa de trânsito. O celular tocar no cinema. Levar um fora da namorada. É claro que nem todo imprevisto é ruim. Podemos receber um telefonema convidando-nos para um novo e estimulante trabalho. Pegar tempo bom em todos os dias de nossas férias. Ganhar na loteria.

Há, portanto, imprevistos de todos os tipos: os que alegram, os que prejudicam e os que são indiferentes. Os que podemos resolver e os que não podemos.

Não importa o tipo, uma coisa é certa: os previdentes costumam se sair melhor em situações imprevistas, boas ou ruins. Quando o assunto é dinheiro, os previdentes freqüentemente ganham mais em suas aplicações e negócio, e raramente são abalados por imprevistos.

Os previdentes sabem que um imprevisto financeiro só vira dor de cabeça quando não temos como bancá-lo, à vista, com recursos próprios. Se este for o caso, o imprevisto deixa de ser uma despesa não planejada e vira dívida. Se ainda temos como conseguir crédito sem ficarmos, pouco tempo depois, inadimplentes, a dor de cabeça passa com alguns analgésicos.

Caso contrário, vamos precisar fazer cortes e remanejamentos de despesas mais severos enquanto convivemos com a enxaqueca.

Seja qual for o caso, quando um imprevisto financeiro surge, precisamos revisar o orçamento doméstico – ou para estudar a necessidade de recuperar as reservas ou para evitar dificuldades no fluxo de caixa.

Não culpe a má sorte: bater o carro e não ter seguro? Gastos de emergência com o médico ou dentista? Ter que bancar a faculdade dos filhos? Ajudá-los a montar um negócio? E o que dizer da aposentadoria? Nada disto é azar. Tudo isso são acontecimentos para os quais, por imprudência ou imprevidência, você não estava preparado. Afinal, a prevenção e a previdência existem para quê?

Não dê sorte ao azar: planeje e execute bem o planejamento. Você descobrirá que os imprevistos não precisam gerar ansiedades, discussões e dores de cabeça.

### Você sabia?

- A população brasileira se sente vulnerável a imprevistos. Numa escala de 1 a 10, obteve uma pontuação de 6,8, comparada com a média de 5,5 entre 14 países.
- Os itens que mais preocupam os brasileiros são na ordem: doença grave, morte, desemprego, evento grave a um membro da família, acidente de trânsito e ter filhos gêmeos!
- 40% da população ocupada diz não poder manter seu padrão atual por mais de 3 meses em caso de desemprego ou impossibilidade de exercer a profissão.  
FONTE: (Pesquisa: Comportamento do Consumidor - Cardiff/2005).
- De 1995 a 2005, a participação da arrecadação das seguradoras em geral no PIB passou de 2,00% (12.925 milhões) para 2,63% (50.986 milhões) Mas este ainda é um valor baixo, se comparado a países como os Estados Unidos (onde esta proporção é de quase 8,9%).  
FONTE: [www.fenaseg.org.br](http://www.fenaseg.org.br) e [www.dfat.gov.au/geo/fs/usa.pdf](http://www.dfat.gov.au/geo/fs/usa.pdf)
- O “preço do seguro” (valor pago por quem contrata a cobertura, chamado de “prêmio”) varia conforme o risco: no mercado de seguros contra roubo de carros, por exemplo, veículos muito visados por ladrões chegam a ter prêmio anual equivalente a mais de 7% do valor do carro, enquanto para veículos menos visados, ou com equipamentos de segurança que diminuam o risco de roubo, este percentual pode cair para menos de 3%. Já o seguro de um apartamento de R\$ 300.000 em São Paulo - contra incêndio, explosões, danos elétricos e outros riscos - sai por menos de R\$ 300 ao ano (nem 1% do valor do bem)  
[http://carroonline.terra.com.br/confraria\\_seguro.htm](http://carroonline.terra.com.br/confraria_seguro.htm) • [www.susep.gov.br/menuestatistica/autoseg/principal.asp](http://www.susep.gov.br/menuestatistica/autoseg/principal.asp)

- Existem seguros para praticamente todas as situações: morte ou acidentes pessoais, problemas de saúde, danos ao patrimônio, perda de emprego, de condições de renda ou de pagamento da educação etc. Em muitos casos, o custo não é alto e representa uma grande proteção ao seu patrimônio e tranquilidade.
- Que as fraudes contra seguradoras (comunicação de falsos roubos ou acidentes são as mais comuns) geram uma perda anual estimada em 20% do total de indenizações pagas, ou mais de R\$ 1 bilhão por ano\*? E quem paga a conta não são as seguradoras: isto simplesmente eleva a taxa de risco, e faz com que todos paguem mais.

\* FONTE: [www.fenaseg.org.br/presidencia/artigos4.asp](http://www.fenaseg.org.br/presidencia/artigos4.asp) - artigo de João Elísio Ferraz de Campos, presidente da Fenaseg - Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização

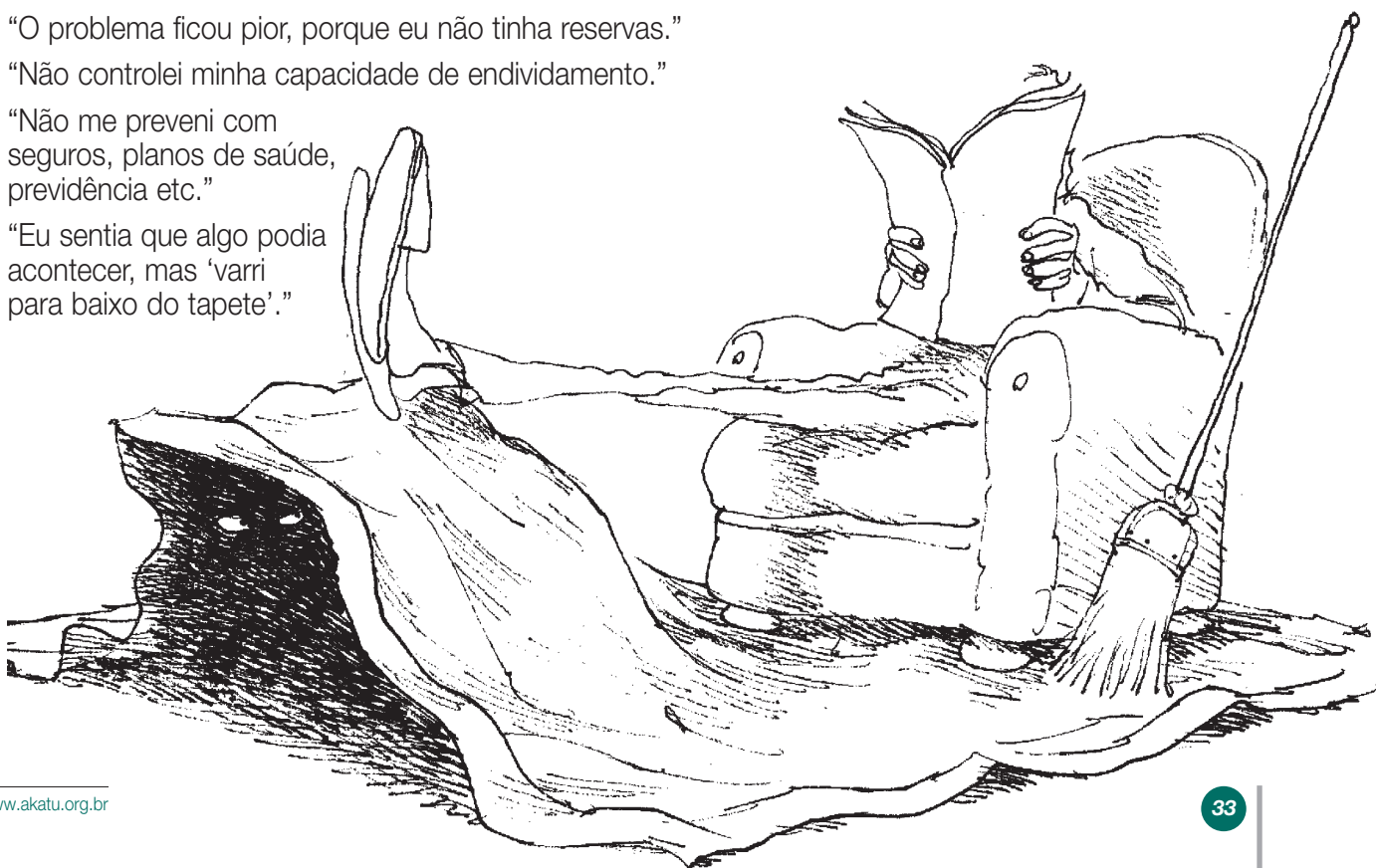
## Dicas

- Prevenir é o melhor remédio.
- Faça seguro e mantenha uma poupança específica para eventuais contratemplos (algo como 1% de sua renda é um bom começo).
- Se não tiver reservas, antes de recorrer à tomada de crédito faça cortes e remanejamentos nas despesas. Procure oportunidades de obter uma renda extra.
- Se tiver recursos poupados, utilize aquele cuja retirada cause menos prejuízo.
- Resolvida a questão imediata, reflita sobre os motivos de ter ficado atrapalhado com o imprevisto financeiro.
- Nunca minta ao contratar seguros: além de você poder ser prejudicado pela perda de direitos de cobertura (como no caso em que alguém omite uma doença pré-existente ao contratar um seguro saúde), estará sujeito a penalidades judiciais e ainda fará com que o seguro fique mais caro para todos os brasileiros.

## Iceberg da Percepção

### Quem poderia prever isto?

- “Comigo não acontece...”
- “O problema ficou pior, porque eu não tinha reservas.”
- “Não controlei minha capacidade de endividamento.”
- “Não me preveni com seguros, planos de saúde, previdência etc.”
- “Eu sentia que algo podia acontecer, mas ‘varri para baixo do tapete’.”



## 10 - “Reclamando dos juros altos”

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O que são os juros.
- O que são as taxas de juros.
- Por que os juros são altos?
- Medidas práticas de como pagar menos juros.
- Quando os consumidores cooperam para os juros altos.

Os **juros** são o “aluguel” que **pagamos** para usar dinheiro emprestado, ou que **recebemos** quando emprestamos ou investimos o nosso dinheiro (capital).

A **taxa de juros** é a proporção entre os juros que serão cobrados no fim de um período e o capital empregado na transação. Exemplo: se o capital for de R\$ 100,00 e os juros que o investidor quer receber ao final de 1 ano são R\$ 10,00, então, a taxa de juros é:  $10/100 = 0,1$  ou 10% ao ano. Os juros podem ser relativos a qualquer período: diário, mensal, trimestral, semestral etc. Veja na página 84 mais informações sobre o cálculo dos juros.

Quanto ao tamanho dos juros, no Brasil, temos muitas razões para reclamar, pois de fato eles são altos. As explicações para os juros altos podem variar.

### Vejamos, por exemplo, o que diz em seu site\* a FEBRABAN (Federação Brasileira de Bancos):

“A manutenção de juros altos não interessa a ninguém, nem mesmo às instituições financeiras, ao contrário do que querem fazer entender (...) aqueles que acreditam que os bancos são os responsáveis pelas elevadas taxas de juros. Todos sabem que juros altos inibem a atividade produtiva, restringem o consumo, aumentam o desemprego e levam a baixo crescimento. E não é esse o quadro que desejam as instituições financeiras, cujo negócio principal deve ser financiar a produção e o consumo. Mas, diferentemente do que ocorre em outros países, onde os bancos vivem de emprestar dinheiro aos clientes, no Brasil o grande tomador de empréstimos é o governo, que precisa financiar seus enormes déficits. Os juros são altos porque o governo, maior devedor da economia, precisa pagar juros altos para obter empréstimos internos para financiar o déficit público”.

Esta posição faz sentido, mas há outros pontos de vista. Governo e empresários também têm seus argumentos, mostrando que juros muito altos são indesejáveis. Saiba mais sobre este assunto lendo os textos: *O sistema financeiro* e *Os juros e as trocas no tempo*, ambos no capítulo 2 deste Caderno.

### Mas algumas coisas são claras e definidas pela velha (e válida) lei da Oferta e da Procura:

- O que tem pouca oferta, custa mais caro (a falta de poupança interna é uma das principais fontes do juro alto no Brasil)
- Se há quem pague, há quem cobre: por que alguém deixaria de cobrar uma taxa absurda de 90% ao ano, se existe alguém disposto a pagar, “já que a prestação cabe no orçamento”?

Parte da culpa pelos juros altos também cabe a nós, consumidores.

Muita gente vive repetindo que não entende (e nem quer entender) de juros, que matemática financeira é complicada, que não adianta nada ficar fazendo contas se está precisando de dinheiro etc. Essa atitude contribui para os juros serem tão altos: ela aumenta a demanda e diminui as condições de negociação dos tomadores.

Cada um de nós tem sua parcela de responsabilidade no tamanho dos juros praticados no Brasil. Faça sua parte. Comece já.

### Você sabia?

- Em 2005, o juro médio cobrado nos empréstimos para pessoas físicas era por volta de 61% ao ano. No mesmo período, os juros pagos ao dinheiro aplicado eram 18% ao ano, em média\*. É comum pensar que esta diferença seja toda destinada ao ganho do banco, o que não é verdade. A diferença entre juros pagos aos aplicadores (“juros da captação”) e juros cobrados dos tomadores (“juros do crédito”) chama-se *spread*, e se destina em grande parte a cobrir a

\* Consulta realizada em janeiro de 2006 ([www.febraban.com.br/Arquivo/Servicos/Imprensa/posicao26.asp](http://www.febraban.com.br/Arquivo/Servicos/Imprensa/posicao26.asp))

inadimplência, os impostos e os custos de operação do banco, além de remunerar o capital dos aplicadores e acionistas.

\*FONTE: Folha de São Paulo, 10/03/06

- Uma taxa de juros de 2% ao mês equivale a 26,82% ao ano (e não a 24%, como muita gente pensa). Esta é outra confusão comum, que ocorre quando se transformam taxas de juros anuais em mensais, ou mensais em diárias, e vice-versa. Para saber a taxa anual, não basta multiplicar a taxa mensal por 12. A razão disso é que o mercado financeiro trabalha com *juros compostos* e não com *juros simples*. Mas isto também pode jogar a seu favor. Saiba mais lendo o texto da página 84
- Além de cumprir seu papel de dinamizadores da economia, uma das contrapartidas que os bancos podem dar à sociedade é ter uma atuação socialmente responsável. Veja no capítulo 4 deste Caderno e no site do Akatu o que alguns bancos e outras empresas estão fazendo neste sentido.

## Dicas

Adote algumas medidas práticas para pagar menos juros:

- pratique um bom planejamento do orçamento doméstico;
- evite tomar dinheiro emprestado;
- reduza o quanto puder suas compras a prazo;
- não use o cheque especial e nem o limite rotativo do cartão de crédito.

**Seja coerente:** calcule as taxas de juros nas suas compras e operações, e RECUSE situações que lhe pareçam abusivas. Em qualquer compra a prazo ou financiamento, calcule quantos dias você vai precisar trabalhar para pagar as prestações (divida o valor de cada parcela pelo valor de sua renda diária). Separe o valor dos juros e veja quanto você precisará trabalhar só para pagar juros. Vale a pena?

## Iceberg da Percepção

“Estou sendo explorado pelos donos do dinheiro!”

- “Prefiro pagar juros para não dever favor.”
- Todo mundo gosta de receber, mas reclama na hora de pagar.
- “Sei quanto estou pagando, e por quê?”
- “Se eu pensar quanto tem de juros, vou ter que desistir da compra.”



## 11- Decidindo tomar dinheiro emprestado

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Qual o melhor momento para tomar dinheiro emprestado.
- O que é preciso levar em consideração antes de fazer um empréstimo.
- As formas de tomar dinheiro emprestado.
- Os perigos de se recorrer a um agiota.

Nosso grande tema é o dinheiro e, ao longo deste Caderno, procuramos alertá-lo para o fato de que o dinheiro é um dos recursos que cada pessoa, cada sociedade e a humanidade como um todo usam para se desenvolver. Entretanto, em praticamente todas as fichas o tema de fundo é a decisão. Uso consciente = decisão consciente.

Este tema é fundamental (de fundo) porque as decisões que vamos tomando ao longo da vida definem a nossa personalidade (nosso modo de ser) e, em grande parte, nosso futuro. É a decisão, e nunca a intenção, que revela quem realmente somos. Decidir é determinar-se, resolver-se. É assumir o comando de si mesmo. É agir com consciência.

São as nossas decisões que transformam um sim ou um não em destino, isto é, em um evento que, uma vez iniciado, vai gerando outros eventos mais ou menos inevitáveis e conseqüentes (ligados entre si). É por esta razão que as pessoas responsáveis não costumam decidir de bate-pronto, ao sabor do momento. Suas decisões surgem ao longo de um processo, ora mais longo, ora mais curto, de ponderação. Pessoas que usam a consciência para decidir ponderam ao invés de meramente escolher.

### Aqui as palavras fazem toda a diferença e vale a pena descobri-las.

Segundo o dicionário Michaelis:

- **Ponderar:** Pesar no espírito; apreciar maduramente, examinar com atenção. Alegar, expor, apresentando razões de peso. Ter em atenção; considerar.
- **Escolher:** Separar segundo qualidade, tamanho, cor etc. Selecionar, classificar. Dar preferência a, entre coisas da mesma espécie. Elegar, nomear. Assinalar, delinear, marcar. Trazer à baila, apontar, citar.

Ponderar é gesto **ético**: ao ponderar não estou levando em conta apenas as minhas preferências e desejos, considero também os efeitos da minha decisão sobre o outro e o meio ambiente.

Escolher é gesto **lógico**: “Este grão de feijão é bom, este não é”. “Gosto disto, mas disto não”.

Nesta ficha, a decisão em pauta tem a ver com a questão: Quando tomar dinheiro emprestado? Para deixar mais clara a importância desta decisão podemos mudar e ampliar um pouco a pergunta: Quando o endividamento é razoável ou necessário?

Sendo assim, a decisão de buscar empréstimo (ou contrair dívidas) deve ser do orçamento e da contabilidade. Não utilize nenhuma fonte de crédito antes de ponderar demoradamente sobre a sua REAL necessidade (não são raras as vezes em que as inventamos) de comprar algo e sua capacidade de endividamento (é bastante comum acharmos que temos mais dinheiro do que realmente temos).

Não cometa o erro de considerar apenas o valor das parcelas mensais ou se deixar seduzir pela disponibilidade de crédito: compras parceladas, saldos do cheque especial, cartão de crédito etc.

### Corre o risco de chegar à insolvência quem não toma esses cuidados.

Mas há outras perguntas que devem ser analisadas com a cabeça bem fria:

- a. Posso mesmo, ou devo desistir do que quero comprar? Isto nos ajuda a diminuir as compras por impulso.
- b. Quem está decidindo a compra: o desejo, a vaidade, a pressão de alguém ou a necessidade?
- c. Não posso mesmo esperar, ou não deveria juntar o dinheiro – guardar mensalmente como se estivesse pagando as prestações do empréstimo ou financiamento – para comprar à vista e com desconto?

- d. Estas verificações da necessidade do gasto devem ser feitas mesmo se o empréstimo pretendido esteja previsto no orçamento; a finalidade é criar ou fortalecer uma mentalidade que enfrente os impulsos consumistas que caracterizam a nossa época.

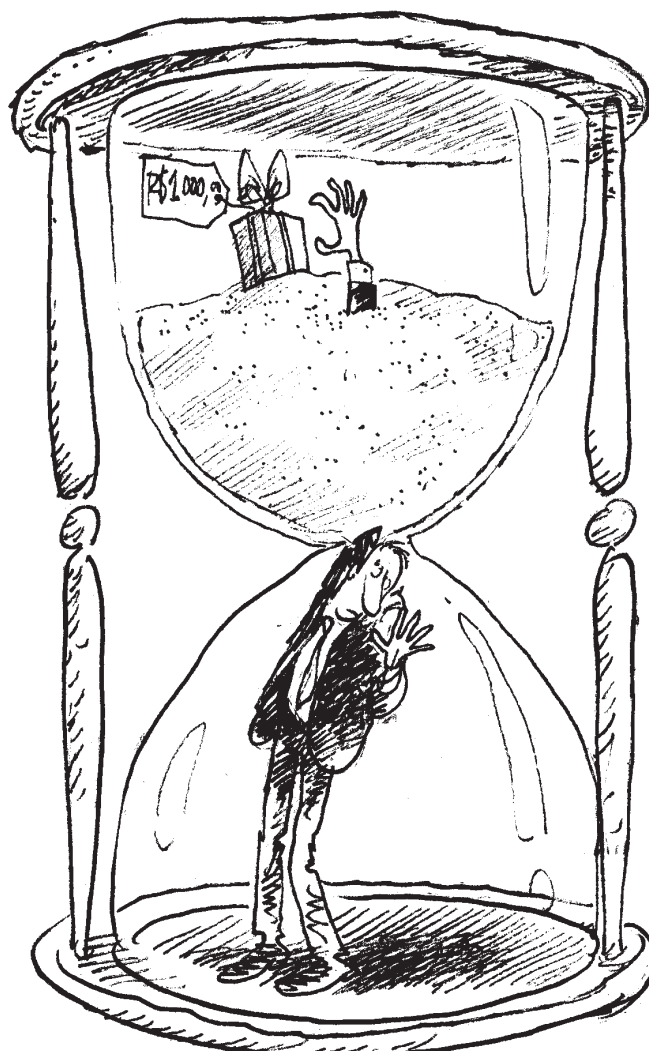
**Lembrete:**

Comprar a prazo, pagar em várias vezes, dar cheque pré-datado, postergar o pagamento, comprar fiado e usar o limite do cartão de crédito ou do cheque especial também são formas de tomar dinheiro emprestado.

## Iceberg da Percepção

### “Preciso de dinheiro agora!” (necessidade inadiável ou oportunidade imperdível)

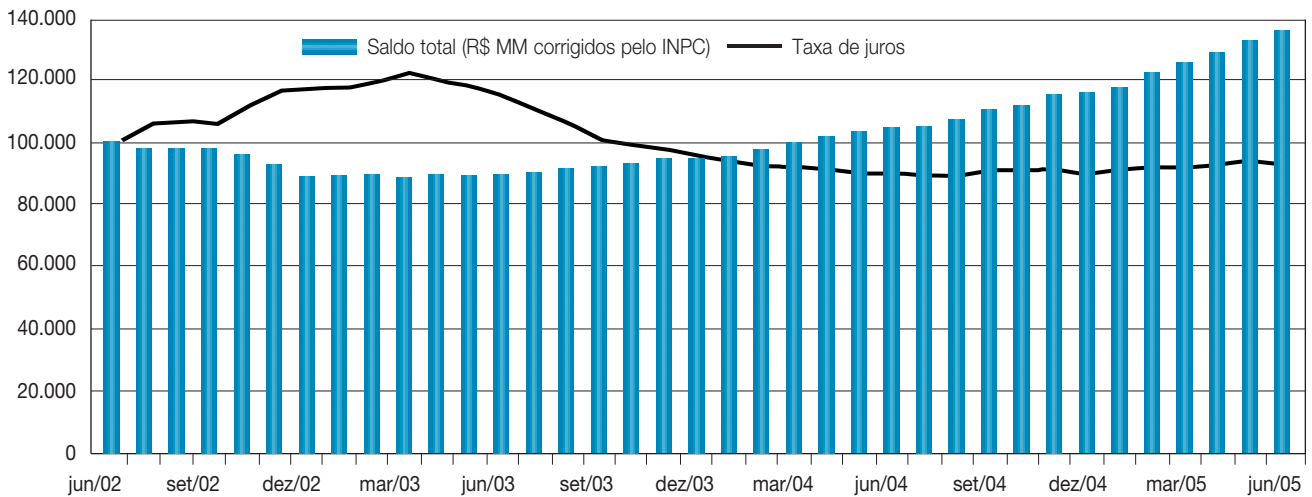
- Quem está no comando: o desejo ou a necessidade?
- “Não vou ‘estourar minha capacidade’ de endividamento?”
- Não dá MESMO para adiar o gasto?
- “E se eu perder o emprego / se a família perder renda?”



**Você sabia?**

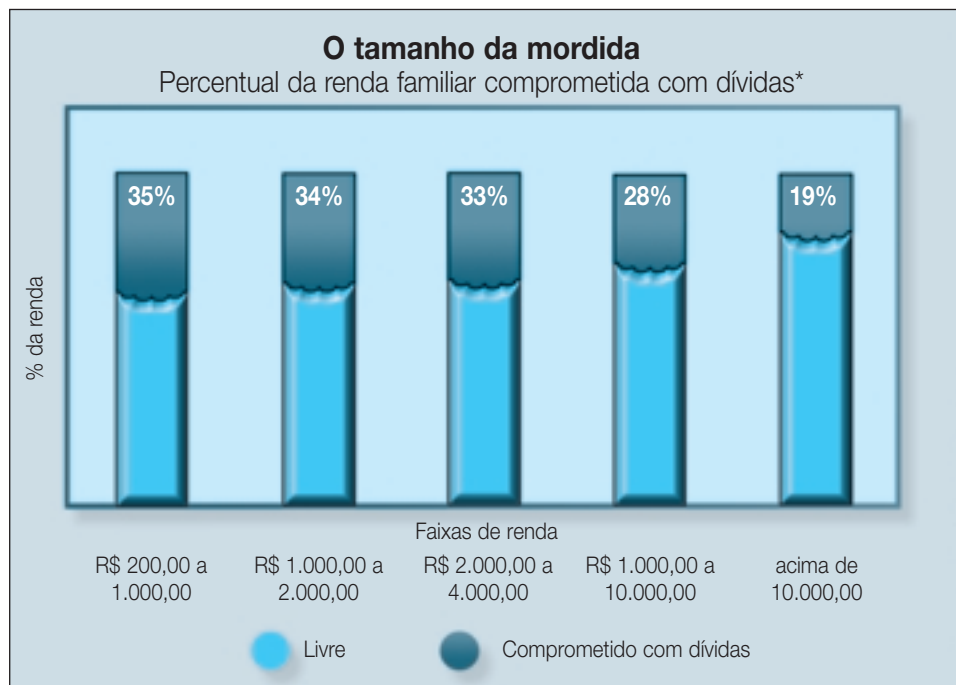
O número de consumidores que informaram ter algum tipo de dívida, seja no cheque especial, cartão de crédito, empréstimo pessoal ou prestação, era de 65% no primeiro bimestre de 2006. Os endividados com contas em atraso eram por volta de 39%. A parcela de consumidores que declara não ter condições de colocar em dia suas dívidas em atraso ficou na faixa de 22%.

**Saldo do Crédito a Pessoas Físicas versus Taxa de Juros (2002 a 2005)**



Este gráfico ilustra claramente a relação entre a disposição do consumidor para tomar empréstimos, frente às taxas de juros: de um modo geral, quando mais alta a taxa, menor o volume de empréstimos tomados. Mas o período de março/2004 a junho/2005 – onde a taxa de juros permanece estável e o saldo de empréstimos aumenta – evidencia um outro lado da questão: lembrando que este foi um período de otimismo na área econômica e política, e de grande oferta de novas modalidades de crédito, fica reforçada a idéia de que estes também são fatores responsáveis pela disposição ao uso do crédito. FONTE: Partner Consultoria – [www.partnerconhecimento.com.br/](http://www.partnerconhecimento.com.br/)

Mesmo quem “ganha bem” também compromete grande parte de seu orçamento com dívidas e prestações:



FONTE: ANEFAC – Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade – 2002 <http://www.vidaeconomica.com.br/familias.htm#topo> (pesquisa na íntegra)

\* percentual da renda mensal comprometido com despesas financeiras ou pago por meio de sistemas de crédito (juros bancários, cartão de crédito e crediários, inclusive prestação da casa própria)



**Dicas**

- Cuidado com seu subconsciente: quando desejamos alguma coisa é comum construirmos justificativas para o que desejamos (por exemplo, quando você deseja trocar o carro, “de repente” começa a achar defeitos que nunca tinha percebido).
- Antes de contrair uma dívida, compare o valor da prestação com o quanto você investe em itens fundamentais, como seu aluguel, ou a mensalidade do seu plano de saúde ou da escola de seu filho. O valor da dívida que você vai assumir é proporcional à importância do que você vai fazer com o dinheiro?

**História de agiota:**

Se consultar um desses anúncios “milagrosos” que prometem “dinheiro na hora, sem fiador nem garantia, mesmo com o nome sujo”, é muito provável que você encontre alguém mostrando muita boa vontade, e propondo a solução de seus problemas. Mas para conseguir um empréstimo de R\$ 5.000, por exemplo, você deverá deixar – além de todos os seus dados pessoais e formas de ser achado - alguma garantia, como cheques pré-datados ou notas promissórias assinadas em branco, ou em valor muito superior ao empréstimo. Como emprestar dinheiro sem o devido registro é crime, o agiota monta uma “operação faz de conta”, provando que sua dívida para com ele é originada na prestação de serviços, ou na compra de algum bem. Outra possibilidade é que ele peça uma “garantia real”, só que aí o “faz de conta” fica ainda mais sério: ele pode pedir que você deixe o documento de transferência do seu carro assinado e em branco “só como garantia”, ou então que você “passe para o nome dele” um bem seu (casa, terreno...), e ao mesmo tempo assine um contrato “comprando de volta” o bem. Ou seja, sua casa ou outro bem já fica sendo dele, até que você pague a dívida toda. Mas com taxas de juros que passam dos 15% ao mês, sua dívida vai dobrar em menos de cinco meses. Na maioria das vezes, o devedor dá o que tem e o que não tem para tentar resgatar o bem (e também para fugir das ameaças físicas e morais – afinal, para que ele queria seus dados de contato?) e acaba perdendo tudo, inclusive a tranquilidade e as possibilidades de se recuperar. **Por isso, por maior que seja o sufoco, nunca, mas nunca mesmo, procure agiotas. É melhor negociar firme com aqueles para quem você já deve, do que acabar nas mãos de um cobrador truculento, ganancioso e ilegal.**



## 12 - Selecionando uma fonte de crédito

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Tipos de fontes de crédito.
- As condições que devem ser analisadas antes de selecionar uma fonte de crédito.
- Quem é o vilão da inadimplência.
- Dicas para fugir das armadilhas.

Atualmente o crédito corre solto e atrás de nós. Existem muitas fontes de crédito; as principais são os bancos e as financeiras; cada uma delas oferece uma quantidade bastante grande de produtos financeiros.

Exatamente por isso a cautela é prática mais do que recomendável: na verdade, é uma exigência.

Em primeiro lugar, aproveite a oferta para negociar melhores condições. Não tenha vergonha de fazer isto com, por exemplo, o lojista ou o gerente do banco.

### Depois, responda questões como estas:

- Qual é a fonte que me oferece as melhores condições: taxas, custos, prazos? Veja ao lado uma lista das fontes mais comuns e seus custos aproximados (conforme a média do mercado financeiro, em janeiro/2006).
- Estou escolhendo a fonte apenas porque ela "facilita" o crédito? Às vezes, nós não temos competência ou frieza suficientes para analisarmos a nossa própria capacidade de tomar um crédito e uma recusa pode ser bem-vinda.
- O contrato está escrito de maneira clara? Preciso de ajuda para compreendê-lo?
- A oferta é boa demais? Cautela: em geral as ofertas muito tentadoras escondem armadilhas que podem vir a custar caro. Lembre que todos estão no mesmo mercado e sabem avaliar o que é razoável ou não. Na dúvida, procure a ajuda de alguém que entenda de finanças (um consultor, um gerente de banco de sua confiança ou um contador) ou a área de RH e assistência social da empresa onde trabalha.
- Esta fonte de crédito é confiável? Conheço alguém que já se relacionou com ela? Onde posso buscar mais informações? Não se esqueça de que para receber o dinheiro que pediu, você dará a quem emprestou uma série de direitos para cobrar o crédito. Existem credores sérios, mas também existem aqueles que tentam abusar de seus direitos, pressionando e mesmo prejudicando, de vários modos, o devedor. O PROCON e o Banco Central são sempre um bom começo.
- Responda novamente as questões da ficha "11-Decidindo tomar dinheiro emprestado" na página 36.

### Você sabia?

- De onde vem a da Inadimplência de pessoa física em 2005:

cartões de crédito e financeiras	34,4%
cheques sem fundos	33,0%
dívidas com bancos:	29,9%
títulos protestados:	2,7%

FONTE: Serasa

- Trocar dívidas "caras e não programadas" (característica do cheque especial e dos cartões de crédito) por empréstimos mais planejados (característica do crédito pessoal) mostra maior consciência no uso do crédito pelos consumidores. Veja como isso está acontecendo:
- Em 2000, o crédito pessoal representava 34% do total de crédito destinado para o consumo. No primeiro bimestre de 2006 este percentual subiu para 41,4%.
- Na outra ponta, o cheque especial foi a linha que mais perdeu terreno: no mesmo período, caiu de 13,5% para 8,4%.

FONTE: dados compilados por Partner Consultoria

## Dicas

- Cuidado com armadilhas "fáceis de entrar, mas difíceis de sair"
- Além dos juros, considerar seriedade, serviço, outros clientes da fonte de crédito.
- Procure opções: quanto maior o valor do empréstimo, mais você deve investir na pesquisa e negociação.
- **"Se quer perder um amigo, empreste dinheiro a ele"** (ditado popular): antes de pedir dinheiro emprestado a parentes e amigos, considere pedir outros tipos de ajuda, menos perigosas para seus relacionamentos e com menor custo moral (dicas de negócios, contatos interessantes, uso de algum bem que possa te ajudar a gerar renda etc.)
- Fuja de agiotas e outros "créditos informais" ou muito fáceis.

Tipo de empréstimo	Taxa líquida (%)		Tipo de empréstimo	Taxa líquida (%)	
	Mensal	Anual		Mensal	Anual
Empréstimo familiar (poupança de 01/01/2005 a 01/01/2006) <sup>2</sup>	0,73	9,12	Antecipação de créditos: 13º salário e restituição de Imposto de Renda <sup>4</sup>	3,00	42,57
Usar um consórcio ao invés de financiar o bem <sup>4</sup>	Taxa de administração entre 10% e 24% do valor do bem		Empréstimos consignados vinculados à folha de pagamento <sup>2</sup>	2,68	37,35
Empréstimos em cooperativas de crédito <sup>3</sup>	2,00	26,82	Empréstimo pessoal em financeira <sup>1</sup>	11,63	274,43
Financiamento de automóveis: venda o carro para pagar a dívida e financie outro (talvez de menor valor) <sup>2</sup>	2,67	37,25	CDC - Crédito Direto ao Consumidor em bancos <sup>2</sup> (financiamento de veículos)	3,50	51,11
Empréstimo pessoal em banco <sup>1</sup>	5,75	95,60	Cartão de crédito <sup>1</sup>	10,24	222,16
Cheque especial <sup>1</sup>	8,21	157,76	Agiotas: jamais os procure! <sup>4</sup>	15% ou mais	435% ou mais
Juros do comércio <sup>1</sup>	6,15	104,66	Empréstimo "de pai para filho" <sup>4</sup>	zero	zero

<sup>1</sup> FONTE: Anefac: <http://www.anefac.com.br/>

<sup>2</sup> FONTE: Banco Central: [http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/\\_HOME\\_OUTRAS\\_456984.shtml](http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/_HOME_OUTRAS_456984.shtml)  
<http://www.bcb.gov.br/ftp/depec/NITJ200602.xls>

<sup>3</sup> [http://www.terra.com.br/istoedinheiro/425/seudinheiro/5430os\\_donos\\_d.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/425/seudinheiro/5430os_donos_d.htm)

<sup>4</sup> Estimativa AKATU

## Iceberg da Percepção

### Onde é mais fácil e conveniente conseguir dinheiro?

- Pesquisar e "pechinchar": crédito é dinheiro que você "aluga" pagando juros.
- Pressa ou "preguiça" de procurar opções.
- Sentimento de inferioridade, vergonha de negociar.
- Medo de perder a oportunidade.
- Comprar a prazo é o mesmo que tomar um empréstimo.



## 13 - Tendo um crédito recusado

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Como provar que é um bom pagador.
- Qual é a função do crédito.
- Cuidados a serem tomados.
- Garantias que ajudam a obter créditos.

Além de significar confiança, crédito refere-se à boa fama de alguém. O fio da barba perdeu prestígio - mesmo o de alguém que tem o “nome limpo na praça” - porque em geral as pessoas que decidem conceder ou não os empréstimos a pessoas físicas já não conhecem pessoalmente os devedores, como ocorria décadas atrás. Naquela época, a reputação de todos, tomadores de crédito ou não, estava ali, à vista de muitos. Então, a grande fonte de crédito naqueles tempos era, de fato, a reputação.

O crédito vem da reputação e a reputação nasce de uma história pública de relacionamentos. É por isso que quem não pode provar que pagou direitinho o que ficou devendo para outros costuma ter mais dificuldade para conseguir financiamentos e empréstimos.

Quem não tem histórias deste tipo para contar, não tem fama de bom pagador. Então guarde carnês de prestação, e contratos de financiamentos. Talvez você precise deles para convencer um gerente de banco ou financeira a lhe emprestar algum dinheiro. Não desdenhe pequenos créditos, pois eles também ajudam a formar a sua “biografia” no mercado financeiro.

Outra queixa corriqueira tem a ver com o mito de que só tem crédito quem não precisa.

Coloque-se no lugar do agente financeiro. Por que ele emprestaria dinheiro a alguém se estiver em dúvida de que essa pessoa conseguirá saldar a dívida?

E este raciocínio não se aplica apenas a quem tem rendimentos considerados modestos. Por exemplo. Imagine alguém com uma renda mensal grande, digamos, R\$ 15.000,00. Ele quer fazer um negócio de R\$ 2.000.000,00 e não tem garantias ou fiadores. Nunca guardou dinheiro, tem um padrão de vida esbanjador e não consegue comprovar um histórico de bom pagador. Baseado em quê o gerente do banco lhe emprestaria o dinheiro?

O fato é que é muito comum confundirmos crédito com receita\* e, por isso, também é comum recorrermos a créditos para pagarmos dívidas geradas por créditos anteriores. E, sobretudo nestas horas, beiramos a indignação quando um banco nos nega “auxílio” para rolar a dívida.

Depois que a irritação passar, reflita: a finalidade de uma boa linha de crédito não é nos “tirar do buraco”: o crédito existe para agilizar a economia e facilitar os negócios, e só excepcionalmente pode ser visto como um “pronto-socorro financeiro”. E cuidado com essas “ajudas de emergência”: as piores fontes de crédito são exatamente os agiotas que “facilitam” no começo, para abusar e pressionar depois.

Os bons agentes financeiros estão a par disso. Na verdade, deveríamos agradecer ao gerente de um banco ou financeira que nos negasse mais crédito quando estamos nessas condições e, apesar disto, desejamos seguir em frente. Eles não protegem apenas a nós, impedindo que o buraco se aprofunde: protegem também os demais clientes do banco ou da financeira. Por que então não lhes agradecemos ao invés de os xingarmos?

É verdade: “imprevistos acontecem”, e em algum momento mesmo as pessoas mais previdentes podem se ver em apertos. Nessas horas, o que mais vale é ter algum tipo de reserva, ou pelo menos uma boa reputação em sua rede de relacionamentos.

### Você sabia?

- Que mesmo numa operação simples como tomar um cafezinho na padaria o conceito de crédito já está presente?
  - Se o cliente paga depois de tomar o café, é porque o caixa acredita que ele não vai sair sem pagar a conta. Já se o cliente compra primeiro a ficha no caixa, ele é que dá crédito ao estabelecimento, pois aceita pagar antes e receber depois.

\* Saiba mais sobre estas definições no texto “Elementos básicos de gestão financeira, na p. 133 deste caderno.

- Isto é uma operação de crédito: cada parte avalia os riscos (valores) envolvidos, as possibilidades de que o devedor não pague (reputação do cliente), as consequências de não cumprir a sua parte e a finalidade do crédito requerido.
- Imagine esta situação com algumas variáveis: cliente antigo x cliente desconhecido; cliente bem apresentado x cliente maltrapilho ou bêbado; compra de apenas um cafezinho x compra de alto valor; crédito para compra na loja x empréstimo do mesmo valor, mas em dinheiro. Veja como o cenário muda, e imagine como isto tudo se aplicaria a uma loja ou a um banco.

## Dicas

- Procure manter um bom histórico em todas as suas transações financeiras e, sempre que possível, guarde recibos e comprovantes que mostrem sua pontualidade.
- Lembre que além da reputação, outro elemento-chave para o crédito são as garantias (dão maior certeza de recebimento para o credor). Se você não tiver histórico bancário, as garantias serão fundamentais para você obter o crédito.
- Tome cuidado com golpes: se seu crédito for recusado em uma financeira ou banco, peça imediatamente de volta todos os papéis que você preencheu ou assinou. Existem casos em que estes papéis foram usados depois para liberar créditos para terceiros, mas ficou devendo quem assinou os papéis.

**Ao negociar as condições de um empréstimo, considere a proporção entre JUROS , GARANTIA e REPUTAÇÃO/CADASTRO.**

**Quando um desses fatores é baixo, os outros sobem, e vice-versa. Nunca os três são baixos, e nunca os três podem ser altos.**

## Iceberg da Percepção

**A raiva por não conseguir o crédito.**

- Você quer “mais corda para se enforcar”?
- Para recorrer a um sistema existente, é preciso “entrar no jogo”.
- O melhor é se prevenir para não precisar de empréstimos.
- O crédito existe para dinamizar os negócios, e não como “pronto-socorro” financeiro.



## 14 - Protegendo o sistema de crédito

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- A função da SERASA e do SPC.
- Como o consumidor pode usar a SERASA e o SPC em benefício próprio.
- O que é o “Cadastro Positivo de Consumidores”.
- Como “limpar o nome”.

Quem realmente deseja proteger os seus direitos de consumidor, deve se informar sobre os sistemas de proteção ao crédito existentes no Brasil.

Ao lado de Instituições Públicas como o Procon (Órgão de Defesa e Proteção ao Consumidor), do Juizado Especial Cível (antigo Juizado Especial de Pequenas Causas) e de organizações não governamentais como o IDEC (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor), estão instituições do setor privado como a SERASA, Centralização de Serviços dos Bancos S.A. e o SCPC – Serviço Central de Proteção ao Crédito (mais conhecido como SPC).

A SERASA possui uma das maiores bases de informações do mundo. Ela serve a bancos, lojas comerciais e empresas de todos os tamanhos. Ela também ajuda aqueles que desejam recuperar o crédito, tirando o nome daqueles que acertaram suas pendências das listagens negativas de bancos e de cartórios de protestos. Os serviços são totalmente gratuitos e não exigem intermediários (advogados, despachantes etc.). O site da SERASA ([www.serasa.com.br](http://www.serasa.com.br)) disponibiliza todas as informações para regularização de pendências junto a bancos.

Já o SCPC é um serviço prestado pela Associação Comercial de São Paulo (outros estados brasileiros têm serviços semelhantes) que fornece informações aos lojistas sobre consumidores endividados ou fraudulentos. Desde o ano 2000 a Rede de Informações e Proteção ao Crédito interliga 1200 serviços de proteção ao crédito em todo o Brasil. Ela fornece respostas a mais de 200 mil consultas diárias.

Muitos têm aversão ao SERASA e ao SCPC. Costumamos imaginar que estes serviços se dedicam a “sujar” o nosso nome e, além de nos envergonhar, bloqueiam nosso acesso ao crédito. Não é bem assim, pois os bons clientes - que são a maioria - têm seu crédito aprovado sem complicações. Além disso, a eficiência do serviço tem efeitos positivos na redução da taxa de juros, pois diminui o risco das operações de crédito comercial.

A SERASA foi mais longe e instituiu um Cadastro Positivo de Consumidores. O propósito deste cadastro é fornecer a bancos e empresas boas informações (como pontualidade e ausência de problemas) sobre os que nele estiverem inscritos, a fim de agilizar uma compra ou uma aprovação de crédito. Essas informações podem, inclusive, render menores taxas de juros ao cadastrado.

Para se cadastrar, você deve preencher um formulário e assinar um documento concordando em participar do cadastro.

Longe de atrapalhar as nossas vidas, os sistemas que buscam diminuir os riscos inerentes ao fornecimento de crédito, efetivamente facilitam os negócios que fazemos em lojas, bancos e com empresas.

Ao invés ter medo ou raiva deles, vale a pena contribuir para que funcionem cada vez melhor. Veja como, nas “dicas” a seguir.

### Você sabia?

- Os juros pagos pelos indivíduos e pelas empresas são bem acima dos juros pagos pelo governo. Várias possibilidades explicam o “spread” alto, dentre as quais as dificuldades de recuperação de créditos e de avaliação dos riscos de crédito. As informações sobre os tomadores de crédito não são amplamente compartilhadas. “Um banco de dados mais abrangente sobre a qualidade do crédito dos clientes potenciais poderia promover maior competição entre as instituições financeiras e baixar os juros”, avaliou Raghuran Rajan, economista-chefe do FMI (*Valor*, São Paulo, 09 set. 2005, p. C8).
- As pessoas físicas já respondem por 45,8% do total de empréstimos disponibilizados por bancos e financeiras, contra 54,2% das pessoas jurídicas. Em dezembro de 1996, por exemplo, a participação dos consumidores era de apenas 12,1%. (*Dados do Banco Central compilados pela Partner Consultoria*). Esta grande elevação, em tempo curto, no volume de crédito a pessoas físicas, leva naturalmente a um aumento no risco de inadimplência, e conseqüentemente a um aumento do “spread”.
- O “spread” no Brasil, em 2005, foi de 29,5% em média, contra 4% no Chile e 6,5% no México.

## Dicas

- Informe a SERASA ou SCPC falhas de atendimento, e cobre soluções.
- Denuncie junto a esses órgãos os comerciantes ou instituições financeiras que fazem mal uso do sistema, cadastrando informações incorretas, demorando para baixá-las, ou mesmo usando SERASA, SCPC e outros nomes como uma ameaça contra clientes em atraso.
- Se “ficar com seu nome sujo”, não se desespere: sempre é possível limpá-lo, e o máximo que vai acontecer é você não conseguir créditos novos por uns tempos, e ter que parar de aumentar suas dívidas (mas não era isso mesmo que você precisava?)

“O que move o nosso negócio não é o dinheiro, mas a confiança. Dinheiro para aqueles em quem confio é barato, e não precisa de garantia”

frase atribuída a JP MORGAN, um dos patriarcas dos bancos norte-americanos (um pouco exagerada, mas mostrando as bases do sistema de crédito)  
 FONTE: revista Veja de 01/03/06

### “Faça você mesmo...”

Não gaste dinheiro à toa contratando advogados e despachantes para “limpar seu nome”. Em geral, baixar registros negativos requer apenas um pouco de paciência e dedicação a juntar e organizar documentos, mas não é nada impossível. Consulte o site da SERASA e veja como proceder nos casos mais comuns.

## Iceberg da Percepção

### “O que eu tenho a ver com a proteção desse sistema?”

- Você emprestaria dinheiro para um desconhecido ou endividado?
- Quanto mais seguro o sistema, mais baixos os juros e mais fácil o crédito.
- É preciso compartilhar informações - positivas ou negativas - para que todos possam tomar decisões.



## 15 - “Saindo do buraco”

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Os distúrbios psicológicos dos endividados.
- A importância do equilíbrio emocional no pagamento das dívidas.
- Como negociar com o seu credor.
- Seis providências indispensáveis para pagar as dívidas

Quem está endividado não deve se desesperar nem achar que o mundo acabou. Mas também não deve, sob nenhuma hipótese, protelar. Alguns dos distúrbios mais comuns em pessoas endividadas são: insônia, irritação, desconcentração, desassossego, baixa auto-estima, pessimismo, cansaço, falta ao trabalho, desmotivação, enfraquecimento moral, desespero etc. Por isso, organizar as finanças e quitar as dívidas deve ser prioridade para os endividados.

A **primeira providência** é descobrir onde errou, reconhecer sua parte e não ficar culpando os outros pela situação. E assumir responsabilidades, ao contrário do que frequentemente se imagina, fortalece aquele que precisa “levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”. Isto não significa “ficar por baixo”, nem se sentir culpado. Aprenda com o erro, e daqui para frente só assuma compromissos que possa mesmo cumprir. Precisar de muito cuidado para não inviabilizar sua capacidade de pagamento (para ganhar dinheiro, você precisará de tempo e tranquilidade para trabalhar e descansar).

A **segunda providência** é cuidar muito bem de cada Real que possui. Quando a meta é se livrar de dívidas não existem pequenas despesas. Em **terceiro lugar** não saia correndo para pegar mais dinheiro emprestado, para pagar os empréstimos e dívidas atrasadas. Medite sobre algumas fichas desse caderno: “Cortando o orçamento doméstico”, “Fazendo pequenas despesas”, “Lidando com um imprevisto financeiro”, “Decidindo tomar dinheiro emprestado” e “Selecionando uma Fonte de Crédito”.

**Quarto:** tente compreender a posição dos credores. Bancos e instituições financeiras não são entidades filantrópicas; eles não querem perder dinheiro e treinam seus gerentes para negociar em qualquer situação. Mas isto não significa que você deva considerar apenas as prioridades deles: Por exemplo: se, de fato, for impossível pagar sua dívida integralmente, busque negociar com o credor um valor menor para liquidar o débito, e que seja viável para ambas as partes. Às vezes também é melhor para ele receber menos e encerrar o assunto, do que manter uma pendência.

**Quinto:** para quem está endividado, as palavras de ordem são: **negociação e diálogo**.

**Sexto:** esqueça a vergonha e a baixa auto-estima. Coloque as contas no bolso, procure seus credores e renegocie. Comece pelos maiores: eles têm mais a perder. Por isso, tendem a ser mais flexíveis. A posição deles servirá de exemplo para os menores. Durante a renegociação não invente ou conte “histórias tristes” (imagine quantas eles já não escutaram...) Não adote uma postura de inferioridade. Comporte-se como “gente grande” e vá direto ao ponto.

### Desenvolva algumas habilidades, por exemplo:

- escutar o seu interlocutor;
- fazer perguntas e dar respostas objetivas (evite justificativas);
- explorar alternativas para cada uma das dívidas, sobretudo aquelas de longo prazo; vá preparado para ouvir um “não” nas primeiras propostas;
- não usar a estratégia de ataque/defesa;
- não fazer contrapropostas assim que seu ponto for rejeitado. Insista um pouco e depois peça um tempo para pensar; (uma vez que “as cartas estão na mesa”, gaste todo o tempo que precisar e não se deixe intimidar pela “pressa do credor”);
- não se fixe ferreamente em algum ponto de sua proposta: mantenha-se flexível, dentro das possibilidades que conhece, e explore novas perspectivas e soluções;
- revise, de tempos em tempos, o que foi discutido durante a negociação, e teste se o interlocutor está entendendo os seus argumentos;
- sempre que possível, evite gastar dinheiro com intermediários: advogados, despachantes etc.



## Apresente ao credor o seu plano para pagamento das dívidas e não se esqueça:

- Jamais prometa mais do que realmente possa cumprir; mostre que você quer resolver o problema e peça o máximo de concessão;
- Jamais coloque o credor na defensiva acusando-o de ser o responsável pela sua situação.
- Aja logo. Não espere para descobrir que o buraco sempre pode ficar mais fundo.

### Você sabia?

Mesmo situações extremas têm suas saídas: veja o caso da Argentina. Devido a inúmeros desmandos econômicos, este país caiu numa situação de grave crise social, com rápido aumento da pobreza e fuga de investidores. No fundo do poço, tomou uma atitude extrema e renegociou “na marra” suas dívidas. Pagará aos credores apenas 20 a 25 centavos por cada dólar devido. Conseguiu reestruturar a dívida e uma conta de US\$ 102 bilhões ficará por US\$ 30 bi. Mas isto tem um preço altíssimo: demorará décadas até que esse país consiga reverter sua imagem junto aos bancos e investidores e, até lá, dificilmente contará com alguma ajuda externa para seu desenvolvimento. (FONTE: ELIO GASPARI, “Kirchner deu o maior calote da história” (*O Povo*, Fortaleza, 02 mar. 2005, p. 20)

### Dicas

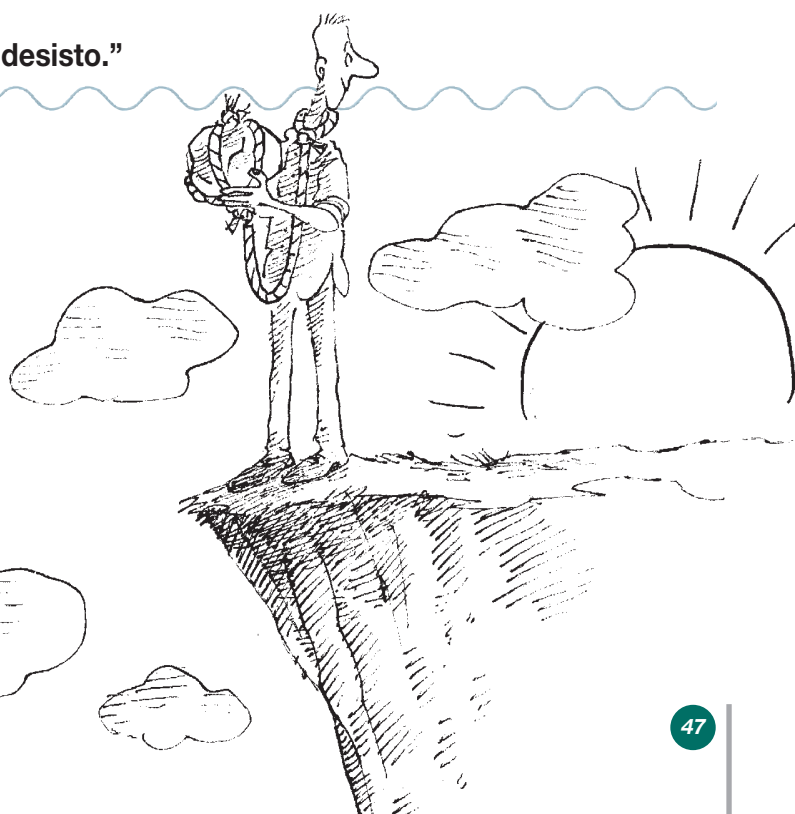
- Faça seu orçamento e liste tudo que deve.
- Converse com sua família e amigos, explique que você está tomando medidas para reverter a situação.
- Lembre-se que é passageiro: o importante é reverter o sentido de como as coisas vinham caminhando.
- Experimente neste período pagar suas contas normais em dinheiro. É uma boa maneira de reconhecer o valor real do bem que vai ser adquirido e pensar se realmente vale a pena.
- Leia os “8 passos para sair do endividamento”, na p. 130.

“Devo, não nego. Pago como puder.” (ditado popular, adaptado)

## Iceberg da Percepção

“Estou na lona, e não tenho mais ânimo: desisto.”

- Só para a morte não há remédio.
- É ruim, mas não é o fim do mundo.
- Experiências duras podem gerar grandes aprendizados.
- É hora de refletir, para recomeçar em bases mais sólidas.
- Não se sinta um derrotado: gente mais preparada que você também já passou por isso.



## 16 - Satisfazendo necessidades básicas

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Até que ponto o dinheiro satisfaz as necessidades básicas.
- Como satisfazer as necessidades, diminuindo os impactos no meio ambiente e sociedade.
- Como construções inteligentes ajudam a economizar na manutenção de uma residência.

As necessidades básicas de qualquer ser humano são: afeto (companhia de outros humanos), trabalho (ocupação do tempo e realizações), expressividade (precisamos dizer o que pensamos, queremos e sentimos), reflexividade (precisamos saber quem somos e qual é o valor do que estamos fazendo: cultivar uma vida interior), alimentação, vestuário e habitação. Esta não é uma lista completa: faça um exercício e identifique mais algumas coisas essenciais para a nossa vida. Uma característica de todas estas necessidades básicas é que não podemos satisfazê-las sozinhos, ou apenas com dinheiro. Ninguém come dinheiro e nem se veste ou se cura apenas com ele. Essencial para satisfação dessas necessidades é a existência de recursos naturais e de pessoas dispostas a cooperar e trocar conosco. O dinheiro é apenas um instrumento para facilitar este processo. De nada adianta o dinheiro acumulado, se os recursos naturais estiverem esgotados, ou se a sociedade estiver desestruturada por guerras ou extrema desigualdade social. É preciso, portanto, cuidar não só para ter dinheiro, mas também para ter uma coletividade social e ambientalmente sustentável.

Nesta ficha vamos tomar como exemplo uma das necessidades básicas - a habitação – que consome em média 35% do orçamento das famílias brasileiras\* e que provoca enormes impactos sobre os já fragilizados ecossistemas do planeta. Tais ações levam em conta os impactos sociais e ambientais das construções que fazemos e utilizamos; elas contribuem – e muito – com esforços que estão sendo realizados para aumentar a sustentabilidade dos projetos humanos.

Em síntese, as práticas abaixo diminuem os impactos ao meio ambiente e à sociedade, controlando os riscos em cada um dos ciclos de vida dos edifícios: planejamento, construção, uso, manutenção, reforma e demolição.

### Os riscos mais importantes, em obras de qualquer tamanho e, portanto, também nas que você próprio faz, são:

- deterioração do entorno da obra (relativo ao meio ambiente e à cidade), decorrentes da falta de cuidados de manutenção, estéticos, limpeza, organização etc, e também do uso do espaço construído quer seja público ou privado;
- desperdício de água e energia (incluindo a queima de combustíveis), derivado do descuido com o resultado final, que leva à criação de ambientes com mau aproveitamento da luz e da temperatura naturais, ou à impermeabilização excessiva do solo;
- desperdício de matéria prima, produtos manufaturados e industrializados;
- transporte descuidado e não planejado de materiais e entulhos;
- abastecimento e retirada desordenada e desrespeitosa de materiais;
- destinação de entulhos;
- criação de ambientes poluidores: poluição visual, sonora e atmosférica; vibrações etc;

Cuidados para evitar esses riscos, além de multiplicarem o ganho socioambiental e a qualidade de vida sua e da vizinhança, geram vantagens econômicas.

Existem muitas iniciativas e pesquisas relativas ao tema que visam à melhoria do desempenho ambiental das construções; informe-se sobre elas antes de construir ou reformar sua casa ou local de trabalho.

### Você sabia?

- A impermeabilização dos solos por ruas, calçadas e áreas revestidas nos imóveis particulares é uma das principais causas das enchentes nas grandes cidades.

\* fonte: IBGE, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003.

- A ocupação irregular das áreas de mananciais (destinadas à preservação das fontes de água que abastecem a população) causa contaminação da água, redução da sua produção e diminuição da capacidade dos reservatórios.
- A quantidade de entulho gerado pela construção civil chega a representar 50% do lixo domiciliar dos municípios brasileiros. Isso provoca problemas ambientais, uma vez que grande parte dos resíduos é depositada de forma irregular. (<http://www.fundep.ufmg.br/homepage/noticias/3301.asp>)
- Existem no Brasil 6 milhões de domicílios vagos (4,6 milhões urbanos e 1,4 milhão rurais), que representam 88% do déficit habitacional nas áreas urbanas do País.  
(Fonte:Secretaria Nacional de Habitação -Domicílios vagos e obsolescência das edificações <http://www.fehab.com.br/APRES/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Hereda.pdf>)

## Dicas

- Ao construir ou reformar uma casa, planeje com atenção aspectos como iluminação, ventilação, facilidade de limpeza e outros, que melhorarão sua qualidade de vida e economizarão nos custos de manutenção.
- Jamais permita que o entulho seja jogado em ruas, rios ou outros lugares inadequados. Evite a geração de resíduos e cuide para que ele vá sempre para um local autorizado.
- Mantenha sempre áreas livres para jardins, canteiros e outros lugares por onde a água da chuva possa infiltrar-se no solo.
- Instale sistemas de coleta, armazenagem e distribuição da água de chuva, para uso na limpeza. Pesquise “água de chuva” na internet e veja as várias opções disponíveis (é mais simples e barato do que parece!).
- Trate bem de sua residência e de sua cidade, mantendo a limpeza e boa aparência: com um pouco de cuidado e trabalho é possível melhorar muito a qualidade de vida de todos. Isto evita a expansão urbana e aproveita os investimentos existentes.
- Para o revestimento de calçadas e outras áreas externas procure sistemas de piso drenante que permitem a infiltração da água no solo (por exemplo “Budfloor” - [www.braston.com.br](http://www.braston.com.br)).

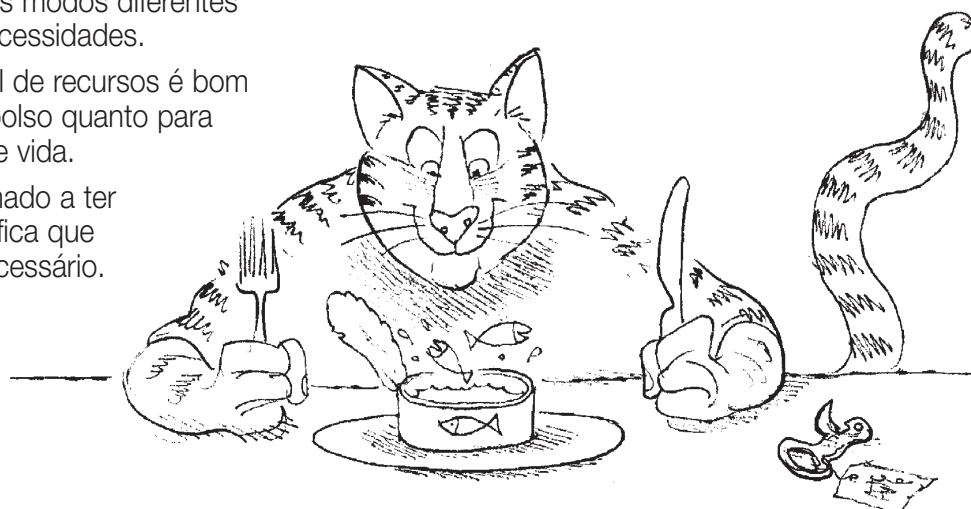
## Fontes de consultas

1. **Revista “Sustentação”** (<http://www.arcdesign.com.br/auto/sustentacao/>)
2. **HQE** (Haute Qualité Environnementale – Elevada Qualidade Ambiental) ([www.assohqe.org](http://www.assohqe.org)).
3. **Filosofia Building Green**, movimento que incentiva o uso de produtos recicláveis e mais adaptáveis ao meio ambiente e à sociedade. A meta é construir e ocupar edifícios de forma sustentável. O foco dessa filosofia está na utilização consciente e planejada das fontes de recursos e na diminuição de impactos ao meio ambiente. Pesquise “Building green” na internet.

## Iceberg da Percepção

**Não dá para viver sem consumir recursos naturais e gerar impactos no meio ambiente.**

- Existem muitos modos diferentes de atender necessidades.
- O uso racional de recursos é bom tanto para o bolso quanto para a qualidade de vida.
- Estar acostumado a ter algo não significa que aquilo seja necessário.



## 17 - Invejando os ricos

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O que é a inveja.
- Quais as principais fontes de inveja.
- Os três tipos básicos de inveja.
- Como driblar o sentimento de inveja e usá-lo como estímulo.

Desde muito cedo, sabemos o que é senti-la. Para Freud, começamos a experimentar o veneno da inveja já nos primeiros dias de vida.

Impulso ligado à frustração, a inveja pode gerar uma vasta gama de tristezas: desde um leve aborrecimento até o ódio mais enraizado, passando pelo ciúme e pela cobiça.

É uma raiva especializada. Mais do que vontade de ter algo que pertence ao outro, a inveja é dirigida ao status do proprietário. O invejoso “se morde” porque outra pessoa tem mais status do que ele. (sendo que além de econômico, o status pode ser social, pessoal, familiar, afetivo etc.)

A inveja faz do êxito alheio motivo de despeito. É uma sopa feita de raiva, desgosto e amor-próprio ferido.

O dinheiro, a fama, o prestígio, a beleza e o poder são as maiores fontes de inveja precisamente porque dão alto status social aos seus possuidores. Os invejosos, no mínimo, usam a fofoca para diminuir-lhes o mérito.

Invariavelmente, as fofocas dirigidas às pessoas e países ricos imaginam falcatruas e afirmam que os ricos são os responsáveis (ou deveriam responder) pela maioria das mazelas do mundo. E por aí vai. De fato, existem muitos casos em que o acúmulo de riquezas é excessivo e desigual, gerando ou aumentando injustiças para muitos. Há também casos em que a riqueza foi mesmo acumulada de forma predatória, exploradora ou mesmo degradadora de pessoas e da natureza. Separar estas questões éticas e objetivas do simples “ressentimento por não ter o mesmo” é essencial para uma ação efetiva visando um mundo melhor, mais justo e sustentável.

A inveja se torna perigosa quando justifica deixarmos de ir atrás do que queremos. De tanto se ocupar e se preocupar com a vida alheia, o invejoso crônico acaba deixando de lado sua própria vida e deixa de se esforçar para desenvolver suas virtudes, aproveitar as oportunidades e realizar o potencial que tem. O mundo do invejoso é feito de valores sombrios que lhe roubam o bom-senso e o desejo de seguir em frente.

### O psicólogo Carlos Byington identifica três tipos básicos de inveja:

1. **Inveja autodestrutiva:** provoca a desagradável e imobilizante sensação de inferioridade em relação a alguém.
2. **Inveja patológica:** é a mais perigosa delas, pois leva o invejoso a querer prejudicar, machucar ou mesmo matar alguém.
3. **Inveja criativa:** é fruto de uma admiração e serve de estímulo para irmos atrás de nossos próprios objetivos; essa “inveja” nos motiva a construir as qualidades que vemos em outras pessoas.

Portanto, a inveja tem “cura” e pode ser sublimada, isto é, transformada em uma atitude positiva. O processo começa quando tiramos o foco da pessoa de quem sentimos inveja, e o colocamos sobre nós mesmos.

**Agora, o inverso.** Se você sente que alguém lhe inveja avalie se não é você que, inconscientemente, está estimulando isso. Certifique-se que você não está desmerecendo essa pessoa ou se vangloriando diante dela. Feito isso, aja de modo diferente. O rabino Nilton Bonder, em seu livro “A Cabala da Inveja” recomenda que procuremos ser mais amorosos com as pessoas e, portanto, menos competitivos.

Em resumo, não permita que sua alma fique dividida entre um sentimento de inferioridade que o tornará invejoso e um sentimento de sobrevalorização que atrairá “olhos gordos” sobre você.

### Você sabia?

Para vencermos a pobreza é preciso conhecê-la:

- Os 10% de mais ricos no Brasil têm renda mensal de R\$ 2.183 per capita.

- Os 10% mais pobres têm renda mensal per capita de R\$ 571. ([http://www.care.org.br/?pobreza\\_artigos16](http://www.care.org.br/?pobreza_artigos16)) Ou seja, os que se acham de “classe média” pertencem, na verdade, às camadas mais ricas da população, se considerada a situação do povo brasileiro. A verdadeira “classe média”, em termos de renda, são os usualmente vistos como pobres, e os verdadeiros pobres são invisíveis aos olhos da opinião pública (e das políticas públicas)! (veja gráfico na pág. 83) ([http://www.care.org.br/?pobreza\\_piramide](http://www.care.org.br/?pobreza_piramide)). Informações produzidas pelo IETS ([www.ies.inf.br/](http://www.ies.inf.br/)), com base em dados da PNAD - IBGE 1999.
- No Brasil, a renda de uma pessoa do grupo mais rico é em média 25 a 30 vezes maior que a de uma pessoa pobre. Na Suécia, a diferença de renda entre ricos e pobres é de no máximo seis vezes. Nos Estados Unidos e no Uruguai, de dez vezes. ([http://www.care.org.br/?care\\_pobreza](http://www.care.org.br/?care_pobreza)).

## Dicas

- Estude a você mesmo: reconheça seus próprios sentimentos e motivações. Encontre e assuma seus valores e aja de acordo com eles. Saber quem você de fato é e o que você de fato quer é meio caminho andado para transformar inveja (ressentimento) em objetivos (motivação).
- Estabeleça e mantenha metas realistas: ao definir e superar as metas que você se propôs, gera-se um sentimento de realização e a percepção de progresso. Com mais autoconfiança, os ressentimentos por querer e não ter vão diminuindo.
- Ao perceber a inveja, pare e pense: o que aquela pessoa tem que você admira ou deseja? É possível para você ter a mesma coisa? Aquilo fará sentido na sua vida? Caso positivo, pense como chegar lá, e trace seus objetivos. Se não tiver jeito, guarde o ressentimento (que não serve para nada) e aproveite o que este convívio pode trazer de bom para você.
- Ninguém tem tudo. Mesmo os mais ricos e famosos tem que fazer escolhas. Lembre que você tem suas próprias qualidades e possibilidades de prazer, que também não podem ser imitadas ou transferidas.
- Muito do que vemos em pessoas ricas, famosas ou bem-sucedidas são apenas imagens, cuidadosamente trabalhadas e filtradas. Não se entristeça por tão pouco, e veja tudo de bom que pessoas reais, como você, podem fazer.

## Iceberg da Percepção

### “Ele não fez por merecer: ninguém fica rico honestamente”

- Descontentamento com a própria vida.
- Falta de ânimo ou capacidade para atingir suas metas.
- Confusão de *ser* com *ter*: “Se eu fosse rico, seria feliz”.
- “Estou preso a um preconceito, e por isso sinto que ‘riqueza é pecado’.”
- “Expresso meu ressentimento por querer e não ter.”



## 18 - Aprendendo a precisar de menos

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- *Porque é preciso consumir.*
- *Quantos objetos cada um de nós tem em casa.*
- *O quanto as crianças influenciam no orçamento.*

Dizem que Mallarmé (poeta francês) sonhava escrever um poema que contivesse uma única palavra. Este é, sem dúvida, um belo projeto; daqueles em que “menos é mais”. Esse princípio bem que poderia ser expandido para nossas atividades mais cotidianas. Por quê?

O motivo é um só: o planeta precisa disto e nós também. Não há floresta, não há água, não há terra, não há mares e não há minérios que dêem conta de tanto consumismo. O desenvolvimento sustentável não é milagroso, e não há tecnologia que multiplique o planeta.

Tudo estaria bem – não precisaríamos nos preocupar com o consumo desenfreado e trabalhar diariamente para resolver seus dilemas – se todos pudessem ter um padrão de vida como o proposto, por exemplo, nas revistas de “moda e estilo”, nas vitrines das lojas de luxo ou na publicidade de cartões de crédito e empresas de turismo.

Mas sabemos que isto não é possível. Não há sistema político que realize uma tal distribuição de riquezas e, mesmo que houvesse, não haveria mundo para tanto consumo.

No modelo atual, a Terra não terá como dar conta das demandas crescentes dos “incluídos”.

Mesmo a melhor tecnologia e as propostas mais eficazes de gestão, focada no desenvolvimento sustentável, não serão capazes de prover tantos produtos a tanta gente. Se tomarmos como meta o padrão atual de consumo médio dos habitantes dos países mais ricos (ou mesmo dos ricos dos países mais pobres), nosso planetinha só poderia contentar no máximo 1/3 dos 6,6 bilhões de pessoas que hoje estão pelo mundo afora. E como todos têm o mesmo sagrado direito à vida digna e à felicidade, a solução passará – necessariamente – por uma redefinição dos padrões de consumo, combinada com melhorias tecnológicas e políticas públicas para redistribuição de renda, educação e planejamento demográfico.

Façamos algumas contas. **Cada um de nós tem em casa cerca de seis mil objetos:** caixa de ferramentas e as coisas que elas consertam ou estragam; privadas, tampas para as privadas e cestos para papel higiênico; chaves, fechaduras, ferragens, maçanetas e portas; janelas, cortinas e vasos para as janelas; protetores de paredes para que as portas e as janelas não as machuquem; produtos para limpar portas, janelas e maçanetas; tomadas, lâmpadas, interruptores, medidores e cabos de energia – todos os equipamentos elétricos e eletrônicos que temos; caixas d’água, registros, pias, tanques, banheiras, baldes, bacias, chuveiros, torneiras e ralos; roupas de todos os tipos, varais e pregadores de roupas; sapatos e caixas de sapatos; óculos, caixas de óculos; lenços, flanelinhas e produtos para limpar os óculos e lentes de contato (transparentes ou coloridas); pacotes de guardanapos, rolos de papel-toalha, alumínio e celofane; talheres, pratos, copos, panelas e guarnições inteiras; lençóis, cobertores, edredons e tapetes; plásticos, latas e vidros de alimentos; galeteiros, ímãs de geladeira, abridores de latas e vidros de alimentos; plásticos, latas e vidros de produtos de limpeza; lencinhos para carregar na bolsa, os outros objetos da bolsa; a bolsa que carrega os objetos; cabides, gavetas, prateleiras, armários e closets cheios; cremes e remédios para usarmos em nosso corpo... Além de imóveis, móveis, automóveis e semoventes (sabia que um animal é um “bem semovente”? E que até bem pouco tempo - 1889 - também pessoas – escravos – eram assim classificadas?)

Em suma, juntamos montanhas de quinquilharias que pouco usamos, ao mesmo tempo em que pouca gente desfruta da quase totalidade dos recursos do planeta. E temos poucas décadas para modificar esta situação, sob pena de naufragarmos na insustentabilidade ambiental e social, sem falar no próprio vazio que a vida voltada aos bens nos impõe.

Se – como está no dicionário – “justo” significa “na quantidade certa”, a situação é, sob qualquer perspectiva, injusta.

Se Mallarmé queria encontrar uma palavra que pudesse expressar o mundo que havia em sua alma, nós precisamos cultivar uma alma que, não se afogando em tantas coisas, revele-se e permita ao mundo que está fora dela continuar existindo.

Esta alma, entre outros saberes, sabe a importância das trocas ao longo do tempo. (veja texto “Os juros e as trocas no tempo” na p.92).

## Você sabia?

No mundo inteiro, estima-se que US\$ 1 trilhão em gastos nasçam por demanda dos jovens e crianças. No Brasil, estima-se um valor de R\$ 90 bilhões ao ano. A influência dos pequenos no orçamento da família não pára de crescer. No levantamento realizado em 2000, o índice de crianças e jovens que influenciam fortemente os gastos com orçamento foi de 71% e em 2005 essa porcentagem subiu para 82%. ([http://www.terra.com.br/istoedinheiro/442/seudinheiro/eles\\_mandam\\_bolso.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/442/seudinheiro/eles_mandam_bolso.htm))

## Dicas

- Conte quantos pares de sapato você tem em seu guarda-roupa. Identifique quantas peças de roupa você não usa há mais de 12 meses. Venda ou doe o que não for necessário.
- Faça o mesmo com outros tipos de objetos.
- Apenas “de memória”, faça uma lista completa das coisas que você possui, começando com as mais importantes. Após terminar, confira o que você esqueceu. Encontre um bom modo de se desfazer do que não se revele necessário.
- Acesse o site do Akatu ([www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br)) saiba se você é um consumidor consciente, respondendo os Indicadores Akatu de Consumo Consciente.
- Acesse [www.earthday.net/footprint/info.asp](http://www.earthday.net/footprint/info.asp) e calcule sua “pegada ecológica” (site em português), onde você descobrirá quanto planeta você consome.

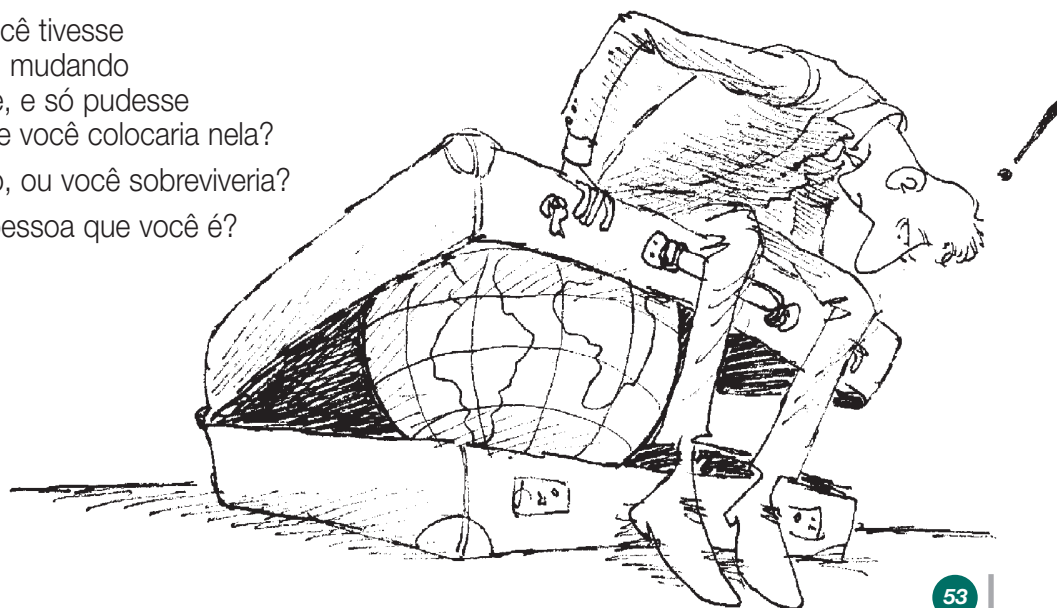
“A Terra tem o suficiente para todos.  
Mas só o suficiente.” (MAHATMA GANDHI)

“Não tenho tudo que amo,  
mas amo tudo que tenho.” (frase no pára-choque de um caminhão)

## Iceberg da Percepção

“Como? O objetivo não é ter cada vez mais coisas?”

- Você usa tudo que tem?
- Se daqui a um dia você tivesse que sair de sua casa, mudando para um país distante, e só pudesse levar uma mala: o que você colocaria nela?
- Seria o fim do mundo, ou você sobreviveria?
- O que torna você a pessoa que você é?



## 19 - O que o dinheiro não deveria poder comprar

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Como o dinheiro impacta questões éticas, sociais e ambientais.
- Será que o dinheiro traz felicidade?
- A corrupção atrasa o desenvolvimento do país.
- O que o dinheiro não deve comprar.

Quando estamos decepcionados com o rumo da nossa vida ou com o andamento do mundo, é freqüente culparmos o dinheiro: as coisas vão mal porque está faltando dinheiro, porque as pessoas estão brigando por ele, porque o dinheiro compra tudo e todos, porque a política econômica, porque a corrupção, porque o sistema financeiro, porque o mercado...

E quando dizemos essas frases, obviamente não estamos, de fato, culpando o objeto dinheiro, mas o uso que dele fazemos. E no que consiste este mau uso, responsável por injustiças, deslealdades e crimes que diminuem nosso entusiasmo e o encanto do mundo?

Você sabe que o dinheiro é usado para regular o valor de troca de bens e serviços. Por meio dele, é possível medir quanto a sociedade está disposta a dar por nosso trabalho e por nossos bens e, com isso, comparar e trocar o que temos por aquilo que desejamos ou precisamos. Mas, talvez, você não tenha se dado conta de que, em essência, **seu mau uso torna invisível o que está sendo avaliado**: – pessoas, relações, objetos.

### Veja só três exemplos:

- a. Comprar um segundo carro para fugir do rodízio de automóveis; neste gesto, **nós ocultamos** o respeito pela cidadania; embora legal a compra e o uso do automóvel, desrespeita o propósito da lei: melhorar as condições de todos.
- b. Construir conjuntos habitacionais junto a mananciais de água, neste caso, os agentes financeiros (compradores e vendedores) **não estão vendo** (ou não querem ver) as questões ambiental e de responsabilidade social.
- c. Diferenciar as pessoas segundo a quantidade de dinheiro que elas possuem ou aparentam possuir. Agir em conformidade com essa classificação induz a sociedade a privilegiar as mais ricas e a menosprezar as mais pobres. **Ao invés de percebermos a pessoa, a ocultamos atrás do valor que damos ao dinheiro.** Os pobres ficam invisíveis e os ricos ficam ultravisíveis (que é também uma forma de invisibilidade: ao invés de vermos uma pessoa, enxergamos apenas uma imagem projetada na mídia).

A fama é uma forma de ocultar pessoas. Tudo estaria mais ou menos bem se não confundíssemos **popularidade** com **prestígio**. A fama, por si só, não deveria dar prestígio a alguém, porque reputação e popularidade são duas formas bem distintas de reconhecimento social. Prestígio é, com certeza, uma das coisas que o dinheiro não deveria comprar.

Muitas outras coisas também não deveriam ser compradas ou vendidas: a integridade pessoal; a justiça; a liberdade; o respeito pelos outros; a garantia de oportunidades (educacional, profissional...); as florestas, a camada de ozônio e as águas mendicantes que ainda restam no planeta; o tempo para conviver com a família e os amigos e o tempo que temos para sabermos de nós mesmos etc.

Há, é claro, a questão que envolve a felicidade. Não podemos esquecer dela, pois é vontade antiga querer saber se o dinheiro pode ou não comprá-la.

A resposta é SIM, a felicidade pode ser comprada, se a definirmos como o sentimento que surge toda vez que concretizamos um desejo ligado à “vida material”: morar em determinada casa, conhecer um país, pagar uma cirurgia, manter a família abastecida, não ter medo de passar apertos financeiros no futuro etc. Como diz um ditado da tradição judaica: “Se com o dinheiro já não é tão bom, sem ele é pior”.

Mas a resposta é NÃO se por felicidade entendermos a experiência de sentimentos como amor, realização, plenitude e reconhecimento, ou mesmo a concretização de um estilo de vida\*.

E, finalmente, vamos responder à pergunta desta ficha sem recorrer a exemplos: o dinheiro não deveria poder comprar aquilo que, uma vez comprado, “torna invisível” algo que é essencial

\*veja texto “Estilo de vida” na página 99.



para a humanidade, a sociedade ou o planeta. (Considerando que “tornar invisível” significa, como foi dito, ocultar do acesso ou da percepção coletiva).

### Você sabia?

O Ministério Público estima que, entre 1993 e 2000, só a “máfia dos fiscais”, que agia na prefeitura de São Paulo, impediu que 13 bilhões de reais chegassem aos cofres públicos na forma de impostos e taxas. Este valor é quase 4 vezes maior que a verba destinada para Educação, em 2006, na cidade de São Paulo – que tem 11 milhões de habitantes.

### Dicas

- **“Porteira onde passa um boi, passa uma boiada”** (dito popular) Não pratique nem tolere pequenas corrupções: o princípio rompido numa pequena “esperteza” é o mesmo que permite as mais graves falcaturas.
- Pense no que está por trás das aparências, e não se faça ilusões: quem compra um produto pirata está MESMO sendo cúmplice na violação de direitos autorais e na corrupção fiscal e policial, entre outras coisas.
- Não se dobre às conveniências: mantenha boas relações sociais com pessoas de todos os tipos e classes, valorizando-as pelo que são, e não pelo que têm (ou pela vantagem que podem lhe trazer).
- Não menospreze a força da união e da cooperação social: “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”<sup>\*</sup> é grande, mas não é absoluta. A História está cheia de exemplos onde a mobilização social foi capaz se contrapor e sobrepujar grandes interesses econômicos. <sup>\*</sup>Caetano Veloso, na música “Sampa”

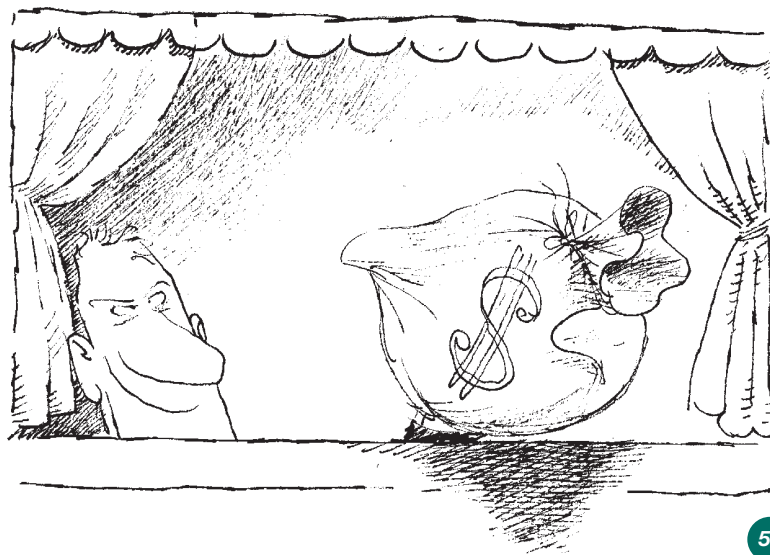
“Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro,  
Porque é preciso ser prático.  
E que pelo menos uma vez por ano  
Coloque um pouco dele  
Na sua frente e diga “Isso é meu”,  
Só para que fique bem claro quem é o dono de quem.”

VINICIUS DE MORAIS – no poema “O que eu desejo pra você”

## Iceberg da Percepção

**“Hoje em dia o dinheiro compra tudo e todos!”**

- Este ceticismo não é desculpa para justificar complacência com a corrupção?
- O dinheiro não age sozinho: nós é que damos poder a ele.
- Amor, felicidade, paz, confiança... onde você compraria?
- Você pode comprar companhia, mas não amizade.



## 20 - Comparando as formas do dinheiro

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O que é dinheiro virtual.
- As confusões criadas pela invisibilidade do dinheiro.
- Porque os juros variam de acordo com a forma do dinheiro utilizada.
- O histórico do dinheiro
- A importância do livro caixa.

Você já reparou que o dinheiro está cada vez mais “virtual”? Que já não “vemos” a maior parte do dinheiro que ganhamos e gastamos? Calcule: qual percentual do dinheiro que você movimenta mensalmente passa por suas mãos na forma de papel moeda? O número é provavelmente muito pequeno.

Note que atualmente o dinheiro tem mil faces. É um conceito que pode assumir várias formas (notas, cheques, cartões, títulos, duplicatas, ações...) e usar vários materiais (metal, papel, plástico, chips etc.).

Hoje a maior parte do dinheiro em circulação é movimentada por meio de cartões de débito e de crédito, transferências bancárias agendadas e realizadas, cheques datados e pré-datados (os cheques estão com os dias contados), carnês, débitos automáticos em contas correntes, financiamentos, duplicatas, trocas de títulos...

O bolso, a gaveta da escrivaninha e o cofre doméstico foram substituídos pelos computadores dos bancos, das financeiras e das administradoras de cartões de crédito.

Em suma: o dinheiro está cada vez mais eletrônico e sua invisibilidade crescente aumenta a confusão que podemos fazer entre renda e crédito e, em conseqüência, correremos mais riscos de perder o controle sobre o orçamento, a formação de patrimônio e a capacidade de endividamento. Renda é dinheiro que efetivamente nos pertence. Crédito é dinheiro que, mediante o pagamento de juros, podemos usar.

Outra situação importante a ser lembrada é o fato de que associada à forma que o dinheiro assume, existem taxas de juros e de administração maiores ou menores.

Taxas de juros recaem sobre o uso do dinheiro. Os juros que você paga variam de acordo com a forma do dinheiro utilizada, com os tempos de devolução, com os custos de oportunidade do capital e com os riscos referentes a cada um deles, que diferem em cada caso. Por exemplo, os juros do cheque especial são maiores que os do empréstimo pessoal.

O mesmo vale para as taxas de administração. Elas são usadas para cobrir os custos inerentes a cada tipo de transação financeira. Cada cheque que você usa tem um custo para você, para o banco e para quem o recebe. Cada transação com cartão de débito ou crédito, idem.

Ponderar sobre quais formas de dinheiro utilizar, cotidianamente, é sabedoria que permite evitar que renda e crédito **se misturem numa mesma conta** e que você pague mais pelo dinheiro que usa.

Também não caia na armadilha de consentir que o bom e velho livro caixa (num caderno ou no computador) seja substituído pelos extratos do banco e do cartão de crédito. Usando nosso próprio controle de receitas e despesas (livro caixa) podemos separar e controlar melhor todas as formas do dinheiro que usamos e destacar os juros e taxas administrativas que pagamos: ele vai sendo escrito em conformidade com nosso jeito de pensar. No extrato, geralmente, vem tudo misturado e, mais grave: o extrato já vem pronto e a gente quase não o analisa, ou temos dificuldades para compreendê-lo.

Afinal, “o que os olhos não vêem, o coração não sente”, mas os computadores dos agentes financeiros e o seu orçamento sim.

### Você sabia?

- Antes da existência do dinheiro as pessoas trocavam mercadorias. Nesse tempo o ouro era um metal que pertencia aos templos. Os sacerdotes ao receberem produtos indivisíveis para serem oferecidos aos deuses, davam aos fiéis pequenos pedaços de ouro para utilizarem quando quisessem oferecer algo novamente. Aos poucos esse ouro foi sendo cunhado em moedas e usado para negociar produtos fora do templo.

- Já o papel moeda surgiu na Idade Média, para dar segurança aos viajantes: eles podiam depositar seu ouro ou prata numa das casas da ordem dos templários (organização ligada à Igreja Católica, com sedes por todo o mundo conhecido na época) e recebiam em troca um documento em papel, que utilizavam para sacar as riquezas em outro local. Nasceu também aí o sistema de crédito. Imagine o caminho que percorremos até chegarmos ao primeiro cartão de crédito inventado em 1955 nos EUA. (FONTE: Alexander Box -Desafios para uma Pedagogia Social -Editora Antroposófica)
- A primeira câmara de compensação (local onde os bancos se reúnem para trocar entre si os cheques que recebem) nasceu no século XVII na França, na cidade de Lion. No Brasil surgiu em 1921, na cidade do Rio de Janeiro, e na cidade de São Paulo surge apenas em 1932. (FONTE: História do Sistema de Pagamentos Brasileiro <http://www.newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=166>)

## Dicas

- Se você estiver precisando apertar o controle de seu orçamento, procure usar apenas papel moeda (“dinheiro vivo”); isto aumenta a visibilidade do dinheiro que você realmente tem e exige muito cuidado na anotação dos gastos. Ao longo do tempo, este procedimento funcionará como uma verdadeira reeducação da sua noção de limites.
- Sem juntar todas as contas não é possível medir seu modo de gastar e sua capacidade de poupar: mantenha sempre um “livro caixa”, um local em que você anota e classifica todos os seus saldos, entradas e saídas de dinheiro, independente da forma de pagamento usada.

## Iceberg da Percepção

### São várias formas de fazer pagamentos.

- Tudo é dinheiro e sai do mesmo lugar: o seu bolso.
- Qual dinheiro é seu? Limites de crédito podem se confundir com seu saldo real.
- O que é “dinheiro”? É a medida do direito que cada um tem, na partilha da riqueza pertencente à humanidade.



## 21 - O mundo ficou pequeno...

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- *Como as questões globais influenciam em nosso dinheiro.*
- *A diferença entre “capitalismo selvagem” e “capitalismo responsável”.*
- *Como os consumidores podem ajudar a melhorar o mundo.*
- *O que é o Pacto Global.*

Hoje não é difícil perceber que estamos em plena era da hiper-circulação. De bens de consumo a bens culturais, tudo está indo e vindo de uma parte a outra do mundo com muita velocidade e facilidade, inclusive as pessoas. Para o bem e para o mal, o dinheiro é o motor da transformação em marcha, cujo nome atual é globalização.

O dinheiro é o patrocinador das fantásticas tecnologias dos meios de comunicação e transporte. Em virtude delas o mundo ficou pequeno e a interdependência é um fenômeno cada vez mais visível.

É fundamental frisar que o apequenamento do mundo envolve mesmo aquelas pessoas que não viajam de avião, não usam telefone, não acessam a Internet, não zapeiam uma TV a cabo e nunca entrarão em um shopping center. O preço que pagamos pelo aço ou pelo petróleo, depende do consumo mundial e de questões políticas muito longe do Brasil, mas que afetam instantaneamente os brasileiros. Notícias sobre febre aftosa ou gripe aviária causam oscilações dramáticas nas expectativas de comércio exterior e afetam até os níveis de reservas internacionais, capital e emprego no Brasil.

Nunca o ar que respiramos, a comida que comemos e o dinheiro que usamos foram mais universais.

A preservação das condições climáticas (incluindo aí o uso do petróleo) e das fontes de água potável, a mundialização do comércio, a ampliação da justiça social e a diminuição da pobreza, o combate às fraudes e a regulamentação dos direitos internacionais, o fortalecimento da ONU e de outros organismos multilaterais, são questões cruciais para todos os países. Mas estes objetivos ainda vivem num conflito permanente com muitas empresas, investidores e outros agentes do mercado, que muitas vezes lutam apenas para aumentar seus ganhos imediatos e suas fatias no comércio.

O lado bom é que está em marcha uma mudança de mentalidade que, dependendo do desfecho, pode – e isto não é um exagero – salvar ou condenar a humanidade. Está em jogo a migração de um “capitalismo selvagem” para um “capitalismo responsável” (ou qualquer outro nome que se dê a um sistema que combine as regras de mercado com as limitações de condicionantes éticas e ambientais).

O primeiro tipo de capitalismo agrava os problemas do mundo, exaurindo o meio ambiente e concentrando renda, isto é, empobrecendo, ainda mais, um grande número de pessoas. Já o segundo, cria empresas que desenvolvem padrões de conduta sociais, ambientais e éticas, e que também empregam parte de seu lucro para diminuir a devastação, a miséria e a injustiça ao redor do planeta. Pelo ângulo desse “capitalismo responsável”, não devemos usar os negócios (empresariais e pessoais) apenas para engordar dinheiro.

### A idéia é promover uma globalização que:

- atenuar a tendência do comércio internacional como um instrumento para levar a riqueza dos países mais pobres para os mais ricos;
- disseminar tecnologia (know-how) para países em desvantagem, mantendo, inclusive, pesquisadores e empreendedores nesses países;
- fomentar o emprego, a saúde e a educação, em todos os seus níveis e em todos os países;
- aprimorar a cidadania global e o direito internacional.

Cada um de nós – consumidores e poupadores – pode contribuir com essa corrente que visa melhorar os resultados da circulação do dinheiro no mundo, agindo como Cliff Feigenbaum, do Green Money Journal, que diz: “Meu dinheiro é uma voz no mundo. Quero que ele expresse meus valores. Quero total coerência entre aquilo em que acredito e aquilo que faço com o meu dinheiro”. Este é um exemplo de uso consciente do dinheiro que todos podemos seguir.

## Você sabia?

A preocupação com a sustentabilidade da espécie humana e do ambiente que precisamos para viver está na agenda da ONU e das grandes corporações mundiais. Para isso, foi lançado no ano 2000 o Global Compact (ou “Pacto Global”, em português). Por ele, empresas e governos unidos assumem uma série de compromissos com o futuro, resumidos em oito “objetivos do milênio” (<http://www.nospodemos.org.br/>)



“Antes mundo era pequeno, porque Terra era grande  
hoje mundo é muito grande, porque Terra é pequena  
do tamanho da antena parabólica”

GILBERTO GIL – “Parabolicamará”

## Iceberg da Percepção

“Hoje temos acesso a produtos e informações do mundo todo!”

- “Interdependência: o que eu faço afeta a todos, e retorna a mim mesmo.”
- O que isto traz de bom? E de ruim?
- Temos enormes possibilidades e responsabilidades
- Qual o custo de toda esta comodidade?

## 22 - “Dinheiro que vai, dinheiro que vem...”

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Como usar o dinheiro que entra e sai do país para promover a sustentabilidade.
- Como o dinheiro que entra e sai do país se relaciona aos juros altos.
- A relação da corrupção com o baixo desenvolvimento econômico

Até alguns anos atrás, era muito comum ouvirmos reclamações sobre os “ricos” que enviavam dinheiro para fora do Brasil, numa atitude considerada por muitos como antipatriótica.

Ainda hoje podemos escutar os ecos desses protestos quando o governo é questionado por não limitar mais severamente o envio de lucros das empresas multinacionais para seus países de origem. Esta é uma questão que tem vários lados, mas de um fato não se pode escapar: a internacionalização do comércio e do capital sempre existiu e é cada vez mais intensa. Como isto se liga ao uso que fazemos do dinheiro e do crédito, e como podemos agir visando, além de nosso benefício pessoal, a sustentabilidade social e ambiental de nosso país e de nosso planeta?

Há um ponto muito importante quando falamos do dinheiro que entra e sai do país - e diretamente relacionado ao problema dos juros altos: trata-se da poupança interna ou - mais simplesmente - da quantidade de dinheiro disponível para empréstimos existente no país.

Pela lei da oferta e da procura, quanto mais dinheiro estiver disponível para ser emprestado, menor a taxa de juros (preço do dinheiro), e vice-versa. E no Brasil a poupança interna é muito baixa em relação à demanda por crédito. É por isso que nosso país paga juros tão altos: para atender a demanda, precisamos “importar poupança”, ou seja, atrair com altos ganhos os investidores estrangeiros e nacionais. E como quanto maior o risco, maior a taxa de juros (veja ficha “10-Reclamando dos juros altos” p. 34), o fato de o Brasil ter um histórico de instabilidade financeira aumenta ainda mais a tendência de alta na taxa de juros.

A origem da grande demanda por dinheiro é muito diversificada, e depende de inúmeros fatores. Dentre eles, destacamos o equilíbrio de gastos do governo, os juros da dívida pública (interna e externa), os planos de investimentos das empresas, a disposição de endividamento dos consumidores e o saldo das contas externas (dinheiro que entra e dinheiro que sai do país). Este “dinheiro que vem e que vai” depende muito de nós, consumidores e poupadores. Quando brasileiros que trabalham no exterior mandam dinheiro para suas famílias no Brasil, o dinheiro no país aumenta. Quando alguém opta por manter sua poupança, previdência privada ou investimentos no exterior, o dinheiro no país diminui. No primeiro caso, colaboramos para a redução da taxa de juros. No segundo, ajudamos a mantê-las nas alturas... Pense nisso quando for planejar sua poupança ou plano de previdência.

Também por meio do comércio exterior a disponibilidade de dinheiro no país aumenta (se o valor das exportações for maior que os das importações) ou diminui (se for menor). Ou seja, quanto mais exportarmos bens ou serviços (turismo e serviços ligados à informática são bons exemplos da exportação de serviços), mais dinheiro fica no país, ajudando a puxar para baixo a taxa de juros. Quanto mais importamos bens de consumo, menos dinheiro sobra no país (sem falar na perda de empregos, salários, impostos...). Também aqui fica muito claro como o uso consciente de nosso dinheiro pode ajudar na economia de todo país, num benefício que ao final, retorna a nós mesmos.

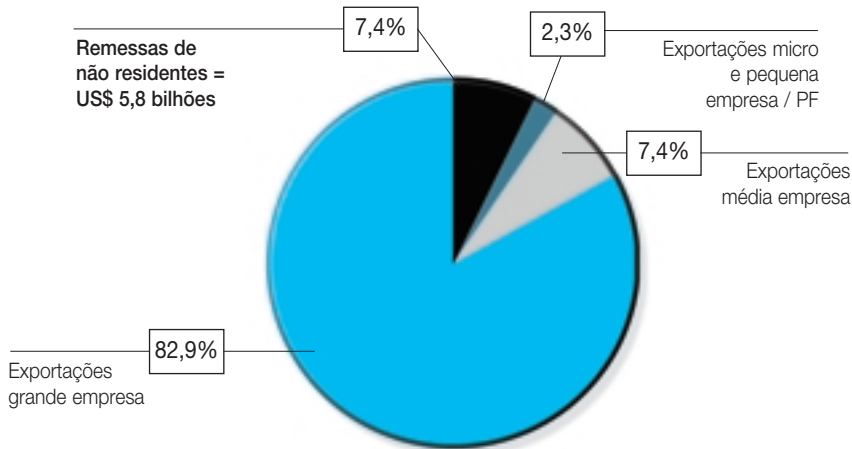
### Você sabia?

- Que a corrupção cria concorrência desigual e clima de insegurança no meio empresarial. Estudos indicam uma grande correlação entre corrupção e baixo desenvolvimento econômico:
- Entre 132 executivos, ligados à Câmara Americana de Comércio, entrevistados pela consultoria Simonsen Associados, em 2002, a corrupção foi apontada como o terceiro maior obstáculo entre os fatores que desestimulam os investimentos produtivos no Brasil.
- O Brasil ocupa a 70ª posição de corrupção entre 160 países. Se a corrupção no Brasil se agravar até atingir um nível extremo, a renda per capita brasileira ficaria 75% menor em oito décadas. Se caminhar na direção contrária, alcançando o nível de honestidade da Inglaterra, a renda per capita ficaria quatro vezes maior no mesmo período.

FONTE: estudo elaborado por Daniel Kaufmann e Aart Kraay do Banco Mundial <http://www.transparencia.org.br/docs/Kroll-final.pdf>.

- Uma grande parte do dinheiro que vem do exterior para o Brasil é remetida por brasileiros que vivem em outros países. Veja gráfico na página ao lado.

**Comparativo Remessas x Exportações** - Exportações 2003 / Remessas 2004 (BID)



Onde estão os brasileiros	
Estados Unidos	1, 8 milhão
Paraguai	450 mil
Japão	270 mil
Itália	130 mil
Reino Unido	100 mil
Suíça	45 mil
Espanha	40 mil
Alemanha	25 mil

Fonte: Ministério das Relações Exteriores  
[http://www.terra.com.br/istoedinheiro/412/economia/amargo\\_regresso.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/412/economia/amargo_regresso.htm)

Fonte: [www.institutotrevisan.com.br/educacao/instituto/sem\\_palestras/remessas.pdf](http://www.institutotrevisan.com.br/educacao/instituto/sem_palestras/remessas.pdf)

**Dicas**

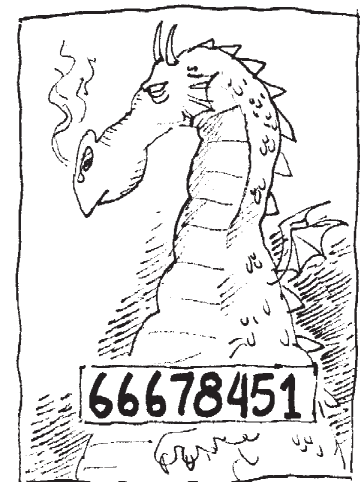
- Não compre ou estimule o consumo de brinquedinhos, brindes e outros cacarecos que serão jogados fora no momento seguinte: em sua maioria são produzidos fora do país, muitas vezes em países que não respeitam o meio ambiente e exploram seus trabalhadores. Além de compactuar com esses abusos, você gera mais lixo e ainda ajuda a diminuir o dinheiro disponível no Brasil.
- Prestígie seu país e aumente a poupança interna: aplique suas reservas e mantenha seus seguros e previdência em instituições financeiras instaladas no Brasil.

“A moeda é redonda porque dinheiro foi feito para rodar.” *Ditado popular*

**Iceberg da Percepção**

“Os ricos e as multinacionais mandam todo o dinheiro para fora do Brasil”

- A economia depende das trocas internacionais de dinheiro.
- O histórico de inflação e instabilidade monetária leva muitos investidores a não ter segurança no país.
- A falta de poupança interna é uma causa importante dos juros altos.



## 23 - Tempo é dinheiro?

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O que mudou em relação ao tempo e ao dinheiro nos últimos séculos.
- Por que o dinheiro é a cristalização do tempo?
- Substituir o consumo por prazer é o caminho para driblar a falta de tempo.

Se nos fiarmos nas conversas apressadas que trocamos ao longo do dia, o tempo e o dinheiro são as duas coisas mais em falta no mundo. A expressão “tempo é dinheiro” explica esse empate no ranking das carências do homem e da mulher contemporâneos.

Nem sempre foi assim. Algumas gerações atrás – mais ou menos na mesma época em que Benjamim Franklin\* cunhou a expressão “tempo é dinheiro” – só faltava dinheiro. Todo mundo tinha tempo.

Nossos avós não experimentaram a sensação de que os dias escoam mais rapidamente do que as agendas dos negócios e do coração. O tempo era uma coisa e o dinheiro outra.

Mais ou menos 170 anos depois, na década de 1920, o “tempo das máquinas” tomou conta do homem por inteiro, com a criação da linha de produção. Muita pressa e tecnologia depois, cá estamos nós, no mundo “on-line” da internet, onde é possível pular de mercado em mercado, 24 horas por dia, 365 dias por ano. Quando a Bolsa de Tóquio está fechando, as da Europa estão abrindo e, antes que encerrem seus negócios, a de Nova York já abriu, seguida por Los Angeles e, pouco depois, pela Ásia novamente... No mundo do mercado globalizado, o sol nunca se põe.

A economia moderna depende de um perfeito e rigoroso sincronismo entre atividades (tempo / seres humanos) e recursos (dinheiro / planeta). Por esse motivo, o relógio foi sendo substituído pelo cronômetro e o ritmo (cadência) pela rotina (encadeamento). O lento padrão-ouro cedeu o trono a um triunvirato: a política monetária, a balança de pagamentos dos países e os resultados das grandes empresas. *Just in time* e *performance* são as palavras de ordem.

Mas o que acontece quando as palavras trocam de lado: dinheiro é tempo? Tiramos o pé do acelerador. Afinal, pessoas não vivem o tempo da mesma forma que as empresas.

Embora sejam chamadas de pessoas jurídicas, as empresas e os empreendimentos mercadológicos são máquinas que, como os relógios e os cronômetros, nada sabem do tempo verdadeiramente humano. Para eles, o que importa é o seqüenciamento e não a experiência.

Enquanto o tempo mecânico das máquinas é linear; o tempo humano é circular e se desdobra em ciclos seguindo o ritmo das gerações, dos anos, das estações, dos dias e das noites... O mercados são sensíveis apenas às expectativas de lucro ou prejuízo; já as pessoas percebem, desejam, choram e se abraçam. Estamos redescobrimo a importância de voltarmos a seguir o ritmo das horas naturais. Você imagina uma empresa sujeitar-se a biorritmos e calendários lunares? Para o mercado, é natural investir em estufas e em containeres refrigerados que permitam termos as mesmas frutas em todo o mundo, durante todo o ano. Mas será que isto não empobrece a vida das pessoas, afastando a noção das estações do ano e das diferenças geográficas? (sem falar nos recursos naturais e sociais investidos para isso).

É por essa razão que, no limite da lógica que atualmente predomina, empresas e empreendimentos se dão melhor com robôs do que com pessoas.

Estamos nos dando conta de que, na condição de indivíduos, não podemos deixar de considerar o fato de que cada Real que ganhamos consome um pedaço dos “escassos” 25 mil dias que, em média, temos para viver. O dinheiro que temos é, na verdade, uma “cristalização” do tempo (da vida, portanto) que nós e muitas outras pessoas empregamos para obtê-lo. Ao gastar este dinheiro também temos que ter em mente a finalidade de fazer o nosso tempo/vida render, no mínimo, tanto quanto o nosso patrimônio.

Só há um modo de fazer o tempo render: não desperdiçá-lo.

\* citado em “O Valor do Amanhã”, de EDUARDO GIANNETTI, p. 203, Ed. 2005, Cia das Letras.



Poupa-se tempo quando não tomamos tempo de alguém sem razão alguma. Quando trocamos o hábito de ver bobagens na TV ou na Internet por algo que nos trará um benefício real: conversar com os filhos, namorar o companheiro (ou companheira), caminhar e conhecer os vizinhos, cuidar da praça próxima de casa, estudar, controlar o orçamento doméstico etc. Quando enfrentamos situações complicadas sem mais delongas.

E também parando de alimentar falsas expectativas, apostando tudo nas loterias, nos “negócios da China” (enriquecimento fácil) ou na idéia de que o “tempo” resolve tudo.

Quando, enfim, não protelamos o que realmente precisa ser feito. Esta é a atitude fundamental para nos **apropriarmos do tempo que somos** e podermos realizar a contento tanto o nosso estilo de vida como o orçamento doméstico. Para não nos desperdiçarmos apenas ganhando e gastando dinheiro.

### Você sabia?

Cuidado com o uso do seu tempo: “É melhor não fazer NADA do que transformar algo em NADA”  
Ditado judaico

- Segundo a tradição judaica, a mais importante ocupação humana é o estudo (desenvolvimento). Nesse sentido, o salário é visto como o pagamento a uma pessoa pela perda do tempo que ela poderia ter destinado ao estudo, feita para que outra pessoa pudesse aplicar nisso seu tempo”. O tempo é um dos limites impostos a riqueza. Tempo é dinheiro, mas nem todo tempo deve ser convertido em dinheiro.

Adaptado de “A Cabala do Dinheiro” NILTON BONDER ed. Imago 1999 “

### Dicas

- Seja “o senhor do seu tempo”: aproveite o que a tecnologia da informação oferece para facilitar sua vida, mas reserve espaços e tempos para você mesmo. Não se deixe invadir.
- Nem sempre “mais rápido” significa “melhor”. Há momentos na vida que gostaríamos que durassem para sempre. Aproveite-os!
- Não deixe que a vida passe por você: se tem um filho, não perca nenhuma oportunidade de estar com ele: a infância passa MUITO rápido, e não retorna jamais. Lembre sempre que cada momento da infância é único, e as descobertas acontecem a todo instante. Se tem um companheiro(a), aproveite os momentos juntos.
- Respeite seu tempo e o tempo dos outros: não o desperdice “apenas seguindo a manada”, mas não o inutilize atolando-se com preocupações e programação excessiva

“Quem mata o tempo não é assassino, é suicida” MILLÔR FERNANDES

### Iceberg da Percepção

“Bobeou, dançou”: pessoas bem sucedidas estão sempre ocupadas em fazer negócios.

- Tempo é vida, e não dinheiro.
- Dinheiro é tempo: significa cada minuto que aplicamos para ganhá-lo.
- O tempo do mercado é o mesmo das pessoas?
- “A semana mal começa e já acaba”: por quê?

## 24 - Resolvendo o que fazer nos feriados

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- *Como o consumo faz com que o lazer deixe de ser um momento de tranquilidade?*
- *A chave para o bom lazer.*
- *Dicas para se divertir com pouco dinheiro e sem sair de casa.*

Esta não é uma questão que se resolve apenas com dinheiro, planejamento e o serviço de uma boa companhia de turismo. O lazer exige que saibamos o que realmente é diversão e descanso para nós e nossa família. Além disso, precisamos saber como negociar as diferenças de entendimento e as preferências que sempre existirão.

Estamos em uma era onde o Mercado industrializou o turismo, a cultura e o lazer. A excessiva mecanização do divertimento e sua associação ao consumismo, fizeram com que muita gente já não saiba mais relaxar e se entreter. Já não saiba mais como se desligar da rotina, nem mesmo quando está numa praia. A mesma ansiedade que a impede de seguir um planejamento financeiro, a inibe na hora de se desinibir, se distender, se expandir e curtir, vagorosamente, o tempo livre.

O lazer praticamente deixou de ser um momento privilegiado de degustação de si mesmo na companhia daqueles a quem se ama. Ao invés dele ser buscado na sua legítima fonte - o convívio social - está sendo procurado em “eventos”: viagens, shows, cinema... O carro ocupou o lugar da estrada e voltamos sem ter ido.

Ao invés de desfrutarmos com calma e profundamente o passeio ou a viagem, fazemos tudo com pressa e fotografamos e filmamos tudo para ver depois, coisa que, de fato, raramente fazemos. Pois bem: a qualidade de um lazer assim é bastante baixa e acabamos por esquecer que é mais enriquecedor viver intensamente as experiências que podemos colher em nossos momentos de repouso e lazer do que colecionar fotos e filmes.

Pare um instante e procure em sua memória: quais são as cinco melhores coisas de que você se lembra em relação a viagens, passeios ou fins de semana? Para a imensa maioria das pessoas, nenhuma dessas coisas é algo que ela comprou. Em geral, são momentos de convivência com a família e amigos, de pura diversão ou contato com a Natureza ou uma cidade. Como em tantas outras coisas na vida, o segredo aqui é acreditar nos seus próprios sentimentos e experiências: ter a coragem de reconhecer e assumir o que de fato nos dá prazer, abrindo mão da parafernália de compras e outras quinquilharias com que acabamos nos soterrando, a pretexto de mantermos a “normalidade” em nosso grupo social.

Além de tudo, temos muita dificuldade para sair de férias sem ficarmos preocupados com o trabalho (Ele ainda estará lá quando eu voltar? Alguém notará a minha falta?) e, claro: como vou pagar as contas depois que voltar?

Como se vê, descansar e divertir-se atualmente não parece tão simples como deveria ser. Requer o refinamento da autopercepção, da observação das parcerias familiares, muito diálogo, zelo e paciência.

A programação do lazer requer uma boa “desprogramação mental”. Para aproveitar bem os momentos de diversão, precisamos aprimorar a nossa capacidade de passar o tempo sem desperdiçá-lo com preocupações fora de hora, e sem automatizarmos aquilo que estamos fazendo. A chave do bom lazer é a mesma do bom trabalho: conhecer a si mesmo, respeitar seus sentimentos e os de sua família, e colocar a alma no que está fazendo, sabendo que cada coisa tem sua hora, seu lugar e seu tempo.

### Você sabia?

- Uma viagem de 900 km de avião (viagem São Paulo – Rio de Janeiro, ida e volta) lança na atmosfera 150 kg de poluentes para cada passageiro. Fazendo a mesma viagem em um trem moderno, a poluição seria 50 vezes menor: 3 kg de poluentes por passageiro. As versões mais atuais dos supersônicos, como o novíssimo Sonic Cruiser, gastam 35% mais combustível que um avião tradicional. ([http://www.conpet.gov.br/noticias/noticia.php?segmento=&id\\_noticia=637](http://www.conpet.gov.br/noticias/noticia.php?segmento=&id_noticia=637))

- A aviação contribui entre 5% e 6% para a poluição atmosférica e a poluição no transporte terrestre com 20%. De acordo com previsões, as emissões de gases que levam ao aquecimento global por aviões e aeronaves vão dobrar até 2030. ([http://www.conpet.gov.br/noticias/noticia.php?segmento=corporativo&id\\_noticia=250](http://www.conpet.gov.br/noticias/noticia.php?segmento=corporativo&id_noticia=250))
- "Estresse no trabalho preocupa acionistas. Administradores de fundos de investimento investigam quanto as empresas gastam com a doença. Estima-se que o prejuízo no Brasil chegue a U\$ 24 bilhões ao ano". (*Valor Econômico*: 25/01/06)

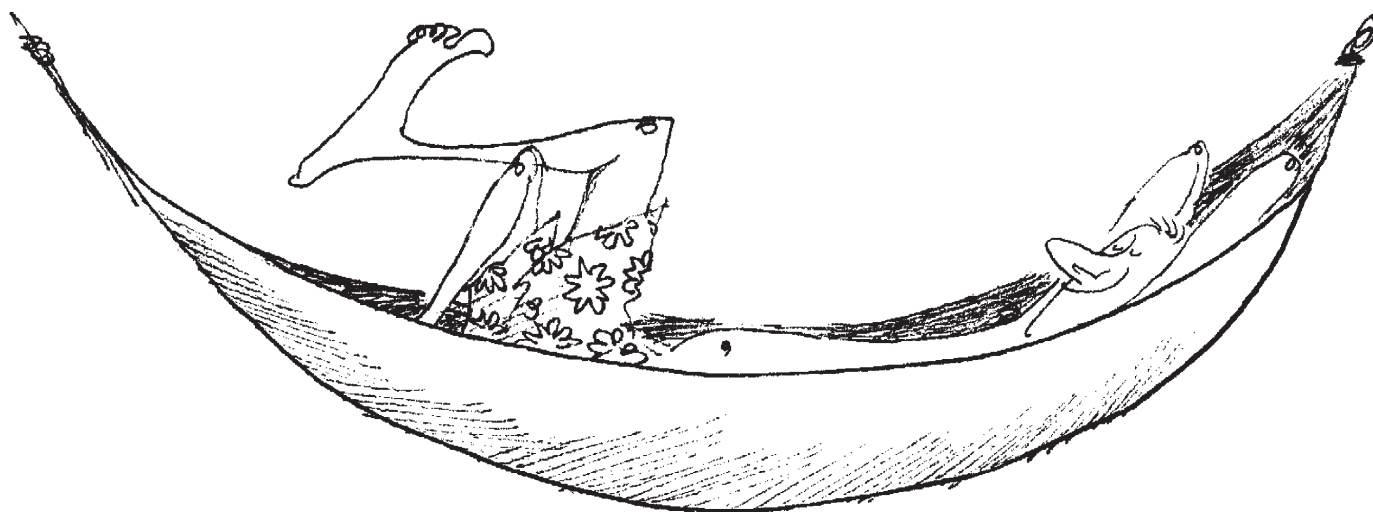
## Dicas

- Considere a possibilidade de, ao invés de viajar, fazer programas em sua própria cidade, ou apenas descansar.
- Fuja da rotina: consulte jornais, revistas, internet, amigos e mantenha uma lista de lugares e atividades que gostaria de conhecer.
- Aproveite o tempo para conviver com seus filhos, pais e companheiro/a. Interesses em comum nem sempre são óbvios, mas vale a pena descobri-los e cultivá-los!
- Não se renda ao lugar-comum: não são apenas os lugares "da moda" que valem a pena ser visitados.
- "Viaje sem sair do lugar": livros, revistas e filmes de viagens, lugares e culturas diferentes são oportunidades incríveis para aprender, divertir-se e sair do cotidiano sem gastar quase nada. Explore as possibilidades ilimitadas de sua mente e da experiência humana!
- Se comprar um "pacote turístico" ou excursão, preste atenção no tipo de atividade proposta, e veja se existe mesmo tempo para aproveitar bem o passeio: também neste caso "quantidade" não quer dizer "qualidade".
- Veja o quadro com mais dicas na página 83.

## Iceberg da Percepção

### "Quero descansar e me divertir!"

- Qual a melhor aplicação do "tempo livre"?
- "O que me dá mais prazer e enriquece?"
- "O que será bom também para minha família?"
- É preciso ter TUDO programado?
- As férias são para aproveitar ou para "contar vantagem" depois?



## 25 - Almejando a compra do sítio, barco,...

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O que é preciso avaliar antes de investir o dinheiro em bens materiais.
- Quando e por que se paga caro pelo desejo?
- Como saber se o custo benefício vale a pena.

Adão e Eva tinham quase tudo, mas quiseram um pouco mais. “Quase” é uma palavra incômoda: o ser humano não tolera ser limitado por ela.

“Quase” é uma situação que injeta em nossas veias o fogo da aventura (e, às vezes, da obstinação) ou o gelo da sensação de fracasso e incompletude.

Em nossa sociedade alguns objetos definem a fronteira entre “chegar lá” e “quase chegar lá”. Ela criou muitos bons motivos para desejarmos comprar um sítio, uma casa na praia, um carro esporte, um barco, uma moto ou relógio de grife ou, quem sabe, até um avião ou helicóptero. Ascensão social e investimento são uns. Prazer, auto-estima e orgulho (por outro lado) são outros. É verdade que muita gente também sonha – sinceramente – em ter “o seu cantinho”, um lugar “com a sua cara”, que vai estar sempre lá...

Mas por uma razão ou por outra, é importante pensar bem antes de investir nosso dinheiro em certas coisas.

### Investigue:

1. O luxo (a posse de bens cuja principal função é diferenciar os “vencedores” dos “seres humanos comuns”) se justifica em um planeta ecológica e socialmente injusto e claudicante?
2. Por que preciso comprar essas propriedades? Não é mais razoável e menos dispendioso alugá-las?
3. Não posso substituí-los por outras formas de lazer ou investimento?
4. Pesquise com os proprietários de bens semelhantes o grau de satisfação (prazer) que eles estão tendo.
5. Quanto custará a manutenção: em dinheiro, tempo, preocupação, desentendimentos familiares e trabalho.
6. E o valor de revenda?
7. E o valor do financiamento?
8. O que o esforço para comprá-los representará em meus relacionamentos familiares?
9. Quanto mais será preciso trabalhar para pagar tudo isto?
10. E o estresse?
11. Faz sentido investir em uma residência destinada ao lazer quando seria mais inteligente (racional e emocionalmente falando) melhorar a qualidade de vida na residência destinada ao cotidiano? Por que viver mal 300 dias por ano e bem apenas 60?
12. Isto é de fato um investimento? É de fato um patrimônio?
13. Já comprou? Então que tal fazer este dinheiro circular? Por exemplo, alugando o bem que comprou, incorporando-o a alguma atividade comercial, compartilhando-o com alguma ONG etc.

Quando o assunto é uso consciente do dinheiro e do crédito, não devemos olhar o que desejamos comprar apenas pelo lado imediatamente prazeroso.

Nestas ocasiões, o unilateralismo é perigoso porque envolve nossa consciência em sombras. A conquista dos objetos de desejo pode brilhar no céu de nossa competência de enxergar a realidade, mas nos iludindo como um refletor no palco, que ilumina apenas uma parte do ambiente.

Portanto, a imagem dos dois lados da moeda é extremamente útil e necessária quando corremos o risco de associarmos, sem mais considerações, capacidade de consumo com felicidade.

Finalmente, a 14ª pergunta que devemos fazer é: Ao desejar estas coisas não estou querendo, acima de tudo aparentar (projetar) uma imagem pela qual gostaria de ser reconhecido?

### Você sabia?

- Existem opções dos mais variados tipos para você aproveitar bem suas férias e feriados, manter uma boa atividade física e desfrutar da vida ao ar livre. Pesquise opções como colônias de férias, grupos de excursionistas, hotéis-fazenda, parques urbanos ou reservas florestais, e outros.

- Se você ainda não tem certeza do que gostaria de fazer, uma boa opção é alugar uma casa, sítio ou equipamento que deseja, antes de decidir a compra. Cursos de fim-de-semana também são uma boa opção, pois você aprende as técnicas da atividade, conhece pessoas e lugares, e ao final pode decidir qual o melhor modo de aplicar seu tempo e seu dinheiro.

## Dicas

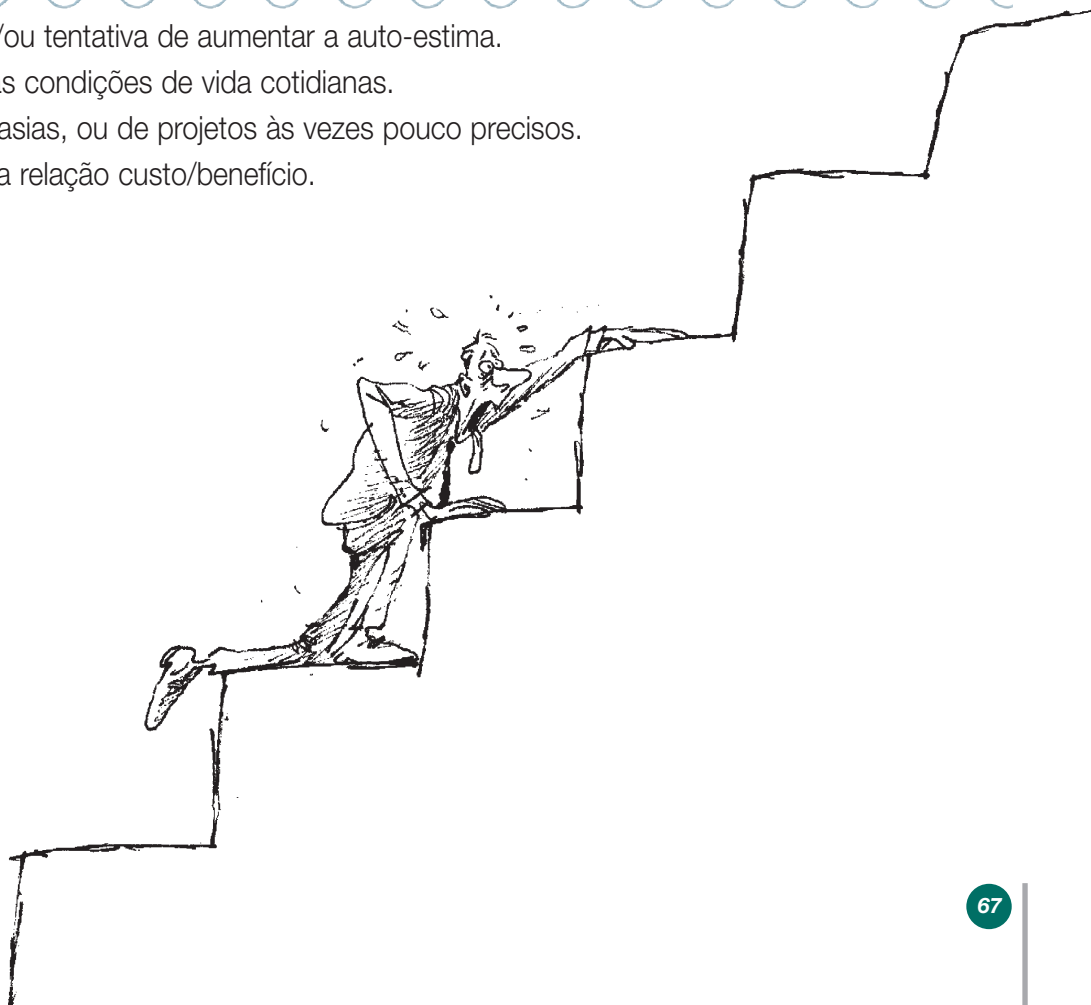
- Antes de se fixar na idéia de “construir um lugar para passar bons momentos” fora de seu cotidiano, considere a possibilidade de reformar seu ambiente e seu modo de vida usual, para desfrutar de bons momentos todos os dias.
- Seja realista e faça as contas: quantos dias por ano você vai desfrutar do seu “lugar alternativo”? Quanto ele vai custar? (incluindo manutenção, deslocamentos e custo do capital imobilizado). Que outras coisas você poderia fazer com este mesmo dinheiro?
- Ter um lugar para ir passear sem se preocupar com reservas e custo das diárias, e com o qual se gerem vínculos afetivos, também pode ser bom. Analise o que é melhor para você e sua família.
- Não tenha medo de ser feliz: se depois de todas as contas e considerações, você achar que vale a pena ter o sítio dos sonhos, o barco do final de semana ou a casa de praia, vá em frente, e aproveite ao máximo!!

“Um barco dá duas grandes alegrias: na hora de comprar e na hora de vender.” (dito popular)

## Iceberg da Percepção

“Formo um patrimônio, e ainda dou o melhor para minha família.”

- Busca de status e/ou tentativa de aumentar a auto-estima.
- Insatisfação com as condições de vida cotidianas.
- Realização de fantasias, ou de projetos às vezes pouco precisos.
- Pouca avaliação da relação custo/benefício.



## 26 - A vida é cada vez mais longa

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Como desfrutar de bons relacionamentos depois dos 65 anos de idade?
- A importância de planejar hoje para o amanhã.
- As grandes obras produzidas por pessoas da “terceira idade”.

Se você está na década dos 40 anos de idade, saiba que está na hora de começar a pensar no “que vai ser quando crescer”. Depois da meia-idade chega a idade inteira, mas esse tempo em que o crescimento se completa não vem sem esforço. É a sabedoria popular quem ensina: envelhecer é uma coisa, crescer é outra.

Neste momento não estamos sugerindo que você pense no que fará durante a aposentaria. Talvez você arrume um novo emprego, ou venha a se dedicar a causas socioambientais. Viajará e passará bastante. Fará alguns cursos ou retomará atividades interrompidas na juventude. Eventualmente, casará de novo.

Tudo isso é importante, mas é pouco. A chamada terceira idade exige mais de quem chega lá. A questão que nos interessa neste momento é outra: como desfrutar de bons relacionamentos, com pessoas de todas as idades, depois dos 65 anos de idade?

Este é sem dúvida um assunto bastante delicado, que traz um certo desconforto, mas que não pode ser evitado. Ele tem a ver com o tema do uso consciente do dinheiro e do crédito na medida em que, pensar na velhice, nos estimula a rever, já, as escolhas que estamos fazendo.

Estamos tão ocupados em ganhar e gastar dinheiro que nos esquecemos com muita facilidade que estamos envelhecendo e que nossa função social não se limita ao papel de provedores financeiros da família. Quem permite que isso aconteça consigo não escapa de repetir o drama do Rei Lear (da obra de Shakespeare), que ao distribuir em vida a sua herança e seu reino, amargou a solidão na velhice.

Para que as décadas de seus 60, 70 e 80 anos sejam o palco de uma convivência intensa, além de hábitos que mantenham a saúde e a renda, crescer (e não simplesmente envelhecer) exige uma outra aprendizagem demorada, que precisa começar agora: **como viver muito e continuar sendo interessante para as pessoas e se interessando por elas?**

Esta aprendizagem consiste na criação continuada de vínculos afetivos e duradouros com os familiares, os amigos e os desconhecidos com que nos relacionamos todos os dias. Cultivar e manter seus laços com o mundo e com a sociedade.

Como diz a música, “a gente não quer só comida\*”. O ser humano necessita de companhia e afeto. Queremos compartilhar o tempo; trocar desejos, experiências e também medos. Queremos, enfim, viver muito tempo e não tempo demais.

Nenhum de nós quer o mesmo tratamento que os septuagenários de hoje – ricos ou pobres – recebem. Ninguém se imagina precisando recorrer ao Estatuto do Idoso para nos sentirmos cidadão e pessoa.

Para que, mesmo aos 75 anos, continuemos a ter desejos e sonhos ao invés de queixas e necessidades, nossos planos atuais devem incluir medidas que tornem a nossa existência significativa para o maior número possível de pessoas.

O sentido de uma vida humana é que ela tenha sentido para os demais. É somente isso que faz a vida valer a pena. É de Milan Kundera\*\* a frase: “todo mundo tem dificuldade em aceitar o fato de que irá desaparecer, desconhecido e despercebido, num universo indiferente”.

Não perca tempo. Comece a praticar a arte de, nas palavras do rabino Harold S. Kushner (autor do livro “Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas”\*\*\*), *ser o alguém de alguém*.

\* Arnaldo Antunes, in “Comida” \*\* In “A Insustentável leveza do ser”, \*\*\*Editora Nobel 1988.

## Você sabia?

- O aumento da expectativa de vida tem levado à questão de se estamos próximos do limite máximo para a idade dos seres humanos. Na verdade, todas as tentativas de se estabelecer tais limites foram ultrapassadas rapidamente. Em 1928, Louis Dublin avaliou em 64,7 anos a idade máxima para a expectativa média das sociedades humanas. Mas ele não sabia que a Nova Zelândia (desconsiderados os nativos Maoris) já tinha ultrapassado essa marca na sua própria época. Em 1990, S. J. Olchansky, B. A. Carnes e C. Cassel, da Universidade de Chicago, afirmaram que a expectativa de vida adicional não deveria ultrapassar os 35 anos para pessoas já com 50 anos (ou seja, pessoas com 50 anos deveriam viver no máximo até os 85, em média). Seis anos depois, essa marca era superada pelas mulheres japonesas.  
Isso ajudou os pesquisadores Jim Oeppen, da Universidade de Cambridge (Inglaterra), e James Vaupel, do Instituto Max Planck para Pesquisa Demográfica, na Alemanha, a negar as tentativas de se estabelecer limites para a idade máxima do ser humano e a concluírem que ainda estamos longe do limite do crescimento da expectativa de vida. Isto é muito relevante pois muitos dos cálculos de planejamento social e previdenciário que influenciam nossas vidas hoje dependem de projeções desse tipo.
- A capacidade de realização não se esgota com a idade. Veja alguns exemplos de grandes obras produzidas por pessoas que já estariam na “idade da aposentadoria”:
  - Rembrandt passava dos 60 anos quando pintou seus quadros mais importantes.
  - Galileu publicou “Discursos e Demonstrações Matemáticas” aos 74 anos.
  - Cervantes contava com 68 anos quando terminou o “D. Quixote”.
  - Machado de Assis publicou “Memorial de Aires” aos 69 anos.
  - Aos 72 anos François Mitterrand foi eleito pela segunda vez Presidente da França.
  - Mahatma Gandhi fez uma greve de fome pela paz, durante 5 dias em Deli, aos 78 anos

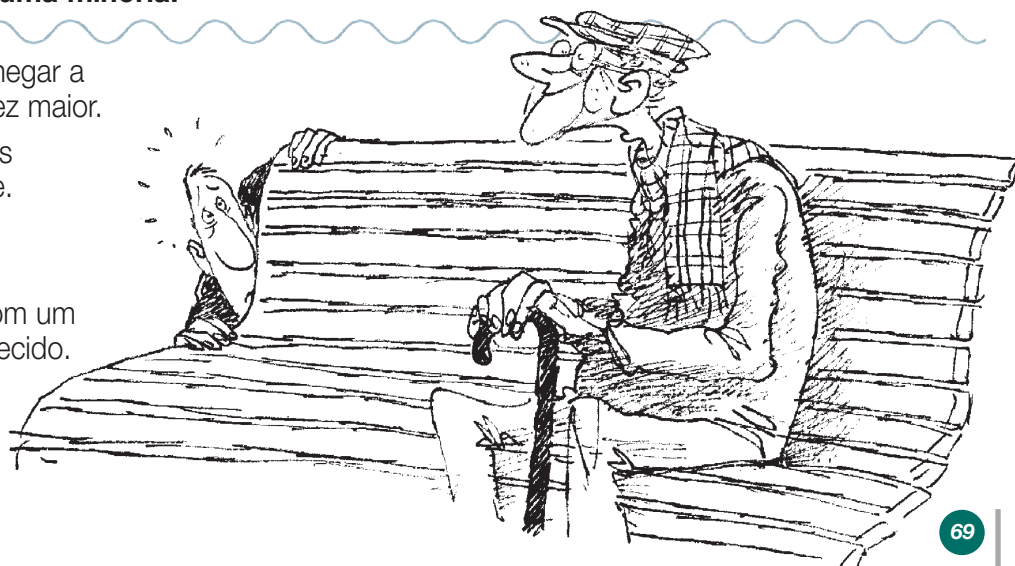
## Dicas

- Doe aquilo que não usa mais. Terá satisfação na felicidade de outras pessoas.
- Se você possui um patrimônio, organize a forma como você gostaria que seus herdeiros o aproveitassem ou dividissem, e explique por quê!
- Não troque o “tempo das relações” pelo “tempo do dinheiro”. No futuro, você pode ficar só com o dinheiro, sem ter as relações que dão sentido à vida. “Você colhe o que você planta”.

## Iceberg da Percepção

“Pessoas idosas são uma minoria.”

- A chance de você chegar a este grupo é cada vez maior.
- Isto exigirá mudanças em toda a sociedade.
- Não gostamos de pensar na velhice.
- É assustador lidar com um cenário tão desconhecido.



## 27 - Tomando decisões

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Saiba a importância de uma decisão.
- Por que o consumo é uma decisão que afeta a todos?
- Quando é necessário mudar de decisão
- A história do alpinista que tomou uma dura, mas necessária decisão.

Decisões não se tomam com palavras, mas com trabalho. MARTIN HEIDEGGER (filósofo)

No meio deste pensamento, Heidegger afirma que as decisões que tomamos não devem ser confundidas com as intenções ou os planos que idealizamos. Nossas decisões são ações que trabalham para concretizar um propósito ou uma escolha.

Deste modo, o verbo da decisão não é *pretender*, mas *fazer*. Esta palavra vem do latim *e*, na origem, significava o lugar de onde a humanidade extrai aquilo que é realmente importante: a fazenda.

Em última instância, tomar decisões é escolher o que fazer ou deixar de fazer. Uma decisão determina o que faremos do tempo que temos. Que coisas nascerão, que outras desaparecerão. Quais serão valorizadas, quais vão ser desprestigiadas.

É transformando “promessas” em ações, que as decisões nos livram do inferno que, sabidamente, é o lugar das “boas intenções perdidas” – aquelas que vivem de morrer em uma mente ou boca humana.

Para tomar uma decisão, nós recorremos a um fórum íntimo onde podemos ouvir vários “conselheiros”: instintos, hábitos, emoções, desejos, intuição, memória e raciocínio. Raramente algum deles opina sozinho, pois eles costumam agir em comitê, onde cada um dá seu parecer sobre o que devemos fazer.

Podemos também recorrer a conselheiros externos: pessoas, empresas, livros, cursos etc. Porém o mais importante é não esquecer o seguinte: nem sozinhos, nem em grupos, os conselheiros decidem por nós. Da primeira à última instância, a decisão é irrevogavelmente nossa, isto é, da pessoa que somos e do estilo de vida que praticamos.

Observe que as nossas decisões expressam, a um só tempo, a identidade, a autonomia e os valores\* que temos. São elas que estabelecem os compromissos que, **voluntariamente**, assumimos com os outros, com a sociedade e com o meio ambiente. Nenhuma ação pode nos representar se ela não for voluntária.

Encontramos exemplos claros da simbiose (ou seja, da relação de dependência e benefício recíprocos) entre nossa personalidade e as decisões que tomamos nas ações mais cotidianas: no uso do dinheiro e do crédito; na efetivação de nossa cidadania; na construção, aproveitamento e manutenção da nossa casa, de nossa alimentação, saúde etc; na dedicação à família e aos amigos; na quantidade e no tipo de lixo que geramos...

Para efeito do tema que estamos tratando neste Caderno, e considerando o estado do mundo, a decisão prioritária é: somos consumidores conscientes ou consumistas? Agimos proativamente e com iniciativa (somos protagonistas) ou reagimos aos estímulos e induções externas (somos meros figurantes)?

É fácil ver que esses dois “tipos psicológicos” dão respostas polarizadas para as questões que fazem toda a diferença quando o assunto é sustentabilidade: como melhorar os resultados do orçamento doméstico? Como investir o dinheiro? Como administrar o tempo? Como educar os filhos? Enfim, as questões deste Caderno.

Os consumistas tendem a decidir de forma imediatista, induzidos por valores externos e focados em seus interesses pessoais/superficiais. Os consumidores conscientes decidem levando em conta que a melhoria do planeta que os cerca depende de suas decisões, confiam que outros os seguirão, e aceitam que pode levar tempo para os resultados aparecerem.

\* Veja o texto “Identidade, autonomia e valores” na página 96.



## Você sabia?

- Em 30/04/2003 o alpinista Aron Ralston criou por acaso um grande exemplo de decisão consciente: ao imprudentemente escalar sozinho numa área erma do Colorado (EUA), ele sofreu um pequeno acidente, sem maiores ferimentos, mas que fez com que uma de suas mãos ficasse irremediavelmente presa por uma grande rocha. Após cinco dias tentando soltar-se e esperando auxílio – sem água nem comida – percebeu que caso não se libertasse rapidamente, acabaria perdendo os sentidos e morrendo. Antes que fosse tarde demais – aproveitando enquanto tinha forças e consciência – usou seu canivete e amputou sua própria mão, conseguindo libertar-se e buscar socorro. O mais surpreendente neste caso é que não foi ato de um momento de desespero, como às vezes acontece: foi uma decisão extrema, porém consciente e racional. Quantas vezes pessoas, empresas e países vacilam ante uma decisão difícil e quando finalmente decidem agir, pode já ser tarde demais?

(<http://www.aralston.com/>) (<http://www.climb-utah.com/Roost/bluejohn2.htm>)

## Dicas

- “A verdade vos libertará”** (frase atribuída a Jesus Cristo) Aplique esta lição à sua gestão financeira e à sua ação como cidadão. É bom para você. É bom para o mundo.
- Seja claro e sincero para consigo mesmo e para com seus semelhantes: você fará avaliações mais objetivas, decidirá com mais firmeza, e sustentará suas posições com maior segurança.
- Jamais mascare a realidade: é melhor tomar providências duras enquanto é tempo, do que tentar ignorar o problema e não ter como remediá-lo depois.
- Guie-se por seus valores éticos: antes de agir (ou deixar de agir), pergunte-se diretamente se aquela decisão é coerente com seus princípios humanos. Se não forem, busque imediatamente outra solução.
- Ao perceber que errou, corrija-se o quanto antes, mesmo que isto fira seu orgulho ou algum interesse imediato: muito pior do que errar é insistir no erro.

## Iceberg da Percepção

### “Sei decidir sozinho(a)”

- Decide só por você, ou considera os demais afetados?
- Só decide, ou de fato toma providências?
- Decide com base em quê?
- Quem pesa mais: as poucas e grandes decisões, ou as inúmeras pequenas escolhas de cada dia?



## 28 - “Consumistas são os outros”

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O perfil de um consumista e de um consumidor consciente.
- O que é consumo compulsivo.
- Dicas para saber se você é um consumista
- O que é pegada ecológica.

Chama-se consumista ao comprador contumaz e compulsivo. É o gastador que usa o gesto da compra como fim em si mesmo. O consumismo é ato de natureza quase puramente psicológica, que se distancia de motivações práticas.

No centro da compra consumista está algum impulso, carência ou hábito. É feita pelos praticantes da já famosa “shopping terapia”. O consumista compra um objeto qualquer e muitas vezes, ao chegar em casa, imediatamente esquece dele, jogando-o em uma gaveta ou armário qualquer.

O consumista se abre para os apelos da publicidade mais fácil e da vaidade mais infantil. Ele se acostumou a preencher um certo “vazio existencial” desperdiçando seu tempo e dinheiro e, juntamente com eles, o meio ambiente e os recursos naturais de toda humanidade.

Seu estilo de vida intensifica e desculpabiliza o desejo, em nome do desfrute do aqui e do agora. Agindo assim, ele não assina compromissos nem consigo mesmo e, claro, nem com as gerações futuras.

O consumista raramente decide com suas próprias idéias: ele geralmente limita-se a reproduzir o que vê “na mídia”, copiando estilos e adotando modelos que duram apenas o tempo suficiente para que ele gaste seu dinheiro com “as últimas novidades”. Mas estas, em algumas semanas já estarão ultrapassadas, requerendo mais dinheiro e assim por diante.

O consumista perde a noção do limite, e acaba gastando mais do que pode. Ele vive num círculo vicioso de conquistas vãs e frustrações constantes, que lhe enche o guarda-roupa e as gavetas, ao mesmo tempo em que lhe esvazia o bolso e o espírito.

Já o consumidor, por seu turno, compra bens e serviços para efetivamente utilizá-los. Não desperdiça o que compra, pois o uso justifica, pelo menos em parte, a matéria (planeta) e o trabalho (seres humanos) que ali foram colocados.

Este é o cidadão que usa conscientemente o dinheiro e o crédito que possui. Além de buscar uma vida materialmente confortável, ele se esforça para contribuir com o círculo virtuoso da economia. O consumidor consciente se orienta pela preocupação de que seu estilo de vida seja social e ecologicamente responsável.

Importante: além disso, o consumidor consciente não considera apenas a efetiva necessidade da compra de um bem ou serviço, ele também pondera suas possibilidades (os efeitos deste gasto sobre sua situação financeira) e jamais deixa de avaliar seu orçamento e sua contabilidade. Está sempre disposto a realizar este gesto de prudência. (coisa que o consumista não faz).

Em resumo: o consumidor consciente é um comprador atento a si e ao mundo. Sendo um consumidor consciente ele, é, numa palavra, um ativista do desenvolvimento sustentável que valoriza o dinheiro e o utiliza para melhorar sua vida e a da sociedade de que depende. Age sabendo que o futuro é consequência das escolhas presentes. Para um consumidor assim, o uso consciente do dinheiro é uma atitude ética indispensável.

### Se ligue!

Você pode estar no caminho de um consumismo exagerado se...

- faz compras mesmo além do que seu orçamento permite
- não consegue resistir ao anúncio de uma promoção
- seu principal programa é ir às compras
- sente prazer no momento da compra, mas logo após vem um sentimento de frustração ou culpa
- seu assunto preferido é falar de marcas, grifes, “última moda” ou “objetos de desejo” mostrados nas revistas e na TV

- não se sente bem enquanto não comprar “pelo menos uma coisinha”
- em viagens, passa mais tempo pensando nas compras e “lebrancinhas” do que em desfrutar do local onde está
- sua principal demonstração de afeto é dar presentes caros ou “de marca”
- tem em casa roupas ou objetos que jamais usou
- “não se sente completo(a)” se não estiver usando alguma coisa “de marca”

Acesse o site do Akatu ([www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br)) saiba se você é um consumidor consciente, respondendo os “Indicadores Akatu de Consumo Consciente.”

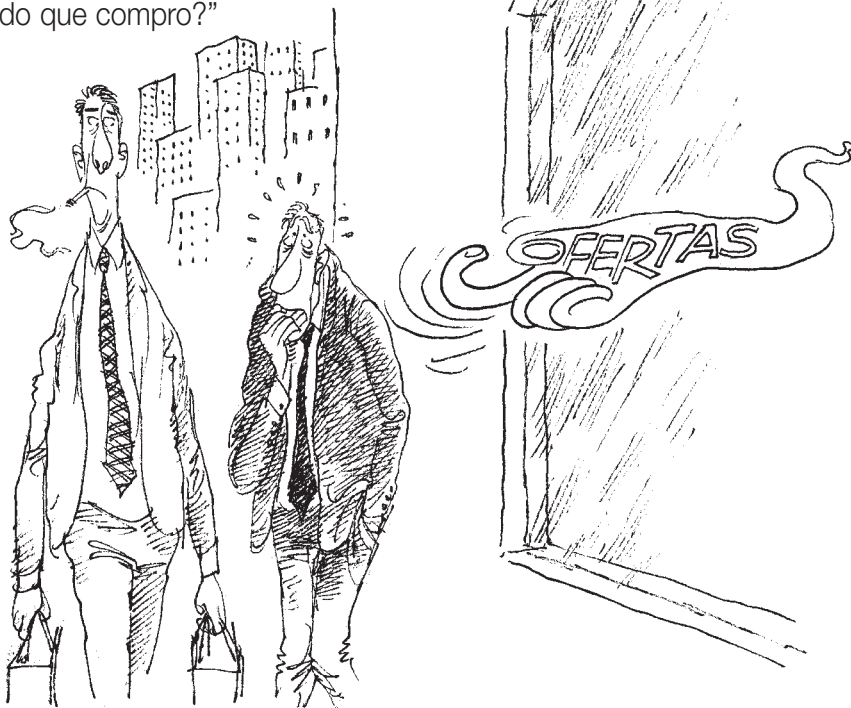
### Consumo Compulsivo:

- Consumir fora de controle pode ser sinal de doença. A oneomania - doença do consumo compulsivo - não depende de renda, mas da busca de satisfação e alívio imediato ao se realizar uma compra.
- A oneomania também pode estar associada a outros transtornos psicológicos, como depressão, alteração repentina de humor, dependência de álcool e drogas, transtornos alimentares (bulimia, anorexia), entre outros.
- A doença não pode ser caracterizada como vício, pois não causa dependência física. Mas o descontrole emocional leva o paciente a consumir a qualquer custo, mesmo que não tenha dinheiro para isso, e acabe se endividando.
- No Brasil, não há estatísticas precisas sobre o assunto. Nos EUA, estudos mostram que 1% da população sofre de consumo compulsivo. No Reino Unido, as pesquisas indicam que esse percentual é de 3% entre os adultos e 8% entre os adolescentes. (<http://www.idec.org.br/noticia.asp?id=516>)

### Iceberg da Percepção

#### “Só compro o que eu preciso...”

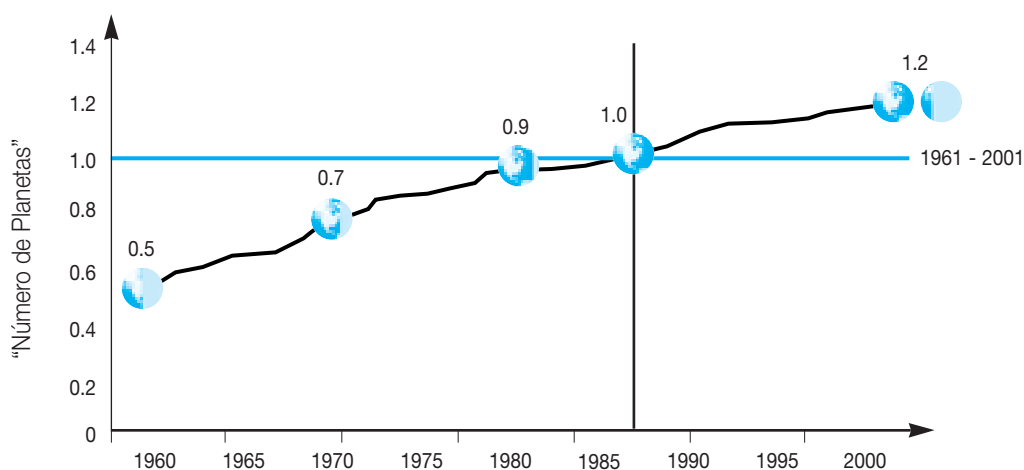
- Tem certeza que gastou bem seu dinheiro?
- “Gastei mais do que eu podia... por quê?”
- “Que sentimentos governam minhas compras?”
- “Eu aproveito tudo que compro?”



### Você sabia?

- A Humanidade está usando até mesmo “o cheque especial” do planeta: consumimos hoje 20% a mais do que a Terra é capaz de repor, e dilapidando assim nossas reservas. Veja no gráfico abaixo a velocidade com que isto está ocorrendo:

### Pegada Ecológica da Humanidade



A “pegada ecológica” faz uma relação entre os padrões de produção e consumo das pessoas e quantidade de recursos naturais usados para mantê-los. Os recursos naturais são medidos em “hectares globais” (a área da superfície terrestre necessária para produzir estes recursos, considerada a produtividade média do planeta). O consumo é calculado conforme indicadores de padrão de vida e hábitos. (mais detalhes na p.138)

FONTE: Ilustração Akatu sobre dados da Redefining Progress ([www.rprogress.org](http://www.rprogress.org))

- Se todos os habitantes do mundo consumissem como os dos países ricos, seriam necessários 4 planetas Terra para atender a todo este consumo!
- Entre 1960 e 2000 a população do Planeta DOBROU, passando de 3 para 6,6 bilhões de habitantes. No mesmo período, as compras mundiais de bens e serviços QUADRUPLICARAM: já descontada a inflação, foram de US\$ 5 trilhões para US\$ 20 trilhões por ano. Esta avalanche de consumo é a maior ameaça à sustentabilidade da espécie humana.
- Acesse [www.earthday.net/footprint/info.asp](http://www.earthday.net/footprint/info.asp) e calcule sua “pegada ecológica” (site em português), onde você descobrirá quanto do planeta você consome.

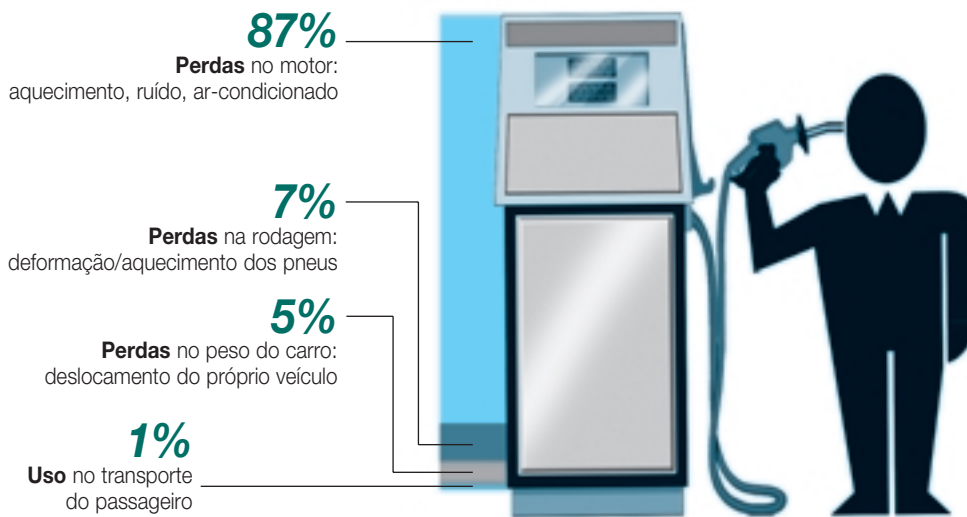
### Você sabia? 2

Em 1979, foi levantado pela Academia de Ciências dos EUA um relatório que ligava o efeito estufa a uma mudança global do clima; que já começava a soar como um alarme nos meios acadêmicos do mundo de que algo estava errado com o clima do planeta.

FONTE: <http://www.ibotucatu.com.br/> “Efeito estufa”

- Apesar disso, vários países - com destaque para os Estados Unidos sob George Bush - ainda insistem em não aderir ao Protocolo de Quioto, preocupados em garantir suas vantagens econômicas imediatas. A pressão da opinião pública mundial será fundamental para mudar este cenário.
- Já a Suécia está dando o exemplo, e pretende deixar de usar petróleo a partir do ano de 2020. (*Valor Econômico* – 13/02/06)

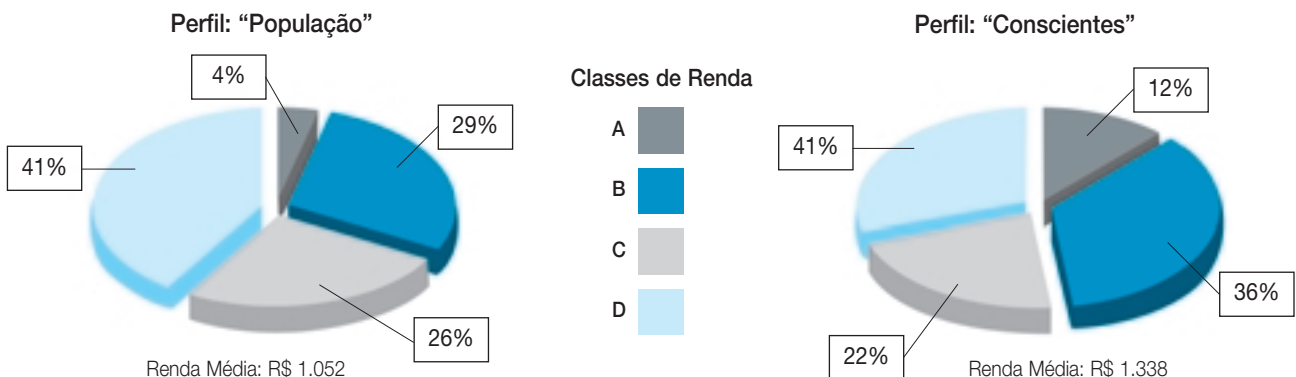
- Apenas 1% da gasolina de um carro convencional é consumido no transporte de passageiros, diz o guru da energia Amory Lovins. O resto é gasto na ineficiência do motor e movimentando o próprio carro. Você mesmo pode fazer algo já: evite usar o automóvel desnecessariamente e pratique transporte solidário.  
[http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=2464](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=2464) e Amory Lovins, in "Revista Scientific American-Brasil", No. 41 – outubro/2005, pg. 70



Por trás do que consumimos, há muito mais do que aparece à primeira vista: o desperdício não nasce apenas do mau uso do que foi comprado. Muitas vezes – como no caso dos motores de explosão - a própria tecnologia amplifica as perdas: de cada 100 litros de gasolina queimada no tanque de um carro, apenas 1 (um) corresponde à energia para transporte do passageiro. Os outros 99 são perdidos pela ineficiência tecnológica. Deixar o carro na garagem ou dar carona para os colegas gera um benefício muito maior do que a simples economia para quem usa o carro.

### Quem são os consumidores conscientes?

Comparando o perfil de renda da população brasileira das classes A,B,C e D com o do segmento de consumidores mais conscientes (6% daquela população, segundo a pesquisa “Descobrimo o Consumidor Consciente” - Akatu, 2004), chama a atenção o fato de que apesar de haver uma maior concentração de “conscientes” nas classes de maior renda, existe também uma forte presença das classes de renda mais baixa. Ou seja, tomar decisões de consumo com consciência (pensando não só no próprio bolso e na economia imediata mas também nos aspectos ambientais e coletivos) não é exclusividade dos mais ricos. Saiba mais consultando a pesquisa na íntegra (download no site do Akatu)



## 29 - Cortando o orçamento doméstico

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Como voltar atrás e reorganizar o orçamento.
- Os grandes vilões do orçamento.
- Dicas de como cortar o orçamento doméstico.
- A necessidade de regastar os valores e pôr o dinheiro em segundo plano.

Imagine a cena em que você reúne a família e diz: “Filhos, tenho uma notícia ruim e outra boa. Primeiro a boa: nós vamos economizar dinheiro para nos livrarmos dos juros que estamos pagando no cheque especial. Agora a ruim: vamos cortar a TV a cabo e a viagem que faríamos”. Sem dúvida, a sensação não é das mais confortáveis; temos que engolir a seco um áspero sentimento de fracasso. Não é pra menos: abrir mão do conforto e do padrão de consumo conquistado atinge de frente a nossa auto-estima.

Vivemos em uma cultura que valoriza as pessoas grande parte em função de seu poder aquisitivo. Crescemos no meio da idéia de que só pode se considerar alguém aquele que é capaz de obter e consumir um sem número de coisas. O lugar que ocupamos na sociedade é, em geral, mais diretamente definido pelos objetos e serviços que compramos (e ostentamos) do que pela forma como cultivamos a vida interior e as relações sociais. Mesmo que não concordemos com esta situação e desejemos mudá-la, não há como negar a grande influência que elas têm sobre nosso comportamento e sentimentos.

Mas espere um pouco: se dermos a volta e olharmos o outro lado da questão veremos que não precisamos nos sentir cortando a própria carne. Podemos usar a situação com finalidades pedagógicas e de crescimento pessoal.

Podemos aprender e mostrar a nossos filhos que erramos ao tratar com displicência o orçamento, gastando mais do que ganhamos e que agora estamos tendo a chance de acertar as coisas antes que a situação piore. Podemos, além disso, compreender e ensinar que vivemos em dois mundos que se misturam: o exterior e o interior.

No mundo exterior, a oscilação é a regra e o que chamamos de sucesso acontece em uma rua de mão dupla: ora ganhamos, ora perdemos. No mundo interior os movimentos são mais lentos, porém mais estáveis: o que se ganha, não se perde. Por exemplo, no lugar do sucesso (um acontecimento) aparece a realização (uma experiência).

Uma experiência não é o que simplesmente nos aconteceu, mas o que estamos fazendo com aquilo que nos aconteceu. Note bem: a experiência não é algo que aconteceu e acabou ou ficou gravada na memória. Toda experiência que temos é uma forma de vida que perdura, ou seja, é um acontecimento que não acaba. Algumas experiências são tão marcantes que chegam a modificar a nossa personalidade e o nosso estilo de vida.

Podemos aproveitar a hora de cortar o orçamento para revermos, em família, os nossos hábitos e comportamentos não apenas em relação ao dinheiro, mas também sobre os nossos valores pessoais. Podemos nos perguntar: por que sentimos que somos menos quando precisamos abrir mão de conforto e sinais de status? Isto está certo?

Podemos usar esta situação para aprendermos a ganhar com as perdas. Para encontramos muitas das coisas boas que podemos fazer em nossas vidas, e que gastam pouco ou nenhum dinheiro.

A partir deste ponto, podemos redefinir o que é necessário e o que é supérfluo e, na seqüência, estabelecermos novos hábitos a fim de equilibrar as necessidades de nosso mundo interior com as determinações do mundo exterior.

A idéia é aprender a transformar situações de constrangimento em oportunidades de crescimento psicológico e familiar. E, de quebra, podemos incorporar a prática de revisar periodicamente o nosso padrão de consumo, valorizar nossa vida interior, realizar cortes e cultivar o planejamento de longo prazo.

### Você sabia?

- O desperdício é um dos grandes vilões do orçamento. Apenas no caso de alimentos, estima-se que 20% do que é comprado pelas famílias acaba no lixo. Aprenda e pratique o uso integral.

Fonte: “A Nutrição e o Consumo Consciente”. Instituto Akatu. pág. 45

- “Nem sei porque faço assim”: veja que “hábitos” e “necessidades” são coisas diferentes. Não é só porque sempre fizemos algo de uma certa maneira que não poderemos mudar. Elimine as “ações automáticas” e analise as razões de cada um de seus atos.
- Além de não desperdiçar alimentos outras práticas podem reduzir seu orçamento sem que você tenha que alterar seu padrão. Por exemplo: regular o motor de seu carro, evitar despesas na rua com cafezinho ou ambulantes, ir ao supermercado munido de uma lista.

### Dicas

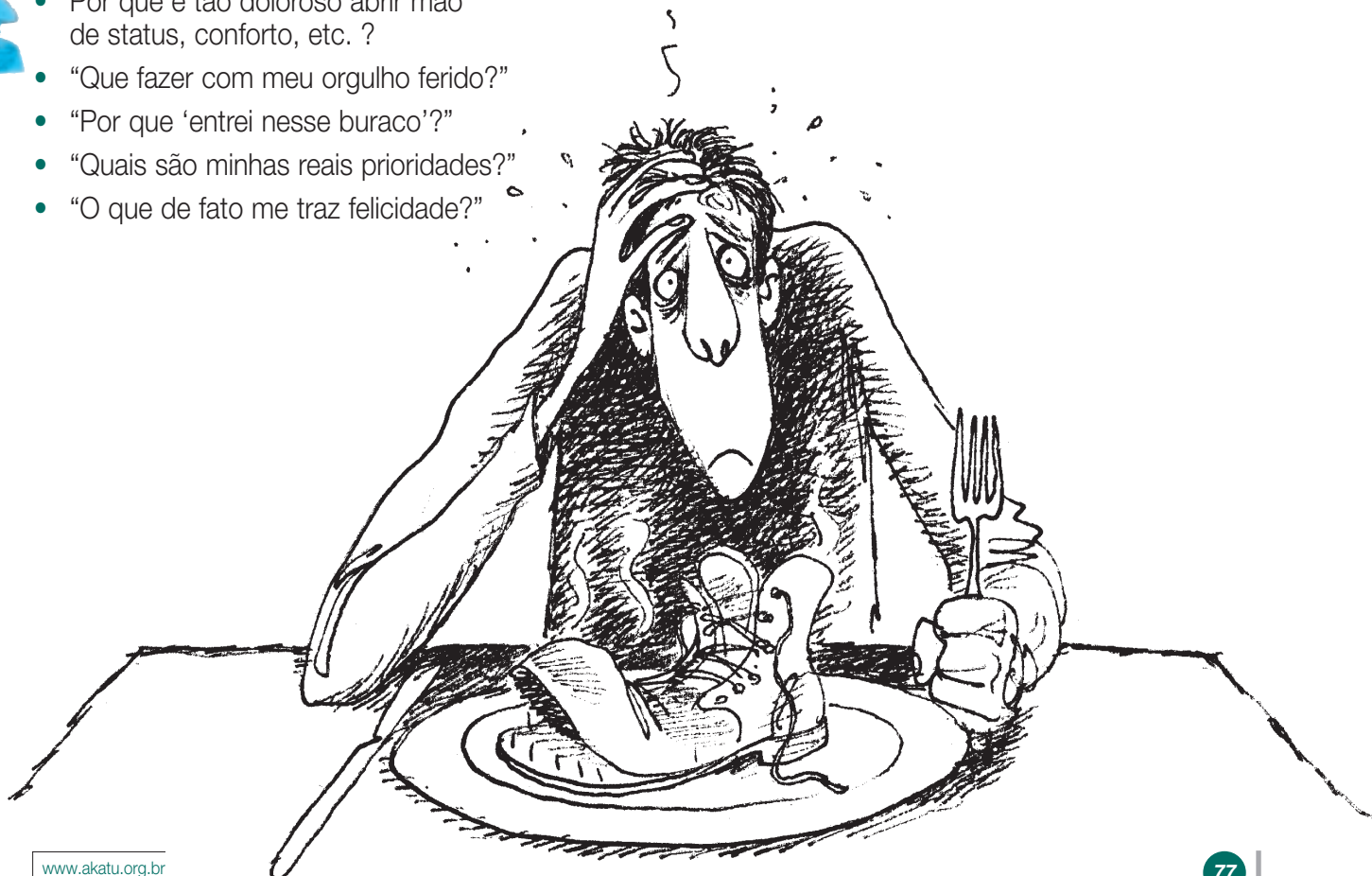
- Dê a cada coisa sua devida importância: ao invés de focar seu pensamento “na dor de estar cortando”, avalie qual o real benefício que o gasto cortado traz a vocês. Compare com o problema de viver com o orçamento estourado. Quase sempre você verá que o problema evitado é muito maior do que o benefício perdido.
- Comece com objetivos que realmente possa cumprir. Aos pouco acrescente outros. Algumas trocas podem ajudar na redução das despesas, por exemplo, quando estiver na rua, ao invés de usar o celular, use o telefone público para fazer ligações.

“Quem não escolhe o que perder,  
perde o que não escolheu.” (ditado popular)

### Iceberg da Percepção

“Vou ter que cortar na carne.”

- Por que é tão doloroso abrir mão de status, conforto, etc. ?
- “Que fazer com meu orgulho ferido?”
- “Por que ‘entrei nesse buraco’?”
- “Quais são minhas reais prioridades?”
- “O que de fato me traz felicidade?”



## 30 - Usar tudo no máximo é coisa de pão-duro?

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Quando um objeto deve ser declarado lixo.
- Porque as pessoas dão mais valor a um tubo de pasta de dentes do que a um celular.
- As atitudes de um consumidor consciente.
- A importância de pensar antes de jogar fora.

A pergunta em cena é: quando um objeto de consumo deve ser declarado lixo? E a primeira inquietação que aparece é: por que damos mais valor a um tubo de pastas de dentes do que a um telefone celular? Não é verdade que esprememos o tubo até não dar mais, mas trocamos o aparelho ainda novo e funcionando?

Divirta-se com esse exercício, continuando a série de relações sugeridas: Vidro de maionese/aparelho de som. Vassouras/TV.

Não importa o par, as respostas são simples e sempre as mesmas: ninguém “se avalia” ou se compara com os outros por causa de um vidro de maionese ou de umas vassouras: afinal, eles não configuram um sinal de status. Bem, este é o prisma do consumista. O consumidor consciente vê por um prisma diferente. Para ele, antes de tudo, lixo é coisa certa no lugar errado.

A recuperação, a reutilização e a reciclagem estão, permanentemente, na linha de seus olhos. Nada deve ser descartado ou destruído senão depois de uma avaliação preventiva e cautelosa.

Para o consumidor consciente, o verdadeiro pão duro não é aquele que tira o máximo proveito do que consome. O verdadeiro pão duro é o egoísta que, por preguiça ou sede de conforto, se nega a responsabilidade de compartilhar os recursos finitos do planeta com todos e com as gerações futuras.

O consumista é, no fundo, um egoísta que diz preferir trocar algo porque não tem tempo para, por exemplo, reformar sapatos, roupas, móveis, eletrodomésticos. Que tudo isto dá muito trabalho e, ademais, é muito caro. Assume o lema: é mais barato e inteligente trocar as coisas do que preservá-las e consertá-las. Está sempre precisando de um cesto de lixo por perto.

Os argumentos enumerados podem até ser verdadeiros, mas nem sempre existe uma única verdade. O consumidor consciente se nega a transformar as coisas que usa em nada – em lixo –, ainda que gaste um pouco mais de dinheiro ou tempo para preservá-las, ao invés de comprar outras.

Sente-se responsável pelo que comprou e usa, pois, como já dissemos, ele compreende que a matéria de um objeto de consumo é sempre um pedaço do planeta que foi transformado pelo trabalho de muitas pessoas. Se não quiser mais algo que já tem, irá revendê-lo ou doá-lo a quem precisa, garantindo que continue sendo útil.

Ele ou ela compreende profundamente a urgência de agir proativamente nas três etapas do consumo: compra (ponderação e escolha), uso e descarte. Compra e usa com muita moderação e respeito não só objetos, mas também fontes de energia, recursos naturais e serviços.

O consumidor consciente está sempre atento e não tem pressa de gastar. É aquele tipo de pessoa que espera a comida esfriar antes de guardá-la na geladeira. Não usa a torto e a direito o microondas para descongelar alimentos. Antes de sair de casa, ou da sala verifica se todas as lâmpadas estão apagadas. Não esquece a mão na descarga da privada. Procura se informar sobre a procedência do que está comprando: verifica se há notícias de que a empresa abusa de seus trabalhadores ou fornecedores, se tem uma boa política de preservação do meio ambiente, se age de forma honesta etc.

Usa o poder que tem na hora de comprar para influenciar políticas e estratégias empresariais.

### Você sabia?

- Somente na Europa, 8 milhões de toneladas de EEE (Equipamentos Elétricos e Eletrônicos) são descartados todo ano.
- O número mundial de telefones celulares obsoletos já é estimado como sendo superior a 500 milhões e continua a aumentar rapidamente



- Atualmente, não existem sistemas adequados para a coleta ou tratamento de EEE no Brasil. Em alguns países desenvolvidos a responsabilidade é dos fabricantes. (Holanda e Suécia, entre outros).
- 30%\* do que nós jogamos no lixo são embalagens que, muitas vezes, poderiam ser dispensadas ou reduzidas, como as sacolinhas de plástico e bandejas de isopor. Pense no resíduo de sua compra antes de levar algo para casa.

\*Fonte: Secretaria de Serviços e Obras - SSO -São Paulo, 1992 - citado no livro "Os Bilhões Perdidos no Lixo" - SEBATAI CALDERONI p. 114

## Dicas

- Faça revisões periódicas em seu guarda-roupa e em suas gavetas. Eleja um dia do ano para a "operação limpeza" com toda a família, e venda ou doe o que não for usar mais.
- Descubra (ou promova) feiras ou redes de trocas solidárias ou de compra/venda de produtos usados em bom estado. Além de recuperar ou economizar algum dinheiro, é uma oportunidade de se divertir e estabelecer novos relacionamentos. O site [www.geranegocio.com.br/html/geral/microcredito/troca.html](http://www.geranegocio.com.br/html/geral/microcredito/troca.html) e outras pesquisas na internet trazem interessantes informações sobre o tema.
- Aprenda e pratique receitas que usem integralmente os alimentos.
- Conheça e contrate serviços de costureiras para reforma e revitalização de roupas (muitas vezes o modelo já saiu de moda, mas o tecido ainda é bom).
- Faça o mesmo com móveis e outros objetos.
- Encaminhe para recuperação pelo fabricante produtos que apresentarem defeitos ou precisem ser recuperados.

Algumas entidades que aceitam e recolhem doações de roupas e objetos usados, medicamentos e alimentos, na cidade de São Paulo\*:

- AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente – [www.aacd.org.br](http://www.aacd.org.br) - 11-5576-0777
- Casas André Luiz – [www.andreluiz.org.br](http://www.andreluiz.org.br) - 0800-773-4066
- Exército de Salvação – [www.exercitodesalvacao.org.br](http://www.exercitodesalvacao.org.br) - 11-5562-2285
- Inst.Beneficente Israelita Ten Yad – [www.tenyad.org.br](http://www.tenyad.org.br) - 11-3334-0193
- Kibô No Iê – [www.kibonoie.org.br](http://www.kibonoie.org.br) - 11-5549-2695
- Liga das Senhoras Católicas – [www.ligasolidaria.org.br](http://www.ligasolidaria.org.br) - 11-3873-2911
- UNIBES – [www.unibes.org.br](http://www.unibes.org.br) - 11-3311-7266

Atenção: não confunda "roupas e objetos usados" com trapos, entulho ou objetos estragados e inutilizáveis.

Respeite o trabalho das entidades assistenciais. \* FONTE: Parte de lista publicada em "Veja São Paulo", de 08/03/2006, pp. 24/25

## Iceberg da Percepção

**“Usar coisas ao máximo é sinal de avareza ou de pobreza.”**

- Garantir uso integral dos produtos é um sinal de respeito ao trabalho humano e à Natureza.
- O que não serve mais para você, pode ser muito útil a outros.
- “Não serve mais”, ou você tem preguiça de consertar/recuperar os objetos?
- Não serve mesmo, ou você tem medo de parecer mesquinho?



## 31- O que é “ser rico”?

### AQUI VOCÊ ENCONTRA

- O que é ser pobre.
- O que é ser rico.
- A comparação entre ricos e pobres.
- Será que a riqueza traz felicidade?

Dinheiro é como água do mar: quanto mais bebemos, mais sede temos. ARTHUR SCHOPENHAUER (filósofo)

É muito mais fácil definir a pobreza do que a riqueza. Assim é porque a pobreza nada esconde. Nela, tudo fica à mostra e à disposição de todos – o pudor é um sentimento quase desconhecido. Aliás, quem é muito pobre até costuma fazer publicidade de sua situação para conseguir alguma ajuda. Quanto maior a pobreza, maior a exposição. (mas não a invisibilidade social, como na ficha “19-O que o dinheiro não deveria poder comprar” na p. 54.

Ser pobre é depender da boa vontade de muita gente para poder “levar um dia à frente” a sua própria vida. É ter um cotidiano excessivamente rígido e mecanizado, programado em função de conseguir, diariamente, moradia, transporte e alimentação. Educação e atendimento médico são “luxos”. A pobreza transforma em urgências as chamadas necessidades básicas da vida.

Ser pobre é proibir a si mesmo de se imaginar fazendo coisas diferentes. Não há espírito e não há dinheiro para tanto. O presente fica à mercê dos acontecimentos de cada dia e a pessoa deixa de enxergar um futuro melhor para si. A grande preocupação é uma só: ocupar-se de algo que traga algum mínimo conforto.

A pobreza tende a anular a autonomia e, conseqüentemente, os muito pobres tendem a perder a noção de identidade. Já a riqueza, além de geralmente ser mais discreta (pois mesmo quando aparece, cerca-se de cuidados...), mostra-se em outras contraposições. Ser rico é estar desprendido das necessidades básicas e poder ter uma vida cotidiana heterogênea e pródiga em escolhas, sobretudo no que diz respeito à importância do nosso trabalho e lazer. O que fazemos fica revestido de significados encorajadores. O presente é integrado a um futuro; há um bom equilíbrio entre preocupações, realizações e planos.

Ser rico é poder gastar dinheiro consigo mesmo sem se preocupar com as necessidades básicas, incluídas nesta categoria a educação e a saúde. A verdadeira riqueza desloca o foco das urgências: ele sai do eixo das necessidades, e vai para o da felicidade.

As dificuldades começam justamente neste ponto, pois é nele que corremos o risco de confundir “vida rica” com “bolso cheio”, ou seja, felicidade com acúmulo de dinheiro. É fácil perceber que se, por um lado, os atributos da riqueza têm a ver com a ausência de carências materiais básicas, por outro lado eles também dependem do sentido que damos às nossas vidas, uma vez superadas aquelas necessidades básicas.

### Uma percepção distorcida da riqueza e da função do dinheiro, nos leva a:

- Nós envolvemos demasiadamente na tarefa de acumular mais dinheiro – isto acaba mecanizando o cotidiano e empobrecendo a idéia que fazemos do futuro;
- atribuir ao dinheiro poderes mágicos: ele fará as pessoas nos amarem; ele tornará nossos filhos felizes e vencedores; ele fará o Mercado crescer, e assim o mundo etc.

Resumindo, o consumidor consciente adota a idéia de que ser rico é ter uma “vida rica”, que é isto o que nos torna pessoas “interessantes” (leia a ficha “26-A vida é cada vez mais longa”, na p. 68) e capazes de estabelecer relações duradouras e satisfatórias, com outras pessoas e com nós mesmos (nossa consciência). E são essas relações que nos abrem possibilidades de sermos felizes.

Para tanto, além de acumularmos um patrimônio no tamanho certo, é preciso aprender duas coisas: cultivar uma “vida interior” e a viver com menos necessidade de consumir (leia a ficha “18-Aprendendo a precisar de menos”, na p. 52 e o texto “Identidade, autonomia e valores” na p. 96).

## Você sabia?

- Riqueza traz felicidade? Talvez não. Veja estes exemplos. Entre 1958 e 1988, no Japão, a renda *per capita* sextuplicou. Nos Estados Unidos entre 1946 e 1988 aumentou em 2,6 vezes. Ou seja, as pessoas, em média, ficaram muito mais ricas. Mas em ambos os países, durante todo esse período, o percentual da população que se declarava “feliz” continuou praticamente o mesmo. (Extraído do livro “*Felicidade*”, de EDUARDO GIANNETTI, p. 65, Ed. Cia das Letras, 2005).
- Se “ser rico” é, entre outras coisas, ter liberdade, algo está errado no modo em que vivemos: as pessoas que têm mais dinheiro gastam cada vez mais para se isolar e proteger da grande massa que tem pouco ou nada. Alguns números mostram isto com clareza: o faturamento da indústria de blindagem de veículos em 2005 chegou perto dos R\$ 100 milhões. E já existem instaladas no país em torno de 25.000 portas e 28.000 janelas blindadas (custo unitário de R\$ 4.000 e R\$ 3.000, respectivamente), além de algumas centenas de “bunkers” e “quartos de pânico”, com preços que vão de R\$ 50.000 a R\$ 2,5 milhões.
- Depois de décadas usando apenas a riqueza econômica para comparar o desenvolvimento dos países (medida pelo PIB – Produto Interno Bruto) chegou-se à conclusão de que era preciso algo mais, e foi criado o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, que combina além do PIB “*per capita*” (a riqueza média por habitante), os dados de Expectativa de Vida e de Taxa de Alfabetização. Estes dados são muito significativos, pois refletem aspectos como a qualidade dos sistemas de saúde, saneamento e educação, entre outros.
- Apesar de ter o 13º maior PIB\* do mundo, pelo IDH\*\*, o Brasil está na 63ª posição, atrás de países como México, Croácia ou Cuba.

\* PIB= Produto Interno Bruto, que mede a riqueza total produzida no país.

\*\* IDH= Índice de Desenvolvimento Humano, que combina a riqueza “*per capita*” com indicadores de qualidade de vida da população (Taxa de Alfabetização e Expectativa de Vida). Veja mais na seção “O que é um país rico? na página 137

FONTE: Relatório de Desenvolvimento Humano – Racismo, pobreza e violência em 2005, ONU

## Dicas

- Avalie sua riqueza como se equilibrasse uma balança: em um lado, os bens materiais; no outro, seu patrimônio afetivo, intelectual e espiritual.
- Em seu planejamento, não fixe apenas metas econômicas: os objetivos não-materiais também devem ser explicitados e perseguidos com afinco.
- Mas lembre-se que nem tudo pode ser medido em números ou valores: reflita sobre cada objetivo não-material, e use critérios de avaliação compatíveis (Por exemplo, ao invés do número de viagens ou dias passeando, use a intensidade das lembranças boas que acumulou nas horas de lazer, mesmo que passadas em casa ou sozinho(a).

## Iceberg da Percepção

**“É ter tudo que se deseja, sem preocupações com dinheiro”**

- Então, é rico quem deseja apenas o que pode comprar?
- É saber que, quando precisar, não ficará desamparado?
- De qual riqueza estamos falando: material, cultural, social, espiritual?
- “Sem enrolação: ser rico é ter muito dinheiro!” Será Mesmo?



## AQUI VOCÊ ENCONTRA

- Dados que apoiam as outras fichas deste capítulo
- Formas que facilitam a compreensão das informações
- Como enxergar a distribuição de renda no Brasil
- Como se divertir sem dinheiro

## Distribuição de renda

A distribuição de renda no Brasil é um assunto de extrema relevância, tanto pela questão da justiça social, quanto pelas implicações que traz para a disseminação da prática do consumo consciente. Vemos a coexistência de extremos de pobreza e riqueza num ambiente social onde “ser” e “ter” se confundem e, onde o consumismo leva pessoas a vincularem sua própria identidade e auto-estima ao seu poder de compra. Os dados e exemplos a seguir buscam apoiar os leitores na compreensão e comunicação da magnitude dessa questão.

### Brasil - Distribuição de renda pela população (base: orçamento familiar)

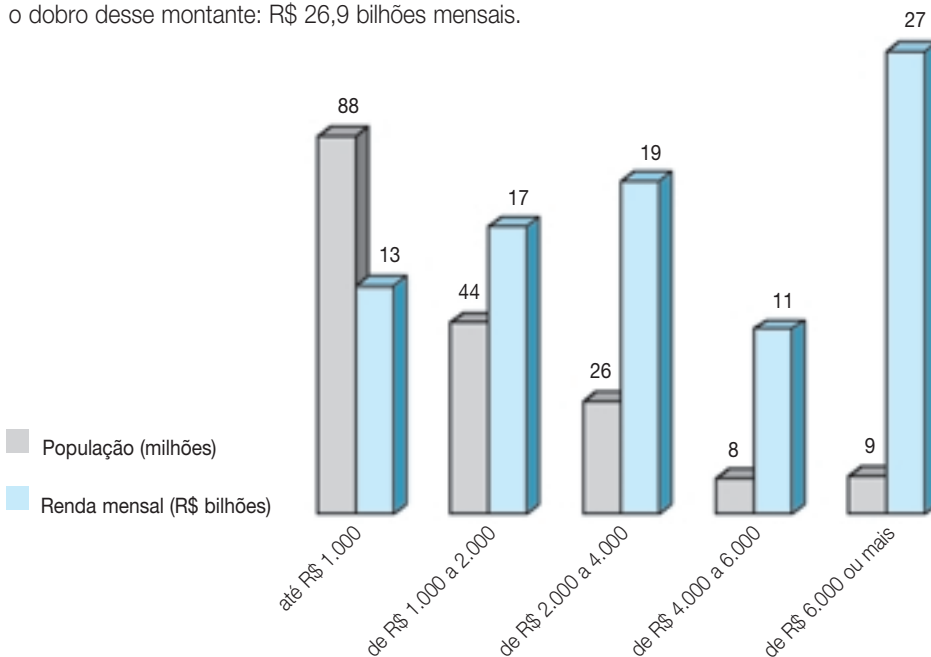
Faixa	Renda familiar mensal (média)	Quantidade de famílias (em milhões de famílias)	Pessoas por família (média)	Renda total (em milhões de R\$)
1	até R\$ 400	7,9	3,34	2.069
2	mais de R\$ 400 a R\$ 600	6,7	3,53	3.315
3	mais de R\$ 600 a R\$ 1000	10,2	3,68	7.848
4	mais de R\$ 1000 a R\$ 1200	3,5	3,73	3.835
5	mais de R\$ 1200 a R\$ 1600	5,1	3,72	6.950
6	mais de R\$ 1600 a R\$ 2000	3,3	3,70	5.97
7	mais de R\$ 2000 a R\$ 3000	4,6	3,80	11.022
8	mais de R\$ 3000 a R\$ 4000	2,4	3,72	8.248
9	mais de R\$ 4000 a R\$ 6000	2,2	3,72	10.771
10	mais de R\$ 6000	2,5	3,63	26.887

FONTE: Instituto Akatu, sobre dados do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Índices de Preços, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003.

### Distribuição da Renda Mensal - Brasil

por faixas de renda familiar

O gráfico a seguir apresenta de uma forma mais resumida e visualmente clara os dados da tabela acima. Aqui é possível notar bem a desproporção na renda das famílias. Enquanto a maioria mais pobre (87,8 milhões de pessoas das famílias com renda até R\$ 1.000 por mês) divide entre si R\$ 13,2 bilhões por mês, um grupo quase 10 vezes menor - a minoria mais rica, ou 9,0 milhões de pessoas das famílias com renda superior a R\$ 6.000 por mês - tem para seus gastos praticamente o dobro desse montante: R\$ 26,9 bilhões mensais.



FONTE: Pesquisa de Orçamento Familiar IBGE-2003

## O mesmo quadro de concentração da renda pode também ser ilustrado de outro modo:

Se a população do Brasil fosse um grupo de 20 pessoas, 1 pessoa representaria a parcela mais rica (os 5% que vivem em famílias que têm mais de R\$ 6.000 para gastar por mês).

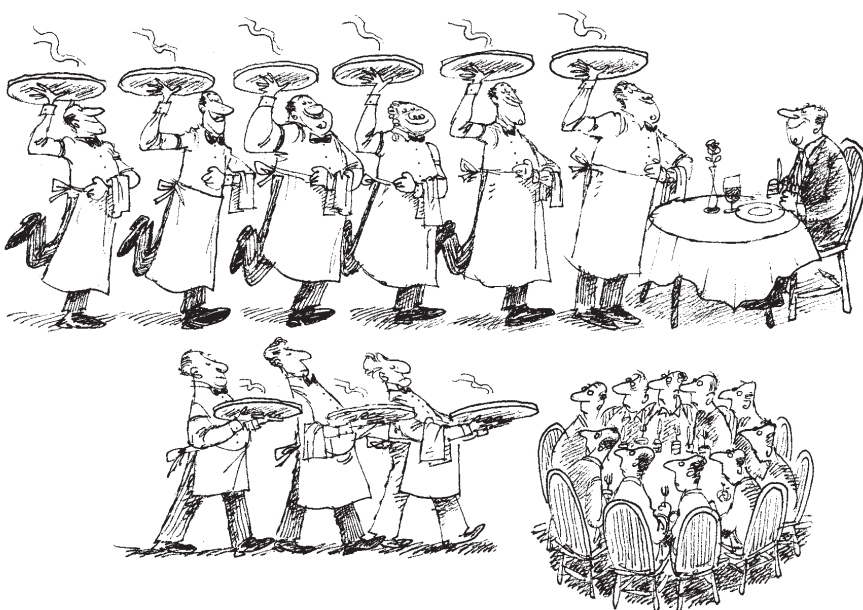
Já a metade mais pobre dos brasileiros (os 50% que vivem em famílias que têm menos de R\$ 1.000 para gastar por mês) seria representada por 10 pessoas.

E como seria distribuída a riqueza?

Se com todo o dinheiro dessas 20 pessoas fosse possível comprar 20 pizzas, a má distribuição da riqueza faria com que **a pessoa mais rica ficasse com 6 pizzas só para ela. Já as 10 pessoas mais pobres teriam só 3 pizzas para dividir entre si.**

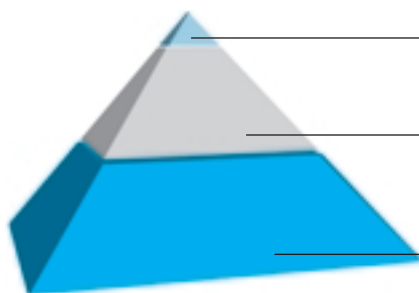
**Assim está o Brasil:** o grupo dos mais ricos é 10 vezes menor que a metade mais pobre, mas tem um poder de compra duas vezes superior.

Fonte: Instituto Akatu, sobre dados do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Índices de Preços, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003.



Você sabe o quanto recebe uma pessoa que está entre os 10% mais ricos da população?

**Para fazer parte dos 10% mais ricos basta ter uma renda familiar mensal per capita de R\$ 571,00!**



Os 10% mais ricos ganham a partir de R\$ 571,00 mensais

A classe média ganha entre R\$ 131,00 a R\$ 571,00

Os 50% mais pobres ganham menos de R\$ 131,00 mensais

Fonte: gráfico disponível em [www.care.org.br](http://www.care.org.br) sobre dados da PNAD - IBGE 1999 trabalhados pelo IETS ([www.iets.inf.br](http://www.iets.inf.br))

## Programas que você pode fazer com pouco dinheiro

- Parques (que além da natureza também têm programas gratuitos)
- Centros culturais
- Bibliotecas (e seus eventos)
- Museus e galerias (que sempre têm um dia com entrada gratuita na semana)
- Mega Stores (grandes lojas de cultura e entretenimento, onde pode-se ler livros, ouvir música, passear e também usufruir de uma programação cultural gratuita)
- Cineclubes
- Cinemas normais que têm um dia com entrada reduzida na semana
- Feiras culturais
- Feiras de artesanato
- Programação gratuita de teatros públicos
- Cursos e programação cultural, educacional e esportiva, em escolas ou instituições como SESC, SESI, SENAC, SENAI e SEBRAE
- Pintar e desenhar ao ar livre
- Caminhar
- Olhar o pôr-do-sol
- ...e as estrelas

# Juros: $2 \times 12 = 24$ , certo? Nem sempre...

Muita gente tem dificuldade para entender porquê os juros parecem crescer tão rápido.

Isto tem a ver com a relação dos juros com o tempo, e com os famosos “juros compostos”, ou “juros sobre juros”.

## O exemplo abaixo procura colocar alguma luz sobre isso:

Imagine que você vai tomar um empréstimo de R\$ 100,00, com juros de 2% ao mês, para ser pago daqui a um ano (12 meses).

### A maior parte das pessoas naturalmente aplica a idéia dos juros simples, e faz a seguinte conta:

a. 2% de juros ao mês sobre R\$ 100,00 = R\$ 2,00 de juros por mês.

b. R\$ 2,00 por mês vezes 12 meses = R\$ 24,00 por ano.

c. Logo, o valor total a ser pago após um ano seria de R\$ 124,00 (100,00 do empréstimo mais 24,00 dos juros)

Parece certo, mas não é assim que funciona no mercado. Quando alguém fala em juros de 2% ao mês, significa que ao fim de cada mês os juros serão aplicados sobre o empréstimo.

Estes são os **juros compostos**, e funcionam como um empréstimo que é renovado todo mês, e onde o devedor paga tudo ao final de um certo tempo (nesse exemplo, 12 meses).

### A conta fica assim:

<b>Fim do 1º mês:</b>	<b>R\$100,00 do empréstimo, mais 2% de juros = R\$ 102,00</b> (Como o devedor só vai pagar ao final de 12 meses, estes R\$ 102,00 – o valor do empréstimo já adicionado dos juros - passam a ser o valor do empréstimo para cálculo dos juros no mês seguinte. Isto se chama “capitalização dos juros”)
<b>Fim do 2º mês:</b>	<b>R\$ 102,00 que ficaram do mês anterior, mais 2% de juros = R\$ 104,04</b> (Note que o valor devido ao final desse mês aumentou R\$ 2,04 sendo R\$ 2,00 dos juros sobre o empréstimo inicial e R\$ 0,04 como efeito da capitalização dos juros. Parece pouco, mas faz muita diferença)
<b>Fim do 3º mês:</b>	<b>R\$ 104,04 que ficaram do mês anterior, mais 2% de juros= R\$ 106,12</b> (Veja como a capitalização dos juros já fez mais diferença: ao invés de 4 centavos, já são 12...)
<b>Fim do 4º mês:</b>	<b>R\$ 106,12 que ficaram do mês anterior, mais 2% de juros= R\$ 108,24</b> (A capitalização dos juros já representa 24 centavos: o dobro do mês anterior...)
<b>Fim do 5º mês:</b>	<b>R\$ 108,24 que ficaram do mês anterior, mais 2% de juros= R\$ 110,41</b> Repetindo-se esta mesma conta, no final do prazo combinado para liquidação do empréstimo, temos:
<b>Fim do 12º mês:</b>	<b>R\$ 126,82</b> Veja que usando os juros compostos, o custo total de juros foi de R\$ 26,82 ao invés de R\$ 24,00 resultantes dos juros simples. Ou seja, um aumento de 11,75% no valor dos juros pagos (R\$ 2,82 de acréscimo sobre R\$ 24,00)

### Alguns alertas:

1. Quanto maior a taxa mensal, mais significativa é esta diferença: se ao invés de 2% nosso exemplo fosse de 5% ao mês, os juros compostos em um ano seriam de R\$ 79,59. Ou seja, um aumento de 32,65% se comparados ao R\$ 60,00 de juros simples (12 vezes 5% sobre R\$ 100)
2. Quanto mais longo o tempo, mais significativa é esta diferença: se ao invés de 1 ano nosso exemplo fosse de 4 anos, mantida a taxa de 2% ao mês, os juros compostos seriam de R\$ 158,71 (bem maiores que o valor do empréstimo!) E totalmente diferentes dos “juros simples” que alguém pouco informado poderia esperar: 48 vezes 2% sobre R\$ 100 = R\$ 96,00
3. Cuidado para não ser enganado: nunca aceite que alguém simplesmente divida a taxa de juros pelo período de tempo, e use isto como taxa mensal. Você já sabe que juros de 24% ao ano são bem diferentes de juros de 2% ao mês. (e isto também vale para quando se transformam taxas de juros mensais em taxas diárias: não vale só dividir o valor mensal por 30, ou vice-versa)
4. Por último, a melhor notícia: a capitalização dos juros – ou juros compostos – também pode trabalhar a seu favor: é isto que acontece na caderneta de poupança, no FGTS e nos fundos de previdência: como o dinheiro fica lá muito tempo, os juros vão se capitalizando, e engordam muito a renda do poupador. Poupe sempre, e quanto mais longo o prazo, melhor!

Orçamento Doméstico	Mês:	
	Previsto	Realizado
<b>RENDA TOTAL FAMILIAR (Salários + outras rendas recebidas pela família)</b>		
Salário		
Outros salários (familiares)		
Outras rendas		
Total de Renda		
<b>DÍVIDAS DIVERSAS / PRESTAÇÕES</b>		
Total de Dívidas		
<b>INVESTIMENTOS Poupança, Aplicações, Outros Investimentos)</b>		
<b>DESPESAS</b>		
<b>Moradia</b>		
Aluguel		
Condomínio		
Água		
Luz		
Gás		
Impostos (ex.: IPTU)		
Prestação da Casa Própria		
<b>Saúde</b>		
Despesas Médicas/Plano de Saúde		
Despesas Odontológicas		
Farmácia (remédios)		
<b>Alimentação / Supermercado</b>		
Restaurantes/Entregas		
Supermercados (alimentos / produtos de limpeza / produtos diversos)		
Padaria		
Açougue		
Feira/Sacolão		
Diversos		
<b>Transporte</b>		
Ônibus/Metrô/Trem/Táxi etc...		
Combustível		
Estacionamento		
Manutenção Veículo/Seguro		
<b>Educação</b>		
Mensalidade Escolar		
Material Escolar/Livros		
Cursos (idiomas, esportes, dança etc...)		
Extras (viagens escolares, materiais etc...)		
<b>Lazer / Encontro com amigos</b>		
Cinema/Teatro/Shows etc...		
Festas / Aniversários / Happy Hour etc...		
Esportes / Hobbies		
TV a Cabo		
<b>Higiene e Perfumaria</b>		
Produtos de Higiene (farmácia/mercado)		
Produtos de Perfumaria (farmácia/mercado)		
<b>Telefonia</b>		
Telefone Fixo		
Telefone Celular		
Internet		
<b>Vestuário</b>		
Roupas / Sapatos / Acessórios		
<b>Pequenas Despesas</b>		
Consertos (manutenção, reparos)		
Assinaturas (revistas, jornais)		
Café/Cigarro/Lanches		
<b>Outras Despesas</b>		
(Exemplos: Viagens, Empregados, Animais de Estimação, Outros Seguros etc...)		
Total de Despesas		
Saldo Final		

Caso o saldo seja negativo, observe os "8 passos para sair do endividamento" que está disponível também no site [www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br). Caso o saldo seja positivo, faça novos investimentos

## O “ABC do Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito”

Como já foi dito, este Caderno é parte de uma Série Temática, que inclui vários outros materiais, destinados a apoiar a disseminação do Consumo Consciente, por todos aqueles que desejem atuar como multiplicadores desse movimento.

Um desses materiais é o “ABC do Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito”: um folheto em formato de bolso, contendo sete informações provocadoras sobre esse tema, e para cada uma delas uma dica, um caminho para reflexão e desenvolvimento da consciência dos consumidores.

É um material pensado para ser distribuído amplamente, e para funcionar tanto como um lembrete e uma fonte de informação, quanto como um ponto de partida para as discussões entre o multiplicador e seu público.

Nesta página, reproduzimos os textos do ABC, na forma como estão no “Guia do Multiplicador” - um outro material desta Série Temática, destinado a apoiar de forma prática a ação dos multiplicadores do consumo consciente.

Mesmo que você não planeje realizar um projeto de mobilização, sugerimos a leitura desses outros materiais, que dão uma nova e inspiradora visão do tema.

### Como usar

A seguir você encontra os 7 pontos que são apresentados no ABC. Cada um deles é composto por um pequeno “convite à reflexão” (uma frase tipo “você sabia” ou uma afirmação provocadora) e por uma “dica do Akatu”, que dá a indicação de um possível caminho para se pensar sobre a frase. Para realizar bem sua atividade como multiplicador, a leitura atenta dos “Textos de Referência” e das “Situações” que oferecemos nas páginas seguintes deste Guia é fundamental.

Convidar outros multiplicadores para formar um pequeno grupo de estudos e conversar sobre cada um dos pontos abaixo também é uma boa idéia para aproveitar melhor as discussões em torno do ABC, e realizar um bom trabalho de disseminação do Consumo Consciente!

### 1. Planejamento Financeiro

#### Você sabia?

82% dos brasileiros dizem manter controle de seus orçamentos, mas uma em cada duas pessoas já teve dificuldade em pagar as contas do mês.

#### Dica do Akatu:

Cuidar do orçamento não é só anotar gastos e ganhos. Antes de tudo, é pensar sobre sua vida, escolher

prioridades e ser consciente na hora de gastar. A família toda deve participar.

### 2. Poupança

#### Você sabia?

Colocando na poupança\* R\$ 2,00 por dia desde o nascimento de uma pessoa, ao completar 30 anos ela terá acumulado R\$ 58.700,00!

\*aplicação de R\$ 60,00 por mês em caderneta de poupança, com juros mensais de 0,5%



#### Dica do Akatu:

Muito cuidado com os pequenos gastos: o dinheiro que usamos todo dia em despesas que parecem pequenas, ao final de um ano poderia pagar uma viagem de férias, ou fazer uma bela diferença na sua poupança!

### 3. Hábitos

#### Você sabia?

A metade mais pobre das famílias brasileiras gasta com fumo quase o mesmo que com educação.

(R\$ 176 milhões/mês, ou 1% do que ganham\*)

\*famílias com renda mensal até R\$ 1.000

FONTE: Pesquisa de Orçamento Familiar-IBGE - 2002-2003



#### Dica do Akatu:

Educação é um investimento fundamental na vida das pessoas e a grande esperança de um futuro melhor. É uma incoerência que tenha a mesma prioridade que o fumo nos gastos de qualquer família.

### 4. Juros

#### Você sabia?

Juros são o aluguel que pagamos para usar o que é dos outros, ou que recebemos por usarem o que é nosso.

#### Dica do Akatu:

Os juros são o preço de usar hoje um recurso que não temos. Quanto menos alguém é capaz de esperar, maiores são os juros que paga. Já quem sabe se controlar, ao invés de pagar... recebe!



### 5. Crédito:

#### Você sabia?

Não existe pagamento parcelado sem juros: quem vende a prazo abre mão, pelo menos, da renda que teria se aplicasse o dinheiro da venda à vista.



#### Dica do Akatu:

Não pense só no valor da prestação: calcule o preço total da compra e negocie um desconto para pagamento à vista. Considerando os juros do crédito pessoal, uma oferta “em 10 parcelas iguais” deve ter desconto de pelo menos 20% se for paga no ato\*.

\* corresponde à taxa média de juros para crédito pessoal: 65% ao ano (abril/2006).

### 6. Consumismo

#### Você sabia?

O crédito ao consumidor nem sempre existiu. Ele foi inventado há menos de 90 anos, nos Estados Unidos.

#### Dica do Akatu:

Hoje parece normal pagar tudo no cartão, e ter muito crédito é sinal de status... Mas vale a pena se endividar só para ter um produto a mais? Sua felicidade está nas compras ou nos bons momentos da vida?



### 7. Uso integral:

#### Você sabia?

Já existem 500 milhões de celulares obsoletos no mundo. Só na Europa são descartados 8 milhões de toneladas de eletroeletrônicos por ano.



#### Dica do Akatu:

Quando reutilizamos, doamos ou prolongamos o uso de um produto, além de economizar, beneficiamos a sociedade e o meio ambiente, e damos o devido respeito aos recursos naturais e humanos aplicados para produzi-lo.



# C A P Í T U L O

---

## Temas Fundamentais

Neste capítulo você encontra 8 textos, formando um panorama com questões conceituais selecionadas por serem essenciais para a compreensão das bases do consumo consciente do dinheiro e do crédito. Partindo dos pontos mais imediatos, como os juros e o sistema financeiro, passamos por aspectos comportamentais e chegamos até questões que estão na base de nosso sistema econômico, como o dilema: “competição x cooperação”.

O sistema financeiro **88**

Os juros e as trocas no tempo **92**

Identidade, autonomia e valores **96**

Estilo de vida **101**

Gestão *versus* impulsos **99**

Ética **103**

Sustentabilidade e desenvolvimento pessoal **105**

Cooperação **107**

## O sistema financeiro

Quando se fala em dinheiro e crédito, uma das primeiras coisas que vêm à mente é o “sistema financeiro”. A maioria das pessoas, ao pensar neste “sistema”, imagina que se trata de um conjunto de bancos e outras entidades poderosas, que - praticamente intocáveis - vão puxando os cordéis que governam os fluxos do dinheiro. Mas não é bem assim e veremos por quê.

Em Economia, o conceito de *mercado* designa o conjunto de processos por meio do qual instituições, empresas e pessoas trocam (vendem e compram) produtos e serviços entre si.

A visão liberal do mercado acredita que, na medida em que as informações fluam e cada agente defenda seus interesses e busque seu melhor proveito, o mercado atingirá, ao longo do tempo, um equilíbrio onde o produto do uso do dinheiro – vendo a sociedade como um todo – será o melhor possível. O grau e os modos de se ajustar este “benéfico conflito de interesses” variam tremendamente entre as diversas escolas da economia e da política, mas pelo menos um ponto em comum existe: é preciso que existam limites – éticos ou legais – para o que cada agente pode fazer. Se assim não fosse, prevaleceria a “lei da selva”, onde apenas os mais fortes, mais espertos ou os mais rápidos conseguem sobreviver.

O mercado financeiro é o mercado onde o uso do dinheiro disponível na sociedade é trocado (negociado) entre seus diversos agentes (pessoas e empresas que dispõem ou precisam de dinheiro). Um elemento fundamental deste mercado é a poupança interna, utilizada para financiar projetos de empresas e pessoas.

Em outras palavras, o dinheiro que os poupadores depositam em instituições financeiras é transformado em investimentos que financiam os setores da economia que necessitam de recursos.

Quem não tem recursos próprios para realizar seus projetos e, portanto, precisa de empréstimos ou financiamentos, é chamado agente deficitário do mercado financeiro; o fornecedor desse dinheiro é chamado de agente superavitário. Os primeiros também são chamados de tomadores de recursos, os segundos de poupadores.

É em torno deste mercado que se organiza o “sistema financeiro”.

Não cabe neste texto um aprofundamento na teoria econômica, mas o fato é que ao tratarmos do consumo consciente do dinheiro e do crédito tocamos exatamente nos limites e nos objetivos que regem o comportamento dos principais agentes do mercado financeiro: nós, cidadãos que ganham, gastam e poupam dinheiro.

Nos “Diálogos Akatu No. 5”, Álvaro Musa (consultor especialista em crédito e colaborador do Akatu) disse que: “o sistema financeiro é constituído por todas as pessoas que movimentam dinheiro” e que, diariamente, essas pessoas (cada um de nós) assumem um ou mais dentre três papéis sociais: “poupadores”, “emprestadores” (ou “circuladores”) e “creditados” segundo ele:

- Poupadores são todas as pessoas que guardam dinheiro nos bancos;
- Emprestadores são todas as pessoas que trabalham em instituições financeiras;
- Creditados são as pessoas que tomam dinheiro emprestado.

Evidentemente, existem muitos conflitos de interesses entre cada um desses agentes.

Enquanto os poupadores querem ver seu dinheiro crescer; os creditados, negociam para pagar menos juros aos poupadores e emprestadores e, freqüentemente, não gostam de prestar informações pessoais nem para os emprestadores nem para o sistema de proteção ao crédito. Já os emprestadores precisam dessas informações para aumentar a garantia de suas operações e, ademais, querem ser bem remunerados pelo trabalho que prestam, de preferência, ficando com uma fatia dos ganhos que ajudaram os poupadores a obter. Os poupadores, por sua vez, sempre buscam jogar o ônus da inadimplência para os emprestadores, e assim por diante...

Lembre que é praticamente impossível uma pessoa não assumir pelo menos um desses papéis em seu cotidiano. Portanto, o “Sistema Financeiro” não é composto apenas por grandes e impessoais

organizações. Pelo contrário, ele é essencialmente formado por todos nós, consumidores. Esta explicação pode parecer óbvia, mas comportamentos facilmente observáveis no dia-a-dia (e muitas vezes adotados por nós mesmos) mostram como é forte a tendência a “reduzir o Sistema Financeiro às suas instituições”.

### Vejam os dois exemplos;

1. Achar que o dinheiro que tomamos emprestado é do banco. Parece assim, mas na verdade quem empresta dinheiro para os creditados, são os poupadores. A pessoa que “aplica um calote” não está dando prejuízo para o banco, ela está na verdade interferindo na aplicação da poupança de outros cidadãos e na segurança do sistema de crédito. Ou seja, está causando prejuízos à sociedade como um todo e a si mesma.
2. Aplicar nossa poupança levando em conta apenas a solidez da instituição e a rentabilidade esperada. Agindo assim, é como se não tivéssemos responsabilidade pelo que o gestor dos investimentos faz com nosso dinheiro. A verdade é que não perdemos o poder sobre nosso dinheiro ao aplicá-lo. Podemos escolher uma instituição comprometida com a melhoria da sociedade e do meio ambiente, ou podemos simplesmente aplicar com quem dá mais. Mais ainda: para quem seu dinheiro será repassado pelo emprestador com quem você – poupador – o deixou? Será para empreendimentos produtivos e socialmente responsáveis? Ou será, por exemplo, para uma empresa cujos produtos põem em risco a natureza ou são feitos para matar pessoas?

Como estes, vários outros exemplos demonstram como é amplo e importante o papel de cada consumidor, no uso de seu dinheiro. Infelizmente, a perspectiva limitada da educação financeira que usualmente recebemos e praticamos impede que isto seja amplamente percebido.

A educação financeira não pode estar focada apenas nos assuntos relativos às finanças pessoais (“como fazer para maximizar meu benefício individual”), mas deve ir além, abrangendo a importância social e mundial da circulação do dinheiro (“como garantir simultaneamente os meus objetivos pessoais e a manutenção de uma sociedade sustentável”).

Fazendo com que a riqueza da sociedade possa fluir e ser usada onde é mais necessária e produtiva, a circulação do dinheiro acontece por meio das trocas comerciais. Porém, é dinamizada quando os poupadores emprestam capital para os tomadores de recursos e, um tempo depois, recebem este capital de volta, acrescido de sua parte na produção propiciada pelo uso de seu dinheiro: os juros.

Quando essa movimentação é consciente e ética (baseada em valores humanos), o dinheiro que circula gera um círculo econômico virtuoso que, ao longo do tempo, vai melhorando o mercado, o sistema financeiro e, conseqüentemente, a sociedade por inteiro.

Em resumo, o consumidor consciente, além de realizar seus planos pessoais, tem ciência de que suas escolhas podem melhorar ou piorar as condições da economia, da sociedade e do planeta. Ele compreende que o seu dinheiro não é exclusivamente seu, pois a economia pessoal está integrada na economia social. O uso que alguém faz do dinheiro que é seu não pode ser desvinculado das agendas da sociedade que dá valor a este dinheiro.

O dinheiro que temos nos exige o cumprimento de vários deveres, pois não existe uma maneira estritamente pessoal de usá-lo. Assim como seu uso, o valor do dinheiro é uma convenção social: o que valeria seu dinheiro se não houvesse ninguém interessado em recebê-lo?

O consumista pensa e age de modo diferente. Para a reflexão no direito de uso. Acredita que, se ele pode comprar algo, isto lhe pertence por inteiro; defende que o poder de compra lhe dá todos os direitos sobre o que consome. Enfim, que o dinheiro que usa e aquilo que ele compra são exclusivamente seus. Que seus deveres para com a sociedade se restringem a fazer o “dinheiro circular” e, no máximo, a pagar impostos.

## O “Sistema Financeiro Nacional”

No Brasil, a ação dos agentes do mercado financeiro é regulada por leis de vários tipos e sua organização obedece a uma série de critérios. A operação e movimentação dos valores neste mercado é realizada por meio de instituições que, em seu conjunto, formam o Sistema Financeiro Nacional (SFN). Este sistema é o responsável pela captação de recursos financeiros, pela distribuição e circulação de valores e, também, pela regulamentação e controle de fraudes desses processos. A seguir, apresentamos um panorama prático do SFN.

Estruturalmente o SFN é composto por dois subsistemas — o operativo e o normativo — e três bancos controlados pelo governo federal.

### a. Subsistema Operativo

Este subsistema é formado por um conjunto muito grande e variado de instituições densamente relacionadas entre si. São mais de 30 tipos diferentes de instituições, com as quais todos os consumidores se relacionam todos os dias, direta ou indiretamente. Alguns exemplos: bancos múltiplos com carteira comercial, bancos múltiplos sem carteira comercial, bancos comerciais, bancos de investimentos, caixas econômicas, cooperativas de crédito, agências de fomento, bolsas de valores, bolsas de mercadorias e de futuros, administradoras de consórcios, sociedades seguradoras, entidades de previdência privada, sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários etc.

### b. Subsistema Normativo

Formado pelos órgãos de regulação e fiscalização do sistema:

#### Conselho Monetário Nacional (CMN)

O CMN é o principal órgão deliberativo do SFN. Seu conselho é formado pelo Ministro da Fazenda (que preside), pelo Ministro do Planejamento e pelo Presidente do Banco Central do Brasil.

Compete ao CMN definir as seguintes políticas que regulamentam a economia nacional: a monetária, a cambial e a de crédito.

- A **política monetária** controla a quantidade de papel-moeda em circulação, com as finalidades de ajustar os meios de pagamento disponíveis às necessidades da economia nacional, além de administrar a inflação.
- A **política cambial** define o valor que o Real tem frente a outras moedas e visa a equilibrar a balança comercial do país.
- A **política de crédito** regulamenta a quantidade de crédito disponível no país e sua administração, e cuida também da liquidez e solidez das instituições financeiras.

É importante ter em mente que o objetivo maior dessas políticas é desenvolver a sociedade brasileira por meio do crescimento econômico.

#### Banco Central do Brasil (BACEN)

É o órgão executivo das políticas, diretrizes e resoluções definidas pelo CMN. Suas principais atribuições são:

- Regular e fiscalizar os agentes do mercado financeiro e os seus serviços;
- Controlar o crédito sob todas as suas formas;
- Controlar o meio circulante (a quantidade de dinheiro em circulação no país);
- Administrar a dívida pública e negociar a dívida externa;
- Executar a política cambial.

### Comissão de Valores Imobiliários (CVM)

A CVM é uma autarquia vinculada ao Ministério da Fazenda. Sua tarefa é fiscalizar as companhias abertas bem como fiscalizar e incentivar todo o mercado de títulos e valores mobiliários.

### Superintendência de Previdência Complementar (PREVIC)

Autarquia vinculada ao Ministério da Previdência Social, que realiza as políticas de previdência complementar e fiscaliza as empresas de previdência privada.

### Superintendência de Seguros Privados (SUSEP)

Autarquia vinculada ao Ministério da Fazenda, que controla e fiscaliza os mercados e empresas de previdência complementar aberta, seguros, resseguro e capitalização.

## c. Bancos Governamentais com Funções Específicas

Esses três bancos atuam ao mesmo tempo nos dois subsistemas.

### Banco do Brasil

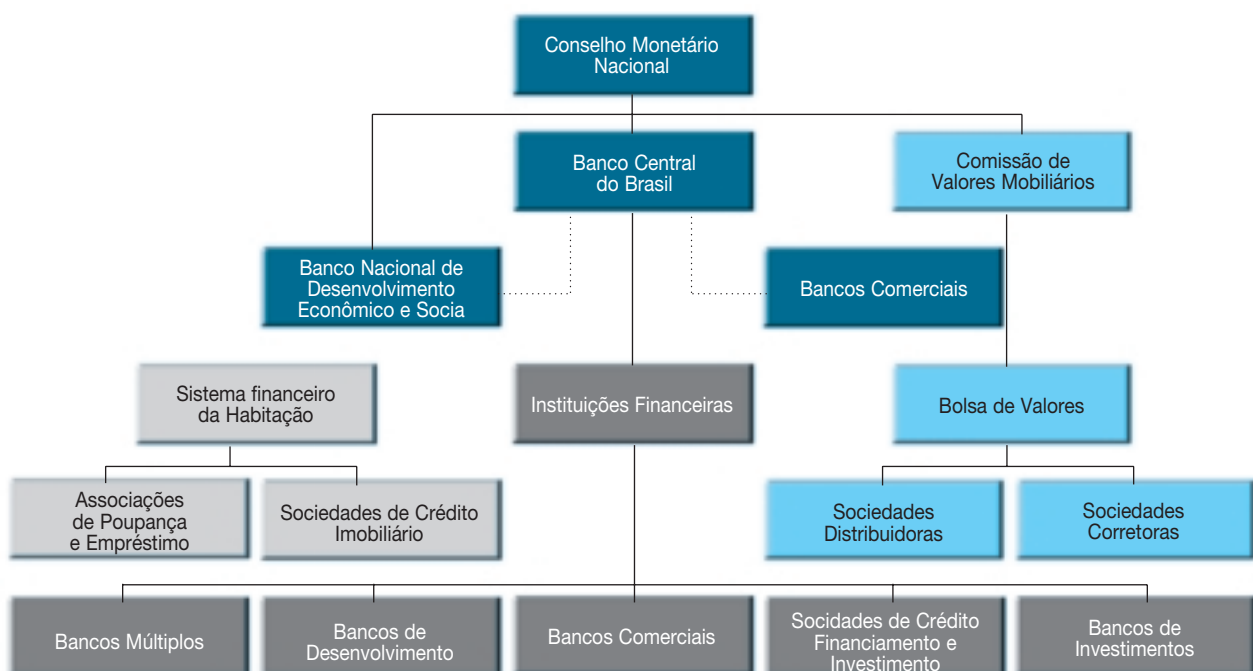
Além de atuar como banco comercial, é o banco do governo federal, de suas autarquias e do Tesouro Nacional. Financia o setor agropecuário e administra a câmara de compensação de cheques.

### Caixa Econômica

É banco comercial e do governo federal. Administra o FGTS, o PIS e as políticas de habitação e saneamento básico, com os recursos das cadernetas de poupança. Também faz a gestão e o controle das loterias federais.

### Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

É um dos principais executores da política de investimentos do governo federal. Usa seus recursos para financiar projetos sociais e industriais que incrementem o desenvolvimento nacional. Basicamente, ele fornece crédito para ampliação da produção, compra de máquinas, equipamentos e ampliação das instalações prediais.



## Os juros e as trocas no tempo

No livro *O Valor do Amanhã*, Eduardo Giannetti expande o conceito de juros para além das fronteiras da ciência econômica. Faz ver que os juros estão - de certa forma - instalados no cerne de praticamente todos os domínios que caracterizam o mundo humano e natural: o biológico, o psicológico, o sociológico, o religioso e, claro, o econômico.

Giannetti desenvolve o argumento de que, em todos esses domínios, os juros são ditados por duas atitudes que, em relação às trocas no tempo, se complementam: pagar agora, viver depois (posição credora) ou viver agora, pagar depois (posição devedora).

A primeira atitude tem a ver com o futuro, e expressa a preferência de **cuidar do amanhã**. Isto é, ela antecipa custos em troca do aumento dos benefícios futuros. “A transferência de recursos do presente para o futuro tem como pré-requisito a existência de um excedente transferível. Esse excedente não cai do céu como um maná divino. Ele depende de uma decisão da sociedade de não consumir no desfrute imediato o equivalente pleno de seus esforços, ou seja, poupar” (*O Valor do Amanhã*, p. 239).

A segunda atitude se esforça para melhorar as condições do presente. Quer, por vários motivos, aproveitar as oportunidades mais imediatas e desfrutar o momento. Em troca, aceita pagar, ao longo do tempo, um custo adicional por isso. É claro que, quanto maior o tempo, maior o acréscimo do custo. “Por outro lado, a vida é agora. A impaciência em desfrutar as coisas boas da vida, aliada a uma visão confiante do futuro, pode perfeitamente levar a sociedade a consumir sem delongas o que produz” (*O Valor do Amanhã*, p. 239).

Mas o autor nos adverte de que “o tempo, ao contrário do dinheiro, não é um ativo transferível. O dinheiro tem uma existência separada daquele que o detém. Daí que ele pode ser entesourado, trocado, emprestado ou doado. O tempo, por sua vez, é um ativo valioso, mas indissociável da pessoa que o detém. O dinheiro, é certo, compra tempo de trabalho alheio e compra serviços médicos que podem estender a duração da vida. Mas o dinheiro não compra o tempo em si. E a razão é o fato de que o tempo não pode ser transacionado em mercado. Um bilionário decrépito, por exemplo, por mais que se disponha a fazê-lo, não tem como adquirir um ou dois anos do vigor juvenil de um adolescente que passa fome, ainda que ambos adorassem ter condições de poder efetuar a transação. Além disso, o tempo é um fluxo que, ao contrário do dinheiro, não se presta a ser poupado, capitalizado ou acumulado. O uso do tempo pode ser calculado, controlado e medido a conta-gotas. O tempo não se acumula: flui”. (*O Valor do Amanhã*, pp. 204 e 205)

Não é difícil perceber que o tamanho das taxas juros praticadas no mercado financeiro resulta de decisões humanas muito mais complexas do que aquela que por exemplo decide o melhor momento de se comprar um carro. Elas são condicionadas pelo que sonhamos ser e ao que estamos dispostos a pagar para realizar este sonho: o uso que fazemos do nosso tempo, isto é, da nossa vida.

O estilo e o plano de vida que escolhemos para nós e nossa família interferem nas decisões e números do Mercado Financeiro. Sendo assim, os políticos, os empresários e os banqueiros não são os únicos responsáveis por eventuais desvios de propósito, abusos nas metas e injustiças relativos ao sistema financeiro. Todos nós temos a ver com isto, na medida em que referendamos o *status quo* ou exigimos mudanças. E isto não se faz com palavras, mas com atitudes. De nada adianta reclamar dos juros altos e, ao mesmo tempo, aceitar pagá-los, simplesmente por não ser capaz de conter o desejo de comprar uma nova televisão ou celular. Para o mercado valem os números e as decisões reais.

## Por que precisamos dos juros?

Ao falar de juros, é muito freqüente encontrarmos reações emocionais, questionando a justiça não só das taxas, mas mesmo da existência dos juros. É fato que num passado não muito distante a cobrança de juros chegou a ser considerada crime em vários países e pecado por várias religiões, inclusive a católica. Ecos dessas idéias ressoam ainda hoje. Por isso, ao falarmos do consumo consciente do dinheiro e do crédito, é preciso um posicionamento neste sentido. Começemos pelo comércio.

Há milênios tem sido assim: quem quer vender almeja um preço alto, quem quer comprar, luta por um preço baixo. Numa sociedade bem governada, esses “egoísmos” (interesses) vão se enfrentando até chegarem a um *optimum* coletivo.

Quem vende ou compra, sempre espera ganhar algo. O comércio não teria se transformado numa atividade tão longa e fundamental para a vida em sociedade se o sentimento de recompensa não acontecesse com muita freqüência nos dois lados do negócio (vendedores e compradores). Mas, se ambos ganham, é como se no comércio a conta  $2+2=4$  não se aplicasse. E de fato, numa transação comercial  $2+2$  pode dar 5, 6 ou até mais.

O que torna possível este aparente milagre do ganho para ambos lados, são a subjetividade e a expectativa de cada um dos envolvidos. Cada parte vê no que lhe é oferecido uma complementação às suas possibilidades e habilidades, que lhe permitirá tirar maior proveito daquilo que já possui. Porém, esta visão, no momento de fechar o negócio, não passa de uma expectativa. Note que o lucro da transação comercial tem a mesma raiz dos juros em uma operação financeira: a troca de valores atuais com base numa expectativa futura.

O comércio está na raiz da civilização humana. Sempre foi um poderoso motor na integração entre pessoas, países e culturas, além de uma peça absolutamente essencial na busca da felicidade, na melhoria da qualidade de vida e no progresso material e espiritual dos seres humanos. Como vimos, lucro e juros – as duas faces da mesma moeda – são não apenas legítimos, como essenciais para a existência do comércio (e por conseguinte, da civilização como a conhecemos).

Ninguém negará que existem ganhos injustos e mesmo cruéis. Desde o saque puro e simples e a transformação de pessoas em mercadorias – pela escravidão – até a “venda de proteção” pelos mafiosos, o mundo já viu as modalidades mais injustas de exploração serem praticadas, muitas vezes sob a indevida roupagem de comércio.

Portanto, o que torna uma transação injusta não é a existência dos juros ou do lucro, quando sua medida é dada pelo mercado praticado entre partes livres e com iguais poderes e condições. As distorções surgem quando este equilíbrio é rompido, dando margem a abusos e ao exercício irrestrito da ganância.

É no Sistema Financeiro que se exerce este controle, no qual – como vimos – o consumidor/poupador tem poder e um papel fundamental.

Não há dúvida que existem no mercado financeiro “os grandes e os pequenos” e que o poder de influência e manipulação dos grandes investidores – individualmente – é muito maior que dos pequenos. Também é inegável que os bancos, ao defenderem a estabilidade do mercado, estão também garantindo sua fonte de lucros. As grandes desigualdades na distribuição de poder e de riqueza são mesmo um dos mais graves problemas de nossa sociedade e sua solução certamente passa por um sistema financeiro eficaz, mas pautado por uma ética mais ampla e uma percepção mais profunda da interdependência planetária que une a todos. As grandes instituições e capitais precisam ser parte da solução e não do problema.

## As taxas de juros no Brasil

Tecnicamente a taxa de juros é a remuneração do capital que os agentes superavitários emprestam para os deficitários.

Emocionalmente, a taxa de juros funciona como uma fonte de motivação para os dois lados envolvidos:

- O poupador se anima a deixar de consumir um tanto agora na esperança de poder consumir mais no futuro.
- O tomador se dispõe a pagar esse a mais para o poupador, porque precisa consumir um tanto agora e não tem o dinheiro necessário. Com isso, ele mantém acesa a esperança de realizar seus projetos ou resolver suas dificuldades de fluxo de caixa.

Note: as taxas de juros interferem bastante nas nossas decisões de poupar, investir ou consumir. E, por isso, estas são usadas pelo governo como dispositivos de controle do fluxo do dinheiro na economia.

### Os dois principais tipos de taxas de juros hoje existentes no sistema financeiro são:

#### Taxa Básica: SELIC

A SELIC é administrada pelo COPOM (Comitê de Política Monetária do Banco Central) com a finalidade ou de impedir que a inflação futura saia do controle, ou que a recessão aconteça. Assim, ela é a taxa usada para regular a “vitalidade” da economia brasileira.

Por causa da Lei da Oferta e da Procura, a inflação tende a crescer toda vez que o consumo aumenta. O preço do computador que você quer comprar aumenta se o número de compradores concorrentes também aumentar.

Taxas de juros maiores tendem a diminuir a inflação porque elas estimulam muitas pessoas a desistirem de comprar agora; elas transformam compradores em poupadores. Quanto maior for o “estímulo” – o dinheiro que os poupadores ganharão – menos gente vai querer comprar agora o computador que você quer e, conseqüentemente, o preço dele tende a ficar estável.

Por outro lado, se a SELIC for excessivamente alta, a economia pode entrar em recessão. Há um refluxo do crescimento econômico, mais desemprego etc.

Portanto, a SELIC é usada para manter a ordem da macroeconomia, por meio do equilíbrio entre oferta e demanda.

#### Taxas de Juro Bancárias

Por que essas taxas são maiores que a SELIC?

Em primeiro lugar, isto acontece porque a SELIC (taxa básica) não é o único fator que determina os juros finais pagos pelos tomadores. Além dela, existem os seguintes fatores:

- Taxas de inadimplência;
- Custos administrativos;
- Condições de concorrência;
- Lucro dos bancos;
- Carga tributária – impostos diretos e indiretos;
- Percentual dos depósitos compulsórios sobre depósitos à vista, a prazo e poupança; definido pelo Banco Central – isto diminui o dinheiro que os bancos têm para emprestar;

Em relação com a SELIC, variações nestas condições influenciam, para cima ou para baixo, as taxas de juros bancárias.



**Outras taxas de juros importantes e que devemos monitorar são:****CDI: Certificados de Depósitos Interfinanceiros**

São taxas de juros diárias, calculadas em função da média das taxas de juros cobradas entre os próprios bancos.

**TR: Taxa Referencial**

A TR é calculada pelo Banco Central tendo por base as taxas de juros praticadas pelo mercado bancário.

**TJLP: Taxa de Juro de Longo Prazo**

É a taxa usada pelo BNDES em seus contratos de longo prazo.

**Qual o valor justo para os juros?**

Para esta pergunta, há uma resposta simples e correta: depende.

E esta não é uma resposta para fugir do problema. É um fato. Vejamos porquê, adaptando um exemplo usado no *Guia do Mobilizador* desta Série Temática

- Suponha que você tenha uma fazenda e o vizinho peça parte da área para plantar café e criar gado. Você acharia justo receber uma parte do resultado que ele conseguirá com a utilização das terras?
- Em que situação você admitiria pagar mais caro para ter a mesma coisa? (por exemplo, R\$ 800 por uma TV que pode ser comprada por R\$ 500?)

Pelo que já vimos neste texto, é fácil ver o que estes casos tem a ver com juros:

- A idéia de que o benefício pelo uso de um patrimônio seja partilhado entre o seu dono e alguém capaz de fazê-lo render é uma das bases do conceito de juros, e não necessariamente tem a ver com dinheiro. No exemplo da fazenda, o pagamento poderia ser em sacas de café ou cabeças de gado, como até hoje ocorre.

Isto mostra um lado da natureza dos juros: **a partilha da renda pelo uso de um patrimônio.**

Ao lembrarmos que milhares de pessoas, todos os dias, decidem comprar produtos financiados, pagando em parcelas um valor bem maior do que o preço à vista, vemos outro lado da natureza dos juros: **o valor dado à possibilidade de antecipar uma satisfação.**

Mas, o que dizer sobre o **tamanho** dos juros? O que define se eles são altos ou baixos, excessivos ou razoáveis?

**Depende dessas “duas naturezas”:**

Como **partilha da renda**, os juros estarão num bom tamanho se os dois lados – quem cede o patrimônio e que o faz render – se sentirem satisfeitos com a parte que couber a cada um.

E isto depende muito de quanto o patrimônio é capaz de render (há um limite, por exemplo, de quanto café se pode colher numa certa área), e das opções de uso disponíveis (o mercado para investimentos).

Como **preço de antecipar uma satisfação**, a coisa é mais complicada: não existe uma medida certa. Tudo depende de quanto cada um está disposto a esperar. Em situações de desespero, de necessidade urgente, pessoas aceitam pagar juros altíssimos. Ou não pagarão nada, se puderem esperar o tempo necessário.

Juros tem a ver com economia e com psicologia. Devem ser vistos como um **preço** e dependem, portanto, de um mercado.

E no mercado, o consumidor consciente tem muito a contribuir!

## Identidade, autonomia e valores

**A** apropriação da **identidade** é o primeiro passo para conquistarmos **autonomia** e nos sentirmos cidadãos de primeira grandeza. Só se sente alguém (um pessoa com uma identidade bem definida), quem escolhe e age por conta própria (ou seja, que tem autonomia) e nada disso acontece espontaneamente.

Isso mesmo: **por si só, o fato de sermos uma pessoa, não nos garante nem identidade nem autonomia**. Basta ver que, infelizmente, milhões de pessoas são tratadas como multidão; perdem a vez e a voz no jogo social e ficam limitadas à condição de espectadores dos acontecimentos. Identidade e autonomia estão longe de ser algo que recebemos gratuitamente, como uma dádiva que aparece pelo simples fato de existirmos. Não devemos pensá-los como sendo heranças, mas como direitos que precisamos conquistar. Em suma, a identidade e a autonomia devem ser construídas ao longo da vida e essa construção começa com o bom entendimento do que elas são. A identidade não deve ser confundida com a personalidade. Enquanto a personalidade define o nosso modo habitual de aparecer para os outros, a identidade tem a ver com quem achamos que somos – é o modo como aparecemos para nós mesmos, é uma auto-imagem. Se a personalidade é a marca de nossa presença no convívio social, a identidade é um autoconceito formado à base de muita observação e reflexão.

A primeira é uma característica que temos é um traço psicológico, ou de comportamento, que se manifesta independentemente de nossa vontade. A segunda é uma avaliação que fazemos de nós mesmos, logo, é algo que precisamos elaborar.

Uma relação semelhante acontece entre a autonomia e o status social. O status é uma característica (algo que temos), a autonomia é uma ação (algo que fazemos).

Como a própria palavra revela, o status é uma característica derivada da nossa situação ou condição social. Ele nos define a partir de critérios que são exteriores a nós – as coisas que temos e fazemos – e não por aquilo que somos. Quem perde parte de seu poder financeiro, embora continue sendo a mesma pessoa, perde parte de seu status. Note também que o status é algo que “vem de fora”: depende do que as pessoas com as quais convivemos valorizam ou não. A palavra autonomia revela o grau de independência que temos sobre a nossa situação, pois ela é atitude que temos diante da expectativa alheia. Nós a utilizamos para avaliar e afirmar a nossa auto-imagem (a identidade) e nos posicionarmos em relação ao que os outros querem ou esperam que façamos.

**Autonomia não é o poder de ter o que se quer, mas o poder de tentarmos ser quem**

**queremos ser**. Tem menos a ver com as posses e mais com a autodeterminação. Pouco com o verbo possuir e muito com o verbo realizar. Eis porque dizemos que a autonomia é uma ação.

Portanto, a identidade e a autonomia são direitos que precisamos fazer valer e que ninguém pode defendê-los em nosso lugar. São tarefas inadiáveis e intransferíveis, que devemos a nós próprios.

Mas realizá-las pessoalmente, porém, não significa que devemos fazer isso isoladamente.

Elas só têm sentido se forem construídas durante o convívio social. Sendo assim, a qualidade de ambas depende da qualidade das relações que tecemos com os outros. A tarefa mencionada consiste, justamente, na melhoria continuada dessa qualidade.

*A equação desses direitos não é:*

*Eu = eu + meus propósitos,*

*mas sim,*

*Eu = eu + meus propósitos + sociedade + convivência.*

O que sou depende das relações que estabeleço comigo mesmo, com a sociedade à qual pertencemos e com as pessoas com quem convivo e dialogo.

Cada um de nós é uma síntese de todas as variáveis da segunda equação. Se a sociedade melhora, eu melhora; se ela piora, eu também pioro.

O filósofo espanhol Ortega y Gasset resumiu isto tudo com uma expressão bela e famosa: **Eu sou eu e minhas circunstâncias**<sup>1</sup>. Aqui, “minhas”, não significa posse, mas interdependência. Não sou o dono das minhas circunstâncias, mas, de várias formas, elas e eu estamos entretecidos e dependemos um do outro.

As escolhas que fazemos geram ações que interferem muito mais no destino da sociedade do que normalmente julgamos. E vice-versa. Isto vale para todos os aspectos da vida social.

Tudo seria mais fácil para todos nós, se aceitássemos a interdependência e desistíssemos um pouco da idéia do *self-made man*, ou seja, do sujeito que vence sozinho, apenas graças ao seu esforço individual. A crença nesse mito tem gerado inveja, egoísmo e indiferença pelo destino alheio. Tem nos tornado pretensiosos, arrogantes e incapazes de ver o que realmente está acontecendo à nossa volta.

Empresas e empreendimentos de todos os tamanhos e propósitos são diariamente arruinados por gente incapaz de estabelecer relações duradouras e verdadeiras com outras pessoas. No lugar de construir uma identidade elas buscam a fama: entregam aos outros a tarefa de dizer quem elas são e acabam alimentando uma imagem distorcida de si mesmas.

Quem vive assim, confunde a verdade com as suas convicções e interesses pessoais. Tende a ser um dominador que, como dizia o personagem Charlie Brown<sup>2</sup>: ama a humanidade, mas detesta as pessoas.

Porque a identidade e a autonomia emergem do modo como convivemos e compartilhamos o mundo, elas devem ser construídas em consonância com as exigências da vida moral. É aqui que a questão dos valores encontra o seu lugar.

Identidade, autonomia e valores se entrecruzam no simples fato de ninguém viver e agir de forma isolada, mesmo quando ouve um CD sozinho em casa.

Muitas pessoas trabalharam para que possamos ouvir um simples CD. Cientistas, engenheiros, artistas, comerciantes, fabricantes de instrumentos e aparelhos musicais, os construtores da sala, os tapeceiros e marceneiros da poltrona etc.

O maravilhoso nisto é que o ouvinte desconhece a grande maioria dessas pessoas. Esta é a magia da interdependência: nos correspondemos uns com os outros, mesmo que não nos conheçamos. Dizer que o ser humano é um animal social significa perceber que **existir é coexistir**.

Pois bem, são os valores morais que nos tornam seguros no meio dessa rede infinita de relacionamentos chamada sociedade. Quando os praticamos, eles diminuem o medo que sentimos uns dos outros.

Quando os desdenhamos, a interdependência inspira suspeitas, inseguranças e medos. Ficamos nos vigiando mais de perto e, no limite, negamos a razão de ser das comunidades e da convivência.

Desdenha-se a vida moral quando alguém, por exemplo, compra discos piratas, CD players roubados ou móveis fabricados com madeira ilegal. Frauda um atestado médico para justificar ausências no trabalho. Não respeita a dignidade alheia. Mentira sobre suas reais intenções.

<sup>1</sup> *Meditações do Quixote*, José Ortega y Gasset. editora Nacional.

<sup>2</sup> *Charlie Brown* é um personagem de HQ da série Snoopy criado por Charles Schulz. O personagem apareceu pela primeira vez numa história em quadrinhos publicada em St. Paul Press e o desenhista logo o incluiu em seu célebre “Peanuts”, publicado pela primeira vez, no dia 2 de outubro de 1950.

Não assume a responsabilidade por uma gravidez. Faz de conta que ensina e os alunos fazem de conta que aprendem.

Numa palavra: toda vez que alguém pretende “levar a melhor” sobre outros.

Shakespeare estava certo: o mundo é um teatro. É um palco onde várias histórias acontecem simultaneamente, interferindo umas nas outras. E a nossa biografia é mais uma no meio delas. A tarefa que nos dota de identidade e autonomia se realiza quando aceitamos protagonizar o papel que nos cabe no teatro do mundo.

No teatro do mundo, as “estrelas solitárias” devem dar lugar aos atores que gostam de contracenar com os demais. O protagonista social compreende o valor das “deixas”, isto é, da vez dos outros. Além de fazer sua parte da melhor forma possível, ele valoriza e apóia seus parceiros, para que revelem também o melhor de si.

Protagonistas sociais orientam sua conduta pelos valores e, portanto, estão dispostos a impor limites às suas escolhas individuais em prol da comunidade.

Quem vive a partir de valores, aprende a colocar a experiência de viver acima da experiência de comprar.

## Estilo de vida

O inferno é um estado no qual nos é proibido receber o que realmente precisamos, em virtude do valor que damos ao que queremos, sem saber de fato o que queremos. DANTE ALIGHIERI (*A Divina Comédia*)

**O** objetivo de termos um estilo de vida é termos, na maior medida possível, uma orientação para nossas vidas.

Quem consegue ter um, não é pego de surpresa; não se deixa levar pelas modas, nem do Mercado nem do Pensamento. É uma pessoa autodeterminada, que pensa com a própria cabeça, mas em diálogo com as circunstâncias. Não é um teimoso; pondera antes de escolher e assume o que fez e escolheu.

Este é um requisito essencial para ser um cidadão e um consumidor consciente; e fazer o dinheiro trabalhar para você, e não o contrário.

É um indivíduo: alguém que sabe integrar-se a si mesmo ao longo do tempo. Capaz de criar significados para seu passado, valor para o seu cotidiano e direção para o seu futuro. Segue em frente, sem ficar dando voltas e reviravoltas, preocupado com os “ratos dispostos a roubar o seu queijo”<sup>3</sup>. É íntegro e tem coerência. Ter um estilo de vida é assumir para si um projeto de existência. É saber o que está fazendo e por que o está fazendo. Nada de imitações.

Quando bem realizado, o estilo de vida agrega confiança ao caráter e aumenta a auto-estima. Munidos desses sentimentos temos mais condições de ultrapassar os momentos de crises, mudanças e situações de risco. Temos também maior facilidade para interagir em sociedade, respeitando as peculiaridades e preferências dos outros, criando uma sociedade mais plural, diversificada, harmônica e produtiva.

Um estilo de vida adequado à nossa identidade nos dota daquela atitude que Paul Tillich (filósofo e teólogo) chama de “a coragem de ser”. A integração a si mesmo ao longo do tempo é conquistada quando as rotinas da vida diária são orientadas pela coragem de assumir uma trajetória de muito longo prazo: de prosseguir, de dar continuidade aos propósitos que escolheu para si.

Anthony Giddens (sociólogo) define o estilo de vida como sendo “um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da identidade”.

Giddens está afirmando que é o estilo de vida que traz, da alma para o mundo, aquilo que desejamos ser (narrativa particular da identidade) e que tal realização deve estar em sintonia com as práticas da vida cotidiana: trabalho, amor, lazer etc. Hoje – depois de um século de psicologias e psiquiatrias várias – aprendemos a valorizar a tarefa de tomar posse das histórias e estórias que habitam nossa própria alma.

Ainda segundo Giddens, os estilos de vida são rotinas incorporadas, por exemplo, em hábitos de vestir e comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros, mas essas rotinas podem ser modificadas por nós sempre que desejarmos readequar os nossos propósitos.

Cada uma das pequenas decisões que tomamos, diariamente (como usar o dinheiro, que condução pegar, como cortar o cabelo etc), dá o ritmo e a intensidade dessas rotinas. Porém, o mais importante é compreendermos que todas as nossas escolhas – as menores e as maiores – decidem não só quais serão as nossas ações, mas, sobretudo, quem estamos sendo.

Em vez de seguir a agenda dos acontecimentos, o indivíduo (aquela pessoa que tem um estilo de vida) segue uma agenda que é dele. Ao invés de ser manobrado por uma série atordoante de

<sup>3</sup> Menção ao livro sobre como enfrentar mudanças: “*Quem mexeu no meu queijo*”, JOHN SPENCER. Editora Record.

imprevistos, que o impediria de decidir o que fazer de si mesmo, o indivíduo (o portador de identidade e autonomia) desenvolve não apenas um planejamento financeiro, mas um verdadeiro planejamento estratégico para sua vida, por meio do qual ele antecipa a visão de uma série de ações futuras sintonizadas com sua alma.

Como você já deve ter percebido, não podemos confundir estilo de vida com os “padrões de consumo” vendidos pela publicidade. Ter, ou antes, imitar um certo padrão de vida, é desejo do consumista. (Veja que com esta perspectiva descobrimos a origem da angústia que tantas pessoas sentem, a perceber que mesmo comprando cada vez mais objetos e símbolos de status, ficam cada vez mais distantes da auto-realização que desejam. O mercado domina a arte de afastar pouco a pouco a miragem perseguida pelo consumista, mantendo-o sempre frustrado, conduzindo seus desejos, e drenando cotidianamente seu dinheiro e sua vida<sup>4</sup>).

Para merecer este nome, um estilo de vida deve ser criado e não copiado. Além disso, como vimos, ele não cuida apenas das questões relativas ao dinheiro, ao consumo e à formação de patrimônio. Bem executado, o estilo de vida abre oportunidades para que nossas aspirações deixem de ser apenas “vontades” e sejam transformadas em fatos concretos de nossa biografia. O que antes era desejo, tornou-se uma opção, uma escolha, uma obra.

Bem entendida esta diferença, podemos seguir em frente e trazer a coisa toda do céu para a terra: desenvolver um estilo de vida, sob nenhum aspecto, é tarefa para um super-homem. Qualquer pessoa que não se deixe apanhar no furor do consumo inconsciente e, portanto, razoavelmente senhora de seus impulsos, é capaz de tal proeza; basta criar um tempo para “saber de si” e trabalhar para realizar o que aprendeu.

Note que a prioridade de um bom estilo de vida é estabelecer o equilíbrio entre ter e ser, entre consumir ou agir<sup>5</sup>. Daí a importância de refletirmos demoradamente sobre a importância do tema anterior. Somente o indivíduo que desenvolveu o senso de identidade e a prática da autonomia, pode efetivar um estilo de vida.

Finalmente voltando à epígrafe deste texto, aquele que tem um estilo de vida, não vai para o inferno de Dante porque desenvolve e se apropria, cotidianamente, de uma identidade e da autonomia para torná-la real.

<sup>4</sup> Leia também a ficha “*Tempo e dinheiro*”, no capítulo “*Consumo consciente na prática*”

<sup>5</sup> Leia também a ficha “*Consumistas são os outros!*”, no capítulo 1

## Gestão *versus* impulsos

**N**a mitologia grega, houve um tempo em que os homens apenas vagavam pela Terra como qualquer outro animal. Naquela época, ainda não éramos dotados de inteligência e nos orientávamos apenas pelos instintos. A vida transcorria num eterno “agora”.

Mas um dia, Prometeu – um titã inimigo dos Olímpicos – decidiu roubar uma faísca do fogo de Zeus e dá-la a nós, humanos, mesmo sabendo que seria duramente castigado. Esse fogo representa a destreza humana de criar e usar todo tipo de tecnologia e, importante: esse uso pressupõe a habilidade de gestão (que consiste em conceber e construir um futuro – ou um projeto – por meio do uso consciente e planejado dos recursos disponíveis).

Descontente com a afronta, Zeus mandou prender Prometeu no alto de uma colina e designou uma águia para, por toda a eternidade, comer pela manhã o fígado do ladrão, que voltava a crescer durante a noite.

Para punir também os humanos, Zeus preparou uma armadilha para Epimeteu, irmão de Prometeu. (para entender a estória, é bom saber que, em grego, o primeiro desses nomes significa “o que age antes de pensar”, e o segundo, “o que pensa antes”).

O nosso castigo consistiu no seguinte:

Zeus ordenou que Hefesto (o deus da metalurgia, ou da tecnologia), criasse Pandora, uma mulher belíssima, e que cada um dos outros deuses do Olimpo lhe desse um dom. Pandora foi enviada para casar-se com Epimeteu, levando junto um presente dado por Zeus: uma caixa, na qual estavam guardadas todas as calamidades e desgraças, juntamente com a Esperança (ou a Esperança também pode ser uma calamidade, quando, por exemplo, nos leva ao imobilismo e permite que aguardemos passivamente o destino, ao invés de agirmos pelo nosso bem futuro?).

Epimeteu, que tinha sido alertado por Prometeu a não aceitar nenhum presente de Zeus, não resistiu e casou-se com a maravilhosa Pandora. Ao abrirem o presente com o dote de Zeus, libertaram na Terra todos os males ali depositados, que soltos pelo mundo nos acompanham até hoje. Para a humanidade, só restou na caixa a Esperança. (Que façamos bom uso dela!)

Essa introdução mitológica quer, sobretudo, mostrar a antiguidade do problema que estamos tratando: por que o ser humano, tendo desenvolvido a tão duras penas a capacidade de planejar, age impulsivamente e contra seus próprios planos?

A resposta é uma só: fazemos isso porque, desde sua origem, a consciência humana é uma mistura de razão (Prometeu - gestão) e paixão (Epimeteu - impulsividade).

Os impulsos, como o nome sugere, nos fazem soltar o pássaro que temos nas mãos, para perseguir dois voando. É por causa deles que somos curiosos e insatisfeitos. O impulso é uma descarga de energia psíquica que nos faz tomar decisões repentinas. E uma decisão repentina é, exatamente, o que a racionalidade procura evitar. Diferentemente dos impulsos, a racionalidade não abre mão da reflexividade: o ato de ponderar sobre as condições e conseqüências da escolha.

Enquanto os impulsos nos levam a escolher imediatamente, a racionalidade nos faz contar até 10, ou 1000, dependendo do que está em jogo.

Como bem se vê: Prometeu e Epimeteu são os representantes legítimos dos dois modos básicos que os humanos usam para tomar decisões. Enquanto o primeiro usa as estratégias do que podemos denominar de *sábio adiamento* (a ponderação), o segundo, é mestre no uso do instante. Mudando um pouco a perspectiva, nos vemos, mais uma vez, às voltas com os dois agentes do Mercado Financeiro: o poupador e o tomador.

O poupador age como alguém se preparando para uma viagem muito longa numa terra pouco conhecida: o futuro. O tomador se comporta como uma criança passeando no pomar, colhendo laranjas para matar a sede numa tarde quente.

As duas figuras são igualmente importantes e necessárias. De modo algum devem ser vistos como antípodas que se anulam, mas sim como pólos que se atraem e fazem as coisas se movimentarem entre eles.

Se a capacidade de gestão, representada por Prometeu, é a arte (mais do que uma ciência) de realizar planejamentos, os impulsos, abrindo espaço para improvisações e experimentações, fazem do ser humano uma criatura criadora.

Se a virtude de Prometeu é aliar prudência, responsabilidade e determinação, a virtude de Epimeteu é nos dotar de iniciativa e espontaneidade.

Quem escolher? Em situações deste tipo, a palavra final é sempre do equilíbrio. Mas cuidado: nem sempre a equação do equilíbrio é “partes iguais de cada ingrediente”. Como estamos imersos em uma cultura que estimula demasiadamente o imediatismo, o consumismo e a diversão, para atingirmos o equilíbrio é bom fazer com que “O nosso caso Prometeu” pese um pouco mais.



## Ética

**É** muito fácil avaliar o que a ética tem a ver com o uso que fazemos do dinheiro e do crédito. Ao longo do Caderno procuramos tornar visível a importância do uso consciente destes dois nutrientes das comunidades contemporâneas. Se bem dosados, eles energizam o sangue do desenvolvimento sustentável; se mal, viram um veneno que estimula a hiper-competitividade, destruindo as oportunidades de melhoria da convivência, da comunidade e do planeta.

Vamos dar apenas um exemplo da importância que a ética vem ganhando na economia globalizada. Em setembro de 2005, uma empresa espanhola Management & Excellence, especializada em realizar estudos comparativos (rankings) analisou o perfil ético das oito maiores economias da América Latina. O Brasil ficou em quinto lugar, à frente apenas da Venezuela, do Equador e da Colômbia. Nossa pontuação foi de 47% (de 100% como pontuação máxima). O ranking foi estabelecido a partir de análises dos aspectos éticos relacionados às seguintes áreas: social, sustentabilidade econômica, combate à corrupção, fiscal, segurança e governança corporativa.

A importância desta pesquisa repousa no fato de que o estudo está sendo usado por investidores, que procuram oportunidades de negócios em uma economia cada vez mais globalizada e competitiva. E não há sistema produtivo que resista à falta de confiança entre seus agentes. Exatamente por esta razão, a existência de fragilidades éticas é associada a maiores riscos financeiros e institucionais, fazendo com que os investidores tendam a exigir maiores juros e garantias para colocar seus recursos em países ou empresas nesta situação. Há inclusive fundos de pensão que, estatutariamente, são proibidos de realizar negócios em países onde a integridade não é um valor de uso e a corrupção está instalada.

A corrupção é a ferrugem que fragiliza as estruturas sociais. Quem, por exemplo, amassa o carro alheio num estacionamento público e sai de “fininho”, age tão mal como um corrupto de primeira classe. Aliás, não existem corruptos senão de primeira classe, pois o que muda é apenas o tamanho do estrago. Quem trafega pelo acostamento das estradas para fugir de engarrafamentos. Quem não leva a sério a dimensão social da sua profissão ou empresa. Quem não amplia sua consciência e não participa, de algum modo, em ações que fortaleçam a cidadania.

Para evitarmos uma lista tristemente infundável de atitudes que minam a saúde social, vamos logo entender que a corrupção nasce das atitudes em benefício próprio desconsiderando os direitos alheios. O corrupto, ao invés de viver em sociedade, usa as instituições e pessoas para satisfazer seus desejos e necessidades.

O corrupto é um sujeito que, praticamente, só tem olhos para seus interesses mais imediatos. Seu estilo de vida é definido pela vontade de se dar bem já e, no limite, ele acaba por corromper seu próprio futuro. Ele está cheio de “razões” para agir assim e a mais comum tem sido: todo mundo faz, por que não eu? Por acaso sou trouxa? Não estamos vivendo a época do cada um por si e ninguém por todos? E, pensando assim, vamos ficando com vergonha de sermos íntegros e honestos; e até titubeamos na hora de fazermos coisas certas e simples, como, por exemplo, sermos gentis.

É por isso que tivemos que inventar uma lei que nos obriga a ceder o lugar no metrô e nos ônibus para aqueles que, evidentemente, precisam dele mais do que nós. É por isso que precisamos de leis que protejam os direitos de crianças e idosos.

A Depressão, a Síndrome do Pânico, a sensação de vazio interior, não são doenças de origem somente psicológica, mas também sociológica. Os milhões que delas padecem sofrem de tristeza crônica, originada em grande parte da falta de um projeto de existência e/ou do medo (desamparo, isolamento...) provocado por um mundo com valores instáveis ou frágeis, incapazes de indicar o que podemos ou não esperar de nossos semelhantes.

A ação humana só pode ser realizada no espaço público, em meio a outras pessoas, em relação com elas. Neste sentido, toda ação que cada um de nós pratica, queira ou não, é uma intervenção ou intromissão, na vida alheia. Portanto, em palavras simples, a ética consiste em nada mais do que isto: pedir, aos outros, “licença para agir”. Aqueles que serão, de algum modo, afetados por minhas escolhas e atos devem ser cuidadosamente considerados antes e depois de eu tomar a decisão ou agir. Se lembrarmos que existe uma interdependência – que o que cada um de nós faz afeta a todos, e retorna a nós mesmos – estes cuidados devem estar presentes em todos nossos atos, e visam a cuidar de nós mesmos.

Considerar os outros antes de agir significa agir com prudência; ter ponderado a validade e as conseqüências do ato. Considerá-los depois de ter agido significa assumir as conseqüências da ação; ser responsável. A atitude ética – aquela que nos impede de sermos corruptos e corruptores – se caracteriza por algo, no fundo, bastante básico: o que eu faço revela quem sou.

Trocando em miúdos: não posso fazer as coisas de qualquer jeito, como se não estivesse nem aí com o resultado e as implicações de meus atos. Devo zelar pelos direitos e bem-estar daqueles que são afetados pelo que faço em minhas atividades cotidianas, entre elas, a maneira como uso o dinheiro e o crédito.

Devemos ser éticos não porque desejamos ser santos, mas porque não teremos jamais um país respeitável, se não ganharmos e gastarmos dinheiro de forma íntegra, responsável e sustentável. O mesmo raciocínio vale em relação ao planeta e a outros recursos de que dependemos para viver, como água, energia, alimentos, espaço, tempo...

O uso consciente do dinheiro e do crédito não é uma fantasia, e temos muito que fazer neste campo sem precisar ir além do que somos capazes. Gandhi dá uma boa dimensão do potencial que cada um de nós tem quando nos faz ver que: “A diferença entre o que estamos fazendo e o que podemos fazer é tão grande, que só isso já daria para resolver vários problemas do mundo”. Agimos eticamente quando agimos a fim de diminuir essa diferença.

## Sustentabilidade e desenvolvimento pessoal

**A** pesar de novo, o conceito de *sustentabilidade* alcançou reconhecimento público muito rapidamente. Sua história começou em 1972, na Conferência de Estocolmo (Suécia). Ali ficou claro que os organismos internacionais deveriam incluir, em suas agendas permanentes, a criação de estratégias que articulassem o desenvolvimento econômico com preservação do meio ambiente. Recomendou-se enfaticamente que todos os países do mundo, em particular os mais ricos, aplicassem energias políticas e econômicas para impedir uma degradação irreversível do planeta. Quinze anos depois, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, órgão da Nações Unidas então presidido pela Primeira-Ministra da Noruega, Gro Brundtland, publicou o relatório *Nosso Futuro Comum* (ou Relatório Brundtland), apresentando pela primeira vez o conceito de Desenvolvimento Sustentável, definido como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

O princípio do novo modelo econômico visa impedir que esgotemos os recursos naturais do planeta, consumindo os recursos naturais até o limite de sua capacidade de renovação. Visa também um modelo de distribuição da riqueza e de gestão das necessidades coletivas capaz de garantir condições dignas de existência e realização pessoal para todos os seres humanos. Hoje, está em marcha uma transformação gradual do atual modelo de desenvolvimento aplicado a todo o mundo pelos países industrializados.

Paulatinamente, estamos compreendendo que os recursos naturais não são infinitos e que nenhum país ou geração pode se considerar proprietária do planeta. Cada geração e país, além de cuidar de seus próprios interesses, deve assumir a tarefa de ser tutora de uma herança ameaçada.

Pela via da interdependência, estamos também percebendo que não é possível pensar o mundo como se as fronteiras políticas ou distâncias sociais viabilizassem a coexistência de diferenças extremas nas condições de vida das várias partes da Humanidade.

Note que a transição de um modelo para o outro, abriu mão das táticas revolucionárias em prol das práticas educadoras e evolucionárias. O desafio aqui é a urgência: mesmo evolucionária esta transição é urgente e precisa ocorrer sem perda de tempo. Basicamente, o modelo da sustentabilidade promove duas linhas de ação: a preservação de ecossistemas e a busca de harmonia entre todos os povos e grupos sociais.

A sustentabilidade não cuida apenas de diminuir o impacto negativo da atividade econômica (extrativismo, agropecuária, urbanização, indústria e serviços) no meio ambiente. Seu objetivo é melhorar a qualidade de vida e o bem-estar da sociedade, hoje e amanhã. Para tanto, a economia, o meio ambiente e a justiça social devem ser pensados em plena sintonia. Este é o chamado tripé do desenvolvimento sustentável. A utopia que buscamos por meio desse modelo pode ser resumida em uma frase: construir uma sociedade economicamente próspera, socialmente justa e ambientalmente sustentável, que acolha e cuide de cada um de seus membros..

### **Neste sentido, o Relatório Brundtland enumera algumas medidas que os países devem adotar:**

- a ONU deve administrar um programa mundial de desenvolvimento sustentável – uma dessas iniciativas ocorreu em 1999 com lançamento da Global Compact Initiatives no 1º Fórum Econômico Mundial de Davos, cuja meta é incentivar empresas de todos os países a promoverem os princípios fundamentais do conceito de cidadania empresarial. Os princípios se dividem em três grupos: direitos humanos, trabalho e meio ambiente;
- a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supranacionais como a Antártica, o Ártico, os oceanos, a atmosfera e o espaço.

- as guerras devem ser eliminadas;
- o crescimento populacional deve ser limitado;
- controle da urbanização selvagem e promoção da integração entre campo e cidades menores;
- garantir que as necessidades básicas de todos os seres humanos sejam supridas durante muitas e muitas gerações;
- diminuição do consumo de energia fóssil e uso de fontes energéticas renováveis;
- desenvolvimento de tecnologias de produção industrial ecologicamente adaptadas;

**Essas medidas dependem de uma complexa concatenação de quatro grandes atividades, cada uma delas com seu dever específico:**

- a. Política: deve efetivar a participação dos cidadãos nas tomadas de decisão e criar sistemas administrativos flexíveis e autocríticos que promovam uma justa distribuição de renda.
- b. Social : deve elaborar e distribuir conhecimento (cultura, ciência e educação) a fim de resolver as distorções causadas por um desenvolvimento desequilibrado.
- c. Econômica: deve gerar e distribuir riquezas em quantidade suficiente para atender demandas planetárias e estimular padrões justos de comércio e financiamento.
- d. Produtiva: deve gerar bens e serviços preservando os ecossistemas.

Neste ponto, deixamos a ONU e entramos em nossas próprias casas e locais de trabalho. Aqui nos encontramos envolvidos com outro tipo de desenvolvimento: o pessoal, ou seja, a construção e melhoria de si mesmo.

Fazemos isto porque o desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento sustentável são solidários: um depende do outro. Se sou um consumidor consciente não posso imaginar-me melhor (feliz) em um mundo que piora; e vice-versa (note que o consumista se solidariza com o desenvolvimento puramente econômico).

O destino dessa solidariedade depende em tudo da cidadania: ela só pode acontecer na vida pública e política. Somente o exercício contínuo da cidadania acomoda os interesses de cada um dos indivíduos aos da sociedade como um todo.

Cidadão é o sujeito que se percebe, ao mesmo tempo, dependente e determinante da sociedade. É por isso que, de bom grado, ele realiza os deveres que lhe permitem participar da comunidade que, em troca, lhe garante o gozo de seus direitos.

A sorte do desenvolvimento sustentável depende assim de indivíduos que compreendem que um exagerado “culto do ego” traz consigo a perda do sentido de cidadania que, por sua vez, esvazia o debate público e faz da intolerância uma norma social.

Não devemos permitir que o desejável crescimento da liberdade do indivíduo comprometa a qualidade da vida em sociedade. O desafio que cada um de nós tem nas mãos consiste em valorizar, em tudo que fizermos, a tolerância, a civilidade, a integridade, o compromisso com causas coletivas e o respeito pela diversidade humana.

## Cooperação

**C**ada estilo de vida entretence um modo de existir, pessoal ou coletivo, no mundo que o rodeia e envolve. É deste entrecruzamento que a interdependência se alimenta.

“Eu sou eu e minhas circunstâncias”. E posso dar conta delas por meio de duas atitudes fundamentais: a vontade de cooperar ou a necessidade de competir.

Cooperação e competição são essenciais em qualquer sociedade humana. Porém, as formas de cooperar e competir vão se modificando em função do aumento da interdependência entre os países, povos e pessoas.

Não são oposições que se complementam, como o lado esquerdo e o lado direito do nosso corpo; são antagonismos binários que se anulam, como o falso e o verdadeiro. Por causa disso, o equilíbrio entre tais atitudes é razoavelmente difícil de ser conseguido.

Em primeiro lugar, estamos por demais acostumados a pensar e a sentir que a competição é o único motor do desenvolvimento econômico. Quando o mundo ainda era visto como um “sistema aberto” e os países e as pessoas podiam viver em relativa independência dos demais, podíamos almejar extrair de nossos negócios e atividades o “maior lucro agora”.

Mas o mundo praticamente se unificou numa gigantesca sociedade interdependente (a globalização tornou-o um “sistema fechado”) e a atitude competitiva já não dá conta de, sozinha, resolver problemas como crimes corporativos, surtos e epidemias mundiais, terrorismo, crime organizado e institucionalizado, lavagem de dinheiro, instabilidades e crises financeiras, pobreza crescente, ruptura climática, biodiversidade e diversidade humana incrivelmente ameaçadas etc.

Vai ficando cada vez mais evidente que as formas competitivas do tipo ganha-perde devem ser abandonadas porque elas não têm mais espaço num mundo interconectado, superpovoado e com recursos escassos.

Os que insistem na lógica do enriquecimento rápido e predatório acabam enredados num jogo perde-perde que envolve milhões de pessoas em todo tipo de desmandos, falcatruas e vergonha. Observe que as pessoas acostumadas a cooperar têm mais facilidade para se manterem íntegras e no comando de si mesmas. As situações de intensa disputa induzem os competidores a transgredir valores pessoais e sociais. É o que revelam as expressões: ganhar a qualquer custo, vencer ou vencer...

Portanto, a prática da vantagem competitiva deve aceitar a companhia de uma irmã mais nova: a vantagem cooperativa.

E essa tarefa não cabe apenas a governos, instituições e empresas. Sobretudo os indivíduos devem aprender a cooperar. O propósito do protagonismo social é justamente este: que o indivíduo cuide de seus interesses sem descuidar de fazer a sua parte em prol da melhoria da sociedade.

Em suma, o desafio é jogar o jogo do ganha-ganha em todas as dimensões da vida cotidiana, social e política. A transição para o modelo de desenvolvimento sustentável só acontecerá quando este desafio for vencido. Precisamos mudar o ajuste entre as duas atitudes fundamentais (competição x cooperação). O desequilíbrio passou dos limites, e há três passos que precisam ser dados nessa direção:

O **primeiro passo** é diminuir a necessidade de tomarmos decisões econômicas baseadas na exclusão: eu OU você.

Não haverá inclusão verdadeira enquanto essa mentalidade exclusivista não perder a hegemonia sobre o modo de nos relacionarmos uns com os outros.

O **segundo passo** é compreender que uma parcela imensa do PIB mundial acontece em função da “dáviva”, isto é, daquelas ações que praticamos gratuitamente em benefício de alguém conhecido ou desconhecido. Exemplos disso são as atividades comunitárias, os serviços voluntários, as doações de sangue, órgãos, objetos e dinheiro, o intercâmbio de conhecimentos, os presentes, os encontros sociais, a participação da vida política, a amizade, a constituição de família, a cessão de direitos etc. Os gestos de gentileza também são gestos de dádiva.

Como mostra Jacques T. Godbout em seu livro “*O espírito da Dáviva*”: “Nada pode se iniciar ou empreender, crescer e funcionar se não for alimentado pela dádiva. Tudo leva a crer – não importa o que digam os sociólogos do interesse e do poder – que as famílias se dissolveriam, instantaneamente se, repudiando as exigências da dádiva, elas passassem a se assemelhar a uma empresa ou campo de batalha. Passando pelas relações de amizade, de camaradagem ou de vizinhança, as quais tampouco se compram, se impõem pela força ou se decretam, mas pressupõem reciprocidade e confiança; e terminando, provisoriamente e para não alongar uma lista que poderia ser interminável, pelas empresas, a administração ou a nação, as quais pereceriam todas rapidamente se os assalariados não dessem nada além daquilo que o seu salário rende, se os funcionários não dessem alguma prova de espírito público. Longe de estar morta ou moribunda, a dádiva está bem viva. Essa perenidade não resulta somente da universal necessidade de dar um pouco de alma às únicas lógicas solidamente constituídas que seriam aquelas do interesse mercantil e do poder do Estado, mas do fato que ela é a prova de que também a dádiva, assim como o mercado e o Estado, formam um sistema”.

Pois bem, é a cooperação que garante a sobrevivência da dádiva; ela abre em nosso espírito uma clareira onde recebemos os outros antes de nos relacionarmos com eles. É neste lugar que as relações interpessoais deixam de ser motivadas apenas por interesses egoístas.

Mais uma vez: somente a prática da cooperação nos guiará na transição para a sustentabilidade, pois a competitividade desbragada não poderá resolver os problemas que ela mesma criou.

Finalmente, o **terceiro e decisivo passo**, caro leitor, é o que está em seus pés.

## Educação Financeira e Sustentabilidade

Pe-la perspectiva do consumo consciente, este capítulo discute mais a fundo os vários aspectos que aproximam ou distanciam a educação financeira da educação para um modelo mais sustentável, cooperativo e interdependente de consumo e de atividade econômica. Coloca-se em discussão a possibilidade de compatibilizar as inevitáveis e legítimas ambições de prosperidade individual com as necessidades de equilíbrio social e viabilidade ambiental impostas pela realidade.

Educação financeira e consumo consciente: uma união necessária **110**

O que tem a ver consumo consciente com educação financeira? **110**

Recursos limitados: o desafio da sustentabilidade **111**

Tempo, desejos e possibilidades: desfrutar o presente ou proteger o futuro? **112**

E o dinheiro? Traz ou não a felicidade? **112**

O que faço afeta a todos e retorna a mim mesmo: a interdependência **114**

E como fica o protagonismo do consumidor? **115**

## Educação financeira e consumo consciente: uma união necessária

### O que tem a ver consumo consciente com educação financeira?

**A**s reações iniciais das pessoas quando pela primeira vez ouvem falar em “consumo consciente do dinheiro e do crédito” são bastante parecidas. Para o grande grupo que pouco questiona as regras de mercado e que foca seus objetivos no progresso material e no aumento de sua renda, trata-se de uma preocupação óbvia: “se desejo acumular patrimônio e desfrutar do melhor conforto material possível, é natural que busque consumir conscientemente meu dinheiro e meu crédito”. Já para aqueles preocupados com os problemas ambientais e sociais que a superexploração dos recursos naturais e humanos têm trazido à Humanidade, o assunto parece distante de suas prioridades: “o que a preocupação com problemas econômicos pessoais tem a ver com nossa sustentabilidade planetária?”. Independente do grupo, porém, um número expressivo de pessoas revela uma certa excitação, e uma ponta de esperança: “será que isto não tem algo a ver com a inquietação difusa que venho sentindo, como se as minhas decisões não fossem minhas, como se viessem de fora, junto com vontades que seguem um rumo que eu mesmo desconheço?”.

Em todos os casos, esses posicionamentos refletem uma visão tradicional sobre educação financeira, em que tanto a perspectiva quanto os objetivos finais limitam-se ao indivíduo e à sua família, com uma abordagem meramente instrumental. Nessa visão, a questão central é conhecer as técnicas e dominar os conceitos que evitem a dispersão de meu dinheiro e que maximizem o benefício que tiro de meu patrimônio e de minha renda. Conhecer e dominar os impulsos esbanjadores e a incontinência para satisfação dos novos desejos que surgem, diariamente, são objetivos estratégicos subordinados à missão de formação do patrimônio e obtenção da segurança e do conforto material. De fato, não há nada de errado em que cada pessoa busque seus objetivos, mas a perspectiva do consumo consciente sobre o uso do dinheiro e do crédito vai muito além dessa visão tradicional, como veremos aqui.

Existem pelo menos cinco caminhos pelos quais o consumo consciente estende o alcance da educação financeira e o conecta ao desafio da nossa sustentabilidade socioambiental.

O **primeiro**, parte da percepção de que em ambos os casos estamos tratando do uso de recursos limitados, sejam eles de uso individual (dinheiro e crédito), sejam eles de uso coletivo (planeta e sociedade). Já o **segundo** caminho nasce da busca pelo equilíbrio, pelo balanceamento entre os desejos e benefícios imediatos e as possibilidades de sua satisfação, frente à necessidade de manutenção de uma viabilidade futura para o estilo de vida desejado.

Um **terceiro** caminho é o da auto-realização. Isso porque em ambos os casos existem uma concepção de felicidade e de objetivos de vida, geralmente não explicitada, mas que é fundamental pois, na verdade, condiciona todas as demais decisões. Um **quarto** caminho começa no reconhecimento de que vivemos todos num mundo sistêmico e interdependente, onde os efeitos das ações de cada indivíduo afetam todo o conjunto e, por meio desse, retornam ao próprio indivíduo. Há ainda um **quinto** caminho, derivado desta noção de interdependência. É o caminho que leva ao protagonismo do consumidor consciente. O caminho pelo qual cada um de nós, consumidores, percebe o poder que têm nossas decisões cotidianas e a partir do qual passamos a usá-las, de modo consciente e deliberado, na construção de um mundo melhor.

Em busca de uma mais ampla compreensão das relações entre educação financeira e sustentabilidade socioambiental, vamos agora explorar cada um desses caminhos.



## Recursos limitados: o desafio da sustentabilidade

**E**m abril de 1961, quando pela primeira vez um ser humano avistou a Terra do espaço, tivemos a noção sensorial de uma realidade inescapável: todos nós, seres humanos, habitamos um pequeno planeta azul, perdido na imensidão do universo. Mesmo sendo um fato já conhecido, a visão desta realidade mostrou – definitivamente – que dispomos de recursos limitados para garantir nossa sobrevivência e a de nossos descendentes.

Nesta época, a humanidade resumia-se a 3 bilhões de pessoas (população que atingimos após uma evolução de 4 a 7 milhões de anos, contando dos mais antigos fósseis de homínidos já encontrados). O valor total dos bens e serviços produzidos em todo o mundo era de aproximadamente US\$ 5 trilhões (em valores de hoje, já considerada a inflação). A combinação de estilo de vida, população e tecnologia resultava em um consumo de aproximadamente 50% dos recursos naturais que o planeta pode oferecer (segundo metodologia da “pegada ecológica”, disponível em <http://www.myfootprint.org/>).

Hoje, apenas 45 anos depois, os dados são alarmantes: a população mais do que dobrou (6,6 bilhões, segundo as últimas estimativas). O consumo de bens e serviços quadruplicou, chegando a US\$ 20 trilhões, no ano 2000. Como resultado, consumimos atualmente recursos 20% além do que o planeta é capaz de renovar. Em outras palavras, é como se estivéssemos sacando da poupança para pagar as despesas do mês, ou simplesmente usando o cheque especial. As conseqüências disso são conhecidas: dilapidação do patrimônio, comprometimento do futuro, incapacidade de manter o padrão de vida desejado, ou mesmo de sobreviver.

A observação das notícias diárias já reflete esta situação. Desastres climáticos, poluição, desmatamento, desertificação, enchentes, acúmulo de lixo e inúmeras outras mazelas ambientais demonstram claramente que estamos passando dos limites. E os efeitos do desequilíbrio no uso e distribuição dos recursos na vida das pessoas também estão presentes. Pelo lado social o cenário inclui cada vez mais as guerras por água, terra e petróleo; a fome em contraste com a obesidade mórbida; a disseminação global de doenças epidêmicas e sanitárias; o inchaço das megalópoles, as pressões da imigração ilegal e o crescimento dos movimentos de salvacionismo místico e de intolerância religiosa, étnica ou social.

É fato também que existem aspectos positivos – e muitos. Nesse mesmo período, o desenvolvimento da tecnologia e das comunicações foi estonteante. O conhecimento das técnicas para melhoria e prolongamento da vida humana evoluiu como nunca. Além disso, um percentual inédito da humanidade tem acesso ao mercado e aos sistemas globais de comunicação, apesar de que em números absolutos a quantidade de seres humanos vivendo à margem deste processo ainda é enorme: (19% da população mundial) 1,2 bilhão de pessoas ainda estão abaixo da linha da pobreza.

A conclusão é uma só: temos a capacidade de ver as ameaças e os meios técnicos para evitá-las. Precisamos – urgentemente – agir como seres racionais, aqui e agora, para preservar nosso futuro como indivíduos e como espécie. Este mesmo desafio e esta mesma lição, como já vimos, aplicam-se ao uso dos limitados recursos financeiros de cada um de nós: o dinheiro e o crédito com que contamos para nossa vida e nosso futuro.

## Tempo, desejos e possibilidades: desfrutar o presente ou proteger o futuro?

**E**m seu livro “o Valor do Amanhã”, Eduardo Giannetti desenvolve um rico ensaio, onde se destaca uma questão fundamental: o permanente e inevitável conflito entre o natural desejo de desfrutar o momento presente e a crua necessidade dos cuidados com o futuro. A consciência humana replica esta tensão em inúmeras situações, aproximando aqui também a busca da sustentabilidade global com os cuidados orçamentários das famílias. Do mesmo modo como o indivíduo não pode esperar uma velhice tranqüila se não houver uma poupança (pessoal ou social) que a garanta, as futuras gerações (e mesmo as atuais, no ritmo em que vamos...) não poderão manter um padrão de vida como o de seus pais, caso insistamos em exaurir e dilapidar o único patrimônio que poderia lhes prover este futuro.

De nada adianta ensinar às pessoas técnicas de elaboração e acompanhamento orçamentário, se os aspectos fundamentais da distinção entre querer e poder - e entre desfrutar e poupar - não forem resolvidos. São nesses aspectos que residem, por exemplo, a disposição para o pagamento de altos juros (o preço de desfrutar hoje do patrimônio de outros) ou a postura de que “se a prestação cabe no orçamento, vale a pena o financiamento” (independente da taxa de juros). Também reside aqui a falta de disposição em investir e poupar (não vale a pena abrir mão de um prazer certo hoje pela segurança de um futuro incerto), com a conseqüente redução no volume de recursos disponíveis para empréstimo, que em parte sustente os altos preços do dinheiro (nossa taxa de juros recorde).

Vendo pelo aspecto coletivo, a falta de sensibilidade para os imperativos de preservação ambiental, justiça social e consumo consciente derivam desta mesma falta de consideração pelo futuro e excessiva valorização do “aqui e agora”. Pensando na fusão entre educação financeira e educação para o consumo consciente e para a sustentabilidade, vê-se claramente que o mesmo aprendizado serve às duas causas. Não se pode esperar consumo consciente de pessoas dispostas a pagar juros estratosféricos para antecipar o prazer de uma compra, assim como não se pode exigir orçamento equilibrado de alguém incapaz de postergar uma satisfação hoje em troca de um benefício futuro. A chave que abre a porta para a busca do equilíbrio entre as dimensões pessoais, sociais e ambientais de nosso consumo é a mesma que destranca as possibilidades da conquista de um orçamento equilibrado, com responsabilidade, mas sem sofrimento.

Também na arena onde “a cigarra e a formiga” disputam os corações e mentes dos seres humanos, fica evidente que sustentabilidade socioambiental e orçamento saudável são dois ramos do mesmo tronco.

---

## E o dinheiro? Traz ou não a felicidade?

**Q**ue a falta de condições materiais mínimas é uma grande fonte de infelicidade, disso ninguém duvida. No plano individual, a carência material e a falta de perspectivas que a acompanham causam enormes frustrações e tristezas. Ninguém é feliz por desejar e não ter como obter seu objeto de desejo, ou é indiferente às perdas objetivas que a falta de recursos (pessoais ou sociais) pode lhe trazer. A pobreza extrema, repetida e herdada geração após geração, cria em suas

vítimas uma real impossibilidade de postergar satisfações. Não há argumento forte o suficiente para superar a percepção óbvia e sensorial de que não faz sentido abrir mão daquilo que deseja hoje em nome de um suposto futuro. O futuro para elas – como lhes prova a experiência acumulada por pais, avós e todos antepassados – é uma possibilidade incerta, onde o mais provável parece ser o reencontro com a já conhecida miséria. Neste cenário, como esperar a projeção de planos, base essencial da orçamentação equilibrada e poupadora?

Esta mesma miséria é também capaz de minar as bases para a consciência socioambiental mais ampla, na medida em que o patrimônio de uso coletivo, e também destinado às gerações futuras, coloque-se como um empecilho ao desfrute imediato, ou como um bem sem valor, dado que não apropriável.

Mas superada esta situação limite, um novo cenário surge, indicando que ultrapassada a carência básica, deixa de haver uma relação direta ou obrigatória entre renda de felicidade. De novo recorrendo a Eduardo Giannetti, agora em seu livro *“Felicidade”* (Cia das Letras, 2005, p. 64), estudos indicam que o percentual de pessoas que se declaram “felizes” aumenta fortemente com a renda, se considerados os países extremamente pobres, com renda per capita de até US\$ 10.000 anuais (referência usada internacionalmente e corrigida conforme o poder de compra equivalente dos países pesquisados). O curioso é que a partir deste nível de renda, a correlação observada fica fortemente reduzida. Grandes aumentos na renda não geram grandes aumentos no percentual de pessoas que se declaram felizes. Na verdade, o que se evidência em muitos casos é uma certa frustração: após passarem a vida lutando por maiores ganhos, que lhes permitissem consumir mais bens, de maior status, muitas “pessoas bem-sucedidas” percebem a armadilha em que caíram: o pote de ouro no final do arco-íris revela-se uma miragem. O preço pago para atingir o sucesso material foi muito maior que a recompensa, em termos de benefícios pessoais como estabilidade familiar e afetiva, saúde, crescimento espiritual e cultural, entre outros “bens” que compõem nosso verdadeiro patrimônio pessoal.

A raiz deste engodo também revela uma conexão entre educação financeira e sustentabilidade. O ideário consumista, que leva à compra desmedida de quinquilharias e símbolos de status, é o mesmo que motiva centenas de milhões de pessoas a cada vez mais pressionarem o meio ambiente na busca e produção de bens supérfluos ou suntuários. Mesmo respeitando e repetindo o princípio básico de que “supérfluo ou suntuário” são questões subjetivas, é possível traçar um critério de linhas gerais capaz de evidenciar o que pode ser considerado “usual” em uma sociedade. Desde soluções de transporte até o uso indiscriminado da água ou acúmulo de roupas e acessórios, a linha passa próxima ao ponto onde incrementos na quantidade ou qualidade dos bens e serviços adquiridos não são capazes de gerar aumentos perceptíveis na satisfação derivada de seu uso (existe um limite humano para satisfação dos prazeres sensoriais e também para perceber as diferenças de qualidade entre, por exemplo, dois vinhos de altíssima qualidade).

Em síntese, vemos que o autoconhecimento (a percepção do que é de fato capaz de trazer mais alegria à vida) abre caminho para um melhor uso da riqueza própria e para o aumento na disposição de poupar ou de investir na produção. Este mesmo caminho permite reconhecer os muitos ganhos possíveis no desfrute de um planeta e de uma sociedade mais justos, mais equilibrados e mais belos.

## O que faço afeta a todos e retorna a mim mesmo: a interdependência.

Existe uma máxima conhecida, com muitas versões, que fundo diz algo assim: “não há como ter sucesso num país fracassado”. Alguns podem ver nisso a manifestação de um empreendedor (ou especulador) inconformado com a falta de oportunidades em mercados pouco desenvolvidos. Outros, porém, podem ver aí a aceitação da interdependência, um princípio fundamental para o consumo consciente. Este princípio nada mais é do que uma expressão da realidade observável e incontornável, cada vez mais rápida e contundente, em função da globalização dos mercados e da velocidade das comunicações.

Um exemplo claro deste princípio, associado à educação financeira, é a questão da expectativa de inadimplência embutida na taxa de juros. Todos sabem que uma parte expressiva dos custos cobrados nos empréstimos refere-se à proteção de quem empresta contra os eventuais calotes. Como este custo é calculado conforme as médias de mercado, quanto maior for o percentual de inadimplentes, maior será a taxa embutida nos juros dos empréstimos. Portanto, quando alguém “espertamente” aplica um calote num banco, está contribuindo para aumentar o índice de inadimplência e, portanto, para o encarecimento dos juros. Além de gerar um efeito para toda a sociedade – que pagará juros mais altos – a atitude desta pessoa retornará a ela mesma, na medida em que a maior taxa de juros incidirá nos preços dos produtos que consome, ou mesmo de algum outro financiamento que venha a tomar no futuro.

Um raciocínio análogo – e muito comum – pode ser feito em relação à sonegação de impostos: quanto maior a sonegação, maior o percentual da carga tributária e maiores os preços dos produtos que o próprio sonegador acaba pagando, embutidos em tudo que compra: do cigarro à gasolina; do bife ao feijão. A compra de produtos piratas e contrabandeados segue e mesma lógica, só que com retornos mais dramáticos: o preço da “esperteza” de alguns – pago pela sociedade e também por ele mesmo – chega sob a forma de maior corrupção policial e fiscal, de mais violência, de menor garantia de paz social.

A questão da pirataria já mostra como a interdependência estabelece uma ponte entre educação financeira (uso do dinheiro conforme critérios éticos e racionais) e educação para o consumo consciente (consideração das implicações pessoais, sociais e ambientais das decisões de consumo). Outro exemplo que liga a educação financeira ao consumo consciente, pelo princípio da interdependência, é o uso da água e da energia elétrica. Tanto em um caso como no outro, existem experiências recentes no Brasil, muito ilustrativas. Uma delas é o caso do “apagão” (a crise hídrica que levou ao quase racionamento de energia elétrica no Brasil, em 2001): por mais rico que fosse um consumidor, e por mais que pudesse pagar pontualmente sua conta de luz, seu suprimento de energia dependia de toda a sociedade, e vice-versa. De nada adiantaria o dinheiro se o desperdício geral levasse a cortes no suprimento. Esta experiência até hoje faz com que muitos mantenham hábitos saudáveis de uso racional da energia elétrica.

Em relação à água tratada, por ser um recurso compartilhado em unidades geográficas relativamente pequenas, o efeito é ainda mais interessante. Desperdício de água num bairro gera falta de água em todo o sistema que abastece a cidade ou região. Havendo desabastecimento na cidade, muitas pessoas sem recursos para comprar água mineral irão recorrer a poços ou outras fontes, muitas vezes contaminadas. As doenças daí derivadas – com seus custos sociais, pessoais e econômicos – irão surgir na mesma cidade onde ocorreu o desperdício. Mesmo que, aquele com mais recursos possa resolver seu problema imediato de falta de água, o desperdício

que gerou irá também afetá-lo, pela via dos impostos e da deterioração da qualidade de vida no local onde mora.

Os exemplos acima mostram claramente como – devido à interdependência – formam-se conexões poderosas entre o uso racional do dinheiro e o uso consciente dos recursos naturais.

## E como fica o protagonismo do consumidor?

Os exemplos acima mostraram as conexões entre educação financeira e educação para o consumo consciente, por vários caminhos e situações. E isto foi feito com duas finalidades: a primeira, mais declarada, de mostrar a validade e as oportunidades de complementação entre estas duas importantes necessidades dos tempos atuais. A segunda finalidade foi estabelecer as bases para caracterização do protagonismo do consumidor consciente, como veremos a seguir, na conclusão deste texto.

À medida em que percebe o alcance coletivo de suas decisões individuais de consumo (como nos vários exemplos acima), o consumidor consciente desperta para uma nova dimensão de cidadania: o modo como usa seu dinheiro representa, além da satisfação de seus desejos e necessidades pessoais, uma forma de participar do mundo, influenciando seu destino. É percebendo e usando este poder que o consumidor consciente deixa de ser um coadjuvante (o que reage aos acontecimentos) para tornar-se um protagonista (aquele que age no centro dos fatos). Este protagonismo tanto pode acontecer em relação ao uso pessoal de recursos – como água, luz, alimentos, cuidados com o lixo e muitos outros – quanto em relação a outros agentes do mercado.

Ao considerar o protagonismo do consumidor consciente em contato com outros agentes do mercado, e pensando no uso consciente do dinheiro e do crédito, podemos tanto ver o consumidor na relação com os agentes de crédito e investimento (bancos, financeiras, fundos de investimento) quanto na relação com os agentes do comércio (compra e venda de bens e serviços). Neste cenário, as possibilidades de exercício da cidadania por meio do uso consciente do dinheiro são inúmeras.

Ao relacionar-se com bancos e financeiras como tomador de recursos (buscando empréstimos) o consumidor tem a possibilidade de negociar e, na grande maioria dos casos, até mesmo deixar de tomar o empréstimo, se as taxas e condições não lhe forem convenientes. Além de pesquisar o mercado e buscar fontes alternativas, um consumidor que saiba controlar sua ansiedade em satisfazer os desejos de compra, poderá até mesmo sair da posição de devedor e passar para a posição de investidor. Por exemplo, se ao invés de entrar numa compra de R\$ 1.000,00 em “10 vezes sem juros”, o consumidor aplicar, mensalmente (a uma taxa de 2 %), o mesmo valor da prestação; em 9 meses ele terá R\$ 995,00. Negociando com a loja um desconto para pagamento à vista (digamos 10%), poderá comprar o mesmo bem por apenas R\$ 900,00, obtendo assim um ganho de R\$ 195,00 (resultado do desconto, mais os juros da aplicação e mais a 10ª prestação, que nem precisou pagar...)

Ainda como investidor, um consumidor consciente pode escolher fundos de investimento ou bancos que tenham um compromisso com a responsabilidade social, ou seja, que se comprometam a apenas investir o dinheiro de seus clientes em empresas e negócios que não sejam prejudiciais ao meio ambiente ou à sociedade e que se comprometam a promover ganhos para todos os públicos com que se relacionem.

Finalmente, mesmo quando se tratar de compras e vendas à vista, o consumidor ainda tem muito poder, pois também poderá escolher sempre as empresas que demonstram maior compromisso com a responsabilidade social, ou que tenham projetos de investimento social afinados com as prioridades defendidas por ele. Pode também rejeitar produtos de empresas que adotem procedimentos e atitudes que não concorde. Pesquisas recentes do Akatu (2005) mostram que dentre os 43% de consumidores mais conscientes, já há uma grande tendência para incentivar empresas que agem de modo correto, assim como para punir aquelas que agem de forma condenável segundo seu ponto de vista. Para se ter uma idéia, aproximadamente 39% dos consumidores declararam ter tomado atitudes para apoiar empresas cujas ações aprovaram, enquanto um grupo em torno de 30% declarou ter agido com a finalidade de punir empresas cujas ações condenavam. Interessante notar nos números acima, que a propensão dos consumidores a exercer sua cidadania prestigiando empresas (reforço positivo) é maior do que sua propensão a puni-las (reforço negativo). Esta é uma boa notícia, pois há muito se sabe que a motivação pelo reforço positivo é muito mais ampla e eficaz, principalmente considerando grupos grandes e heterogêneos, como as empresas.

Como se vê, o uso consciente do dinheiro e do crédito tem muito a contribuir para a melhoria da vida dos consumidores e de todos os habitantes do planeta. Tem também muito a receber as reflexões e ensinamentos que o pensamento sobre o consumo consciente e a sustentabilidade socioambiental trazem para todos nós.

## Casos Reais

Entre as dezenas de possibilidades que já existem, selecionamos uma série de casos capazes de demonstrar, na prática, o consumo consciente do dinheiro e do crédito. Procuramos focar tanto ações de pessoas, como de empresas e outras instituições, independente de seu tamanho. O objetivo foi simplesmente trazer exemplos capazes de inspirar pela ação, e de motivar pela evidência de que muito já pode ser feito. Em alguns casos é possível o contato direto com os protagonistas, ao passo que em outros a pesquisa pela internet ou outras formas ainda será o melhor caminho para aqueles que desejem aprofundar-se.

- Apoio aos consumidores **118**
- Investidor consciente **119**
- Planejar é preciso **120**
- Escolhas com consciência **121**
- Cademeta moderna **122**
- O valor social da informação? **123**
- Inclusão pelo crédito **124**
- Donos do próprio dinheiro **125**
- Muito além do *shopping center* **126**
- Afogados em consumo e dívidas **127**
- Um livro no fim do túnel **128**

## Apoio aos consumidores

- Projeto promove capacitação e contribuição da equipe das lojas.
- Objetivo é entender necessidades dos clientes e oferecer soluções sustentáveis para o consumidor, a sociedade e o meio ambiente.
- Mini-guia “8 passos para sair do endividamento” já está disponível

### O Banco ibi utiliza sua rede e a experiência de sua equipe para promover o consumo consciente do dinheiro e do crédito junto ao grande público

Colocar na prática o consumo consciente do dinheiro e do crédito. Saber como o público recebe as mensagens desenvolvidas pelo Akatu e seus parceiros, além de garantir que elas sejam perfeitamente compreendidas. Adequar os princípios gerais dessas mensagens às realidades das diferentes regiões e estilos de vida dos públicos em que atua. Trabalhar para que sua equipe conheça e multiplique o consumo consciente. Com estas idéias em mente, o Banco ibi desenvolve juntamente com o Instituto Akatu o projeto “Mobilização ibi”, somando esta iniciativa à sua participação na *Série Temática - Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito*.

O projeto começou a ser desenvolvido no segundo semestre de 2005 e, numa fase experimental, já incluiu 60 funcionários de duas lojas em São Paulo. A partir da experiência obtida com esta ação, o ibi e o Akatu trabalham juntos no desenvolvimento dos meios mais eficazes para que os conceitos e práticas do consumo consciente do dinheiro e do crédito sejam disseminados em nível nacional, por meio de suas mais de 120 lojas e de todo seu quadro de colaboradores. Os gestores do ibi acreditam muito na eficácia deste projeto para seus clientes, pois ele não se limita a repetir uma mensagem já que, graças à integração e ao espírito participativo de sua equipe, será apresentado algo realmente adequado para o público alvo da instituição.

Uma primeira iniciativa neste sentido foi a divulgação, em março de 2006, do material “8 passos para sair do endividamento”, desenvolvido pelo Akatu. “A divulgação deste mini-guia é mais uma forma de colocar em prática nosso princípio de ‘fazer a diferença’, dizem os gestores da instituição.

O ibi adota como filosofia de ação o Conceito EOS (Entender, Oferecer, Solucionar), e acredita que a capacitação de toda sua equipe para o consumo consciente do dinheiro e do crédito é um ponto muito importante. Na definição do Banco ibi, “ao conhecer e discutir os conhecimentos de educação financeira associados às questões de sustentabilidade pessoal, social e ambiental, nossa equipe adquire uma qualificação para compreender as necessidades e características do cliente, oferecendo as soluções mais adequadas para cada caso”.

Um exemplo disso são as seis dicas em que os funcionários participantes da “Mobilização ibi” resumiram seu aprendizado no projeto, numa mensagem para seus colegas, familiares e clientes:

1. Consumir de forma consciente para ter uma vida melhor;
2. Conhecer melhor as empresas e os produtos que estamos consumindo;
3. Nossa segurança depende de nossas ações;
4. Planejamento é a melhor opção frente a eventualidades;
5. Toda grande caminhada se inicia com o primeiro passo;
6. Eu = minha pessoa + meus propósitos + a sociedade + nossa convivência (Fórmula da Identidade e da Interdependência)

#### Para saber mais:

- No site do ibi: [www.ibi.com.br](http://www.ibi.com.br) você pode conhecer outros projetos do Banco e do Instituto ibi.
- Os “8 passos” podem ser encontrados no site do ibi e do Akatu. Confira o material na p. 130 deste caderno.



## Investidor consciente

### Os Fundos Ethical, do Banco Real ABN AMRO, investem em ações de empresas comprometidas com a responsabilidade social e ambiental

O consumidor consciente participa da construção de um mundo melhor quando escolhe produtos das empresas socialmente responsáveis, ou seja, que respeitam o meio ambiente e a sociedade. Poucos exemplos desse poder transformador são tão evidentes como no caso dos consumidores de produtos financeiros, principalmente os que compram ações de empresas. Para os investidores conscientes, o Banco Real ABN AMRO criou em 2001 os Fundos Ethical de ações, que direcionam os investimentos a empresas responsáveis social e ambientalmente. Os Fundos Ethical contam com 25 empresas de vários setores econômicos. Para selecioná-las, além da análise financeira e econômica tradicional, os analistas aplicaram 93 indicadores que levam em conta as práticas das empresas com relação a governança corporativa, público interno (funcionários e terceirizados), clientes, fornecedores, sociedade e meio ambiente. Segundo Pedro Villani, gestor dos Fundos Ethical, a rentabilidade dos fundos foi de 267% entre novembro de 2001 e janeiro de 2006, mais alta que a média do mercado no mesmo período, que foi de 237%. O investimento responsável, portanto, dá lucro. “Isso acontece porque a ética nos negócios está sendo valorizada pelos parceiros estratégicos”, afirma Villani. “A empresa quer agradar o investidor. Se o acionista está prestando atenção nas questões socioambientais, a empresa muda seu comportamento. Esse é o benefício dos fundos responsáveis.” Segundo Villani, a intenção do banco ao criar os Fundos Ethical era justamente “mostrar ao investidor que existe uma forma de obter rentabilidade no investimento e de contribuir para que as empresas melhorem seu relacionamento com o meio ambiente e com a sociedade”. Os Fundos Ethical aceitam aplicações a partir de R\$ 100, mesmo de quem não é cliente do banco. Para ser um investidor responsável, não é preciso ter muito dinheiro: basta querer.

### Sustentabilidade na Internet

O Banco Real ABN AMRO é reconhecido como um exemplo a ser seguido, quando se trata de incorporar o compromisso com a sustentabilidade à gestão de uma grande organização financeira. Além do Fundo Ethical, ele possui uma série de outras práticas para promover a inserção da sustentabilidade no dia-a-dia dos negócios. Incluem desde linhas de financiamento socioambiental até o estabelecimento de uma área para cuidar da gestão de fornecedores. Para conhecer melhor a história da sustentabilidade no Banco e acompanhar os avanços recentes, você pode visitar o site de sustentabilidade do Banco Real na internet ([www.bancoreal.com.br/sustentabilidade](http://www.bancoreal.com.br/sustentabilidade)). Na seção No seu dia-a-dia, pode ser feito um passeio virtual por um projeto realizado com a participação do Akatu: são maquetes virtuais de uma casa e de uma empresa, onde encontram-se dicas de como tornar o nosso dia-a-dia mais sustentável. Ter participado - por meio do Banco ABN AMRO - da autoria dos Princípios do Equador, (compromisso com a sustentabilidade hoje assumido por 33 bancos em todo o mundo) também é um destaque neste sentido. Entre outras medidas, inclui-se a avaliação com critérios socioambientais de projetos de financiamento, na qual o Banco Real é pioneiro, há vários anos.

### Para saber mais

- No site do Banco Real você também encontra dicas para sua gestão financeira e para o “crédito certo”, entre outras. Pesquise em [www.bancoreal.com.br](http://www.bancoreal.com.br).
- Conheça também o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), da Bolsa de Valores de São Paulo, que agrega empresas com práticas de responsabilidade social e ambiental. Informações no site [www.bovespa.com.br](http://www.bovespa.com.br).
- Saiba mais sobre fundos de investimentos em empresas socialmente responsáveis: pesquise na internet e conheça as várias opções disponíveis. A sigla em inglês para este tipo de investimento é SRI (de Socially Responsible Investing), e duas dicas para começar sua pesquisa são os sites [www.socialinvest.org](http://www.socialinvest.org) e [www.unepfi.org/investment](http://www.unepfi.org/investment).

- Os Fundos Ethical investem em 25 empresas socialmente responsáveis, selecionadas por meio de 93 indicadores.
- Entre novembro de 2001 e janeiro de 2006, os Fundos Ethical renderam 30% acima da média do Ibovespa.
- Qualquer pessoa pode fazer aplicações nesses fundos, a partir de R\$ 100

## Planejar é preciso

- O programa *O Dinheiro, o Crédito e o Consumo Consciente* teve como objetivo apresentar conceitos sobre planejamento financeiro familiar aos funcionários das empresas-clientes do Grupo VR.

### Programa do Grupo VR, desenvolvido entre 2005 e 2006, apresentou a importância de organizar as despesas familiares e incorporar conceitos do consumo consciente no gasto do dinheiro e na utilização do crédito

O que o consumo consciente tem a ver com o gasto do dinheiro e o uso do crédito? Tudo, de acordo com o programa *O Dinheiro, o Crédito e o Consumo Consciente*, desenvolvido em parceria pelo Grupo VR e pelo Instituto Akatu, entre 2005 e meados de 2006. A idéia surgiu da percepção de que grande parte dos brasileiros não planejava o orçamento familiar e nem sempre escolhia as melhores opções quando precisava utilizar algum tipo de crédito. Essa situação não era diferente para os funcionários das empresas-clientes do Grupo VR.

O programa teve como objetivo preparar os profissionais de recursos humanos das empresas-clientes da VR para a difusão do uso responsável do dinheiro e do crédito. Depois de capacitados, os funcionários tornaram-se porta-vozes do projeto e tiveram como meta multiplicar os conceitos aprendidos no curso dentro das empresas onde trabalhavam.

A capacitação dos profissionais foi dividida em duas fases: teórica e prática. Na primeira parte, foi apresentada uma palestra sobre o funcionamento do orçamento familiar, com foco no equilíbrio financeiro. Na segunda parte, os colaboradores participaram do *Jogo educativo do consumidor consciente*. A brincadeira simulou situações do dia-a-dia, como decisões de compra, desde itens fundamentais a produtos supérfluos. A cada rodada, os jogadores assumiam o papel de pão-duro, consumista ou consciente e aprendiam de forma lúdica.

Até o primeiro semestre de 2006, 319 funcionários, de 105 empresas de São Paulo, Campinas (SP), Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte participaram do curso. Como cada profissional é um multiplicador, a VR e o Akatu estimam que cerca de 100 mil colaboradores já foram ou serão capacitados indiretamente pelo projeto.

A iniciativa fez parte do programa de responsabilidade social da VR e teve como objetivo contribuir com a sociedade brasileira de forma a melhorar a saúde financeira dos funcionários das empresas-clientes e, assim, gerar um impacto positivo e amplo na qualidade de vida das pessoas. “Devido ao ambiente econômico instável, presente no País até meados dos anos 90, a população brasileira não desenvolveu a cultura do planejamento. A iniciativa da VR, em conjunto com o Akatu, teve como objetivo disseminar a noção de que o planejamento pode e deve ser aplicado ao dia-a-dia, não só em relação ao comportamento diante do consumo, do dinheiro e do crédito, mas nas mais diversas áreas da vida”, afirma Claudio Szajman, presidente do Grupo VR. “A empresa está muito satisfeita com os resultados da parceria e, em breve, devemos lançar mais uma iniciativa conjunta”, enfatiza.

#### Para saber mais:

- O site do Grupo VR – [www.vr.com.br](http://www.vr.com.br) – traz mais informações sobre o programa *O Dinheiro, o Crédito e o Consumo Consciente*.

## Escolhas com consciência

### Programa do Banco Itaú procura educar os clientes para optar pelo tipo de crédito mais adequado a seus objetivos

Desde outubro de 2004, o Banco Itaú mantém o programa Uso Consciente do Crédito, que inclui propagandas na TV e a distribuição de cerca de 1,3 milhão de cartilhas para clientes (pessoas físicas e jurídicas) e público geral. O enfoque prioritário na comunicação de massa é um aspecto que diferencia esta ação frente aos programas desenvolvidos pelo Akatu e outros de seus parceiros na Série Temática - Consumo Consciente do Dinheiro e do Crédito, que privilegiou o desenvolvimento de conteúdos e instrumentos mais aprofundados, combinados com ações de capacitação de agentes multiplicadores.

Segundo o Itaú, o motivo da existência de seu programa não é diminuir a inadimplência entre os que pedem dinheiro emprestado ao banco, como pode parecer à primeira vista. “O objetivo é a melhoria de qualidade do atendimento ao cliente. Quanto mais informação o banco der sobre crédito, melhor é o atendimento”, conta Cristiane Magalhães Teixeira, diretora de Marketing, Comunicação e Design do Itaú. “Estamos em um momento de expansão de crédito para pessoas que não estavam acostumadas a uma oferta de dinheiro desse nível. Mas, o crédito foi feito para antecipar o sonho e não tirar o sono das pessoas”, explica Cristiane.

As cartilhas para pessoas físicas e jurídicas mostram que há um tipo de crédito mais adequado para cada tipo de gasto. Explica, por exemplo, que o limite do cheque especial só deve ser usado em uma emergência ou em quais ocasiões fazer um crédito pessoal é uma boa opção. “O que nos interessa é que a pessoa escolha a linha de crédito correta para seu objetivo”, afirma Cristiane. “É uma visão de longo prazo, pois quando ela utiliza adequadamente o crédito, pode voltar a usá-lo no futuro para realizar outro sonho.”

### Dow Jones Sustainability World Index

O Banco Itaú adota também várias outras iniciativas destinadas a fazer com que seu papel na sociedade não se limite apenas aos resultados financeiros, mas que também beneficiem o meio ambiente e a sociedade como um todo. Como reflexo dessa atuação, o Itaú é o único banco da América Latina a integrar o Dow Jones Sustainability World Index (DJSI World), desde sua criação, em 1999. O DJSI é composto por ações de empresas com ótimo desempenho financeiro associado a atitudes que valorizam a ética, a sustentabilidade ambiental, social e econômica, bem como a transparência no relacionamento com o cliente

### Para saber mais

- O site do Itaú [www.itaubank.com.br](http://www.itaubank.com.br) tem na home page um link para as cartilhas (pessoas físicas e jurídicas) do programa Uso Consciente do Crédito. Também é possível imprimir o texto a partir da versão no formato pdf.
- Pesquise também no site mais informações sobre a atuação do banco em termos de Responsabilidade Social, como a adesão aos Princípios do Equador e os prêmios na área da ética e governança corporativa, entre outras.

- O programa **Uso Consciente do Crédito** foi lançado pelo Itaú em 2004 e já distribuiu cerca de 1,3 milhão de cartilhas para pessoas físicas e jurídicas.
- As cartilhas explicam quais as linhas de crédito mais adequadas para os diversos tipos de compras, seja uma geladeira ou um apartamento.

## Caderneta moderna

- *o cartão de crédito próprio operado pelo Tribanco está disponível para pequenos e médios comerciantes desde 2001.*
- *A maioria dos clientes desse tipo de cartão pertence às classes C, D e E, e muitos dele não têm sequer conta em banco.*

### Com o cartão do Tribanco, pequenos e médios comerciantes trocam o tradicional “fiado” pelo cartão de crédito oferecido pela própria loja

No tempo em que a maioria das pessoas comprava alimentos em pequenas lojas de bairro, antes da popularização dos grandes supermercados, a venda a prazo se concretizava na figura da “caderneta”. O comerciante anotava as despesas dos clientes ao longo do mês e, ao final desse período, recebia o que lhe era devido. Nesse sistema totalmente informal, o comerciante tinha como garantia apenas a confiança de que o freguês não iria sumir sem pagar nem deixar vestígios — afinal, era um morador do bairro e cliente fiel do estabelecimento. Hoje, quando as grandes lojas dominam o comércio de gêneros alimentícios, os pequenos comerciantes dos bairros também podem oferecer crédito a seus fregueses, mas em um sistema bem mais moderno do que a antiga caderneta. É o caso do cartão de crédito do Tribanco, o banco do Grupo Martins, maior atacadista brasileiro.

Com esse cartão de crédito, operado pelo Tribanco desde 2001 e oferecido pelas lojas pequenas e médias, o cliente tem até 40 dias de prazo para pagar as compras e pode liquidar a fatura no próprio estabelecimento, sem precisar ir ao banco. “Os estabelecimentos pequenos e médios não têm mecanismos para dar um cartão de crédito próprio. O Tribanco proporciona essa ferramenta ao pequeno e médio varejo”, afirma Kimitaka Iwamoto, diretor de Produtos e Tecnologia do Tribanco. Além de fidelizar o cliente, os pequenos comerciantes podem assim oferecer uma vantagem competitiva típica das grandes lojas, o que ajuda a aumentar o faturamento.

No final, é como um jogo em que todos os participantes ganham. O cartão próprio fortalece os pequenos lojistas, que são os principais clientes do ramo atacadista do Grupo Martins. Além disso, dá acesso ao crédito para uma população que normalmente não o tem, pois muitas vezes não possui conta em banco, nem cartão de crédito. “O perfil dos clientes desses cartões está nas classes C, D e E”, conta Iwamoto. “Acredito que esse pessoal não seja mau pagador, pois o nome é às vezes a única coisa que eles têm.” Entretanto, pelo fato de serem pessoas freqüentemente fora do sistema financeiro tradicional, Iwamoto destaca a importância de os lojistas divulgarem a idéia do consumo consciente do crédito, para que os clientes do cartão não compre além do que conseguem pagar. “Se os clientes forem conscientes no seu consumo, diminui o risco de inadimplência para o lojista, e aumenta a satisfação dos clientes”, conta Iwamoto.

### Para saber mais:

- Informações sobre o Grupo Martins e o Tribanco no site [www.tribanco.com.br](http://www.tribanco.com.br)

## O valor social da informação?

**Ao colocar informações sobre tomadores de crédito ao alcance de milhares de pequenas e médias empresas, a Serasa facilita a vida do consumidor e colabora para o desenvolvimento econômico**

**Q**uando iniciou suas atividades em 1968, a Serasa tinha como clientes apenas seus fundadores: um grupo de 300 bancos interessados em criar uma empresa que centralizasse informações cadastrais para agilizar a concessão de crédito. A partir da década de 90, os benefícios de fazer parte desse sistema foram estendidos a um número cada vez maior de empresas, de vários setores e tamanhos. “Havia a necessidade de que outras empresas fizessem negócios com segurança, assim como os bancos. Criamos então produtos e serviços ajustados a pequenas e médias empresas a um custo adequado”, conta Elcio Anibal de Lucca, presidente da Serasa. Hoje, a Serasa disponibiliza informações cadastrais a 400.000 clientes em todo o Brasil, facilitando 3,5 milhões de transações comerciais por dia.

Saber se o interessado em crédito é um bom ou mau pagador é essencial para qualquer negócio. “A informação tem de ser boa, barata, segura e rápida”, afirma Elcio Anibal de Lucca. Sem essa informação, ou a empresa tem dúvidas em conceder o crédito e perde uma venda a prazo, ou dá o crédito, mas corre risco de inadimplência. Quando tem a segurança de conceder crédito a quem costuma honrar seus compromissos, a empresa pode fazer mais negócios com menos perdas, aumenta seu faturamento e tem mais condições de se expandir e continuar oferecendo crédito a outros consumidores. No final, quem ganha é toda a sociedade — a menor inadimplência faz com que a economia cresça, a geração de empregos aumente e cada vez mais pessoas tenham acesso ao crédito, com taxas mais baixas.

Outro aspecto importante das informações cadastrais oferecidas pela Serasa é permitir à empresa que consulta o banco de dados conhecer o histórico daquele consumidor. Assim, não é um simples cheque sem fundo que vai deixar alguém sem crédito, pois o cadastro contém também informações positivas. “A pessoa pode até ter tido um cheque protestado porque ficou desempregada, mas o cadastro mostra que ela pagou as contas direitinho por toda a vida”, explica Elcio Anibal de Lucca. “A informação positiva é um respeito à história da pessoa”.

### Para saber mais

- Além das informações sobre a empresa, o site da Serasa [www.serasa.com.br](http://www.serasa.com.br) traz a área “Serviços à população”, com dicas ao consumidor sobre como regularizar sua situação caso haja alguma ocorrência negativa em seu cadastro (como cheques sem fundo ou protestos em cartório). Nas suas agências em várias cidades do Brasil, a Serasa oferece o Serviço Gratuito de Orientação ao Cidadão. Lá, qualquer consumidor pode saber quais anotações sobre seu CPF existem nos bancos de dados da Serasa. Para maiores informações, o telefone do call center é (11) 3373-7272 ou 33 Serasa.

- Quando foi fundada em 1968, a Serasa tinha como cliente apenas 300 bancos.

- Hoje, atende 400.000 clientes entre pequenas, médias e grandes empresas em todo o Brasil.

- Cerca de 3,5 milhões de transações comerciais por dia são facilitadas pelas informações dos bancos de dados da Serasa.

## Inclusão pelo crédito

- O microcrédito produtivo é destinado exclusivamente ao financiamento de pequenos negócios, e apóia empreendedores de baixa renda.
- Os empréstimos variam entre R\$ 50 e R\$ 5.000.
- O dinheiro só pode ser investido no próprio negócio, e sua utilização é acompanhada pelos agentes de crédito.

### O financiamento aos pequenos empreendedores de baixa renda dá oportunidade de sobrevivência a quem está fora do mercado de trabalho e da economia formal

**S**em conta em banco nem acesso a crédito, sem capital próprio, mas dono de um pequeno e promissor negócio. Para crescer, esse pequeno empreendedor depende de uma forma de financiamento que só há poucos anos vem ganhando força no Brasil: o microcrédito. “O microcrédito é um empréstimo voltado para a atividade econômica produtiva e está baseado na necessidade de dar recursos financeiros à população de baixa renda”, explica José Caetano Lavorato, presidente da Abcred (Associação Brasileira de Gestores e Operadores em Microcrédito). Dessa forma, pessoas que perderam o emprego — ou nunca conseguiram um — encontram uma maneira de sobreviver, seja com um carrinho de cachorro-quente, uma máquina de costura ou um pequeno salão de beleza. “Assim, há condições para que as pessoas reforcem a renda da família, o que tem conseqüências positivas na sua alimentação, na saúde e na educação dos seus filhos”, conta Lavorato.

Uma das características desse tipo de financiamento é a figura do agente de crédito, que visita os pequenos empreendedores, dimensiona o quanto eles precisam para crescer e planeja como conseguirão pagar a dívida. Os empréstimos podem ir de R\$ 50 até o máximo de R\$ 5.000. Acompanhar de perto os tomadores de crédito tem um alto custo, o que traz dificuldades a quem viabiliza esses empréstimos — geralmente uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), que não tem fins lucrativos. Nesse mercado, é difícil sobreviver, mas não impossível. Um bom exemplo disso é o Programa Crédito Solidário, mantido pela prefeitura de São Paulo por meio da OSCIP São Paulo Confia. Com recursos da própria prefeitura e mais seis empresas e instituições, a São Paulo Confia concedeu mais de 40.000 empréstimos entre 2001 e 2005. A melhor notícia é que, a partir de 2005, várias mudanças na estratégia de atuação permitiram a redução de um enorme déficit operacional e, em 2006, as contas da OSCIP já estavam equilibradas.

Uma das medidas tomadas para reduzir a inadimplência foi a adoção do grupo solidário, em que o empréstimo é concedido a um grupo de 4 a 7 empreendedores. Se algum deles não conseguir pagar sua parte da dívida, os outros devem se responsabilizar por ela. Assim, todos fiscalizam uns aos outros para saber se as parcelas estão sendo pagas corretamente. Para Paulo Collozzi, presidente da São Paulo Confia, o microcrédito “é uma ferramenta de distribuição de renda fundamental para qualquer país que pretenda diminuir a pobreza e gerar condição de vida melhor para a população. E o mais importante de tudo é que estamos fazendo isso de maneira sustentável, não é um dinheiro que a prefeitura dá a fundo perdido.”

#### Para saber mais:

- Site da Abcred (Associação Brasileira dos Dirigentes de Entidades Gestoras e Operadoras de Microcrédito, Crédito Popular Solidário e Entidades Similares): [www.abcred.org.br](http://www.abcred.org.br)
- Site da ABSCM (Associação Brasileira de Sociedades de Crédito ao Microempreendedor): [www.abscm.com.br](http://www.abscm.com.br)
- Página do site do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) com informações sobre microcrédito: [www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/microcredito.asp](http://www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/microcredito.asp)

## Donos do próprio dinheiro

### Os associados das cooperativas de crédito são também os proprietários da empresa e conseguem empréstimos e serviços com taxas mais baratas

**P**rocura uma alternativa de crédito mais barata? Que tal ser dono do banco? É mais ou menos assim que funcionam as cooperativas de crédito, associações formadas por pessoas que são ao mesmo tempo beneficiárias e proprietárias do negócio. De acordo com as regras do Banco Central, as cooperativas em regiões com mais de 100.000 habitantes só podem ser formadas por pessoas que pertençam à mesma categoria profissional. Em locais com população abaixo desse limite, a associação é livre, desde que sejam respeitadas as várias normas impostas pelo Banco.

Existem hoje no Brasil cerca de 1100 cooperativas de crédito, que reúnem 2,3 milhões de participantes. “A vantagem das cooperativas é que os lucros reverterem para os próprios associados”, afirma Vitor Martos, gerente da Cooperativa de Crédito Mútuo dos Profissionais da Área da Saúde de São Paulo. Dessa forma, quanto mais a cooperativa cresce, mais recursos ficam disponíveis aos seus sócios. Por isso, os critérios para a concessão de crédito são rigorosos, o que faz com que a inadimplência diminua e as taxas de juros sejam menores. Além disso, as taxas cobradas pelos vários serviços — como cartões de crédito — são mais baixas do que a média do mercado. Outra característica das cooperativas é que elas não funcionam sozinhas, pois estão reunidas em centrais regionais e em federações nacionais, o que as ajuda a garantir o cumprimento de todas as normas exigidas pelo Banco Central.

Para se filiar a uma cooperativa de crédito, você precisa saber quais são as da sua categoria profissional existentes na sua região — geralmente estão vinculadas a sindicatos. Em cidades com menos de 100.000 habitantes, não há necessidade do vínculo profissional. Caso você não conheça nenhuma da qual possa participar, procure nos sistemas que reúnem as cooperativas de crédito em nível nacional, como o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi), o Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) e o Sistema Unicred. Outra opção, mais trabalhosa mas também possível, é criar uma nova cooperativa. Este é um processo bastante complicado, que envolve formação de capital, estudo de viabilidade econômica e aprovação pelo Banco Central, mas que vale a pena encarar se houver um grupo de pessoas suficientemente interessadas, e se puderem ser atendidas as normas legais. Para saber mais detalhes, consulte os links indicados abaixo.

- Em uma cooperativa de crédito, os próprios associados são os donos da empresa, que não tem fins lucrativos.
- As taxas de juros cobradas nos empréstimos, assim como as taxas sobre serviços como cartões de crédito, são geralmente mais baratas do que nos bancos.
- Há 1100 cooperativas de crédito no Brasil, reunindo 2,3 milhões de pessoas associadas em todo o país.
- As maiores federações de cooperativas de crédito no Brasil são o Sicoob (1,2 milhão de associados), o Sicredi (900 mil associados) e a Unicred (111 mil associados).

### Para saber mais

- Legislação e informações sobre cooperativas de crédito no site do Banco Central: [www.bcb.gov.br/?sfncoocred](http://www.bcb.gov.br/?sfncoocred)
- Site do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob): [www.sicoob.com.br](http://www.sicoob.com.br)
- Site do Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi): [www.sicredi.com.br](http://www.sicredi.com.br)
- Site do Sistema Unicred: [www.unicred.com.br](http://www.unicred.com.br)
- Informações sobre cooperativas de crédito no site do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas): [www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/cooperativismodecredito.asp](http://www.sebrae.com.br/br/parasuaempresa/cooperativismodecredito.asp)

## Muito além do shopping center

- A Estância Demétria, que deu origem ao bairro Demétria, foi fundada em 1974 como a primeira fazenda de produtos biodinâmicos do Brasil.
- O bairro não tem uma gestão central e os próprios moradores organizam atividades como cursos de dança, coral, capoeira e grupos de estudo.

### Em Botucatu, interior de São Paulo, um bairro cresceu em torno de uma nova proposta de agricultura e hoje tem várias atividades de lazer e cultura por iniciativa dos próprios moradores

A história começou em 1974, com a criação da Estância Demétria, a primeira fazenda de produtos biodinâmicos do Brasil. Aos poucos, o bairro Demétria, a quinze quilômetros do centro de Botucatu (SP), foi crescendo com características ao mesmo tempo rurais e urbanas. Hoje, reúne uma comunidade que envolve agricultores biodinâmicos e orgânicos, comerciantes, artesãos e moradores de condomínios residenciais. “Esse bairro se caracterizou por ter atraído pessoas que buscam uma relação de refertilização da terra, da vida no planeta, e ao mesmo tempo praticam novas formas de convivência social”, conta Marco Bertalot, um dos fundadores da Estância Demétria e diretor-presidente do Instituto Elo, uma ONG que divulga a Gestão Empreendedor-Associativa e a agricultura biodinâmica.

Os princípios da antroposofia — uma ciência espiritualista — que nortearam a criação da Estância Demétria acabaram influenciando toda a comunidade. “Há um estímulo para que as pessoas encontrem outros valores na vida. Essas idéias contribuem para a superação do consumismo”, afirma Bertalot. Ele acredita que um dos grandes fatores de incentivo ao consumo excessivo é a televisão. É necessário, portanto, encontrar outras formas de lazer e de cultura. “Todo mundo aqui tem TV, mas não é dependente dela. Aqui há o contato com a natureza e várias atividades como cursos de dança, coral, escola de samba, capoeira e grupos de estudo”, diz Bertalot. Essas atividades acontecem por iniciativa dos próprios moradores, já que o bairro não tem nenhum órgão oficial de gestão ou planejamento.

Essa característica de integração fica evidente na Escola Aitiara, que atende todas as crianças do bairro — desde os filhos de fazendeiros ricos até os que mal têm dinheiro para comprar roupas. “Isso é bom não só para as crianças pobres, mas para os filhos dos milionários, porque dessa maneira a criança não é isolada em situação artificial de conviver só com os iguais. Nessa escola, ela aprende a lidar com as diferenças e a conviver dentro da realidade brasileira”, afirma Marco Bertalot. Uma das maneiras de financiar as bolsas concedidas aos alunos carentes é uma parceria da Aitiara com o Instituto Elo e com mais de 20 estabelecimentos comerciais de Botucatu. Quando o consumidor faz uma compra, pede um recibo do projeto Integração Aitiara. O comerciante então doa 3% do valor da compra à escola. Assim, mesmo quem não mora no bairro pode ser um consumidor consciente e colaborar para que as crianças carentes tenham acesso ao estudo.

#### Para saber mais:

- Site do bairro Demétria: [www.bairrodemetria.com.br](http://www.bairrodemetria.com.br)
- Site da Escola Aitiara: [www.aitiara.org.br](http://www.aitiara.org.br)
- Site do Instituto Elo: [www.elo.org.br](http://www.elo.org.br). No site há informações sobre o restaurante e a pousada Somé, abertos a visitantes e que servem alimentos orgânicos ou produzidos pelos princípios biodinâmicos.



## Afogados em consumo e dívidas

### Os compradores compulsivos não conseguem se controlar e gastam muito além do que podem pagar, mas há tratamento para esse distúrbio

“Quando recebi meu primeiro salário, já estava devendo”, conta o funcionário público Gilson, um paulista de 40 anos, ao lembrar do emprego de auxiliar de escritório que conseguiu aos 14 anos. A compulsão pelo consumo — especialmente de roupas e sapatos — também começou cedo, assim como as dívidas. “Minha vida sempre foi assim, saía de uma dívida para outra”, afirma. “Todo o crédito que eu tinha à mão eu usava, não queria nem saber de quanto eram os juros. Eu tinha necessidade de gastar.” O problema ficou mais grave quando Gilson se casou, aos 33 anos, e teve um filho. “Minha mulher passou a sustentar a casa porque eu não tinha dinheiro; meu salário estava todo comprometido com as dívidas”, lembra Gilson.

Ao perceber que não tinha mais controle sobre seus gastos e dívidas, Gilson resolveu frequentar o Devedores Anônimos, grupos de consumidores compulsivos que se reúnem para aprender a conviver com o transtorno e a reorganizar a vida financeira. Depois de três anos no grupo, Gilson ainda não conseguiu pagar tudo o que devia, mas já planeja seus gastos — e sabe que precisa de alguém para ajudá-lo. “Minha esposa é minha tutora, é ela quem controla nosso dinheiro. Não tenho talão de cheques nem cartão de crédito. Eu não posso ficar com dinheiro na mão, senão eu gasto”, conta Gilson.

É um descontrole típico de quem sofre dessa doença, que surge quando diminui o nível de uma substância existente no cérebro, chamada serotonina. “A compulsão por compras é um transtorno do controle dos impulsos. O que caracteriza a compulsão é que a pessoa compra contra sua vontade”, explica o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, coordenador geral do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (Proad) da Universidade Federal de São Paulo. “A pessoa entra em um estado de excitação, de ansiedade, até fazer a compra. Então sente um alívio, que dura pouco tempo, pois em seguida vêm o arrependimento e a frustração.” Silveira calcula que entre 1% a 3% da população brasileira seja compradora compulsiva. “Mas existe tratamento, desde que a pessoa perceba o problema e se empenhe”, avalia o psiquiatra. “O tratamento mais eficaz é a combinação de psicoterapia com remédios antidepressivos que aumentam a quantidade de serotonina no cérebro.”

- Entre 1% e 3% da população brasileira é compradora compulsiva.
- O compulsivo fica ansioso e sente alívio ao fazer uma compra, mas depois se arrepende.
- O melhor tratamento para a compulsão combina psicoterapia e remédios antidepressivos.

### Para saber mais

- O Proad (Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes), da Unifesp, fornece informações sobre dependências químicas (como drogas e álcool) e não-químicas (como jogo ou sexo patológico). O telefone é (11) 5579-1975 e o site, [www.unifesp.br/dpsiq/proad](http://www.unifesp.br/dpsiq/proad).
- O site do grupo Devedores Anônimos ([www.devedoresanonimos-rj.org](http://www.devedoresanonimos-rj.org)) tem informações sobre o consumo compulsivo e uma lista dos locais de reunião dos grupos.

## Um livro no fim do túnel

- Usar o limite do cheque especial, comprar a prazo e não poupar são péssimas maneiras de gastar o próprio dinheiro.
- Planejar as finanças pessoais e garantir um futuro tranquilo inclui poupar sempre, comprar à vista e pedir desconto, e investir em previdência privada.

### Ao ler sobre a organização e o planejamento de finanças pessoais, consultora aprendeu a gastar bem seu dinheiro e transformou esse conhecimento em uma nova profissão

“Cometi todos os pecados que você pode imaginar com finanças pessoais”. Assim a consultora Evanilda Rocha, 51 anos, define o tempo em que seus gastos mensais não cabiam dentro do salário. “Eu só poupava às vezes, quando o dinheiro sobrava. Além disso, comprava a prestação, entrava no cheque especial e só pagava a fatura parcial do cartão de crédito, o que é um financiamento caríssimo”, conta. Formada em Letras, nessa época ela trabalhava como secretária em uma metalúrgica de São Paulo, até que foi designada para cuidar das contas da empresa. Como não entendia nada do assunto, fez especialização em Finanças Empresariais, em Gestão de Empresas e buscou informações em revistas e livros. Um deles mudou sua vida — *Seu futuro financeiro*, de Louis Frankenberg.

Embora cuidasse das contas da companhia em que trabalhava, Evanilda não fazia o mesmo com seus gastos pessoais. Só percebeu os erros que cometia ao ler o livro de Frankenberg. “A partir daí, fiz tudo o que o livro aconselhava, desde o planejamento financeiro até a previdência privada”, conta Evanilda. Seu comportamento em relação ao dinheiro mudou completamente. “Estabeleci uma meta de poupança mensal e valorizo qualquer dinheiro, por isso sempre peço troco. Aprendi a pechinchar, e vi que é mais fácil conseguir descontos em pequenos comércios, onde você fala diretamente com o dono ou com o gerente”, explica Evanilda. Agora ela evita as prestações, preferindo poupar para comprar à vista — com desconto, é claro, e não antes de fazer vários orçamentos.

Essas novas atitudes deram tão certo que, quando Evanilda perdeu o emprego na metalúrgica em que trabalhava, resolveu montar sua própria empresa de consultoria financeira a pessoas físicas e jurídicas — a Dinheiro Inteligente. Hoje, ajuda pessoas a organizar suas finanças e a planejar seus futuros. O caminho, porém, nem sempre é fácil. “Quando você se sujeita a um planejamento financeiro, faz sacrifícios, mas lá na frente vê que vale a pena”, garante a consultora Evanilda.

#### Para saber mais:

- Site da consultoria de Evanilda Rocha: [www.dinheirointeligente.com.br](http://www.dinheirointeligente.com.br)
- Livro: *Seu futuro financeiro*, de LOUIS FRANKENBERG, Editora Campus, 1999.

#### Outros sites com serviços de consultoria ou orientação e educação financeira:

- Financenter – [www.financenter.com.br](http://www.financenter.com.br)
- Sinergia - [www.sinergianet.com.br](http://www.sinergianet.com.br)
- Educação Financeira - [www.educfinanceira.com.br](http://www.educfinanceira.com.br)
- Novo bullet: - Programa “Me Poupe”: <http://globosat.globo.com/gnt/>
- Associação Nacional de Defesa dos Consumidores do Sistema Financeiro: [www.andif.com.br](http://www.andif.com.br)
- Finanças Práticas (iniciativa do cartão VISA): [www.financaspraticas.com.br](http://www.financaspraticas.com.br)
- (mais indicações na seção “Para saber mais” deste caderno na p. 142).

## Ferramentas

Longe de pretender esgotar um tema tão amplo, neste capítulo destacamos alguns itens de aplicação prática imediata: o apoio para a tomada de crédito e para o trato de problemas de endividamento, juntamente com um glossário de termos essenciais para quem se interessa pela gestão de economias pessoais, e uma coletânea de dados e instrumentos úteis para quem se interesse pela questão da riqueza em nível nacional ou internacional. Indicamos também sites e softwares onde planilhas e programas de boa qualidade podem ser encontrados.

- 8 Passos para sair do endividamento **130**
- 10 Cuidados para tomar dinheiro emprestado **132**
- Elementos básicos de gestão financeira **133**
- O que é um país rico? **137**

## 8 Passos para sair do endividamento

Um dos instrumentos desenvolvidos durante as atividades realizadas na elaboração da *Série Temática - Dinheiro, Crédito e Consumo Consciente* foi o roteiro “8 passos para sair do endividamento”. Concebido em cooperação com o Banco ibi, trata-se de um guia simples e prático para qualquer pessoas que precisa reordenar suas finanças pessoais. Pode também ser trabalhado como um instrumento de educação, de autodiagnóstico e de planejamento.

Ao todo, foram produzidos 240.000 porta-retratos com os “8 passos”, distribuídos aos clientes de 107 lojas ibi, em todo o Brasil. Os “8 passos” foram utilizados também por estudantes de algumas universidades de Campinas, interior de São Paulo (Unicamp, Facamp e PUCC), em ação experimental promovida pela AIESEC (sigla em francês do antigo nome da entidade, Association Internationale des Etudiants en Sciences Economiques et Commerciales), uma organização global dirigida por estudantes universitários e recém-graduados.

A ação consistiu na apresentação dos 8 passos por duplas de estudantes a cerca de 30 famílias de baixa renda de Campinas, seguida de discussão e aplicação prática do material pelos entrevistados. O roteiro básico da ação encontra-se escrito a seguir. A avaliação da receptividade da ação e do material pelo público foi muito positiva.

Este roteiro mostra a aplicação dos 8 passos para sair do endividamento pelos estudantes em Campinas. Foi incluído nesta publicação somente a título de exemplo.

Os procedimentos devem ser revistos e adequados conforme as especificidades de cada situação e público.

### Ação Comunitária Experimental

Trabalho realizado por estudantes sob orientação do Instituto Akatu

#### Objetivo:

Avaliar o potencial de participação de candidatos a estágios da AIESEC, por meio de uma ação pontual em comunidade, visando à disseminação do Consumo Consciente. Avaliar a receptividade/aplicabilidade do material “8 passos para sair do endividamento” por comunidades de baixa renda.

#### Roteiro básico de aplicação do material "8 Passos":

1. Apresentar-se, obter autorização para a pesquisa e colher dados básicos sobre o domicílio, sendo: quantas pessoas moram? Idades? Grau de parentesco? Quantos/quais trabalham (geram renda) e/ou estudam? Quais as ocupações?
2. Mostrar e ler o folheto “8 passos”
3. Perguntar se a família/pessoa gostaria de analisar sua situação usando o material como roteiro. Caso positivo, prosseguir. Caso negativo, perguntar porquê e encerrar.

#### Aplicando os "8 passos"

4. Preencher a planilha com mapeamento dos itens de orçamento: receita, despesa (itemizada) e dívidas. Caso a pessoa não saiba/não queira informar os valores, marcar apenas se gasta ou não dinheiro naquele item e, se possível, uma estimativa do percentual (que proporção da renda familiar vai para aquele item).
5. Perguntar quanto da renda familiar é consumida pelas prestações mensais. Perguntar que tipo de bem foi comprado a prazo. Se a pessoa pensou primeiro em poupar e depois comprar, negociando melhor preço para pagamento à vista. Por quê? Investigar se houve planejamento na hora de fazer a compra etc.
6. Havendo dívidas, perguntar se estão em dia ou atrasadas. Caso estejam atrasadas, há quanto tempo e o que motivou o atraso (perda de renda, gastos normais foram maiores do que previsto,

ocorreu algum gasto imprevisto que “quebrou o orçamento”, que gasto foi esse ou se teve outros motivos e quais foram os motivos).

### Avaliação da percepção pelo Público:

7. Informar que a intenção é que a pessoa use este material como um roteiro para administrar suas finanças.
8. Perguntar se a pessoa acha que este material poderá ajudá-la neste sentido. Por quê? O que deveria ser mudado ou melhorado?
9. Pergunta aberta sobre a ação: gostaria de fazer algum comentário sobre esta iniciativa?

	<b>Passos</b>	<b>Como</b>
<b>1º</b>	Faça uma lista com o dinheiro que você recebe no mês.	Inclua salário, pensão, aluguel, rendimentos da poupança, etc. Não inclua seu cheque especial ou limites de cartão, pois este dinheiro não é seu!
<b>2º</b>	Faça uma lista com todas as contas que você paga no mês.	Não esqueça de nada: aluguel, luz, água, transporte, educação, saúde, lazer e outros gastos (cigarro e cafezinho). Não inclua o pagamento das suas dívidas.
<b>3º</b>	Faça uma lista com todas as suas dívidas	São consideradas dívidas todas as prestações As dívidas com taxas de juros mais altas devem ser as primeiras da lista. Você pode descobrir quais as taxas de juros nos contratos, boletos ou diretamente na empresa em que você comprou o produto ou financiou o serviço. Lembre-se: todo o pagamento parcelado é maior do que os feitos à vista. Essa diferença é o juro cobrado.
<b>4º</b>	Veja se você tem dinheiro para pagar suas dívidas.	Verifique se o dinheiro que sobra no mês, após pagar suas contas, é suficiente para pagar as dívidas que você tem. Não esqueça que você não deve deixar de pagar ou atrasar uma parcela, pois os juros e multas fazem com que sua dívida aumente ainda mais.
<b>5º</b>	Diminua seus gastos.	Para ter mais dinheiro para pagar as parcelas de suas dívidas você pode diminuir gastos. Pense como economizar em cada gasto: luz, água, lazer etc.
<b>6º</b>	Substitua suas velhas dívidas por novas dívidas que você consiga pagar.	Você pode quitar sua antiga dívida fazendo um novo empréstimo, desde que com taxas de juros mais baixas do que as que você paga atualmente. Se possível, substitua todas as suas dívidas por dívidas menores.
<b>7º</b>	Procure empresas que emprestam dinheiro.	Identifique os financiamentos que têm taxas de juros menores que as suas dívidas atuais. São esses financiamentos que você deve escolher para substituir suas velhas dívidas por outras mais baratas.
<b>8º</b>	Faça um novo empréstimo para quitar suas antigas dívidas.	Só faça uma nova dívida para pagar as dívidas antigas se a taxa de juro for menor e se você tiver como pagar o novo empréstimo. Procure negociar parcelas fixas ao tomar o novo crédito. Se não houver essa possibilidade, como no caso de cartões de crédito ou cheque especial, defina você mesmo o valor das parcelas que você vai pagar a cada mês.

## 10 Cuidados para tomar dinheiro emprestado

**D**urante o desenvolvimento desta Série Temática, identificamos inúmeros materiais de interesse e fontes de informações importantes para quem deseja lidar com dinheiro e crédito de maneira consciente. Grande parte desses materiais está indicada na sessão “Saiba Mais” deste Caderno, na página 144. Porém, alguns desses itens de especial interesse e aplicação prática dos consumidores foram reproduzidos nesta publicação, como o texto abaixo que foi adaptado do artigo “As 10 medidas do bom tomador de empréstimos”, de autoria do professor Istvan Kasznar, publicado no site da Acrefi ([www.acrefi.org.br/artigos/artigo.asp?ID=27](http://www.acrefi.org.br/artigos/artigo.asp?ID=27)).

### As 10 medidas do bom tomador de empréstimos

<b>1º</b>	Esteja informado. Saiba quais são as condições do mercado de crédito. Procure as instituições financeiras disponíveis, suas linhas de crédito e descubra suas principais características e diferenciais. Não se esqueça também de analisar como é o atendimento oferecido pelos funcionários da instituição e se esse conjunto pode atender em potencial seus desejos.
<b>2º</b>	Visite e conheça as instituições financeiras que emprestam dinheiro. Descreva suas necessidades e verifique quem oferece condições mais vantajosas para você.
<b>3º</b>	Analise com paciência e detalhadamente todas as condições contratuais e certifique-se que esclareceu todas as suas dúvidas. Um bom empréstimo é feito com um contrato transparente, coerente e que atenda suas aspirações. O contrato deve ser fácil de ler e compreender. Cuidado com as letras pequenas.
<b>4º</b>	Consulte os preços e condições de pagamento de pelo menos três instituições financeiras. Sempre busque alternativas, observando comparativamente, prazos, garantias, taxas e valores de prestações.
<b>5º</b>	Verifique como são feitos os cálculos dos juros. É comum que cada instituição financeira tenha um método diferenciado de cálculo, o que resulta em diferentes taxas de juros. Entenda este processo e não se esqueça de verificar qual é a melhor taxa de juros oferecida pelas instituições financeiras que você procurou.
<b>6º</b>	Note se a instituição financeira divulga informações e dados regulares sobre a sua operação. As instituições financeiras têm obrigação de informá-lo e orientá-lo, explicando todas as operações, seus detalhes e suas conseqüências.
<b>7º</b>	Verifique em que medida a instituição financeira se compromete em realmente lhe oferecer um serviço personalizado. Busque um bom atendimento e evite instituições que mudam a toda hora seus atendentes.
<b>8º</b>	Faça um levantamento do perfil de risco da instituição que você escolher para fazer o empréstimo. Deve-se tomar crédito de instituições financeiras idôneas, com conhecimentos e técnicas comprovadas sobre crédito. Prefira instituições que estão em dia com suas obrigações fiscais, monetárias e de responsabilidade social. Além disso, verifique se a entidade tem endereço certo e nome estabelecido na praça.
<b>9º</b>	Verifique suas necessidades e veja se a instituição financeira tem condições de atendê-las. Veja se o valor do empréstimo atende sua necessidade, gerando o caixa ou o resultado desejado. Confira se o valor da prestação está adequado a sua situação, sem pressionar seu orçamento presente e futuro. Veja também se as condições gerais da transação, como prazos e juros, atendem seus interesses.
<b>10º</b>	Combine seu crédito com a sua capacidade de pagar. Evite ficar inadimplente. Pagar o devido é muito mais que um ato moral e o dever de um bom cidadão. Pagar bem significa a abertura de portas para melhores oportunidades de crédito.

**N**este Caderno falamos muito em orçamento, em planejamento, em gestão e em educação financeira. Mas pela familiaridade que temos com o uso do dinheiro, muitas vezes acabamos agindo de forma intuitiva, sem parar para pensar no significado prático\* de algumas palavras. Trazemos nesta seção alguns dos conceitos mais comuns envolvidos no orçamento pessoal e também algumas indicações de programas para computador que poderão ajudar você a organizar suas contas. É o suficiente apenas para um primeiro passo: recomendamos fortemente que você também leia os demais textos deste Caderno e use as indicações da seção “Para saber mais”, aumentando sempre seu conhecimento.

### Receita:

É quanto dinheiro uma pessoa ou família ganha num certo período de tempo. No caso de assalariados, muitas vezes a receita mensal é apenas o valor do salário recebido. Mas ela pode ser acrescida de outras fontes como: aposentadorias, pensões, serviços eventuais, “bicos”, vendas de produtos industriais ou artesanais etc. Pode também haver renda do patrimônio, quando a pessoa recebe, por exemplo, o aluguel pago por um inquilino, os rendimentos de uma poupança ou aplicação financeira, ou mesmo direitos autorais, no caso de artistas, músicos e escritores. É com esta receita que a família paga suas despesas e constrói seu patrimônio. Veja que nem todo dinheiro recebido é receita. Se, por exemplo, a pessoa vender um carro, o dinheiro que entra não é um ganho, e sim uma nova forma do patrimônio que ela já tinha: simplesmente o que era “carro” se transformou em “dinheiro”.

### Despesa:

É quanto uma pessoa ou família gasta para se manter. É importante lembrar que despesa é um gasto que não aumenta o patrimônio, ou seja, não faz com que alguém fique mais rico ou mais pobre. Ela depende basicamente do padrão de vida, ou de consumo, que se mantém. Hábitos caros ou desperdício aumentam a despesa e nem sempre significam uma melhor qualidade de vida. Um bom planejamento das despesas é importante tanto para obter o maior bem-estar possível com o dinheiro que cada um tem, quanto para uma boa manutenção do patrimônio. Gastos com manutenção de bens (imóveis, por exemplo) e seguros são exemplos desse último tipo de despesa.

### Investimento:

Muitas vezes as pessoas confundem despesas com outro tipo de gasto, que são os investimentos. A grande diferença é que o investimento resulta num aumento do patrimônio como, por exemplo, as contribuições para um fundo de previdência ou a compra de um imóvel. Alguns tipos de gasto podem ser despesas ou investimentos, dependendo de como são aproveitados. Exemplos disso são os gastos com educação, viagens e cultura. Se a pessoa aproveitar estas oportunidades para o crescimento pessoal seu e de sua família, estará realizando um investimento. Porém, se ficar apenas como expectadora ou indo atrás das compras, poderá até achar que se divertiu ou ganhou um diploma, mas terá apenas feito uma despesa. Os investimentos são parte essencial do progresso humano e, por isso, devem ser feitos com cuidado e tratados com respeito.

\* Nas definições apresentadas, consideramos significados e exemplos destinados à aplicação cotidiana por pessoas físicas e famílias de renda média. Em alguns casos, a precisão acadêmica, econômica ou conceitual pode não ser totalmente adequada. Em caso de dúvida ou discordância, consulte fontes mais extensas, na bibliografia e referências indicadas, ou em outras, a seu critério.

### Saldo:

É a diferença entre as receitas e as despesas. Se as receitas forem maiores, a pessoa tem um saldo positivo e pode usar o dinheiro em investimentos, ou mudar seu padrão de consumo, dependendo de suas prioridades. Mas se as despesas forem maiores, o saldo será negativo e isto significa que aquela pessoa ou família está “andando para trás”. Assim, apenas para se manter, ela precisará se desfazer de algum patrimônio, ou ficará endividada. Isto pode parecer óbvio, mas o fato é que hoje em dia está difícil perceber qual é o nosso “saldo de verdade”. Isto porque no dia-a-dia as coisas acabam se misturando, e sem anotar e classificar suas entradas e saídas de dinheiro é quase impossível saber qual o valor do saldo que resulta do seu padrão de gastos e ganhos. O uso de cartões de crédito, de cheque especial, de “pré-datados” e de outras formas de crédito muitas vezes “escondem” os saldos negativos, que só vão aparecer quando já forem grandes demais. A dificuldade de separação entre despesas e investimentos e entre receitas e variações de patrimônio também ajuda a aumentar o risco de confusão. Por isso, manter um orçamento controlado é fundamental.

### Plano de contas:

É a base do orçamento, e nada mais do que um modelo para anotar organizadamente as entradas e saídas de dinheiro. Mesmo uma família com padrão de vida simples acaba fazendo dezenas de pagamentos por mês, e simplesmente fazer uma lista com todos eles não ajudaria ninguém a pensar melhor e a planejar os gastos. Por isso, é preciso agrupar os pagamentos em contas, ou seja, “grandes temas”, como “transporte”, “moradia”, “alimentação” etc. O mesmo tipo de situação se aplica também às entradas de dinheiro e às movimentações de patrimônio. É preciso anotar, por exemplo, se o dinheiro gasto no mês veio todo do salário, ou se alguma parte saiu da poupança. E se as dívidas (no armazém, no cartão de crédito...) aumentaram ou diminuíram. O plano de contas pode ser mais ou menos detalhado, dependendo da situação de cada pessoa ou família. Nesta publicação oferecemos uma sugestão (“Planilha do Orçamento Consciente”) e indicamos alguns sites, programas e livros que também podem ajudar. Procure um plano que pareça adequado à sua situação e vá fazendo as adaptações necessárias. Comece com algo bem simples, e pouco a pouco crie os detalhes que achar necessários.

### Orçamento anual:

É ao mesmo tempo um plano, um controle e um resumo das entradas e saídas de dinheiro durante um certo tempo. Geralmente, o orçamento deve levar em consideração o período de um ano, pois existem vários itens de receitas e gastos que não acontecem todo mês, mas afetam as contas do ano todo, como recebimento de 13º salário, pagamento de matrículas escolares, férias, licenciamento de automóvel etc. O objetivo do orçamento é avaliar se o padrão de consumo planejado pela pessoa ou família é compatível com seus ganhos e com seus objetivos de investimento ou de uso do patrimônio. Ao fazer o orçamento anual, fica claro para todos quanto dinheiro pode ser gasto durante o ano, em cada uma das áreas de necessidade ou interesse (que já estão mapeadas no plano de contas). Também fica claro se a renda prevista é ou não suficiente para os objetivos definidos. Tendo isto bem claro, as pessoas podem buscar novas fontes de ganho (se a renda prevista for insuficiente para os objetivos) ou podem desfrutar aquilo que ganham sem o “peso na consciência” que surge quando o objetivo é apenas “sempre ganhar mais”, mesmo sem saber para quê... Para tirar o máximo proveito de seu orçamento, é importante acompanhá-lo mês a mês, comparando a situação real com o que se havia previsto inicialmente. Desse modo, é possível manter a mente sempre tranqüila, fazendo as correções necessárias antes que algum problema se agrave.



**Fluxo de caixa mensal:**

É a forma de considerar os efeitos do tempo sobre o orçamento anual. Em outras palavras, de prever e de verificar mês a mês as entradas e saídas de dinheiro, prevenindo-se contra faltas repentinas e aproveitando bem as eventuais sobras de dinheiro. Para montar o fluxo de caixa, usamos o mesmo plano de contas do orçamento, porém considerando períodos mais curtos, como um mês, por exemplo. Distribuindo o valor das entradas e saídas de dinheiro previstas no orçamento anual, conforme os meses em que elas devem ocorrer, fica fácil enxergar se dinheiro que entra, por exemplo, no 13º salário ou em algum serviço eventual, deve ser guardado para “cobrir buracos” previstos mais adiante (como a compra de material escolar), ou se ele pode ser usado na compra de um bem ou em uma viagem. Muitas vezes, pessoas que não têm fontes de renda fixa encontram dificuldade ou falta de motivação para montar um fluxo de caixa, pois a previsão é muito difícil. Procure superar esta dificuldade lembrando que “ficar totalmente no escuro” é bem pior do que ter uma previsão, mesmo que sujeita a revisões: pelo menos você vai saber se está próximo ou distante do seu objetivo e isto já ajuda muito a diminuir a insegurança e aumentar a motivação. Com a prática, você fará estimativas cada vez melhores e ficará cada vez mais seguro.

**Ativo:**

É o conjunto de bens e de dinheiro que uma pessoa ou família possui, como o dinheiro na carteira ou no banco, os objetos, móveis e eletrodomésticos, automóvel, casa etc. É importante saber identificá-los e calcular seu valor, pois sem isso não é possível avaliar nosso patrimônio. O valor desses ativos, porém, é muito variável e depende de cada situação. Por exemplo, um carrinho de pipoca pode ter um bom valor para o pipoqueiro que o utiliza para trabalhar e ganhar a vida, mas pode valer muito menos, se considerarmos por quanto ele conseguirá vendê-lo, caso precise de dinheiro para cobrir algum gasto. Já objetos mais comuns e com um mercado mais ativo – como os automóveis - costumam ter um valor de venda mais estável. Para avaliar um ativo, também é preciso verificar se ele não carrega dívidas, como no caso de um imóvel ou veículo financiado ou comprado em consórcio: apenas parte do valor pode ser considerada um ativo. Existem também alguns “ativos intangíveis”, ou seja, coisas que têm valor e são capazes de gerar riqueza material, mas que não são objetos e nem dinheiro. No caso de uma empresa, exemplos disso são as marcas e os pontos de venda. No caso de uma pessoa, podem ser a sua qualificação profissional, suas experiências e relacionamentos. Mas em geral, para considerar um bem como parte do ativo é preciso saber quanto ele vale em dinheiro.

**Passivo:**

É a soma das dívidas de uma família ou pessoa, como empréstimos, saldos devedores no banco, prestações e contas a pagar etc. Como no caso dos ativos, também é importante saber identificá-los e calcular seu valor, pois sem isso não é possível saber nosso patrimônio. É preciso atenção para identificar os passivos e avaliar quanto valem, pois algumas vezes eles não aparecem sob a forma de contas, como no caso de adiantamentos de salário ou antecipações de pagamento recebidas (nesses casos, a pessoa está devendo o produto que ainda não entregou o ou serviço que não fez). Mesmo em relação a bens que aparentemente pertencem à pessoa, como imóveis ou veículos, é preciso verificar se não existe algum financiamento pendente ou outros tipos de passivos ocultos, como multas ainda não pagas ou impostos em atraso. Existem ainda passivos decorrentes de processos judiciais, como pensões e indenizações, que a pessoa ou família precisa pagar.

### Patrimônio:

É quanto uma pessoa ou família de fato tem, e é calculado descontando dos ativos o valor dos passivos. Ou seja, é quanto sobra dos bens de uma pessoa ou família depois de todas as dívidas terem sido pagas. E se as dívidas forem maior que os ativos? Nesse caso, a pessoa deve mais do que tem e, portanto, o seu patrimônio é negativo. Como diz o ditado, “as aparências enganam”. É importante notar que pessoas aparentemente ricas podem, na verdade, estar praticamente falidas, e vice-versa. O fato de alguém andar em carros luxuosos ou ostentar objetos e roupas caras não significa riqueza, pois para avaliar o patrimônio é preciso também considerar os passivos, as dívidas que existem. Uma pessoa de hábitos modestos pode, por outro lado, estar em situação mais tranqüila, vivendo em conformidade com sua renda, sem dívidas e com reservas para o futuro ou para os imprevistos.

### Sugestão de softwares de controle financeiro

Endereços da Internet onde se pode encontrar boas planilhas eletrônicas, e baixá-las gratuitamente:

- **Banco do Brasil:** <http://www.bb.com.br/appbb/porta/voce/ep/srv2/GerFinPessoal.jsp>
- **Serasa:** <http://www.serasa.com.br/guia/ftp2/planilhamensal.zip>
- **VISA:** Finanças Práticas <http://www.serasa.com.br/guia/ftp2/planilhamensal.zip>
- Programa **“Me Poupe”:** <http://globosat.globo.com/gnt> (caminho: Programas / Comportamento / Me Poupe / Planilha de Gastos)

Programas de gestão das finanças pessoais (registro de receitas e despesas, controle de contas bancárias, investimentos, prestações e outras transações financeiras. Elaboram gráficos e relatórios de vários tipos.)

- **MICROSOFT MONEY:** [www.ziggi.com.br/downloads/1933.asp](http://www.ziggi.com.br/downloads/1933.asp)
- **HÁBIL:** (gratuito) [www.habil.com.br/conheca/recursos.asp](http://www.habil.com.br/conheca/recursos.asp)

### Dica:

- Muitos livros de gestão financeira incluem disquetes ou CD-Roms contendo programas de gestão financeira.
- Você também pode encontrar outros aplicativos usando o Google, o Yahoo e outros buscadores.

## O que é um país rico?

**M**edir a riqueza de uma pessoa é algo aparentemente simples, se considerarmos apenas o valor de seu patrimônio em dinheiro e outros bens. Mas como vimos neste Caderno, existem outros aspectos a serem considerados, como o estilo de vida, a percepção de felicidade e a qualidade das relações, entre outras coisas. Complexidade parecida surge quando falamos da riqueza dos países e de seus povos.

Para viabilizar os trabalhos de planejamento e cooperação internacional foram criadas formas que permitissem medir e comparar a riqueza e o grau de desenvolvimento dos países e de suas populações. Apresentaremos aqui algumas dessas formas e veremos como estes dados se relacionam para um melhor entendimento do mundo e das relações globais. Este é um entendimento fundamental para o consumidor consciente, que conhece e quer usar bem seu papel de protagonista no mundo globalizado e interdependente.

---

### **PIB (Produto Interno Bruto):**

É uma forma tradicional de expressar a riqueza de um país e consiste no cálculo do valor total dos bens e serviços produzidos a cada ano no país. No Brasil, esta medida é realizada sob responsabilidade do governo federal, conforme critérios estabelecidos internacionalmente. Isto permite que os PIBs de diferentes países sejam comparados, pois usam todos a mesma metodologia. O PIB é expresso em dólares e mostra o peso que cada país tem na economia mundial.

---

### **PIB per capita:**

É o valor do PIB dividido pela população do país, ou seja, o valor médio da riqueza produzida por cada habitante. Como o PIB mede o total da riqueza, independente do tamanho do país e de sua população, fica difícil ter certeza se um grande PIB representa um país altamente eficiente do ponto de vista econômico, ou se é apenas o reflexo de uma grande população ou território. Com o PIB per capita é possível corrigir esta distorção. (Mas veja que o PIB per capita não mostra se a distribuição da riqueza é boa ou ruim).

---

### **PIB (PPA) per capita:**

PPA é a sigla para “Paridade de Poder Aquisitivo” e significa um ajuste sobre o PIB per capita, de modo a permitir a comparação entre diferentes países. Isto é necessário porque o poder de compra do dinheiro é diferente entre um país e outro: o que se pode comprar com US\$ 1.000 (mil dólares americanos) em Nova York é bem menos do que se estivermos no Nordeste do Brasil, por exemplo. Em outras palavras, para comparar os níveis de riqueza e de pobreza entre habitantes de países diferentes não basta converter suas rendas para a mesma moeda (dólares americanos, pelo padrão internacional): é preciso considerar o que as pessoas podem comprar com o dinheiro que ganham. É por isso que para cálculos e comparações de riqueza entre pessoas de países diferentes não se usa simplesmente o PIB, e sim o PIB (PPA).

---

### **Índice de Gini:**

Mede a distribuição de riqueza no país. É o resultado de uma fórmula matemática e pode ter valor entre 0 e 100. Quanto mais próximo de 0, mais uniforme a distribuição de renda. Quanto mais próximo de 100, mais desigual. Em 2004, o país com melhor distribuição de renda no mundo era a Dinamarca, com Gini de 24,7. A pior era a da Namíbia, com índice de 70,7. Dentre os 124 países considerados, o Brasil estava na 117ª posição, com Gini de 59,3.

---

### **IDH (Índice de Desenvolvimento Humano):**

Procura indicar o grau de qualidade de vida e desenvolvimento da população de um país. O IDH combina 3 fatores, medidos conforme critérios internacionais e que, em seu conjunto, devem refletir com boa margem de segurança as condições de vida da população de um país. São eles: o PIB (PPA) per capita, a Taxa de Alfabetização (percentual de pessoas alfabetizadas na população total) e a Expectativa de Vida (idade média com que morrem os habitantes do país). Mesmo que não meçam todos os aspectos relativos às condições de vida (como distribuição de renda, saneamento básico e percentual de crianças matriculadas nas escolas, por exemplo), presume-se que de uma forma ou de outra estes acabarão refletidos nos 3 indicadores que compõe o IDH.

---

### **Biocapacidade per capita:**

Indica a relação entre os recursos naturais de um país e o seu número de habitantes. Todos os índices que vimos acima medem a riqueza produzida em um país, ou as condições de vida de sua população, mas nenhum reflete o patrimônio natural do país, ou seja, a capacidade que seu território tem para suportar a vida humana. Por exemplo, um país com grande parte de seu território coberto por geleiras ou desertos será capaz de sustentar menos pessoas do que um país do mesmo tamanho, mas com predominância de terras boas para agropecuária e boa disponibilidade de água. O mesmo se aplica a países com qualidade de terra semelhante, porém de tamanhos e/ou populações diferentes. A fórmula para cálculo da biocapacidade é bastante complexa e ainda não foi adotada pelos organismos oficiais de planejamento internacional, mas é uma referência cada vez mais aceita. Para saber mais, consulte [www.redefinigprogress.org](http://www.redefinigprogress.org) ou a biblioteca do Centro de Referência Akatu.

---

### **Felicidade Nacional Bruta:**

Uma das experiências mais comentadas sobre o uso de indicadores não puramente econômicos (como o PIB) para orientar o governo de um país é o caso do Butão – um pequeno e pobre país, de 1,5 milhão de habitantes, encravado no Himalaia, entre a China, a Índia e o Nepal. Ao assumir o comando do país em 1974, o rei Jigme Singye Wangchuck adotou como um dos principais objetivos de seu governo - a felicidade do povo -, focando suas ações em quatro pilares: incentivo à cultura, preservação do meio ambiente, independência econômica externa e bom governo. A quantificação dos resultados em cada um desses pilares ainda é um problema, mas o fato é que essa experiência tem se revelado muito mais do que um caso pitoresco, inspirando estudos e comentários em todo o mundo. Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia são alguns países que estão investigando a adoção de indicadores dessa natureza como parte de seus sistemas de planejamento.

---

### **Pegada Ecológica:**

Relaciona-se com a biocapacidade e indica quanto de recursos naturais consome cada pessoa (ou cada país), conforme seu padrão de consumo. Por exemplo, pessoas que andam mais de carro ou de avião, que produzem mais lixo ou que compram mais produtos têm uma pegada ecológica maior. Comparando a biocapacidade de um país com a pegada ecológica de sua população é possível avaliar se aquele é um país que consome conforme suas possibilidades, ou se está indo além, importando recursos de outras partes do planeta para sustentar seu estilo de vida. Vendo o conjunto da população e da biocapacidade de todos os países é que podemos

avaliar se a humanidade como um todo está consumindo em equilíbrio com o que a Terra pode prover, ou se está indo além, na direção do esgotamento. Como no caso da Biocapacidade, os cálculos aqui também são complexos e ainda não adotados pelos organismos oficiais de planejamento. Para saber mais, acesse [www.redefiniprogress.org](http://www.redefiniprogress.org), ou pesquise no site do Instituto Akatu ([www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br)).

Segundo a metodologia adotada até 2004, estimava-se que a pegada ecológica da humanidade era 20% maior do que a biocapacidade do planeta Terra. Com a nova metodologia adotada a partir de 2005, que considera de forma mais precisa as questões de energia e biodiversidade (entre outras), a situação é ainda mais grave: já estamos consumindo 39% além do que o planeta é capaz de suportar.

---

### **Indicadores Calvert-Henderson de Qualidade de Vida:**

Publicado pela primeira vez no ano 2000, trata-se de uma metodologia que visa oferecer aos cidadãos e governantes um modo sistemático e consistente de aferir e acompanhar ao longo do tempo a qualidade de vida de um país, região ou cidade. Foi desenvolvido nos Estados Unidos sob inspiração e orientação de Hazel Henderson, futuróloga e escritora norte-americana, em conjunto com a Calvert Group – empresa de consultoria econômica – e um amplo grupo de estudiosos e lideranças daquele país. Esta metodologia parte de informações públicas e estatísticas, e as interpreta considerando a melhoria da qualidade de vida do conjunto da população, enfocando 12 aspectos: Direitos Humanos, Educação, Emprego, Energia, Habitação (“Abrigo”), Infraestrutura, Meio Ambiente, Recreação (“Re-criação”), Renda, Saúde, Segurança Coletiva (das pessoas) e Segurança Nacional (do país/território). Cada um destes aspectos é considerado de igual importância, e por isso são apresentados sempre em ordem alfabética. A metodologia é aberta, e os autores incentivam seu uso e adaptação por todos os interessados. Para saber mais, acesse: [www.calvert-henderson.com](http://www.calvert-henderson.com) ou pesquise no site do Instituto Akatu ([www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br)).

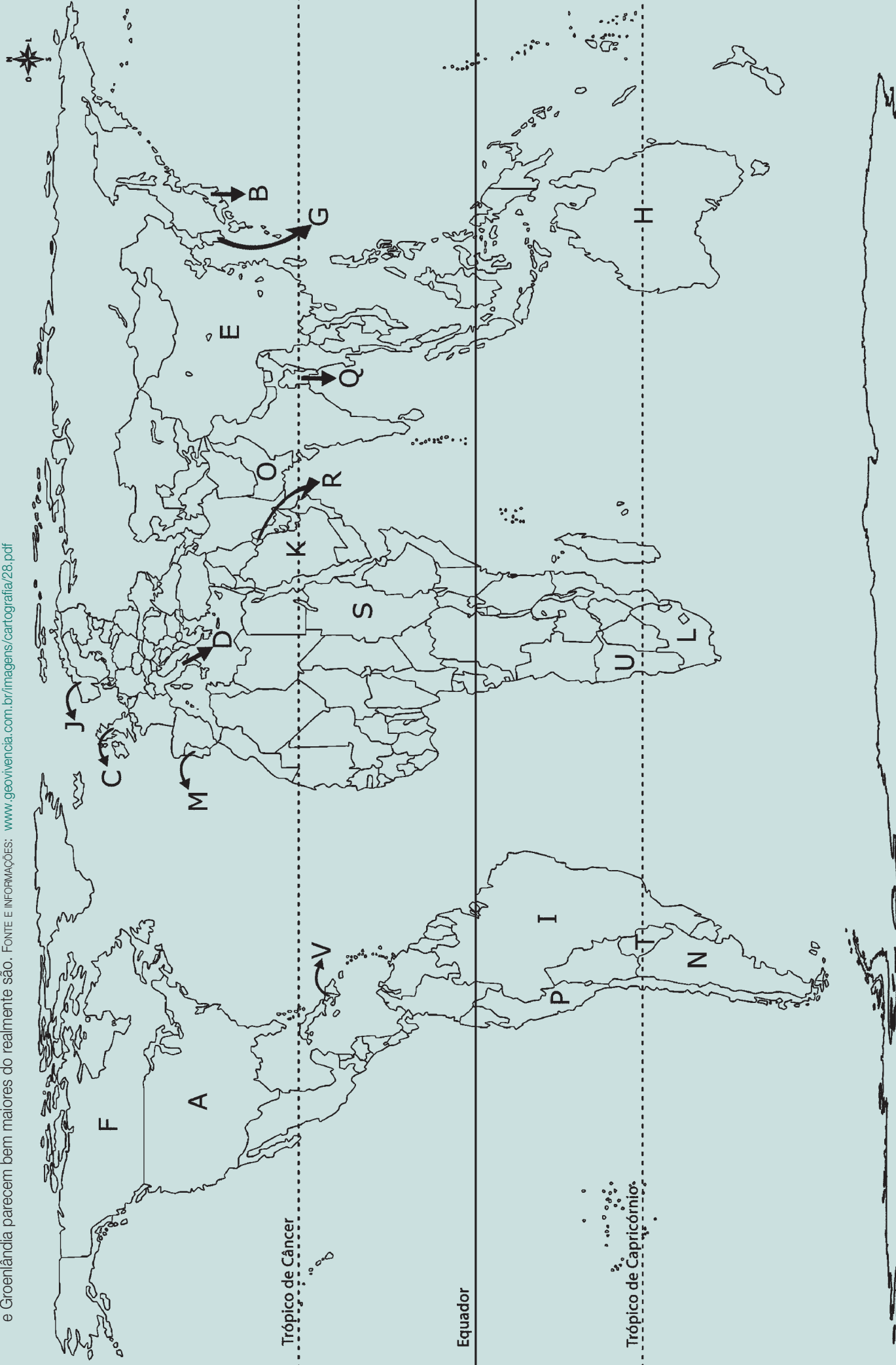
---

**E**xistem inúmeros outros aspectos econômicos, ambientais e sociais que podem indicar a maior riqueza ou pobreza de uma nação e seu povo. São coisas como a cultura e o modo de vida, a biodiversidade, a posse de recursos naturais estratégicos e outros fatores que pela dificuldade de serem medidos ou pela pouca disponibilidade de informações não entram nas estatísticas, mas nem por isso deixam de ser importantes.

Não existe uma receita pronta para resolver esta situação, e ainda é muito cedo para conclusões definitivas sobre as soluções possíveis, mas uma coisa já é certa: somente com um consumo mais consciente e bem distribuído do que o nosso planeta pode oferecer será possível garantir uma boa qualidade de vida em nosso futuro breve, e também para as próximas gerações.

O quadro a seguir mostra uma comparação entre vários países da Terra, segundo os vários indicadores que mostramos acima. É interessante notar as grandes discrepâncias na avaliação dos países, conforme o item considerado. Alguns países, muito bem colocados em termos de PIB, têm um baixo IDH. Países com grande Pegada Ecológica podem ter baixa Biocapacidade, e vice-versa. Explorando estas relações e refletindo sobre elas vemos que pobreza e riqueza no mundo atual são dados muito relativos. Que existem países muito ricos em recursos naturais, mas com populações muito pobres ou em má situação, e países cujos territórios suportariam baixíssimo consumo, mas que pelas vias do comércio internacional mantêm padrões de consumo muito acima do que poderia ser a média da humanidade.

Se o mapa acima parece estranho para você, não se preocupe, ele é mesmo um pouco diferente do que costumamos ver. A diferença é que este mapa (chamado planisfério de Gall-Peters) mostra os países de acordo com o tamanho que eles de fato têm. Como a Terra é redonda, existem dificuldades técnicas para representar em um mapa plano toda sua superfície. Sempre haverá alguma distorção. Como os mapas geralmente são usados para navegação, os tipos preferidos são aqueles que reproduzem fielmente os rumos, mesmo que para isso acabem distorcendo as áreas e distâncias, principalmente nas regiões mais distantes da linha do Equador. É por isso que em geral lugares como Europa, Rússia, Estados Unidos, Canadá, Alasca e Groenlândia parecem bem maiores do realmente são. FONTE E INFORMAÇÕES: [www.geovivencia.com.br/imagens/cartografias/28.pdf](http://www.geovivencia.com.br/imagens/cartografias/28.pdf)



## Comparando a riqueza dos países

País	PIB (1)		População (2)		PIB (3) per capita		PIB-PPA (4) per capita		Índice de Gini (5)		IDH (6)		Biocapacidade (7)		Pegada Ecológica (8)		SBC* (8-9)	
	US\$, Milhões	Rank*	Milhões hab	Rank**	US\$, mil/hab	Rank*	US\$, mil/hab	Rank***	valor	Rank****	Valor	Rank**	gha/pc	Rank****	gha/pc	Rank****	gha/pc	Rank****
A Estados Unidos <sup>3,4</sup>	10,948.5	1	292.6	3	37,648	6	37,562	4	40.8	74	0.944	10	20.4	44	109.0	3	(88.6)	
B Japão	4,300.9	2	127.7	9	33,713	8	27,967	13	24.9	2	0.943	11	8.8	112	53.2	19	(44.4)	
C Reino Unido	1,794.9	4	59.3	21	30,253	13	27,147	18	36	51	0.939	15	10.5	89	62.6	15	(52.1)	
D Itália	1,468.3	6	58.0	22	25,471	19	27,119	19	36	51	0.934	18	8.1	123	41.5	29	(33.5)	
E China <sup>3,4</sup>	1,417.0	7	1,300.0	1	1,100	101	5,003	89	44.7	87	0.755	85	8.4	117	12.5	74	(4.1)	
F Canadá	856.5	8	31.6	36	27,079	17	30,677	7	33.1	38	0.949	4	86.0	5	83.0	6	2.9	
G Coreia do Sul	605.3	11	47.5	25	12,634	31	17,971	31	31.6	30	0.901	28	9.0	110	39.7	32	(30.7)	
H Austrália <sup>3</sup>	522.4	13	19.7	48	26,275	18	29,632	10	35.2	45	0.955	3	110.2	3	79.1	7	31.2	
I Brasil <sup>1</sup>	492.3	15	181.4	5	2,788	69	7,790	60	59.3	117	0.792	63	29.2	28	14.1	71	15.1	
J Noruega	220.9	22	4.6	108	48,412	2	37,670	3	25.8	6	0.963	1	48.9	14	93.1	5	(44.2)	
K Arábia Saudita	214.7	23	23.3	44	9,532	35	13,226	41	-	-	0.772	75	23.2	36	68.1	9	(44.9)	
L África do Sul	159.9	29	46.9	27	3,489	62	10,346	49	30.4	25	0.658	120	20.8	41	40.6	30	(19.8)	
M Portugal	147.9	32	10.4	71	14,161	29	18,126	29	38.5	66	0.904	26	16.3	56	49.2	23	(32.9)	
N Argentina	129.6	35	38.0	31	3,524	61	12,106	43	52.2	105	0.863	34	39.3	20	23.1	56	16.2	
O Paquistão	82.3	43	151.8	6	5,55	126	2,097	121	43.7	83	0.527	135	7.1	135	4.7	103	2.4	
P Peru	60.6	49	27.2	38	2,231	79	5,260	86	49.8	100	0.762	79	30.1	27	7.1	93	23.1	
Q Bangladesh	51.9	52	136.6	8	3,76	143	1,770	128	-	-	0.520	138	6.5	138	2.3	129	4.2	
R Kuwait <sup>2</sup>	41.7	55	2.5	131	17,421	24	18,047	30	-	-	0.844	44	8.4	116	154.9	2	(146.5)	
S Sudão	17.8	70	34.9	33	5,30	129	1,910	125	57.8	115	0.512	141	19.0	49	4.2	106	14.8	
T Paraguai	6.0	103	5.9	95	1,069	102	4,684	93	57.8	5	0.755	85	34.4	22	9.9	81	24.5	
U Namíbia <sup>2</sup>	4.3	111	2.0	135	2,120	80	6,180	75	28.2	12	0.627	125	107.0	4	9.7	82	97.3	
V Haiti	2.9	124	8.3	83	3,46	148	1,742	134	36.9	58	0.475	153	7.2	133	2.2	131	5.0	
<b>Mundo</b>	<b>36,058.3</b>		<b>6,313.8</b>		<b>5,801</b>		<b>8,229</b>				<b>0.741</b>		<b>15.7</b>		<b>21.9</b>		<b>(6.2)</b>	

\* Total de 168 países

\*\* Total de 177 países

\*\*\* Total de 163 países

\*\*\*\* Total de 120 países

\*\*\*\*\* Total de 138 países

\* Saldo de biocapacidade

**FONTES:** Col. (1) a (6) Relatório da ONU "Human Development Report 2005", disponível em português no site: [http://hdr.undp.org/reports/global/2005/other\\_languages.cfm](http://hdr.undp.org/reports/global/2005/other_languages.cfm) (7) e (8): Relatório da Redefining Progress "2005 Footprint of Nations", disponível em inglês no site em <http://www.redefiningprogress.org/> (ano base: 2001) Gha/pc: significa "hectares globais per capita". Esta é a unidade de medida da Biocapacidade e da Pegada Ecológica. Representa a área de terreno necessária (ou disponível) para a o consumo (ou produção) de recursos naturais, para cada habitante, tendo como referência a biocapacidade média de todo o território existente no planeta Terra.

### Alguns comentários sobre a "Tabela de Indicadores de Riqueza" (explora a tabela e o mapa e descubra muitas outras coisas)

- As estatísticas revelam algumas das contradições e contrastes do Brasil. Apesar de bem posicionado em termos de PIB (15º entre 168 países), o PIB per capita e o IDH estão bem baixos (69º e 63ª colocação, respectivamente). Em termos de distribuição da renda, o cenário é pior ainda: só 3 países estão piores que o Brasil, que fica na posição 117, dos 120 países considerados. Já o grande território, combinado com a baixa renda da população, causa um "superávit" ecológico. Consumimos apenas metade de nossa biocapacidade: pegada de 14,1 gha/pc, frente a uma biocapacidade de 29,2 gha/pc. O desafio é melhorar as condições de vida da população, sem exceder a biocapacidade de nosso território.
- Comparando a biocapacidade, a pegada ecológica e o PIB de alguns países, surgem desafios importantes. A Namíbia com baixos indicadores socioeconômicos (PIB e IDH) é uma grande "reserva de biocapacidade", pois usa apenas 9,7 gha/pc dos 107,0 a que teria direito. Já o Kuwait, com baixíssima população, mas alto PIB per capita, tem um enorme "déficit" ecológico: sua pegada é de 154,9 gha/pc (a 2ª maior do mundo), apesar de ter biocapacidade de apenas 8,4 gha/pc. É preciso, por exemplo, encontrar um modo para que o "excedente ecológico" de alguns países lhes gere também algum retorno econômico, permitindo melhor qualidade de vida, sem esgotamento ambiental.
- Estados Unidos da América (EUA), China e Austrália são países que chamam a atenção no mapa e também apresentam diferenças gritantes. Os EUA são folgadoamente o maior PIB do mundo, mas têm o terceiro maior déficit de biocapacidade (88,6 gha/pc). A Austrália, por outro lado, tem um dos melhores IDHs, um alto PIB-PPA e é superavitária em termos de biocapacidade (3,2 gha/pc). Mas isto em grande parte se deve a seu grande território, ao alto PIB e à baixa população. Já a China, de longe o país mais populoso do mundo, apesar de ter um PIB-PPA praticamente 6 vezes mais baixo que o da Austrália, já é um pouco deficitária em termos de biocapacidade (4,1 gha/pc). A grande preocupação é o que aconteceria no mundo caso a pegada ecológica dos chineses se aproximasse da dos americanos ou australianos...
- De novo comparando China e EUA, a importância de usar o PIB-PPA (PIB ajustado pela Paridade do Poder Aquisitivo) estes valores são praticamente iguais. Já no caso da China, o PIB-PPA é 4,5 vezes maior que o PIB per capita. Isto significa que se um trabalhador chinês fosse para os EUA, ele seria quase 5 vezes mais pobre (poderia comprar apenas 22% do que compra na China, com seu salário). E por isso que, para quem vive nos EUA, os produtos chineses parecem tão baratos. E é também por isso que tantos chineses (assim como brasileiros e outros) tentam trabalhar no EUA ou em outros países ricos: mesmo que ganhem pouco para o padrões locais, este pouco "torna-se muito", quando mandado para a família, que em geral ficou no país de origem.

## NOS LIVROS

### DINHEIRO

1. *A Cabala do Dinheiro* - Nilton Bonder - [IMAGO](#)
2. *A Energia do Dinheiro* - Glória Maria Garcia Pereira - [EDITORA GENTE](#)
3. *As Personalidades do Dinheiro* - Glória Maria Garcia Pereira - [ELSEVIER](#)
4. *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* - Gustavo Cerbasi - [EDITORA GENTE](#)
5. *Desejo Congelado: Uma Investigação Sobre o Significado do Dinheiro* - James Buchan - [RECORD](#)
6. *Fluxo de Caixa* - José Eduardeo Zdanwicz - [SAGRA-DCLUZZATTO EDITORES](#)
7. *Guia Econômico Valor de Finanças Pessoais* - Mara Luquet - [EDITORA GLOBO](#)
8. *Guia Prático Para Cuidar do seu Orçamento* - Louis Frankenberg - [EDITORA CAMPUS](#)
9. *Mercado Financeiro* - Gilson de Oliveria e Marcelo Pacheco - [EDITORA FUNDAMENTO](#)
10. *O Dinheiro e o Significado da Vida* - Jacob Needleman - [EDITORA BEST SELLER](#)
11. *Pai Rico Pai Pobre* - Robert T. Kiyosaki - [EDITORA CAMPUS](#)
12. *Seu Futuro Financeiro* - Louis Frankenberg - [EDITORA CAMPUS](#)
13. *Ter ou Não Ter, Eis a Questão! A Sabedoria do Consumo* - Nilton Bonder - [EDITORA CAMPUS](#)

### CONSUMO E SUSTENTABILIDADE

14. *Além da Globalização* - Hazel Henderson - [Editora Cultrix](#)
15. *Aproveitamento da água da chuva* - Group Raindrops - [EDITORA ORGANIC TRADING](#)
16. *Construindo um mundo onde todos ganhem* - Hazel Henderson - [EDITORA CULTRIX](#)
17. *Consumidores e Cidadãos* - Néstor García Canclini - [EDITORA UFRJ](#)

18. *Ecopercepção - um resumo didático dos desafios socioambientais* - Genebaldo Freire Dias - [EDITORA GAIA](#)
19. *Educação ambiental: princípios e práticas* - Genebaldo Freire Dias - [EDITORA GAIA](#)
20. *Mundo sustentável* - André Trigueiro - [EDITORA GLOBO](#)
21. *O mundo dos Bens: Para uma antropologia do consumo* - Mary Douglas e Baron Isherwood - [EDITORA UFRJ](#)
22. *Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana* - Genebaldo Freire Dias - [EDITORA GAIA](#)
23. *Transcendendo a Economia* - Hazel Henderson - [EDITORA CULTRIX](#)

### FAMÍLIA E TRABALHO

24. *A Arte da Felicidade no Trabalho* - Dalai Lama e Howard C. Cuttler - [MARTINS FONTES](#)
25. *Família - Modos de Usar* - Rosely Sayao e Julio Groppa Aquino - [PAPIRUS](#)
26. *Família de que se fala e a família de que se sofre* - José Angelo Gaiarsa - [AGORA EDITORA](#)
27. *Gestão Qualificada: a conexão entre felicidade e negócio* - Mihaly Csikszentmihalyi - [ARTMED](#)
28. *História Social da Criança e da Família* - Philippe Aries - [LTC](#)
29. *O Caminho da Habilidade: formas suaves para um trabalho bem sucedido* - Tarthang Tulku - [EDITORA CULTRIX](#)
30. *O homem que confundiu seu trabalho com a vida* - Jonathon Lazear - [GMT](#)
31. *O Ócio Criativo* - Domenico de Mais - [GMT](#)
32. *O Trabalho Criativo: o papel construtivo dos negócios numa sociedade em transformação* - Willis Harman e John Hormann - [EDITORA CULTRIX](#)
33. *Trabalho Qualificado: quando a excelência e a ética se encontram* - Howard Gardner, Mihaly Csikszentmihalyi e William Damon - [ARTMED](#)

### ÉTICA E FILOSOFIA APLICADA

34. *101 Experiências de Filosofia Cotidiana* - Roger Pol Droit - [SEXTANTE](#)
35. *A Cabala da Inveja* - Nilton Bonder - [IMAGO](#)
36. *As Perguntas da Vida* - Fernando Savater - [MARTINS FONTES](#)
37. *Ética para Meu Filho* - Fernando Savater - [MARTINS FONTES](#)
38. *Felicidade* - Eduardo Gianneti - [COMPANHIA DAS LETRAS](#)
39. *Inteligência Moral* - Fred Kiel e Doug Lennick - [EDITORA CAMPUS](#)
40. *O Círculo dos Mentirosos: contos filosóficos do mundo inteiro* - Jean-Claude Carrière - [EDITORA CÓDEX](#)
41. *O Valor do Amanhã* - Eduardo Gianneti - [COMPANHIA DAS LETRAS](#)
42. *Política para Meu Filho* - Fernando Savater - [MARTINS FONTES](#)
43. *Que Tipo de Pessoa Você Quer Ser?* - Harold S. Kushner - [SEXTANTE](#)
44. *Questões Fundamentais da Vida* - A. Roger Merrill e Rebecca R. Merrill - [SEXTANTE](#)

### AMPLIANDO HORIZONTES

45. *A Cultura do Novo Capitalismo* - Richard Sennett - [RECORD](#)
46. *A ética protestante e o espírito do capitalismo* - Max Weber - [COMPANHIA DAS LETRAS](#)
47. *Blink: A decisão num piscar de olhos* - Malcolm Gladwell - [ROCCO](#)
48. *Dez Considerações Sobre o Tempo* - Bodil Jönson - [JOSÉ OLYMPIO EDITORA](#)
49. *Harvard Business Review* - Edição Especial: Tomada de Decisão - Janeiro/2006 (revista)
50. *História da Riqueza do Homem* - Leo Huberman - [LTC](#)
51. *Megatrends 2010: O Poder do Capitalismo Responsável* - Patricia Aburdene - [EDITORA CAMPUS](#)
52. *Negociação Sem Mistério* - Gavin Kenedy - [PUBLIFOLHA](#)
53. *O capitalismo é moral?* - André Comte-Sponville - [MARTINS FONTES](#)
54. *O Espírito da Dádiva* - Jacques T. Godbout - [FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS EDITORA](#)



- 55. **O Poder do Mito** - Joseph Campbell - EDITORA PALAS ATHENA
- 56. **Sobre Ética e Economia** - Amartya Sen - COMPANHIA DAS LETRAS
- 57. **Um só mundo: a ética da globalização** - Peter Singer - MARTINS FONTES

## DIVERSÃO E ARTE

- 58. **150 Jogos Não-competitivos para Crianças** - Cynthia MacGregor - MADRAS
- 59. **365 Atividades Infantis ao Ar Livre** - Ruth Bennett e Steve Bennett - MADRAS
- 60. **A Arte da Peregrinação** - Phil Cousineau - AGORA EDITORA
- 61. **A Arte de Viajar** - Alain de Botton - ROCCO
- 62. **A Fantástica Volta ao Mundo** - Zeca Camargo - EDITORA GLOBO
- 63. **Brinquedoteca - Sucata vira Brinquedo** - Santa Marli Pires dos Santos - ARTMED
- 64. **Compreender a Pintura - A arte analisada e explicada por temas** - Alexander Sturgis - ESTAMPA
- 65. **Faça seu próprio brinquedo** - Simão de Miranda - PAPIRUS
- 66. **Jogos para Treinar o Cérebro** - Jorge Ballori - MADRAS
- 67. **Lazer e Cultura Popular** - Joffre Dumazeider - PERSPECTIVA
- 68. **Lazer e Mercado** - Edmur Antonio Stoppa, Helder Ferreira Isayama e Christianne Werneck - PAPIRUS
- 69. **Lazer e Turismo Cultural** - Mário Jorge Pires - MANOLE
- 70. **Lazer: Realização do Ser Humano** - Beatriz Dornelles e Gilberto Costa - DORAVANTE
- 84. **Me Leva Brasil** - Maurício Kubrusly - EDITOR GLOBO
- 85. **O que é arte?** - Liev Tolstói - EDIURO
- 86. **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer** - Nelson Carvalho Marcellino - PAPIRUS
- 87. **Turismo - Atividades para recreação e Lazer** - Robson Mian - EDITORA TEXTONOVO
- 88. **Turismo - Lazer e Natureza** - Heloisa Bruhns e Alcyane Marinho - MANOLE

- 89. **Viagens, Lazer e Esporte** - Heloisa Bruhns e Alcyane Marinho - MANOLE
- 90. **Conversação: Como um bom papo pode mudar a sua vida** - Theodore Zeldin - EDITORA RECORD

## FORA DOS LIVROS

### FILMES

- **A Firma** - Direção de Sydney Pollack - 1993
- **A Guerra dos Roses** - Direção Danny DeVito - 1989
- **A Inveja Mata** - Direção de Barry Levinson - 2004
- **A Janela da Alma** - Direção de João Jardim e Walter Carvalho - 2002
- **Baraka** - Direção de Ron Fricke - 1992
- de Godfrey Reggio - 1983
- **Metrópolis** - Direção de Fritz Lang - 1927
- **O Advogado do Diabo** - Direção de Taylor Hackford - 1997
- **Powakatsi** - Direção de Godfrey Reggio
- **Tempos Modernos** - Direção de Charles Chaplin - 1936
- **Wall Street, Poder e Cobiça** - Direção de Oliver Stone - 1987

### MÚSICAS\*:

- **Acertei no milhar** - Moreira da Silva
- **Comida** - Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito
- **Coração Tranquilo** - Walter Franco
- **Não quero dinheiro** - Tim Maia
- **Samba-enredo da Acadêmicos da Rocinha no Carnaval 2006** - Julio Cesar Farias

Você pode pesquisar e escolher muitas outras músicas, poemas, textos literários, filmes e até pinturas. Esse exercício é muito fecundo.

Assista, ouça e analise com sua família, amigos e colegas de trabalho.

### SITES

#### Serviços e Orientação Financeira

- <http://claudia.abril.com.br/guiadainvestidora/>
- <http://financenter.terra.com.br/>

\* letras disponíveis para download no [www.akatu.org.br](http://www.akatu.org.br)

- [www.cvm.gov.br/port/protinv/PRODIN.asp](http://www.cvm.gov.br/port/protinv/PRODIN.asp)
- [www.debit.com.br/](http://www.debit.com.br/)
- [www.dinheirovivo.com.br/](http://www.dinheirovivo.com.br/)
- [www.estadao.com.br/investimentos/](http://www.estadao.com.br/investimentos/)

### Aposentadoria

- [www.cobap.hpg.com.br](http://www.cobap.hpg.com.br) - Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas
- [www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env16.htm](http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env16.htm)
- [www.mosap.org.br](http://www.mosap.org.br) - Movimento Nacional dos Servidores Públicos Aposentados e Pensionistas
- [www.sbgg.org.br](http://www.sbgg.org.br) - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
- [www.sesc-rs.com.br](http://www.sesc-rs.com.br) - Centro de Referência do Envelhecimento - SESC-RS

### Sustentabilidade e Responsabilidade Social

É ilimitada a quantidade de temas e informações que entram em cena quando pensamos na união entre educação financeira, realização pessoal e sustentabilidade socioambiental. Os sites a seguir são boas portas de entrada para esta imensa rede. Siga sua curiosidade, use sua consciência, e vá em frente!

- [www.bioclimatico.com.br](http://www.bioclimatico.com.br)
- [www.endeavor.org.br](http://www.endeavor.org.br)
- [www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)
- [www.facesdobrasil.org.br](http://www.facesdobrasil.org.br)
- [www.globalreporting.org](http://www.globalreporting.org)
- [www.ibase.org.br](http://www.ibase.org.br)
- [www.iser.org.br](http://www.iser.org.br)
- [www.oeco.com.br](http://www.oeco.com.br)
- [www.perspektiva.com.br](http://www.perspektiva.com.br)
- [www.redpuentes.org](http://www.redpuentes.org)
- [www.socioambiental.org.br](http://www.socioambiental.org.br)
- [www.vitaecivills.org.br](http://www.vitaecivills.org.br)
- [www.willisharmanhouse.com.br](http://www.willisharmanhouse.com.br)
- [www.wwf.org.br](http://www.wwf.org.br)

“Caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar.”

Antonio Machado, no poema "Cantares" (leia em [www.cuidardoser.com.br/caminhante.htm](http://www.cuidardoser.com.br/caminhante.htm))

# Índice Remissivo

1. **aposentadoria**, **velhice** - 15, 20, 23
2. **auditoria** - 14
3. **autonomia** - 70, 80, 96, 97, 98, 100
4. **banco/bancos**, **sistema bancário** - 34, 40, 46, 47, 56, 88, 90, 94, 115
5. **Banco Central**, **BACEN** - 31, 40, 41, 44, 90, 94, 95, 125
6. **capitalização** - 33, 91
7. **cartão de crédito** - 27, 35, 36, 37, 40, 41, 56, 57, 122, 127, 128)
8. **cheque especial** - 27, 35, 36, 37, 40, 41, 56, 121, 128
9. **cidadania** - 54, 58, 70, 103, 105, 106, 115
10. **competição**, **competitividade**, **vantagem competitiva** - 103, 107, 108, 122
11. **consciência**, **responsabilidade**, **uso racional de recursos** - 27, 34, 36, 40, 46, 49, 54, 66, 71, 78, 79, 80, 101, 103, 112, 113, 119)
12. **construir/reformar** - 23, 39, 48, 49, 50, 54, 67, 78, 101
13. **consumo**, **consumidor**, **consumismo** - 26, 29, 52, 64, 72, 102, 126)
14. **contabilidade**, **livro caixa** - 56
15. **cooperação**, **colaboração**, **vantagem colaborativa** - 54, 107, 108
16. **crédito**, **fontes de crédito** - 14, 40, 42
17. **decisão**, **tomar decisões**, **decidir**, **escolher**, **ponderar** - 36, 56, 70, 101
18. **desejo** - 24, 26, 27, 36, 37, 70, 92, 100, 103, 110, 112, 113, 115
19. **desperdiçar**, **desperdício**, **lixo** - 13, 25, 48, 49, 61, 70, 76, 78, 79, 111, 114, 115
20. **diálogo**, **dialogar** - 14, 46, 64, 88, 99
21. **dinheiro**, **formas do dinheiro** - 56
22. **disciplina**, **auto-controle** - 11, 13, 14, 15
23. **dívida** **dívidas**, **endividamento**, **insolvência** - 8, 16, 27, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 46, 47, 56, 60, 118, 127
24. **egoísmo**, **indiferença** - 93, 97
25. **envelhecimento**, **velhice** - 20, 22, 68, 69, 112
26. **estilo de vida** - 10, 11, 16, 54, 63, 70, 72, 76, 99, 100, 103, 107, 109, 110
27. **estresse**, **stress** - 65, 66)
28. **ética** - 50, 54, 58, 72, 89, 93, 103, 104, 105
29. **família** - 11, 12, 14, 16, 18, 24, 38, 41, 48, 50, 64, 66, 68, 76, 113, 118, 120
30. **felicidade**, **alegria**, **prazer** - 54, 55, 66, 69, 76, 80, 81, 93, 110, 112, 113, 118
31. **feriados** - 64, 66
32. **fluxo de caixa** - 10, 11, 14, 26, 32, 94
33. **gestão**, **administração**, **controle**, **gestão financeira** - 10, 14, 15, 39, 41, 56, 71, 90, 94, 108
34. **globalização** - 58, 107
35. **hábito** - 11, 16, 23, 24, 63, 68, 70, 72, 76, 77, 99, 114
36. **identidade** - 70, 80, 96, 97, 98, 99, 100, 118
37. **IDH: Índice de Desenvolvimento Humano** - 138, 139, 141
38. **imediatismo** - 10, 21, 24, 102
39. **imprevisto**, **imprevistos**, **imprevidência**, **previdente** - 14, 16, 20, 26, 32, 42, 100
40. **impulso**, **compulsão**, **compulsivo** - 14, 16, 24, 25, 27, 36, 37, 50, 72, 73, 99, 100, 102, 110, 127
41. **interdependência** - 8, 58, 59, 93, 97, 104, 107, 110, 114, 115, 118
42. **inveja** - 50, 51, 97
43. **investimento**, **investir**, **aplicar**, **rendimento** - 28, 29, 31, 41, 43, 49, 60, 63, 65, 67, 70, 88, 89, 90, 91, 94, 112, 113, 115, 116, 118, 119, 128
44. **juros e taxas bancárias** - 14, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 52, 56, 60, 61, 76, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 103, 112, 114, 115, 125, 127
45. **lazer**, **diversão**, **descanso**, **tempo livre**, **férias**, **feriados** - 16, 32, 64, 65, 66, 80, 81, 99, 102, 126)
46. **luxo**, **luxos** - 80)
47. **meditação**, **gestão de si** - 20, 24
48. **micro-crédito** - 124
49. **mundo melhor** - 8, 50, 110, 119
50. **necessidade** - 14, 26, 37, 48, 49, 72, 77, 80, 90, 98, 103, 105, 107, 108, 110, 112, 115, 118, 123, 124, 125, 126
51. **negociação**, **negociar** - 29, 31, 34, 39, 40, 41, 43, 46, 56, 64, 90, 115, 131
52. **oportunidade** - 16, 26, 27, 33, 37, 41, 50, 54, 56, 63, 65, 76, 79, 92, 100, 103, 114, 115, 124
53. **orçamento** - 10, 11, 12, 13, 16, 24, 25, 26, 27, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 63, 66, 70, 72, 76, 77, 112, 120, 128
54. **pão-duro** - 78
55. **patrimônio** - 10, 11, 15, 14, 33, 37, 59, 62, 66, 67, 69, 80, 81, 100, 110, 111, 112, 114, 133, 134, 135, 136, 137, 138
56. **pegada ecológica** - 111, 53, 72, 74, 138, 139, 141, 142, 143,
57. **planejamento** - 90; 100, 102, 76, 80, 10, 11, 14, 16, 20, 24, 26, 32, 35, 48, 64, 118, 120, 126, 128
58. **pobreza**, **ser pobre**, **empobrecer** - 47, 50, 51, 58, 79, 80, 81, 107, 111, 112, 124
59. **políticas econômicas**, **cambial**, **monetária**, **de crédito** - 54, 62, 90, 94
60. **poupança**, **gastar**, **desperdiçar**, **poupar**, **economizar** - 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 28, 32, 33, 34, 41
61. **previdência privada**, **aposentadoria** - 18, 20, 23
62. **PROCON** - 40,44
63. **renda**, **renda familiar** - 11, 130
64. **responsabilidade social** - 13, 54, 114, 116, 119
65. **riqueza**, **ser rico**, **enriquecer** - 35, 136, 137, 138, 139, 142
66. **ritmo**, **ritmos**, **tempo** - 10, 62, 98, 112
67. **sentimento**, **emoção** - 19, 41, 50, 51, 54, 64, 72, 75, 76, 80, 93, 99
68. **SERASA** - 40, 44, 45, 123, 136
69. **shopping terapia**, **shopping center** - 58, 72, 126
70. **sistema de crédito** - 44, 45, 57, 125
71. **sistema financeiro** - 18, 54, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 128
72. **SPC – Sistema de Proteção ao Crédito** - 44
73. **spread bancário** - 35, 44
74. **sustentabilidade/desenvolvimento sustentável** - 8, 26, 48, 52, 59, 60, 70, 72, 74, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 118, 119
75. **tempo** - 62, 63, 64, 65



patrocínio



A sua empresa de benefícios.

